



# Família Ciasulli

da Itália ao Brasil

kpmo

Keila Prado Costa







**Família**  
**Ciasulli**



*Gessulli Gessullo Ciasulli Ge  
sulli Gessullo Ciasulli Gessu  
Gessullo Ciasulli Gessulli Ge  
sullo Ciasulli Gessulli Gessu  
lo Ciasulli Gessulli Gessullo  
Ciasulli Gessulli Gessullo Ca  
sulli Gessulli Gessullo Ciasu  
li Gessulli Gessullo Ciasu*

# Família Ciasulli

**da Itália ao Brasil**

**Keila Prado Costa**

1ª Edição | São Paulo | 2017





# Sumário

## 9 Prefácio

## 15 Apresentação



## 21 O Velho Mundo, Memórias Italianas

História e Brasão da Família	: 29
Bovino, a cidade de Rocco Ciasulli	: 39
Unificação e as Possibilidades do Novo Mundo	: 41



## 45 Brasil e a Promessa de Futuro

Travessia, Hospedaria e a Mudança de Sobrenome: de Ciasulli a Gessulli	: 53
Italianos em São Paulo	: 65
O Casamento de Antonio Gessulli e Maria Sorrentino	: 75
Aventura em Ribeirão Preto e a Crise de 1929	: 81
Retorno à Capital	: 87

## 99 Ítalo-Brasileiros: Descendentes Paulistas

Rocco Gessulli	: 103
Dante Gessulli	: 107
Romeu Gessulli	: 109
Mário Gessullo	: 115
Oswaldo Gessulli	: 125



## 143 Família Ciasulli e a Comunicação do Agronegócio Brasileiro: Pioneirismo e Tradição

O pioneirismo e o legado de Oswaldo Gessulli	: 153
Oswaldo Penha Ciasulli: da tradição à inovação	: 165
Os 50 anos de Oswaldo Penha Ciasulli na comunicação do agronegócio	: 171
Revista feed&food: a porta-voz do agronegócio brasileiro	: 183

## 191 Os desafios da sucessão na comunicação do agronegócio

Família Barbielline: o legado acima da propriedade	: 197
De Oswaldo Gessulli a Oswaldo Penha Ciasulli: a naturalidade da continuidade	: 201
De Oswaldo Penha Ciasulli a geração do Século XXI: desafios diante de uma nova realidade das dinâmicas de trabalho	: 207

## 217 Das raízes ao futuro

Legado de família: por que e para quem contar essa história

: 233



## 245 Árvores genealógicas



# Prefácio

Uma obra humana deve ser lida de trás para frente. Afinal, como humanos somos todos imperfeitos. Mas as nossas obras essas sim, buscam e podem ser perfeitas.

Em primeiro lugar preciso falar do Osvaldo. Este com quem tenho a honra de conviver na feed&food, no Troféu Curuca de Sustentabilidade, nas ótimas conversas sobre estratégias e os desafios eternos da vida.

Ao finalizar o texto deste livro ele diz “pense longe, você vai ter tempo de fazer muita coisa. E você acha que eu ainda não tenho sonhos? Tenho um monte! Sou daqueles que não se entrega, por isso ainda tenho muitos sonhos a realizar”.

Este é e sempre foi o Osvaldo.

Conquistou um legado jornalístico de uma obra nascida em 1909. A pioneira Chácaras e Quintais. Foi mutante, transformador, disruptivo. Foi editor da Duas Rodas. Viajou para Estados Unidos. Muda tudo. Cria uma obra inspirada num evento que congrega a visão de toda uma cadeia produtiva, o legítimo conceito do agronegócio, e ainda encerra este livro nos provocando e estimulando a ir além, mais além. A descobrir a fonte de todos os sonhos... o jamais se entregar.

Minha história com Osvaldo começa nos desafios da Avicultura e Suinocultura Industrial, quando eu assumia o desafio de lançar no país o suíno híbrido da Agrocere PIC e a galinha com núcleo genético a ser desenvolvido nas nossas condições tropicais, a Agrocere





Ross. E tudo isto na virada dos anos 1970 e 1980. Nessa época tínhamos ao nosso lado um líder inigualável que foi o Dr. Ney Bittencourt de Araújo, comandante então da Agroceres, líder das sementes de milho no Brasil. E como ele dizia, sementes de suínos e de aves também. E conosco, ao nosso lado, na missão educadora informativa, ali estava o nosso Osvaldo.

Mas, quero falar deste livro, ao qual me foi dada a honra de prefaciar.

Não se trata apenas de um livro de memórias de uma família. Ao ler esta obra recebi uma carga sensacional da saga dos imigrantes. Neste livro há relatos sobre a vida dos imigrantes. As razões pelas quais milhões saíram da Europa e vieram para o nosso continente. Suas chegadas ao Porto de Santos.

Santos, também minha terra natal, onde Osvaldo viveu, foi menino, engraxate. Naquele Porto milhões de sonhos. Esperanças cruzaram a avenida portuária e tomaram o trem para São Paulo, e dali, com contratos firmados iam substituir a mão de obra escrava, que não conseguia mais oferecer produtividade em um modelo desaparecido tanto por razões humanas, quanto econômicas.

A obra resgata momentos ricos da propaganda no Brasil, a começar pelo lançamento do Jeep Willys pela Ford, e com isso os estímulos para mudar a tradicional Chácaras e Quintais.

As lutas para sobreviver, criar galinhas e vender ovos. Caçar pardais para ter carne na massa... ter no pai um homem que se fez com suas mãos e força de caráter. Um nobre vendedor – e como tinha esse

talento. O relacionamento. A capacidade da amabilidade. O então Gessulli pai encantou o conde Amadeu Amadei Barbiellini, e ali nascia uma história editorial incrível... a Chácaras e Quintais.

O livro retrata a crise de 1929 e como gente rica perdia tudo. O café sendo queimado em Santos. Os italianos em São Paulo. A profissão deles por excelência, a de vendedores de jornais, e nisso os meninos a exerciam, em uma época em que aprender a trabalhar era honra que começava cedo.

Encantador o livro, nos relatos da vida dos imigrantes, as situações nos navios, a passagem pela hospedaria dos imigrantes e os números impressionantes de 850 mil italianos no Estado de São Paulo, entre os anos de 1880 e 1950.

A descoberta da origem, da família e do verdadeiro nome na Itália é outra jornada encantadora. O olhar para uma lista telefônica à procura de um Gessulli – e não existir nenhum. O descobrir da mudança dos nomes, por qual motivo quando da viagem para o Brasil!

Mas, nesta busca por si mesmo, pela origem que muito nos diz de nós mesmos, nos documentos do navio ali havia o registro das listas das famílias. Eram contratos, e os nomes foram alterados, não no nosso país, mas por alguma razão ainda na Itália.

A saga do imigrante é dura, e forja corajosos. Covardes não resistem. Perdemos identidades, perdemos dignidades. E esse reencontro no Brasil, que misturava todas as raças, precisou ser reconstruído, com o suor do trabalho e a honra do caráter dos ancestrais.





Por isso, ao ler esta obra me identifiquei. Meus pais imigrantes. A cidade de Santos, e quantas dores não suportamos.

Imagino a família de Rocco Ciasulli deixando a Itália, Nápoles em 11 de abril de 1895.

Fiz a viagem com eles. Me transportei no tempo, fui ao vapor Fortunata Raggio. Olhei nos olhos de todos, peguei em suas mãos, conversamos, nos fizemos ao mar... e quase 30 dias após, nos vimos entrando pela ponta da praia, em Santos, chamada de terra da caridade e da liberdade, e chegando a um mundo novo, desconhecido. Um mundo onde até nossos nomes, de muitos, ficaram para trás.

Daí para frente, só há uma forma de degustar esta preciosidade, que vai muito além de revelar uma família, revela milhões de famílias. Vi a minha ali. E vi a de tantos brasileiros ali.

E, ao ler este livro e escrever este prefácio o que me sobra e o que me traz imensa felicidade é a certeza da esperança realista.

O Brasil ficou grande. Crescemos no agronegócio, viramos competidor global, e nossa história precisa ser vista e admirada de trás para frente.

Aqui no hoje, e no hoje que vai ao futuro, existe o suor, a lágrima, a alegria, e o amor dos Gessulli, Gessullo e Ciasulli, e o resgate do Osvaldo, do nosso Osvaldo que nos oferece a certeza da vitória da jornada humana acima de tudo, do tempo e de todas as crises que nossa humanidade já criou e ainda criará.

Os fortes prevalecem e a luta será sempre a saga humana na Terra; afinal, guerreiros não nascem prontos. Mas grandes guerreiros não morrem jamais.

Com este livro recebi um banho de encorajamento, e tenho certeza, que você leitor, sentirá o mesmo. Somos maiores do que os nossos incômodos. E que venham grandes desafios, pois assim poderemos obter a força suprema de superar. Juntos, cada vez mais juntos.

Para sempre Osvaldo, meu admirado e inspirador amigo.

Obrigado por este livro e a toda família Ciasulli.

Da Itália ao Brasil e agora do Brasil ao mundo.

Jose Luiz Tejon Megido





# Apresentação

Não há nada mais extraordinário que a vida de uma pessoa. Não importa quem ela seja, se é homem ou mulher, quais são suas condições físicas, financeiras e intelectuais. Cada pessoa em si é única e tem algo de extraordinário. Diante disso, quando nos dispomos a olhar verdadeiramente para o outro, sem ideias pré-concebidas, sem resistências internas e sem expectativas particulares, abrimo-nos à oportunidade de nos surpreendermos, e, nos surpreendendo, inevitavelmente nos deparamos com identificações e estranhamentos, saudades e desprendimentos, alegrias e frustrações que nos levam a mergulhar mais profundamente dentro de nós mesmos a partir da experiência do outro.

Essa confusão de sentimentos decorre de nossa própria natureza humana, inquieta e misteriosa, cujas histórias de gerações, antigas ou contemporâneas, se entrelaçam no fio da História, aquela que vemos nos livros escolares e que muitas vezes atropela sonhos, recompõe destinos e provoca transformações que se multiplicam de lugar em lugar, de país em país. Essa História com H maiúsculo testemunha as mudanças da vida humana no curso do Tempo, deixando marcas – e até mesmo cicatrizes – nos enredos individuais de cada pessoa em si.

Assim é a história da Família Ciasulli. Nela estão presentes marcas da História, que sublinham a vida de seus membros com fatos similares aos que também marcaram outras famílias, que por um motivo ou outro se viram diante dos mesmos desígnios. Ao mesmo tempo em que se assemelha a muitas narrativas de imigrantes no país, a história da Família Ciasulli é completamente singular e revela-se a partir das escolhas e experiências de todos os membros que a com-





põem. Na dimensão da vida de cada um, há traços que ora se aproximam e ora se afastam das tradições e heranças de seus antepassados, numa dualidade contraditória conduzida pela memória.

E o que é a memória? Simplificadamente, podemos dizer que memória é a capacidade de guardar, reter informações, experiências ou momentos vividos e se recordar deles e das circunstâncias que os desencadearam. Nesse sentido, a memória está associada a aspectos biológicos da natureza humana, a funções neurológicas e cerebrais que fazem com que nos lembremos de algumas coisas e nos esqueçamos de outras. Alguns de nós têm mais facilidade de se lembrar de momentos vividos na infância, outros recordam-se de poucas coisas, outros ainda não se lembram de nada sobre seus primeiros anos de vida. Lugares, sabores, cheiros... tudo recompõem, de certa forma, conjuntos de lembranças, de pessoas e de momentos.

Tal recomposição, porém, não acontece de forma linear. A memória não tem começo, meio e fim como se fosse um mesmo filme repetido numerosas vezes com a mesma sequência de cenas e personagens. A memória é seletiva, inconstante, e cada vez que voltamos a uma determinada lembrança, recordamos uma mesma cena sob perspectivas diferentes, relembando coisas que em outros momentos não nos atentamos e esquecendo outras que chamaram atenção, mas que já não são tão relevantes.

Essa característica que nossa memória demonstra, pode remeter a coerências e incoerências de uma mesma lembrança. Como uma memória é formada das experiências vividas ao longo de uma vida inteira, cada vez que revisitamos um acontecimento específico,

acionamos emoções diferentes para compor e recompor o ocorrido. Por isso, o relato que fazemos desse passado recordado evidencia, sobretudo, as transformações pessoais pelas quais passamos, a maturidade que atingimos e a capacidade que adquirimos de refletir sobre nós mesmos e sobre os outros.

É justamente isso que faz com que pessoas diferentes tenham memórias e lembranças completamente distintas de um mesmo fato que compartilharam juntas. Uma viagem de duas pessoas para um lugar qualquer pode ser uma recordação maravilhosa para um e completamente desastrosa para o outro. Tudo depende das percepções e, claro, das predisposições que cada um teve diante da mesma viagem e o que escolheu guardar na memória e com qual significado.

O filósofo francês Roland Barthes, em *Fragmentos do Discurso Amoroso*, diz que uma lembrança é a “Rememoração feliz e/ou lancinante de um objeto, de um gesto, de uma cena, ligados ao ser amado”. Para ele, recordar tais lembranças é, de certo modo, recordar “uma extrema solidão”. Afinal, o que está na memória jamais volta a ser vivido e, se não for compartilhada, perpetuada, essa memória fica isolada em uma única pessoa.

Na história da Família Ciasulli, podemos entender a reflexão de Barthes e associá-la ao passado como algo que hoje está presente em objetos, fotografias e nas lembranças dos membros que ainda estão vivos e que podem nos relatar uma memória que, se não fosse registrada, mais cedo ou mais tarde se perderia. Essas recordações nem sempre são precisas. O discurso narrado por cada pessoa da família





na recomposição das histórias de seus antecessores – tataravô, bisavô, avô, pai, tios – possui lacunas que só podem ser preenchidas pela intuição emotiva de quem se envolve com as trajetórias dessas pessoas.

Saudosos, muitas vezes nos lembramos das coisas boas. Mas também é muito comum voltarem à mente recordações de tristezas, dificuldades, desafios... E cada uma dessas memórias tem em si o peso e o significado que são dadas a elas no presente.

Este livro foi composto por meio de histórias e memórias – justapostas e sobrepostas – narradas principalmente por Osvaldo Penha Ciasulli, Odimar Gessulli, Rosana Gessulli e Henrique Gessullo. Às lembranças desses descendentes se juntaram memórias de outros membros da família, além de todo o material de pesquisa que pude recolher em meses de trabalho, visitando museus, igrejas, arquivos históricos; lendo livros, teses, artigos e reportagens de época.

Desse modo, a história dos Ciasulli está contada dentro do contexto no qual cada um de seus principais membros viveu. Para compreender é preciso conhecer, por isso antes de narrar o que fizeram Rocco e Antonio Ciasulli e seus descendentes, precisamos contar o que ocorria no momento e no lugar onde eles estavam, onde viviam.

Nesse entrelaçamento da História com as histórias pessoais de cada um, encontramos uma série de aspectos que explicam e justificam atitudes e decisões que levaram os Ciasulli a saírem da Itália, a morarem em São Paulo, a se mudarem para Ribeirão Preto, a voltarem novamente para São Paulo e a trabalharem muito em seus próprios negócios.

Falaremos de 4 gerações em 6 capítulos. No primeiro, “O Velho Mundo, Memórias Italianas”, voltamos à história da Itália desde o império romano, passando pelo período de domínio dos espanhóis e franceses pelo território, para conhecermos as origens do nome e do brasão da família, assim como o contexto regional em que nasceu o patriarca Rocco Ciasulli e as motivações que possivelmente o levaram a deixar a Itália e a se radicar no Brasil.

No capítulo 2, “Brasil e a Promessa de Futuro”, conhecemos o cenário político e econômico que levou o governo brasileiro a incentivar a vinda de imigrantes para o país, a chegada dos imigrantes no Porto de Santos, o dia a dia nas hospedarias, a importância da comunidade italiana em São Paulo. Também narramos a ida de Antonio Ciasulli para Ribeirão Preto, a crise da bolsa de 1929, e o retorno à capital.

Já no capítulo “Ítalos-Brasileiros: Descendentes Paulistas”, narramos a história dos primeiros Ciasulli nascidos no Brasil, os filhos de Antonio Ciasulli e Maria Sorrentino: Rocco, Dante, Romeu, Mário e Osvaldo. Nos três últimos capítulos, nos detemos sobre o legado que Osvaldo e seus descendentes – especialmente seu filho Osvaldo Penha Ciasulli – estabeleceram na comunicação do agronegócio brasileiro, publicando revistas de extrema importância para o setor, que até hoje colaboram com a construção de um entendimento sobre a relevância do Brasil no mercado internacional do agronegócio.

Keila Prado Costa  
Agosto de 2017









## Ciasulli



As a point of interest to current bearers of the distinguished family name Ciasulli the exact origin of the Etruscans, one of the earliest recorded peoples on the Italian peninsula, remains a mystery. Scholars believe that they may have come from Asia Minor before settling in Italy during the ninth century BC. The majority of Etruscan settlements were established along the western coast of the peninsula between the Serchio and Tiber rivers. Towards the middle of the

seventh century BC, they began a series of conquests and were eventually able to control the entire area which comprises the present-day region of Tuscany. The esteemed 6th century BC member of the Ciasulli family lived at a time when the Etruscan civilization reached its height, when the Etruscans advanced to the Po valley and established Veiova as the capital of this northern region. Other Etruscan settlements in northeastern Italy include what are now the cities of Modena, Parma, Piacenza and Mantua.

The Etruscans not only expanded their domain to the north, but also to the south, settling in the present-day region of Campania, where their two most important cities were Capua and Veii. Loss in the years of the Ciasulli family who lived in Rome in the 7th century BC may well have been ruled by the Tarquins as some historians believe that this kingdom ruled Rome from 616 until 509 BC. Indeed, during the advent of the Etruscans, Rome was simply a collection of villages. It is said that the first public works, such as the walls of Capua, which were completed by the Etruscans, the Etruscan empire began its decline about 500 BC when the Etruscans were expelled from Rome and Carthage. In 480 BC, the Etruscans were defeated by the Greeks in 474 BC and the Romans in 295 BC, and the remnants of the illustrious Ciasulli family were to see the Etruscan empire and all its completely disappear.

The Italian family name Ciasulli is classified as being of nickname origin. Surnames which are derived from a nickname are said to constitute one of the widest and most varied class of family names. This particular category encompasses many different types of origin. The most obvious are those names which are based on a physical characteristic or personal attribute of the individual bearer. The author Joseph Fucilla cites the surname Ciasulli as being derived from a nickname formed from a Calabrese word meaning "snail". Alternatively, this name is of habitation origin and referred to a sign displayed above the door of the bearer's residence. According to the author, Giovanni Goffi, the name Ciasulli is derived from the Calabrese dialect word "cullia" meaning "a tuft of clover". One of the original bearers of this name was known by members of his community as the "dweller at the sign of the clover". Variants of the surname include Ciasulla, Di Ciasullo, Ciasullo and Ciasulis.

One of the earliest references to this name or to a variant is a record of one Francesco Ciasulli di Muravera who was granted nobility under King Carlo II of Spain, February 6, 1691. However, research is of course on going and this name may have been documented even earlier than the date indicated above. Francesco Ciasulli married Antonia Pappani in a church in Celle San Vito, Foggia, on the 4th of February, 1816. Also from the same



Domínio do Império Romano no ano 117.

- Províncias senatoriais
- Províncias imperiais
- Estados clientes





Também foi na Itália que se estabeleceu a sede da Igreja Católica e onde surgiram o Humanismo e o Renascimento – movimentos que influenciaram diretamente importantes mudanças sociais e culturais, promovendo uma forte releitura da Antiguidade Clássica, elevando o Homem à posição de obra mais perfeita da Criação, o que resultou na reformulação de toda a organização da vida medieval e deu início à Idade Moderna.



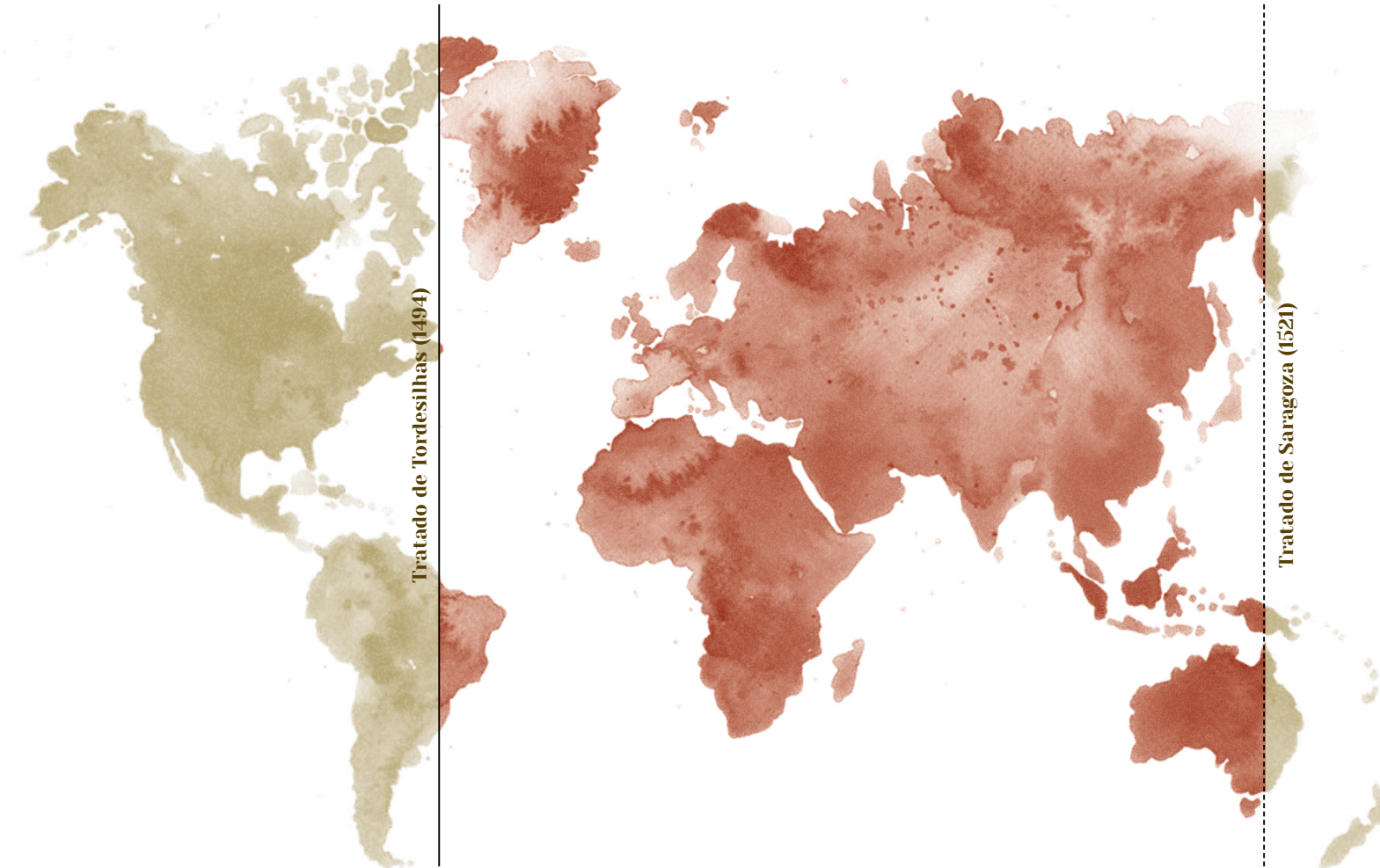
### Divisão política da Itália entre 1500 e 1530.

- Ducado de Mantova
- Domínio da Espanha
- Ducados de Ferrara, de Reggio e Modena
- ★ Battaglie
- Principal centro do Estado de Cesare Borgia

No Século XV, parte do território italiano foi invadido pela França e, em 1550, o Imperador Carlos I da Espanha – também conhecido como Imperador Romano-Germânico Carlos V – passou a dominar grande parte do território que hoje pertence ao sul do país e que, na época, se denominavam Reino da Sardenha, Reino da Sicília e Reino de Nápoles.

A Espanha se tornou uma grande potência mundial no início do Século XV, firmando-se como um dos reinos de maior prestígio do mundo, sobretudo, pelo poder econômico que a colonização das Américas lhe rendeu, especialmente pelos recursos advindos da exploração do ouro. O poder marítimo espanhol era grandioso e a coroa contava, ainda, com o apoio do Papa Alexandre VI – o espanhol Rodrigo Borgia – que comandou a Igreja Católica entre 1492 e 1503.

Durante o pontificado de Alexandre VI foram decretadas as chamadas Bulas Alexandrinas, responsáveis pela divisão da posse das terras conquistadas por Portugal e Espanha nas expedições marítimas realizadas nas Américas, África e Oceania. O Tratado de Tordesilhas foi assinado nesse período, em 1494, pelos reis João II, de Portugal, e Fernando II de Aragão, da Espanha (Reino de Castella). Nele, determinou-se que todas as terras descobertas e por descobrir a oeste de uma linha imaginária, traçada a partir de 370 léguas das ilhas de Cabo Verde, pertenceriam à Coroa espanhola; enquanto as terras a leste dessa linha seriam de posse da Coroa portuguesa.



### Demarcação territorial do Tratado de Tordesilhas.

- Terras de Portugal
- Terras de Espanha





**Folha de rosto do Tratado de Tordesilhas (1494). Os originais estão arquivados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Portugal) e no Archivo Nacional de Índias (Espanha).**

Com isso, a dominação espanhola no sul da Itália tornou-se ainda mais forte, durante cerca de 200 anos, até a assinatura do Tratado de Utrecht, em 1713, quando a região da Sicília foi atribuída aos domínios de Vítor Amadeu II de Saboia. Esse período

de domínio espanhol sobre o Sul da Itália foi extremamente importante para a história da Família Ciasulli. Embora os registros históricos do nome revelem membros Ciasulli desde a era dos etruscos, passando pelos períodos da Magna Grécia e do Império Romano, foi durante o reinado de Carlos II – Rei da Espanha, Nápoles, Sardenha e Sicília, de 1665 a 1700 – que os Ciasulli receberam o título de nobreza, com a provável concessão do Brasão da família nessa mesma época.

Desde a Idade Média, era costume os reis europeus outorgarem títulos e brasões às famílias que os apoiavam nas guerras. Esse foi um período de muitas disputas e batalhas em toda a Europa e os brasões tinham a finalidade de identificar as famílias, suas regiões, cidades, tradições e alianças. A concessão de um brasão não era aleatória, ao contrário, representava uma homenagem aos atos de bravura de uma determinada pessoa e tal feito designava o *status* social que o indivíduo e os membros de sua família passavam a ter. Por isso, em geral, os brasões eram atribuídos aos nobres e aos heróis de guerra, que transmitiam a honraria a seus descendentes.

Após o período de dominação espanhola, as regiões de Nápoles e Milão ficaram sob domínio austríaco até a era napoleônica. O general francês Napoleão Bonaparte – uma das figuras mais emblemáticas da história mundial – assumiu o comando do exército francês na Península Itálica e, em uma invasão bem sucedida, derrotou as forças austríacas. Durante a Primeira Campanha de Bonaparte, a Itália estava dividida sob vários domínios.



**Coroa de Ferro do Reino Lombardo utilizada por Napoleão Bonaparte quando ele assumiu o Reino de Itália. Atualmente, esta coroa está guardada na Catedral de Monza, Itália.**

Napoleão reorganizou o território italiano em três grandes reinos: Reino da Etrúria, governado pela Dinastia Bourbon-Parma; Reino de Itália e Reino de Nápoles – este último governado por seu irmão, José Napoleão Bonaparte. O próprio Napoleão liderou o Reino de Itália, assumindo o trono em 1805, coroado rei com a famosa Coroa de Ferro do Reino Lombardo, que teria sido usada pelo Imperador Carlos Magno, por Berengário I, Henrique II e Carlos I, da Espanha e, por isso, ficou conhecida como um dos maiores símbolos da realeza na Europa.

Segundo a lenda, o elo de ferro da parte interna desta coroa foi forjado com um dos cravos que prendeu Cristo na cruz. Só por volta dos séculos V ou VI é que ela teria recebido seus ornamentos. A Coroa de Ferro possui placas de ouro e é interligada por pequenas dobradiças. De acordo com as informações contidas na Enciclopédia Conhecer (Editora Abril, 1967, p. 1226-1227), ela mede 52 cm de diâmetro, tem 5,5 cm de altura e pesa cerca de 560 gramas.

Durante essa Era Napoleônica, Milão era a capital do Reino de Itália, que abrangia





principalmente as atuais regiões da Lombardia, Emilia-Romagna, Vêneto e Toscana.

Com a queda de Napoleão em 1814, nenhum rei reclamou o trono italiano, entretanto, o Congresso de Viena (1814-1815) determinou uma nova divisão do território, sendo: Reino Sardo-Piemontês, governado por uma dinastia italiana; Reino Lombardo-Veneziano, governado pela Áustria; Ducados de Parma, Módena e Toscana, governados por duques subservientes à Áustria; Estados Pontifícios, governados pelo Papa; Reino das Duas Sicílias, governado pela dinastia de Bourbon.

A partir da segunda metade do Século XIX, iniciam-se os primeiros movimentos para unificar a Itália, o que culmina em uma série de conflitos em todo o país. Dessa época, há diversos registros de membros Ciasulli na região do Reino das Duas Sicílias, mais precisamente na região que hoje se denomina Província de Foggia, na Região da Puglia, justamente a região onde vivia Rocco Ciasulli, o patriarca que atravessou o Atlântico com sua família para desembarcar no Brasil.



**Divisão política da Itália após o Congresso de Viena (1814-1815).**

## História e Brasão da Família

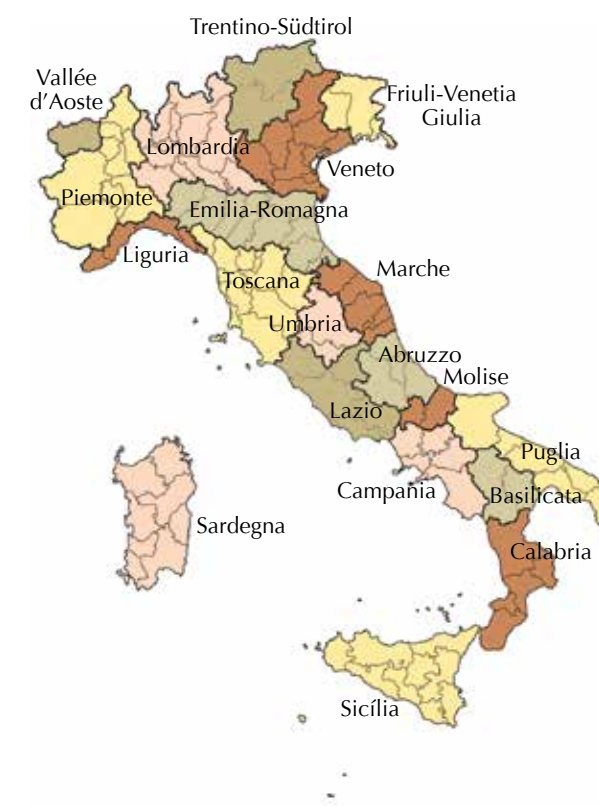


Rocco Ciasulli nasceu por volta de 1851. Não há um registro preciso sobre a data de seu nascimento, tampouco sobre o local. No entanto, por meio dos documentos de seus filhos, é sabido que ele vivia na Província de Foggia, na atual Região da Puglia, no sul da Itália – que, como visto, ainda era denominada Reino das Duas Sicílias nesse período.

O relato sobre a história da Família Ciasulli que será feito aqui refere-se a pesquisas realizadas sobre a origem do sobrenome. Não foi encontrado nenhum documento que atestasse a ascendência direta de Rocco Ciasulli a qualquer um dos membros que estão registrados no histórico familiar do sobrenome catalogado no *The Historical Research Center* (Centro de Pesquisa Histórica), cuja sede se localiza no Estado da Flórida, nos Estados Unidos.

O *The Historical Research Center* é considerado um dos mais especializados centros de pesquisa de genealogia do mundo, com escritórios franqueados em mais de 144 países. Ele possui um acervo de mais de 1 milhão de nomes de famílias com seus respectivos brasões, confirmados por meio

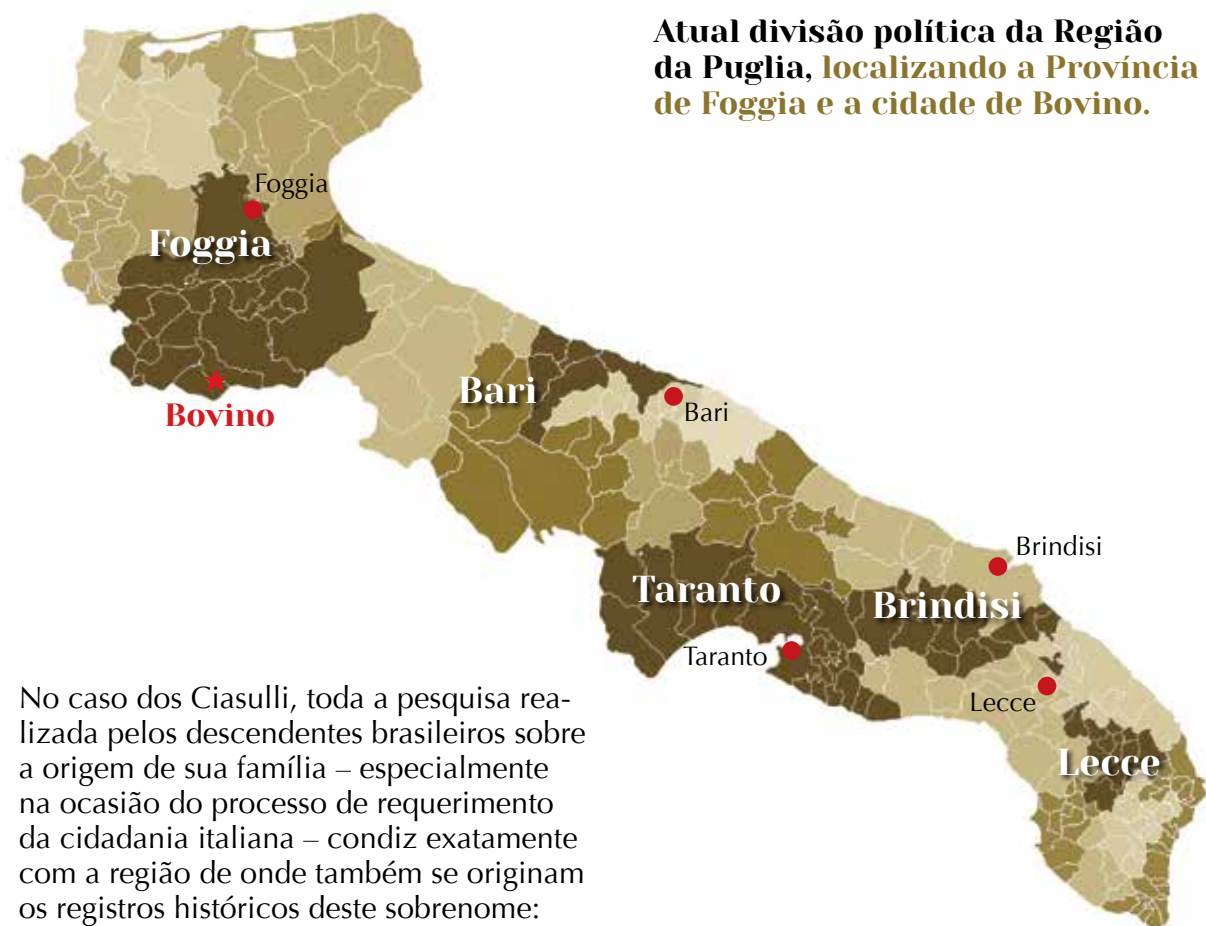
de manuscritos, livros e documentos que registram as histórias genealógicas e origem de cada um desses sobrenomes.



**Divisão política atual da Itália.**







**Atual divisão política da Região da Puglia, localizando a Província de Foggia e a cidade de Bovino.**

No caso dos Ciasulli, toda a pesquisa realizada pelos descendentes brasileiros sobre a origem de sua família – especialmente na ocasião do processo de requerimento da cidadania italiana – condiz exatamente com a região de onde também se originam os registros históricos deste sobrenome: a Província de Foggia. Por esse motivo, mesmo que Rocco Ciasulli não descenda diretamente de nenhum dos membros que foram destacados nesses registros catalogados pelo centro de pesquisa, é certo que ele pertencia a algum braço genealógico da Família Ciasulli que vivia na região.

De acordo com os registros do *The Historical Research Center*, o nome de família “Ciasulli” tem origem na época dos etruscos, um dos povos mais antigos registrados na península italiana, que foi completamente destruído durante o Império Romano e que continua a ser um mistério para

os pesquisadores. Muitos acreditam que os etruscos podem ter chegado à Europa vindos da Ásia Menor, estabelecendo-se na Itália durante o Século IX a.C. A maioria dos assentamentos etruscos foi estabelecida ao longo da costa ocidental da península, entre os rios Serchio e Tibre.

O Serchio é o terceiro rio mais extenso da região da Toscana, com 126 km de comprimento. Ele nasce nos Apeninos e deságua no mar Lígure. Já o Tibre nasce na Emilia-Romagna, atravessa a Toscana, o Lácio e deságua no mar Tirreno.



**Rocco Ciasulli vestido com uniforme militar durante a infância. Itália, sem registros de data e local.**

Em meados do Século VII a.C. os etruscos começaram uma série de conquistas e passaram a controlar toda a área que hoje compreende à atual Região da Toscana. Estima-se que os primeiros membros da Família Ciasulli tenham vivido na época em que a civilização etrusca atingiu seu auge, quando conquistaram o Vale do Pó e se estabeleceram na Região da Bolonha e em outras cidades do nordeste da Itália: Modena, Parma, Piacenza e Mantova.

Os etruscos expandiram seu domínio não só para o norte, mas também para o sul, estabelecendo-se na região atual da Campania – vizinha da Região da Puglia – onde suas duas cidades mais importantes foram Capua e Nola.

Com a ascensão do Império Romano, os etruscos foram dizimados. Os Ciasulli, entretanto, continuaram a viver nessas diferentes regiões da Itália, constando, inclusive, registros de antepassados no Século VII a.C. nos arredores de Roma. Antes dos etruscos, Roma era simplesmente uma aldeia e há indícios de que a civilização etrusca foi responsável pelas primeiras grandes construções da cidade, como as muralhas da colina do Capitólio. Ao longo dos séculos, porém, acredita-se que os Ciasulli tenham testemunhado o desaparecimento da cultura etrusca e que, em uma sequência de guerras por domínio territorial, tenham se concentrado especialmente no sul da Itália.

Segundo os registros, a origem do nome Ciasulli é classificada como proveniente de um apelido, ou seja, de uma classe de sobrenomes que eventualmente designa





The Historical Research Center  
**Family Name History**  
**Ciasulli**



As a point of interest to current bearers of the distinguished family name Ciasulli the exact origin of the Etruscans, one of the earliest recorded peoples on the Italian peninsula, remains a mystery. Scholars believe that they may have come from Asia Minor before settling in Italy during the ninth century BC. The majority of Etruscan settlements were established along the western coast of the peninsula between the Tiber and Arno rivers. Towards the middle of the seventh century BC, they began a series of conquests and were eventually able to control the entire area which comprises the present-day region of Etruria. The estimated 6th century BC members of the Ciasulli family lived at a time when the Etruscan civilization reached its height, when the Etruscans advanced to the Po Valley and established Bologna as the capital of this northern region. Other Etruscan settlements in northeastern Italy include what are now the cities of Modena, Parma, Piacenza and Mantova.

The Etruscans not only expanded their domain to the north, but also to the south, settling in the present-day region of Campania, where their two most important cities were Capua and Nola. Those forebears of the Ciasulli family who lived in Rome in the 7th century BC may well have been ruled by the Tarquins as some historians believe that this dynasty ruled Rome from 616 until 509 BC. Indeed, before the advent of the Etruscans, Rome was simply a collection of villages. It is said that the first public works, such as the walls of Capitoline Hill, were completed by the Etruscans. The Etruscan empire began its decline about 600 BC when the Etruscans were expelled from Rome and regrouped in Campania. After subsequent defeats by the Greeks in 474 BC and the Romans in 396 BC, the antecedents of the illustrious Ciasulli family were to see the Etruscan empire and culture completely disappear.


The Italian family name Ciasulli is classified as being of nickname origin. Surnames which are derived from a nickname are said to constitute one of the richest and most varied class of family names. This particular category encompasses many different types of origin. The most obvious are those names which are based on a physical characteristic or personal attribute of the initial bearer. The author Joseph G. Fucilla gives the surname Ciasulli as being derived from a nickname formed from a Calabrese word meaning "small". Alternatively, this name is of habitation origin and referred to a sign displayed over the door of the bearer's residence. According to the author Gerhard Rohlfs, the name Ciasulli is derived from the Calabrese dialect word "sulla" meaning "a type of clover". Thus the original bearer of this name was known by members of his community as the "dweller at the sign of the clover". Variants of the surname include Ciasulla, Di Ciasullo, Ciasullo and Ciasulis.

One of the earliest references to this name or to a variant is a record of one Francesco Ciasulli di Muravera who was granted nobility under King Carlo II of Spain, February 6, 1691. However, research is of course on going and this name may have been documented even earlier than the date indicated above. Francesco Ciasulli married Antonia Pappani in a church in Celle San Vito, Foggia, on the 4th of February, 1816. Also from the same town we read of the marriage of Paolo Ciasulli who exchanged matrimonial vows with Angela Maria Bolognone on the 6th of December, 1846. On the 30th of March, 1855, Costanza Ciasulli, son of Francesco Ciasulli and Maria Giuseppa Cedesco, was christened in Celle San Vito.

**BLAZON OF ARMS:** Azure, a tower of three turrets proper, surmounted in the dexter by three mullets or, placed two and one, and in the sinister by a hand proper, between three roses gules, place two and one.

**CREST:** An eagle displayed sable, crowned or.

**ORIGIN:** ITALY



© The Historical Research Center, Inc. 1988-0111

### Histórico da Família Ciasulli, atestado pelo The Historical Research Center.

membros de uma determinada comunidade, ou pessoas que são originárias de alguma localidade específica, que possuam alguma atividade profissional ou condição social que seja ressaltada por tal sobrenome. Com isso, esses sobrenomes podem ser atribuídos a variadas famílias. Para o pesquisador Joseph G. Fucilla<sup>1</sup>, o sobrenome Ciasulli pode derivar de um apelido formado a partir de uma palavra calabresa, que significa "caracol". Outra possibilidade é que este nome possa se referir à origem de habitação de seu portador ou a um tipo de sinal exibido sobre a porta de sua residência. De acordo com o filólogo Gerhard Rohlfs, que dedicou sua vida à gramática, à linguística e aos dialetos italianos (*filologia romanza, dialetti dell'Italia meridionale*), o nome Ciasulli é derivado da palavra "sulla", que no dialeto calabrês significa "um tipo de trevo" e, desse modo, o portador desse nome/sobrenome era conhecido pelos membros desta comunidade como o "morador ao sinal do trevo".

Ambos os autores também salientam que possivelmente o sobrenome Ciasulli tenha algumas variantes, entre as quais podem estar incluídos Ciasulla, Ciasullo, Di Ciasullo e Ciasulis.

Uma das primeiras referências de portadores do sobrenome, de acordo com o histórico da família, é a de um homem chamado Francesco Ciasulli di Muravera, a quem foi concedido um título de nobreza pelo

Rei Carlos II da Espanha, em 6 de fevereiro de 1691. Como visto anteriormente, a Espanha dominou o sul da Itália por dois séculos, justamente no período da atribuição deste título.

Outros documentos remetem ao nome Ciasulli já no início do Século XIX, como os que foram encontrados nas antigas igrejas de Foggia. Entre os registros está o casamento de um homem chamado Francesco Ciasulli com Antonia Pappni, na cidade chamada Celle di San Vito, em Foggia, em 4 de fevereiro de 1816. Na mesma comuna, há informações sobre Paolo Ciasulli, que trocou votos matrimoniais com Angela Maria Bolognone, em 6 de dezembro de 1846. E, em 30 de março de 1855, Costanza Ciasulli, filho de Francesco Ciasulli e Maria Giuseppa Cedesco, foi batizado.

É provável que o sobrenome Ciasulli tenha recebido ou adquirido seu brasão de armas na mesma época em que o título de nobreza foi concedido a Francesco Ciasulli di Muravera. Pode-se intuir isso observando os próprios símbolos que o compõem. Todavia, antes de nos determos sobre o brasão da Família Ciasulli, vale mencionar que, na História, não há um evento específico que marque o surgimento dos brasões de armas e dos brasões de família. Grande parte dos pesquisadores remete tal advento ao Século XII, no início das Cruzadas – quando os cristãos, conclamados pelo então Papa Urbano II, saíram da Europa

1. Pesquisador norte-americano especializado em estudos hispânicos e lexicografia (1897 a 1981). Sua família migrou de Cosenza, sul da Itália, para os Estados Unidos no final do Século XIX.





Ocidental em direção ao Oriente, com o objetivo de conquistar, ocupar e manter a Terra Santa sob o domínio católico-cristão.

As Cruzadas eram compostas de soldados de diversos exércitos – franceses, ingleses, italianos, eslavos – e, para facilitar a identificação, cada grupo possuía um brasão, que era estampado nas roupas, nos elmos, nas bandeiras e nas vestimentas dos cavalos. Surgem nesse período os primeiros estudos da heráldica – a arte dos brasões, que até hoje pesquisa sobre seus símbolos, cores, tradições e relações de nobreza.

Com o fim das Cruzadas, entre o final do Século XII e início do Século XIV, os brasões passaram a ser utilizados pela aristocracia feudal, registrando o grau de nobreza das famílias europeias. Cada “Casa”<sup>2</sup> passou a ser representada por seu brasão de armas, indicando sua importância e prestígio social, assim como a ascendência de seus membros.

Utilizados como marca, a estética e a simbologia dos brasões passaram a obedecer a uma série de regras e critérios para a utilização de cores, formatos e elementos. Segundo a tradição, os principais elementos de um brasão são o escudo e o timbre.

É no escudo que o brasão é verdadeiramente mostrado. As formas variavam muito

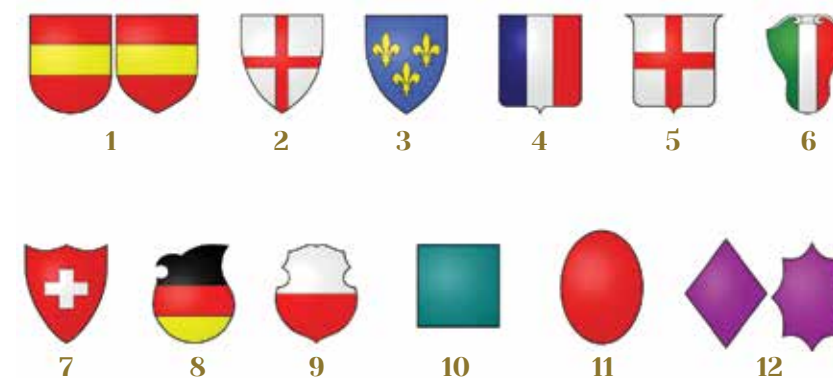
2. Na Idade Média, quando uma família nobre se tornava soberana de um território, ela passava a ser designada como Casa. Por exemplo: Casa de Bragança (Portugal), Casa dos Bourbon (França), Casa de Habsburg (Áustria), Casa dos Médici (Itália), Casa de Tudor (Inglaterra). Com isso, as famílias de alta nobreza, inclusive das Casas Reais, possuíam herdeiros que, por alguma razão de extinção de linhagem – batalhas, morte, guerras – poderiam ascender ao trono.



### Principais elementos da Heráldica.

e alguns brasões possuíam desenhos muito específicos de escudo, mas, em geral, eles identificavam a origem das famílias na Idade Média.

Na figura, os escudos estão estampados com as respectivas cores que hoje representam seus países. Contudo, durante a Idade Média e a Idade Moderna, os escudos de muitas famílias seguiam apenas os formatos, tendo outra composição de cores que variava de acordo com o *status* social, a região e a história dos próprios membros da família.



### Formas dos escudos na Idade Média.

1. Espanhol e português (Ibérico) e Flamenco
2. Inglês medieval
3. Francês medieval
4. Francês moderno
5. Inglês Arco Tudor (século XVI)
6. Italiano
7. Suíço
8. Alemão
9. Polonês
10. De torneio ou estandarte
11. De damas (cartucho oval)
12. De damiselas (retangular)

O timbre, por sua vez, era o elemento localizado sobre o virol do elmo. Sua função era a de distinguir um determinado cavaleiro entre tantos outros ou de determinar o grau de nobreza do indivíduo. Na heráldica, o timbre costuma ser apresentado como uma flor, um animal e até mesmo uma cruz.

Na pesquisa feita no *The Historical Research Center*, o brasão da Família Ciasulli foi encontrado. Observando seus elementos, assim como o histórico familiar que o acompanha, é possível conhecer o contexto em que ele foi atribuído aos membros da família e intuir as características da ascendência dos membros Ciasulli que hoje vivem no Brasil.

Como se pode notar, o escudo do brasão da Família Ciasulli assemelha-se muito às formas do escudo espanhol – salvo a ponta inferior que no caso espanhol é claramente arredondada, enquanto o dos Ciasulli apresenta desenho bem demarcado. Tendo em vista o domínio da Espanha sobre todo o

sul da Itália, inclusive durante o reinado de Carlos II que concedeu o título a Francesco Ciasulli Di Muravera, o mais provável é que este brasão tenha a mesma origem do título.

O elmo era um elemento que marcava a tradição militar da família. Quando aparecia de frente, significa que o brasão pertencia a um rei; de perfil, simboliza a nobreza, mas, sobretudo, o reconhecimento por atos heróicos ou mesmo vitórias em combates. Os elmos da realeza eram dourados, enquanto os da nobreza deveriam ser prateados. No caso dos Ciasulli, o elmo prateado aparece encimado por uma águia preta, coroada e de asas abertas. A águia representa a vitória, a velocidade e a rapidez. Quando coroada, apresenta o grau de nobreza da família, o que, no brasão dos Ciasulli, pode indicar um Marquesado, já que a coroa que aparece sobre a águia se assemelha com o formato de coroa que era atribuído aos marqueses espanhóis.

O bloco de três torres possivelmente simboliza um castelo ou, ao menos, parte de um.







### Tipos de coroa da nobreza espanhola.

1. Rei (Brasão de armas da Espanha)
2. Rei (Brasão de armas do Rei)
3. Príncipe (Herdeiro da coroa)
4. Infante
5. Grande de Espanha
6. Duque
7. Marquês
8. Conde
9. Visconde
10. Barão
11. Senhor

Na heráldica clássica os castelos costumam ser representados por um bloco de três torres (a torre do meio maior que as demais), uma porta e duas janelas<sup>3</sup>. Mesmo não condizendo exatamente com essa descrição, a torre que aparece no brasão da Família Ciasulli certamente representa alguma vitória, pois a porta e a janela se encontram abertas.

A cor azul do escudo – o esmalte – significa nobreza, majestade, serenidade e os seus portadores estavam obrigados a fomentar a agricultura e também a socorrer os empregados despedidos injustamente ou que se encontrassem sem remuneração<sup>4</sup>.

Infelizmente, até o final da produção desta publicação, não tivemos respostas do *The Historical Research Center* sobre o significado dos demais símbolos do escudo:

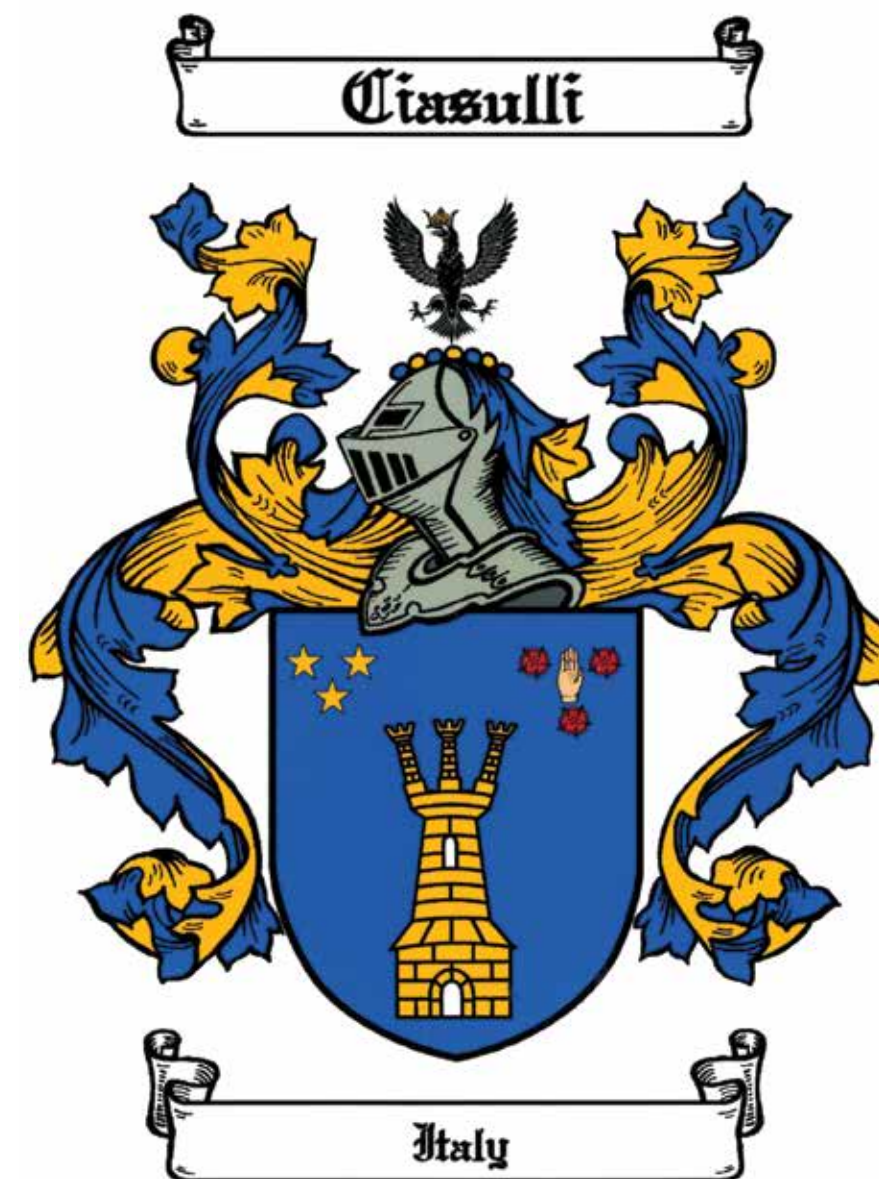
mão direita entre três rosas que formam um triângulo invertido, no canto superior direito; três estrelas douradas de 5 pontas que formam um triângulo invertido no canto superior esquerdo.



### Símbolo clássico de castelo na arte heráldica.

3. Fonte: *As regras da heráldica*. Diário do Nordeste, Caderno 3. Publicado em 07/01/2006, às 22h37. Acesso em 18 de abril de 2017, às 14h22. <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/as-regras-da-heraldica-1.562805>>.

4. Idem 3.



### Brasão da Família Ciasulli.

ESCUDO: azul, uma torre que é base de três torres propriamente ditas. No canto superior direito, há uma mão direita entre três rosas que formam um triângulo invertido.

No canto superior esquerdo, há três estrelas de cinco pontas que também compõem um triângulo invertido.

TIMBRE: águia negra de asas abertas coroada.  
ORIGEM: Itália





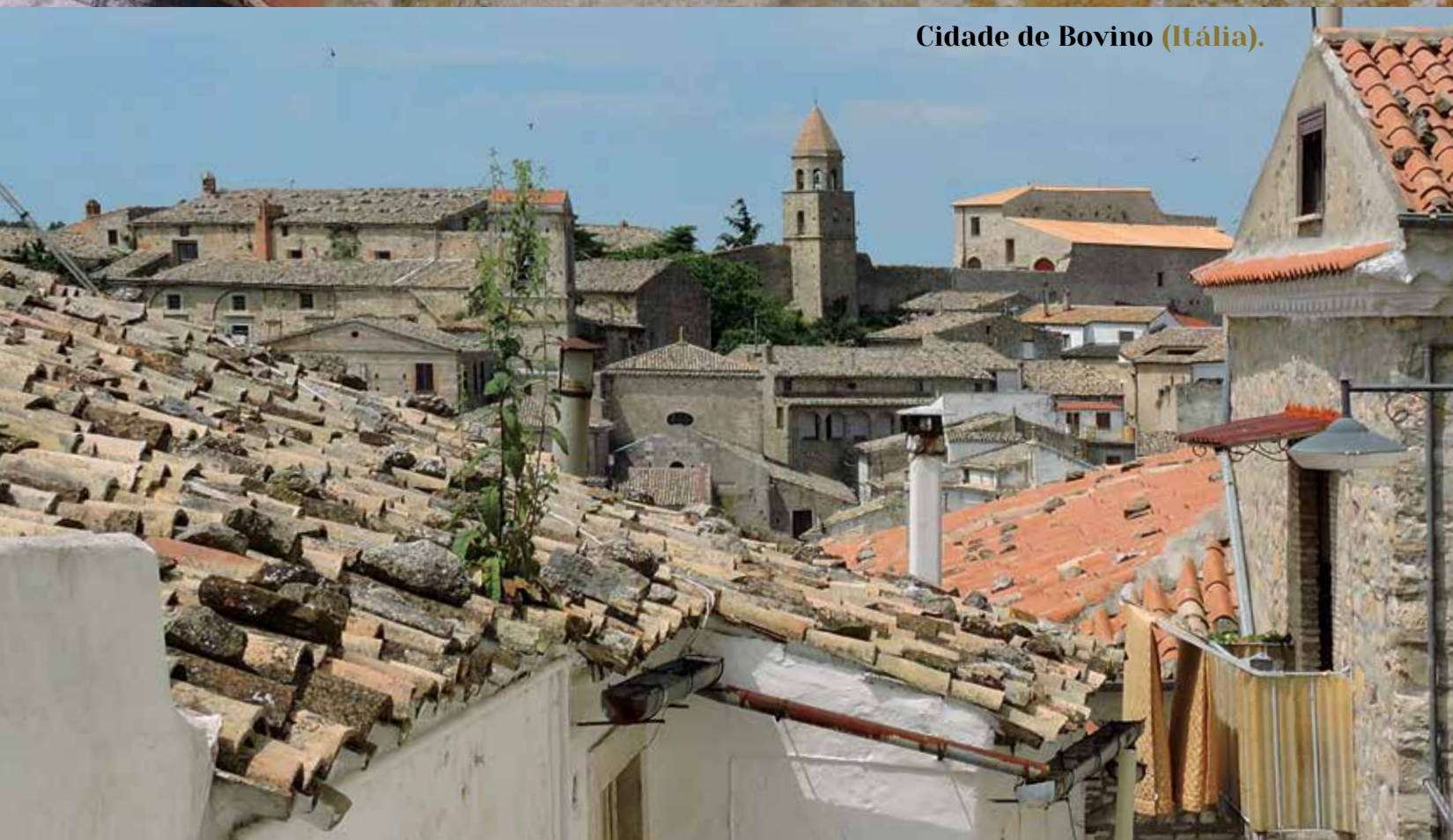
## Bovino, a cidade de Rocco Ciasulli



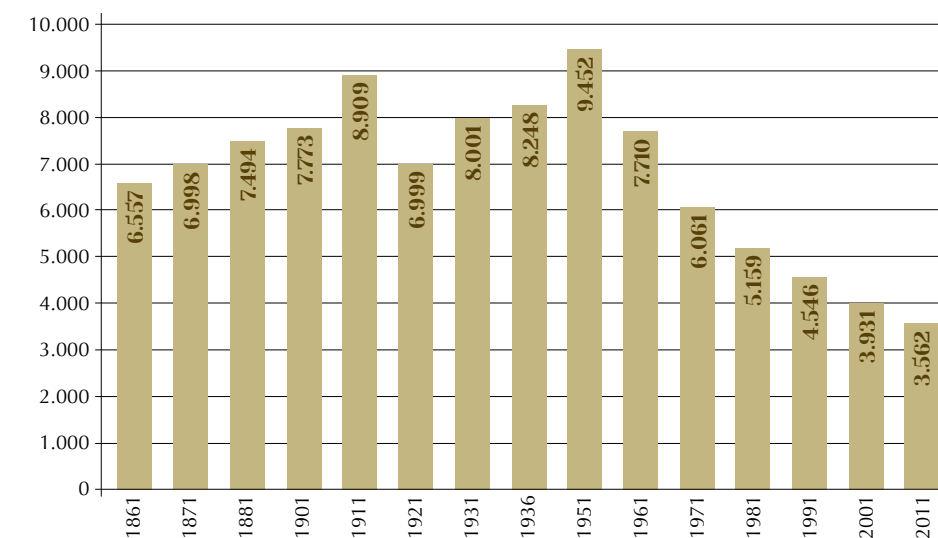
A Província de Foggia, que possui aproximadamente 700 mil habitantes, destaca-se no cenário socioeconômico da região como uma importante produtora de grãos – trigo – e legumes, como tomate, alcaçofra, espinafre, escarola. Por muito tempo, foi a região de maior rebanho de ovelhas da Itália e, hoje em dia, também produz vinhos de alta qualidade.

Ao todo, a Província de Foggia possui 64 comunas<sup>5</sup>, dentre as quais está Bovino, uma pequena aldeia que preserva em sua arquitetura e urbanismo a herança de um passado medieval. Certamente foi nessa aldeia que Rocco Ciasulli viveu, pois nela há registro de nascimento de pelo menos um de seus filhos, Antonio Ciasulli.

Cidade de Bovino (Itália).



**Evolução demográfica da cidade de Bovino (Itália). 1861 a 2011.**  
Fonte: Instituto Nacional de Estatística (ISTAT).



5. Comuna é o nome que caracteriza as pequenas cidades e vilarejos na Itália.





Bovino, situada mais ao sudoeste da capital, tem uma população aproximada de 3,5 mil pessoas – metade da população que havia na aldeia no final do Século XIX, quando o patriarca da Família Ciasulli decidiu mudar-se para o Brasil.

O centro de Bovino resguarda um riquíssimo patrimônio histórico, que se iniciou ainda durante o Império Romano, por volta de 323 a.C. e ganhou expressão no Império Bizantino, quando suas muralhas foram construídas e a cidade se tornou uma importante fortaleza medieval.

Desse período, a cidade mantém seus monumentos mais importantes, como a Catedral no estilo bizantino, que foi construída no Século X e modificada no Século XI, ganhando adornos e aparência românica. Ela passou por várias modificações e restauros, e abriga uma valiosa pintura de São Sebastião, atribuída a Mattia Preti.

No alto do Vale de Bovino, uma montanha rochosa de onde se avista uma paisagem exuberante, está localizado o Castello Ducale di Bovino. Um verdadeiro exemplar da arquitetura medieval, que foi residência

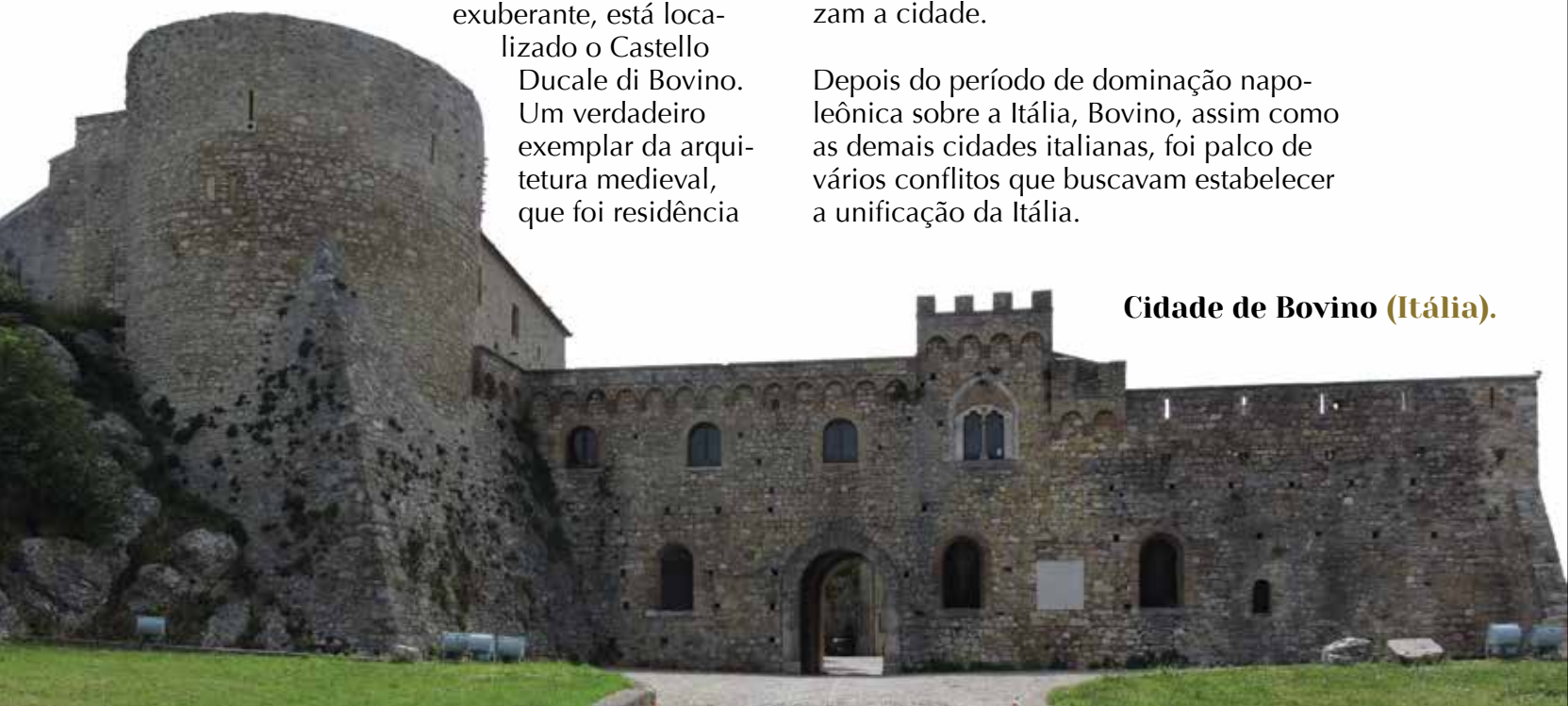
de importantes famílias que dominaram a região em vários períodos da história, como a família Guevara, de Don Giovanni de Guevara, um nobre espanhol que recebeu o título de Duque de Bovino do Rei Filipe da Espanha, e foi responsável pela ampliação da edificação por volta de 1600. O Castelo ainda hospedou importantes figuras europeias, como o Papa Bento XII e Maria Theresa da Áustria.

Em virtude de seu centro histórico, Bovino é considerada uma das cidades mais bonitas da Itália, fazendo parte de um grupo denominado: “Aldeias mais Bonitas da Itália” (I Borghi più belli d’Italia, em italiano), organizado pela Associação Nacional das Comunas Italianas (Associazione Nazionale Comuni Italiani), uma associação sem fins lucrativos que nasceu em 1901 com objetivo de preservar o patrimônio histórico das cidades.

Bovino é ainda conhecida como a cidade dos oitocentos portais em pedra – edificações públicas ou residenciais que embelezam a cidade.

Depois do período de dominação napoleônica sobre a Itália, Bovino, assim como as demais cidades italianas, foi palco de vários conflitos que buscavam estabelecer a unificação da Itália.

### Cidade de Bovino (Itália).



## Unificação e as Possibilidades do Novo Mundo

Com o Congresso de Viena (1814-1815), a Itália passou por um período de incertezas, sem um vislumbre claro de sua organização política. Alguns grupos revolucionários começaram a se organizar com o objetivo de iniciar uma tentativa de libertação e unificação italiana, o que culminaria com a independência e a transformação do território em uma república democrática.

Uma das principais organizações revolucionárias era chamada de Jovem Itália, que tinha Giuseppe Mazzini como líder. Na metade do Século XIX, mais precisamente em 1848, Mazzini promoveu uma grande investida contra a dominação austríaca que, após o Congresso de Viena, comandava o Reino Lombardo-Veneziano e tinha forte influência sobre os Ducados de Parma, Modena e sobre a região da Toscana.

O Império Austríaco era um dos mais poderosos do mundo e as tropas revolucionárias não conseguiram vencê-lo. A derrota, porém, não esmaeceu os italianos, ao contrário, impulsionou ainda mais os grupos em todas as regiões do país. Anos depois,

Camillo Benso Conte di Cavour, um diplomata italiano, tornou-se um dos principais articuladores da Unificação. Com o apoio dos proprietários de terras e da burguesia, ele conseguiu estruturar um exército no Piemonte, obtendo o apoio do governo francês para derrotar a Áustria.

Nesse mesmo período, por volta de 1860, Giuseppe Garibaldi, que já havia participado da Revolução Farroupilha no sul do Brasil (1835-1845), inicia suas investidas na Região das Duas Sicílias – onde estava Bovino. Nessa época, o jovem Rocco Ciasulli tinha cerca de 10 anos.

Com o apoio de Cavour, Garibaldi entra em Nápoles e, logo após, a pedido do próprio Cavour, entrega o Reino das Duas Sicílias ao comando de Vitor Emanuel, que havia sido proclamado Rei da Itália em 1861. Para Garibaldi, era preferível que a Itália fosse um reino monárquico unido do que um monte de regiões apartadas. No entanto, as regiões do Vêneto (sob o comando da Áustria) e de Roma (sob o poder do papa) ainda continuavam separadas do Reino da Itália.





Em 1862, Garibaldi tenta tomar Roma, mas seu exército é derrotado pelas forças armadas dos Estados Pontifícios. Com a assinatura do tratado Paz de Viena, em 1868, a Áustria deixa o comando da região do Vêneto, que passa a ser incorporada ao Reino da Itália, restando apenas Roma a ser anexada.

Como forma de compensação, Vitor Emanuel oferece uma indenização ao Papa Pio IX para anexar Roma ao Reino, comprometendo-se a mantê-lo como chefe do Estado do Vaticano. O Papa recusou o acordo e se declarou prisioneiro do Estado italiano. A situação transformou-se num problema político-diplomático que perdurou por mais de 50 anos<sup>6</sup>.

Durante esse período, é bastante provável que Rocco Ciasulli tenha participado das batalhas em sua região, pois, como vimos, já na infância ele se vestia com uniforme militar. Rocco viveu até os 44 anos de idade em Bovino (de 1851 a 1895), e, segundo a memória dos descendentes brasileiros que se recordam de alguns relatos do avô sobre o bisavô, Rocco pode ter sido casado por duas vezes na Itália. Não há informações sobre o primeiro casamento, tampouco registros sobre sua primeira esposa, mas supõem-se que sua filha mais velha, Maria, nascida em 1878, seja fruto dessa primeira união.

6. A chamada Questão Romana só teve solução em 1929, quando o ditador fascista Benito Mussolini assinou a Concordata de São João Latrão juntamente com o Papa Pio XI. Por esse tratado, foi criado o Estado do Vaticano, independente da República Italiana e a igreja recebeu uma indenização monetária pelas perdas territoriais.



Nessa ocasião, além das guerras, a Europa vivia uma série de epidemias, que resultaram em milhares e milhares de mortes. Rocco possivelmente ficou viúvo neste período, casando-se novamente com Consiglia Rubino, cujos registros de entrada no

Brasil mostram ter nascido em 1868, ou seja, apenas 10 anos antes de sua enteada Maria. Dessa segunda união, nasceram outras três crianças: Antonio (1882), Felice (1891) e Generoso (1894).

O único registro de nascimento encontrado em Bovino pela família é o de Antonio Ciasulli, avô dos descendentes brasileiros que iniciaram uma pesquisa genealógica em busca de suas origens italianas para a obtenção da dupla cidadania. Entre eles, Osvaldo Penha Ciasulli foi o primeiro

**Rocco Ciasulli e família. Pela aparência jovem do patriarca e pelo tamanho que seus filhos apresentam, supõem-se que a foto tenha sido tirada ainda em Bovino, na Itália.**

membro da família a voltar a Bovino em 2015 – 120 anos após a partida do bisavô para o Brasil. Os detalhes dessa viagem estão narrados no capítulo 6 deste livro.

As razões que levaram Rocco Ciasulli e sua família a deixarem a bela cidade medieval de Bovino para se aventurar no Brasil não são claramente conhecidas por seus bisnetos e tataranetos.

No entanto, é certo que as guerras travadas durante o período da Unificação Italiana assombraram o país, deixando um vasto rastro de destruição e miséria. Viver sob essa constante tensão, sob incertezas e medos, e sob grandes dificuldades econômicas, levaram milhares e milhares de italianos a deixarem sua terra natal em busca de sobrevivência no novo mundo. Muitas famílias migraram para os Estados Unidos e outras tantas para a América do Sul – dentre eles, os Ciasulli.

Segundo o *The Historical Research Center*, há registros de membros dessa família tanto no sul quanto no norte do continente Americano, embora não se possa precisar qualquer relação de parentesco entre os Ciasulli que vivem no Brasil e outros que hoje moram nos Estados Unidos.







Gessulli Gessullo Ciasulli Ge  
sulli Gessullo Ciasulli Gessu  
Gessullo Ciasulli Gessulli Ge  
sullo Ciasulli Gessulli Gessu  
lo Ciasulli Gessulli Gessullo  
Ciasulli Gessullo Gessullo C  
sulli Gessulli Gessullo Ciasu  
li Gessullo Gessullo Ciasu



## Brasil e a Promessa de Futuro

45



A formação do povo brasileiro é uma das mais diversas do mundo. Em mais de 500 anos, o Brasil, em todas as suas regiões, absorveu populações, costumes e culturas de muitas nacionalidades e não seria leviano afirmar que grande parte de nossas paixões apaixonaram-se primeiramente em outras terras, dentre elas, a Itália. Os imigrantes italianos que por aqui chegaram, trouxeram na mala, nas histórias, nas roupas, no cheiro, nos olhos e nos gestos, hábitos que se misturaram com os costumes de outras nacionalidades europeias, de imigrantes africanos trazidos como escravos e de diferentes tribos indígenas que habitavam o país, tornando-se uma importante parte da herança de todo o processo de formação do Brasil.



# Comune di Bovino

Provincia di Foggia

ESTRATTO PER RIASSUNTO DELL'ATTO DI NASCITA N. 383

dell'Anno 1882 Parte I<sup>a</sup> Serie =

-CIASULLI Antonio-

Dal registro degli atti di nascita dell'anno - Parte - Serie e n. sopra indicati risulta che:

giorno quondici- del mese di Dicembre

dell'anno mille ottocentoottanta-

alle ore ventidue-

ella casa posta in Via San Pietro N. 11

nato in BOVINO: -CIASULLI Antonio-

Sesso maschile

Rocco-

da RUBINO Consiglia-

notazioni marginali:

-NESSUNA-



Estima-se que o ápice da imigração italiana tenha ocorrido entre 1880 e 1930, ou seja, em 50 anos milhares e milhares de famílias do norte ao sul da Itália deixaram o Velho Mundo em busca de sobrevivência e de novas oportunidades de vida no Continente Americano. Muitos desembarcaram no Brasil fugidos de conflitos, guerras civis e das duas grandes guerras (Primeira Guerra Mundial 1914-1918; Segunda Guerra Mundial 1939-1945).

No entanto, a presença de italianos por aqui remonta o período de povoamento do país, ainda durante a divisão das Capitanias Hereditárias, quando o Senhor de Engenho Filippo Cavalcanti, supostamente um nobre oriundo da cidade de Florença, se casou com a filha do gover-

nador da Capitania de Pernambuco, Catarina de Albuquerque, por volta do Século XVI.

Em 100 anos, entre 1870 e 1970, o Brasil recebeu mais de 1,5 milhão de imigrantes italianos, sendo o sexto destino de maior imigração da nacionalidade em todo o mundo. O primeiro foi os Estados Unidos, que recebeu cerca de 5,6 milhões de italianos no mesmo período<sup>1</sup>.

A maior parte dos italianos que vieram para Brasil é oriunda da Região do Vêneto, seguida pelas regiões da Campania, Calábria e Lombardia. A Região da Puglia (Apúlia), de onde vieram os Ciasulli, aparece na 11ª posição do ranking das regiões com maior fluxo migratório.

1. Marley Terezinha Pertile (2009). «O Talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro:...» (PDF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Consultado em 19 de janeiro de 2014. P. 44.





## Imigração italiana para o Brasil (1876-1920)

REGIÃO DE ORIGEM	NÚMERO DE IMIGRANTES
Vêneto	365.710
Campânia	166.080
Calábria	113.155
Lombardia	105.973
Abruzos-Molise	93.020
Toscana	81.056
Emília-Romana	59.877
Basilicata	52.888

ITENETS (International Training and Employment Networks). *Gli Italiani in Brasile*. Projeto Itenets, outubro de 2003

REGIÃO DE ORIGEM	NÚMERO DE IMIGRANTES
Sicília	44.390
Piemonte	40.336
Apúlia	34.833
Marcas	25.074
Lácio	15.982
Úmbria	11.818
Ligúria	9.328
Sardenha	6.113

**TOTAL** 1.243.633

48

De acordo com o autor do livro *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*, Angelo Trento, “o primeiro fluxo [de imigrantes italianos para o Brasil] data de 1820, quando, em consequência de longas negociações entre a corte do Reino das Duas Sicílias e a corte Brasileira, a primeira envia ao Brasil algumas centenas de facínoras, que deveriam ter sido empregados num projeto de colonização. O segundo, menos notável, dá-se em 1837, sendo constituído por condenados políticos obrigados pelo Estado Pontifício a exilarem-se a fim de aliviar a superpopulação das prisões do Vaticano”<sup>2</sup>.

A vinda de bandidos ou prisioneiros europeus foi recorrente na história de povoamento do Brasil. Os italianos não foram os primeiros a se estabelecerem no país. As cortes portuguesa e espanhola também tinham o hábito de enviar os chamados “indesejáveis” para as colônias, vendo no distanciamento e no modo de vida pouco desenvolvido das Américas uma espécie de punição.

No entanto, concomitantemente a esses fluxos migratórios, houve outro tipo de emigração: a de caráter espontâneo, que reunia refugiados políticos, famílias traba-

lhadoras que buscavam uma nova oportunidade de vida e famílias abastadas que desejavam se estabelecer longe dos conflitos da Unificação Italiana. Dentre esses grupos, alguns optaram por manter fortes ligações com a terra natal, outros simplesmente deixaram o passado para trás, rompendo com as ligações italianas que restavam no país.

Foi apenas no final da década de 1870 que a emigração italiana no Brasil se tornou, como diz Trento, “um fenômeno de massa”. O Estado de São Paulo foi o que o recebeu o maior número de italianos entre todos os que vieram para o Brasil – 1.078.437 até 1920<sup>3</sup>. A maior parte das famílias era direcionada para o interior, principalmente para o trabalho na lavoura, em especial nas fazendas de café. Contudo, muitos italianos se estabeleceram nas áreas urbanas, que, na época, começavam a fomentar com mais intensidade as atividades industriais. Estima-se que em 1901, 90% dos operários das fábricas da cidade de São Paulo eram italianos<sup>4</sup>.

Nesse período, vale salientar, o Brasil iniciava um processo de transição da mão de obra escrava para a mão de obra contratada. Com a Proclamação da República, em 1889, diversos subsídios à imigração que já vinham sendo praticados pelo regime monárquico se intensificaram, como, por exemplo, a propaganda em países europeus para atrair famílias de agricultores para o Brasil. Tanto o governo brasileiro como os próprios fazendeiros ofereciam transporte gratuito para as famílias e até mesmo subsídios para aqueles que desajassem se estabelecer em colônias agrícolas e de povoamento. Sem dúvida, isso ajudava a atrair os estrangeiros para o Brasil.

Os imigrantes italianos, assim como os de outras nacionalidades que chegavam a São Paulo, desembarcavam no Porto de Santos, depois de passar por longas viagens nos navios da época.

De acordo com informações do Museu da Imigração<sup>5</sup>:

A viagem de quem decidia migrar não começava pela travessia marítima; antes disso, era preciso seguir por terra até o porto mais próximo. No período conhecido como “grande imigração”, diariamente chegavam às cidades portuárias milhares de pessoas prestes a tentar uma nova vida em outro país. Às vezes, havia a necessidade de aguardar o momento do embarque por semanas, em situação bastante precária, principalmente nas cidades que não possuíam hospedarias para emigrantes. Aqueles que pretendiam usufruir das políticas de subvenção eram submetidos a avaliações médicas e vistorias por parte dos agentes contratados pelos países receptores, a fim de constatar se apresentavam o perfil desejado. Após esse processo, muitos eram impedidos de embarcar.

2. Angelo Trento. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1989. p. 16.

3. Idem 8.

4. ITENETS (International Training and Employment Networks). *Gli Italiani in Brasile*. Projeto Itenets, outubro de 2003.

5. Museu da Imigração (São Paulo, SP). Exposição “Migrar: experiências, memórias e identidades”. Visitado pela autora em 05 de abril de 2017.

49

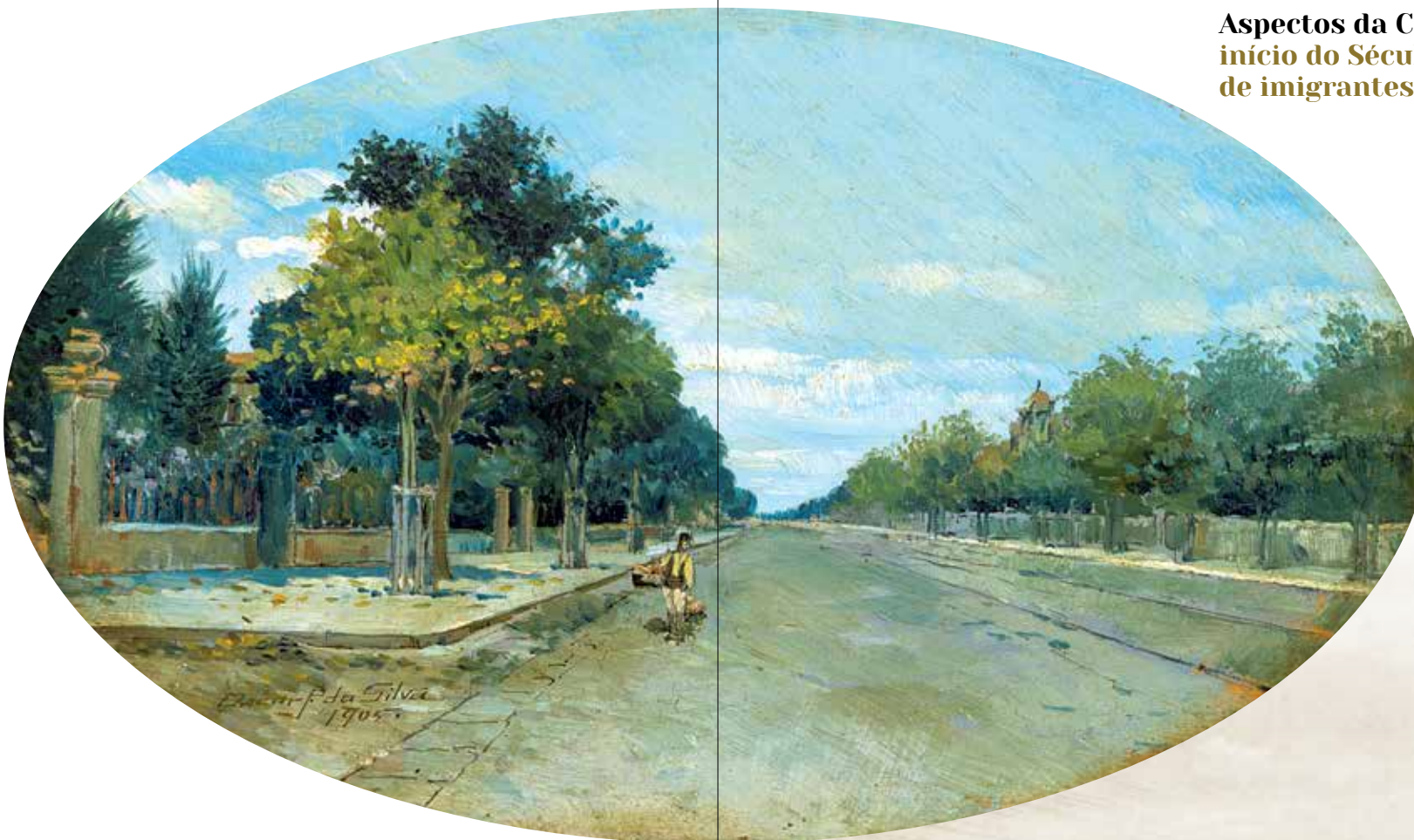




As travessias representavam um momento muito simbólico do processo migratório, além de um desafio em si. A duração da viagem dependia da rota que seria feita e do sistema de operação do navio. As embarcações movidas a vapor eram as mais ágeis da época e se tornaram um marco na história, diminuindo o tempo de percurso entre a Europa e América.

Os emigrantes passavam semanas nos navios, compartilhando um espaço restrito com centenas de outras famílias. Segundo relatos dos passageiros, os viajantes organizavam festas nas embarcações, como forma de passar o tempo. Mas, além dos momentos de descontração, o Museu da Imigração possui relatos de situações de tensão ocorridas nas viagens, como rebeliões e epidemias, que invariavelmente provocavam a morte de muitas pessoas, pois as condições de limpeza e higiene nem sempre eram boas. Quando passageiros faleciam a bordo, os corpos eram lançados ao mar.

Entre os anos de 1820 e 1914, mais de 50 milhões de pessoas deixaram a Europa e a Ásia e vieram para a América, o que demandou uma complexa estrutura de alojamento para todo esse contingente populacional. Em números absolutos, vemos que a América do Norte recebeu a maior quantidade de italianos:



### Aspectos da Cidade de São Paulo no início do Século XX, durante o fluxo de imigrantes italianos no Brasil.

Tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil os imigrantes eram alojados em hospedarias. A *Ellis Island*, localizada na cidade de Nova York, EUA, se tornou uma das mais famosas hospedarias do mundo. Lá funcionavam setores de desinfecção de pessoas e roupas, sala de registro, dormitórios masculinos e femininos, refeitório, hospital, depósito de bagagens, escritório de telégrafo e uma estação ferroviária que levava os recém-chegados aos seus destinos dentro do país.

Em São Paulo, o Porto de Santos possuía uma hospedaria que funcionava mais como espaço de chegada e registro dos imigrantes, que como alojamento temporá-

### Imigração italiana (1876-1914)

PAÍSES	NÚMEROS ABSOLUTOS
Estados Unidos	35.052.123
Canadá	5.625.147
Argentina	4.660.539
Brasil	3.354.829

Fonte: Boletim do Departamento de Imigração e Colonização de São Paulo. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, n. 5, dez 1950, p. 139-140.





rio. Com o tempo, essa hospedaria foi destinada ao depósito de café, de bananas e se tornou um espaço de trabalho das cooperativas que atuavam no porto.

Na grande maioria das vezes, os passageiros desembarcavam em Santos seguiam para outras hospedarias do Estado em viagens de trem, como para a Hospedaria de Imigrantes de Campinas, no interior do Estado, ou para a Hospedaria de Imigrantes de São Paulo, na região do Brás/Mooça, na capital paulista.

A Hospedaria de Imigrantes de São Paulo foi projetada pelo arquiteto Matheus Hausler e começou a ser construída em 1886. Antes dela, os estrangeiros que chegavam à cidade eram acomodados em casas alugadas pelo governo na região da Luz ou em alojamentos localizados no bairro do Pari. Projetada para acomodar 3 mil imigrantes, a hospedaria chegou a comportar 10 mil pessoas nos períodos de maior intensidade do fluxo migratório<sup>6</sup>.

O edifício era composto de uma área central da administração e dormitórios; refeitório e cozinha; enfermaria; hospital; depósito de frutas; sanitários; triagem mé-

dica; local para bagagens; portão principal; Agência Oficial de Colocação; Agência Postal, Telégrafo e Câmbio; portão da Rua Almeida Lima.

Nota-se que a estrutura paulistana para receber os estrangeiros era muito similar à americana, na *Ellis Island*. Contudo, alguns pesquisadores afirmam que, do ponto de vista dos serviços prestados, a “*Ellis Island* não foi exatamente uma hospedaria, mas um lugar de registro e controle da entrada de imigrantes”<sup>7</sup>. A passagem dos estrangeiros por lá era, em geral, muito rápida, ao contrário do que acontecia em São Paulo, onde os imigrantes podiam ficar por alguns dias até conseguir um trabalho formal.

Ao chegar à hospedaria vindos de Santos, todos os estrangeiros passavam por várias etapas até serem destinados ao trabalho no campo ou na própria cidade. Não se sabe exatamente qual foi o posto inicial de trabalho de Rocco Ciasulli em São Paulo, pois não foram encontradas informações a respeito. Mas é certo que ele e sua família percorreram esse mesmo trajeto até se estabelecerem na capital paulista, passando por cada uma das etapas da entrada oficial de estrangeiros no país.

6. Fonte: <[www.museudaimigracao.org.br](http://www.museudaimigracao.org.br)>. Acesso em 18/04/2017.

7. Reznik, L., Fernandes, R. Hospedarias de Imigrantes nas Américas: a criação da hospedaria da Ilha das Flores. História (São Paulo). v. 33, n. 1, p. 234-253, jan./jun. 2014. ISSN 1980-4369.

## Travessia, Hospedaria e a Mudança de Sobrenome: de Ciasulli a Gessulli



De acordo com os registros encontrados no Museu da Imigração em São Paulo, a família de Rocco Ciasulli deixou a Itália partindo da cidade de Nápoles, no Vapor Fortunata Raggio, em 11 de abril de 1895, chegando ao Porto de Santos 26 dias depois, em 07 de maio de 1895. Portanto, assim como outros imigrantes, é certo que a família iniciou sua viagem por terra, saindo primeiramente de Bovino, na Região da Apúlia, em direção a Nápoles, Região da Campania, onde aí sim puderam embarcar no vapor para realizar a travessia do Atlântico até as Américas.

O Fortunata Raggio foi uma embarcação utilizada em pelo menos 7 travessias entre a Itália e o Brasil. A primeira delas partiu de Gênova e chegou a Santos em 04 de fevereiro de 1889. A segunda, com exatos 1.245 passageiros, foi justamente a que trouxe os Ciasulli para o Brasil, atracando no Porto de Santos em maio de 1895. Nesse mesmo ano, o Fortunata Raggio

ainda desembarcou mais três vezes no país, todas elas na cidade do Rio de Janeiro, partindo de Gênova, nos meses de julho, setembro e novembro. No ano seguinte, em 1896, o Vapor fez o mesmo trajeto entre Gênova e o Rio de Janeiro nos meses de maio e julho.

Estima-se que o Fortunata Raggio tinha capacidade para até 1.800 passageiros. Ele foi construído na Inglaterra e possuía as seguintes dimensões: 103,8 metros de comprimento x 12,8 metros de largura x 8,5 metros de altura, pesando 3.348 toneladas. Ele foi adquirido pela Società Italiana di Trasporti Marittimi Raggio & Co. em 1887, quando foi batizado como Fortunata Raggio. Em 1898, foi adquirido pela Società Anonima Ilva, sendo rebatizado como SS Fortunata. Acredita-se que durante a Primeira Guerra Mundial, o navio tenha sido atingido por um torpedo alemão, afundando em 30 de abril de 1917, na costa da Irlanda<sup>8</sup>.

8. Wikipedia: <<https://pt.wikipedia.org/>. Verbetes> Fortunata Raggio. Acesso em 29/05/2017.







**Rocco Ciasulli deixou a Itália e migrou para o Brasil com a família. O vapor que trouxe os Ciasulli – Fortunata Raggio – partiu de Nápoles em 11/04/1895 e chegou ao Porto de Santos em 07 de maio do mesmo ano.**

Depois de desembarcar do Fortunata Raggio, a família de Rocco Ciasulli viajou da cidade de Santos até São Paulo. Esse trajeto era percorrido de trem por todos os estrangeiros que chegavam ao porto e iam para a capital. Não se sabe ao certo por quanto tempo a família permaneceu na Hospedaria dos Imigrantes, entretanto, o mais provável é que tenha seguido o mesmo ritual de todos os imigrantes, passando alguns dias no local.

9. Chrysostomo, M. I. J.; Vidal, L. *Do depósito à hospedaria de imigrantes: gênese de um “território da espera” no caminho da emigração para a emigração*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro. Recebido para publicação em dezembro de 2012; aprovado para publicação em junho de 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/hcsm>>.

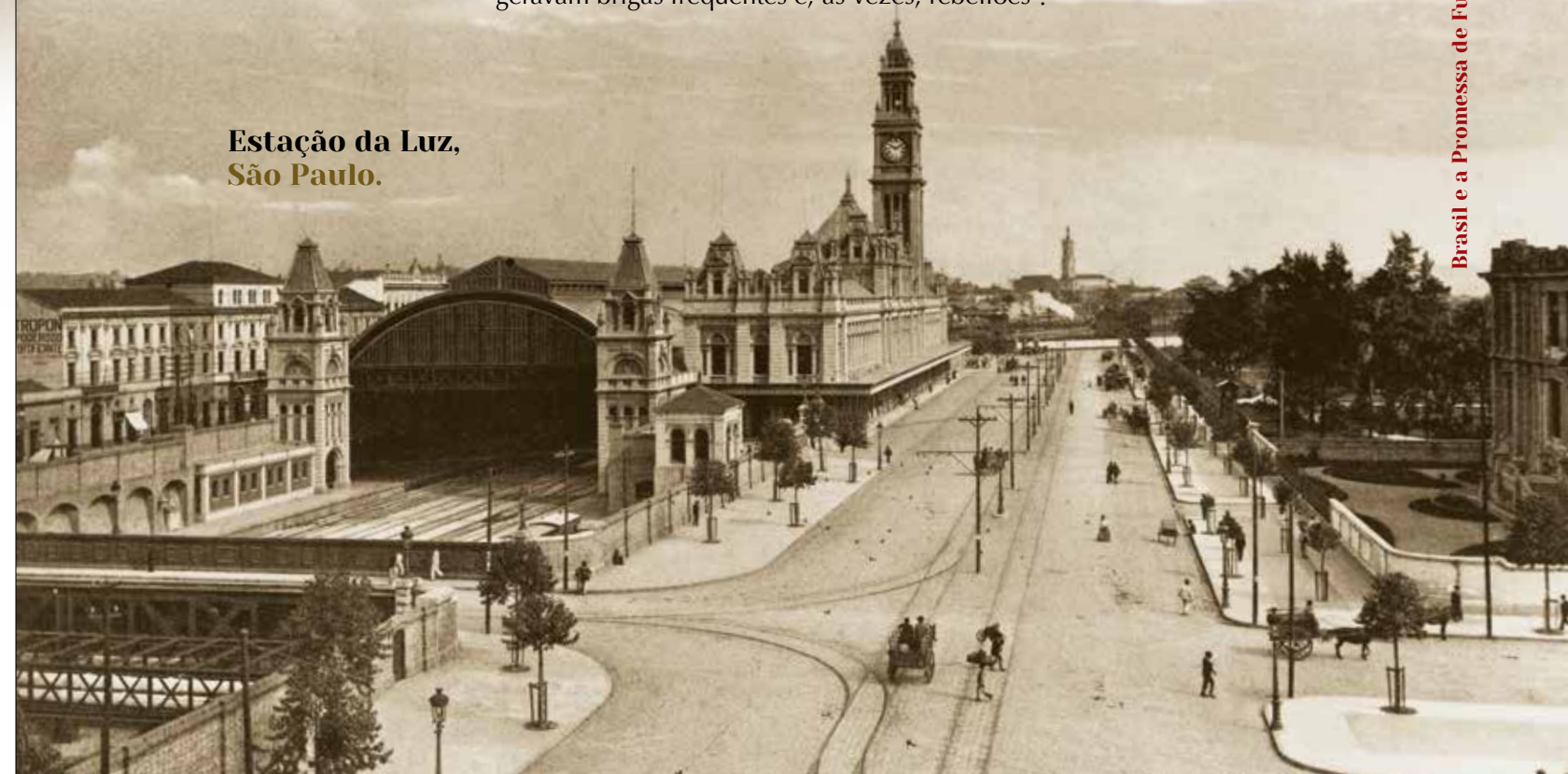
Ao chegar em São Paulo, os estrangeiros eram recepcionados pelos funcionários da hospedaria, que logo os encaminhavam para uma área de banho e desinfecção. Na sequência, todos passavam por exame médico, efetuado em uma ala específica da hospedaria. Os profissionais avaliavam as condições físicas tanto dos adultos quanto das crianças. Se estivessem doentes, as pessoas seguiriam para uma área reservada da hospedaria e, em casos graves, os pacientes eram transferidos para a Santa Casa de Misericórdia ou para o Hospital de Isola-

mento. Por fim, os que estavam aprovados pelo exame médico dirigiam-se ao salão de chamadas, onde o diretor da hospedaria procedia uma chamada de todos os recém-chegados, verificando seus nomes, profissões, grau de parentesco etc. A partir daí, os imigrantes estavam aptos a ingressar na sociedade brasileira, seja no campo ou nas áreas urbanas.

Os pesquisadores Chrysostomo e Vidal, relatam que os estrangeiros:

Geralmente, no dia seguinte à sua chegada, assistiam a uma conferência feita pela Agência Central de Colonização, que apresentava as oportunidades de trabalho no Estado de São Paulo, assim como os deveres e direitos dos imigrantes no Brasil. Depois da conferência, os imigrantes ficavam esperando uma oferta de trabalho. Esperavam pacientemente: no pátio principal ou nos dormitórios (...). As crianças brincavam; homens e mulheres descansavam, conversavam, tentando garimpar informações sobre o país. A promiscuidade e o nervosismo, a coexistência de línguas e culturas diferentes, geravam brigas frequentes e, às vezes, rebeliões<sup>9</sup>.

**Estação da Luz,  
São Paulo.**





No período em que permaneciam na hospedaria, os imigrantes não tinham acesso às suas bagagens. Elas ficavam sob os cuidados da alfândega em Santos, que examinava tudo o que era trazido nas malas antes de devolvê-las a seus proprietários. Para alguns estudiosos, como Chrysostomo e Vidal, esse procedimento criava um sentimento de despersonalização, uma experiência que reiterava a angústia de se estar em uma terra completamente desconhecida, sem vínculos emocionais e afastados das referências simbólicas que seus objetos pessoais podiam representar. Sem seus pertences, as famílias, de certo modo, não tinham passado e viviam apenas com a memória do lugar de onde vinham e com a esperança de encontrar uma vida melhor nesse novo lugar em que chegavam.

Durante as pesquisas para este livro, encontramos o registro de bordo da viagem do Vapor Fortunata Raggio que trouxe a Família Ciasulli para o Brasil, assim como obtivemos uma cópia digitalizada do registro de entrada da família na Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo.

Um fato curioso – porém recorrente entre os imigrantes que chegaram ao país nessa época – é que a família teve a grafia de seu nome alterada, de Ciasulli para Gesulli. Inicialmente, pensava-se que esse erro teria acontecido no Brasil, durante a chegada ao Porto de Santos ou à hospedaria, pois durante o auge do fluxo migratório era muito

### Folha de rosto do livro de bordo do Fortunata Raggio.

Fonte: Museu da Imigração/APESP.

comum que os estrangeiros chegassem ao país sem ter qualquer familiaridade com a língua portuguesa, do mesmo modo que nem sempre havia intérpretes ou tradutores nos locais de recepção desses imigrantes, o que ocasionou diversos erros de grafia de nomes e sobrenomes de muitas famílias, assim como erros em datas e locais de nascimento das pessoas.

No entanto, o Livro de Bordo do navio, que registra a saída da família da cidade de Nápoles, já traz o sobrenome escrito como “Gesulli”. O que houve para que tal mudança ocorresse, não se pode precisar. No entanto, segundo Angelo Trento, “o Brasil conheceu, entre 1885 e 1894, o apogeu da política dos contratos, estipulados com empresas ou particulares para a introdução de imigrantes (...). O prêmio pago pelo governo ou por particulares compreendia, além do transporte, a propaganda na Europa, a qual, por outro lado, também era efetuada diretamente”<sup>10</sup>.

10. Trento, 1989, p. 27.





Segundo essa afirmação e por todo o relato que Trento faz em seu livro, podemos supor que nesse processo para ampliar a imigração no Brasil, tanto o governo quanto os fazendeiros e industriais que desejavam atrair mão de obra, enviavam representantes à Europa para ofertar essa possibilidade às famílias e já efetuar o contrato de trabalho. Portanto, é extremamente possível que um brasileiro – ou ao menos um falante natural da língua portuguesa – estivesse no Fortunata Raggio já organizando a lista dos passageiros a pedido dos contratantes brasileiros. Essa hipótese é corroborada pelo fato de o Livro de Bordo estar todo redigido e preenchido em português, com aval do Consulado Brasileiro em Nápoles, como se pode observar pelas imagens da folha de rosto e das páginas internas.

O texto redigido na folha de rosto do Livro de Bordo do navio, não deixa qualquer dúvida quanto a motivação da viagem: *“Relação dos Emigrantes que partem hoje a bordo do Vapor Fortunata R. neste porto, embarcados pelo Senhor Gustavo Gavotti com destino a Santos por ordem do Senhor Angelo Fiorita e C. de Rio de Janeiro e por conta de [trecho riscado] Contracto de 21 de agosto de 1894. Naples, aos 11 de aprile de 1985”*. O trecho riscado na folha de rosto diz: *“da Respeitável Sociedade Promotora de Imigração a São Paulo”*.

11. Trento, 1989.

12. In: <<http://noticiasdemanaus.blogspot.com.br/>> A imigração italiana no norte do Brasil. Acesso em 14/06/2017.

13. Encontramos informações divergentes sobre a empresa Angelo Fiorita & Cia. Algumas afirmam que era uma empresa carioca, outras que era norte-americana. O mais provável é que a empresa realmente tivesse sede no Rio de Janeiro, já que a cidade é mencionada na própria folha de rosto do Livro de Bordo do Vapor Fortunata Raggio.

Por essa descrição, vê-se que os passageiros do Fortunata Raggio faziam a viagem por conta de um contrato já firmado, assinado meses antes do embarque. A Sociedade Promotora de Imigração – que está riscada no livro – era uma organização que atuava, sobretudo, no Estado de São Paulo e que tinha como finalidade trazer estrangeiros para o Brasil, mediante a contratos de trabalho. Ela funcionava como uma espécie de agência promotora, realizando a interface entre o contratante e o contratado. Fundada em 1886, essa agência atraiu e trouxe para o país mais de 100 mil pessoas em apenas 3 anos. Isso era considerado um grande sucesso em comparação aos resultados dos esforços anteriores que o governo brasileiro empreendera.

Para realizar esse trabalho, a Sociedade Promotora de Imigração recebia uma espécie de comissão em dinheiro dos contratantes, em geral, grandes fazendeiros do Estado de São Paulo. Nesse período, os custos da viagem eram divididos entre os fazendeiros e o governo da Província, ou seja, as famílias não precisavam desembolsar nenhuma quantia para chegar até aqui no momento da viagem. Em troca dessa facilidade, o contrato de trabalho que assinavam tinha prazo mínimo de 5 anos e, durante esse período, as despesas com o transporte deveriam ser reembolsadas<sup>11</sup>.

Mesmo que a Sociedade Promotora de Imigração não tenha sido a intermediadora da viagem que trouxe os Ciasulli ao Brasil, o contrato ao qual o texto se refere certamente seguia esse mesmo modelo, pois as figuras que aparecem como intermediadoras da viagem são personagens importantes no agenciamento de imigrantes italianos para o Brasil.

Gustavo Gavotti foi um parlamentar italiano que, juntamente com seu irmão, Giulio Gavotti, percebeu o potencial econômico que eram as travessias entre a Itália e o Brasil. Os irmãos Gavotti comandavam várias rotas de navegação desse percurso, incluindo expedições à região amazônica. Segundo o Notícias de Manaus, Gustavo Gavotti inaugurou a linha de navegação Gênova-Manaus em 1897, sendo um dos principais italianos a fomentar a imigração de seus compatriotas para o norte do Brasil. “Essa Companhia, que recebia subvenção do Governo do Estado do Amazonas para abrir novos horizontes para a exportação de borracha, trouxe muitos imigrantes para a Amazônia, imigrantes estes que faziam parte de um subproletariado italiano que fugia da fome e da miséria”<sup>12</sup>.

Já o “Senhor Angelo Fiorita” era também um agente de imigração. Ele trabalhava para a companhia italiana de navegação “La Veloce”, mas ganhou tamanha evidência no agenciamento de imigrantes que fundou sua própria Companhia, a Angelo Fiorita & Cia, que possivelmente estava situada no Rio de Janeiro<sup>13</sup>.

Diante desse contexto de contratos de imigração, folheando o fac-símile do Livro



**Anúncio de trabalho para italianos no Brasil. Entre os agentes está Fiorita. Fonte: Arquivo Nacional.**

de Bordo do navio, vemos que na página 46 estão registrados todos os membros da família Ciasulli com o sobrenome Gesulli. Eles são o número 403 de ordem de embarque de passageiros e pertencem à lista 362. É possível ler claramente os nomes dos membros da família, cada qual registrado com sua idade. De acordo com esse registro, a família era composta de 6 pessoas: Rocco Gesulli, que embarcou e chegou ao Brasil com 44 anos de idade; Consiglia Rubino, sua esposa, que tinha 27 anos de idade no momento do embarque; Maria, a filha mais velha, com 17 anos; Antonio, o filho de Rocco que expandiu a linhagem e que transmitiu o sobrenome da família aos filhos e aos netos que vamos apresentar neste livro, com 13 anos de idade; Felícia, conhecida como Felichetta, com 4 anos; e o bebê Generoso, com apenas 18 meses.











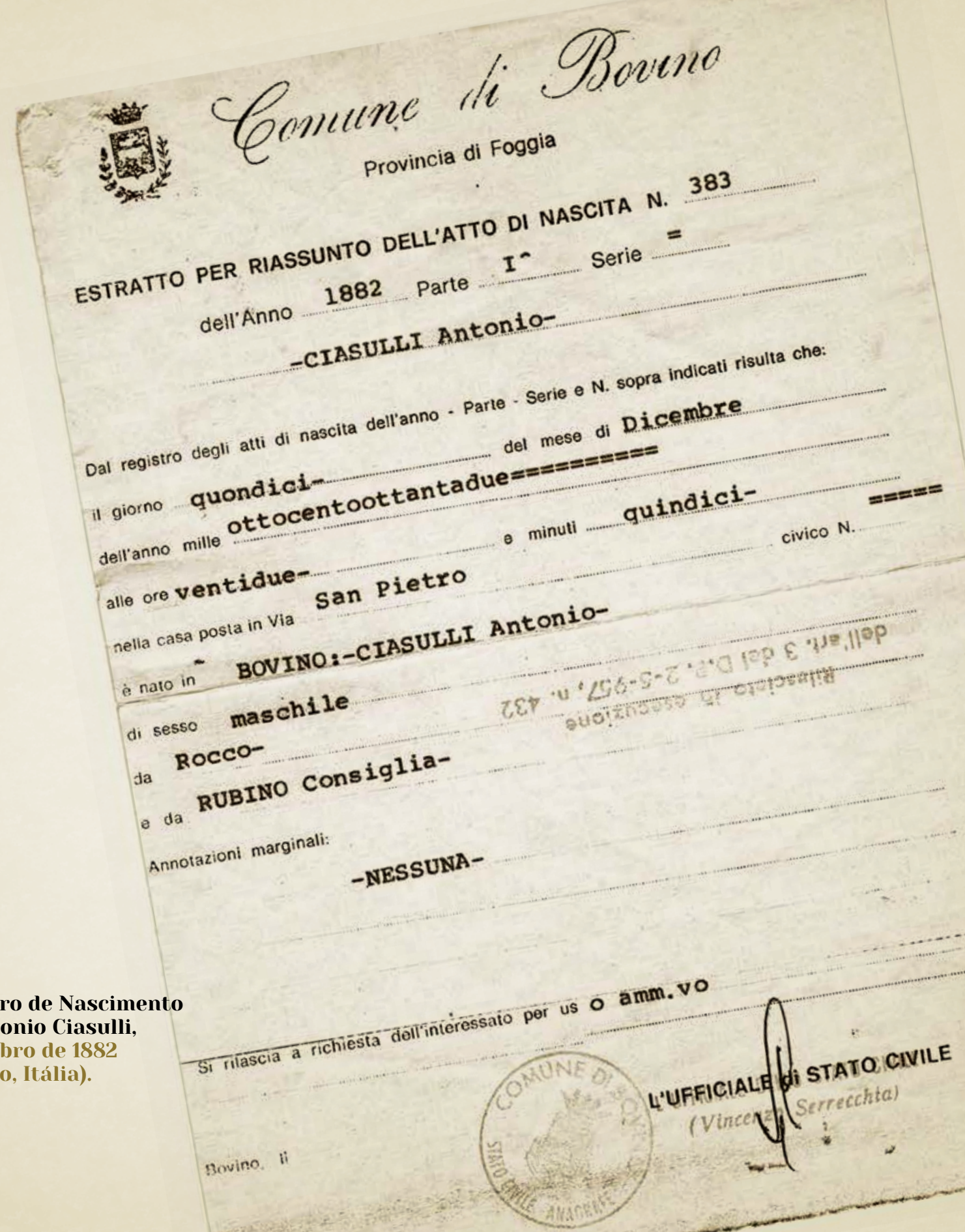
Exemplo de livro de registro. Fonte: Museu da Imigração/APESP.

Por essa declaração, temos a certeza de que foram funcionários do Consulado brasileiro em Nápoles que expediram as listas de passageiros do vapor que trouxe os Ciasulli para o Brasil, o que pode explicar o equívoco na grafia do nome.

Quando chegavam ao país, todos os estrangeiros eram registrados pelo “Serviço de Imigração e Colonização”, cujos livros foram guardados e digitalizados pelo Arquivo do Estado de São Paulo. Algumas informações podem ser consultadas no Museu da Imigração, onde encontramos o registro de entrada da família Ciasulli – como Gesulli. Nessa anotação, vemos que o sobrenome Gesulli foi empregado com a mesma grafia que já havia sido utilizada no Livro de Bordo. As idades dos membros da família são as mesmas registradas anteriormente e, além dessas informações, não há qualquer anotação que dê pistas sobre o local de trabalho para o qual Rocco foi destinado.

Os funcionários do Museu da Imigração afirmam que já nesse período os estrangeiros que chegavam ao Brasil recebiam um número de documento – o Registro Nacional de Estrangeiro (RNE). Infelizmente, não encontramos documentos de nenhum dos membros da família, o que dificultou a busca por informações mais precisas sobre o modo como eles se estabeleceram na cidade de São Paulo.

Todavia, no caso dos Ciasulli, o sobrenome Gesulli sofreu ainda mais uma alteração nos anos seguintes e passou a ser grafado como Gessulli – com dois “ss”. Este sobrenome foi incorporado de tal modo que levou cerca de 100 anos para que os bisnetos de Rocco descobrissem que, na verdade, o sobrenome da família era Ciasulli. Foi apenas quando Odimar Gessulli, bisneto de Rocco e Consiglia, decidiu buscar as origens da família que o nome Ciasulli apareceu na história.



Registro de Nascimento de Antonio Ciasulli, dezembro de 1882 (Bovino, Itália).







Entre 1880 e 1950, 850.000 italianos vieram para o Estado de São Paulo. Grande parte deles ficou na capital, outra parte foi para o interior, uma terceira parte deslocava-se, ora num ponto, ora noutro (LEITE, 2008)<sup>15</sup>.

Com essa grande quantidade de italianos, a cidade de São Paulo se formou assimilando a cultura dessas famílias, como a devoção católica, a paixão pelo futebol, o jogo do bicho, a mesa farta e repleta de massas artesanais feitas pelas hábeis mãos das “mamas” e das “nonas”. Bairros como Brás, Mooca e Bela Vista concentravam inúmeras famílias vindas das mais diversas regiões da Itália. Nesses bairros, a influência cultural dos imigrantes perpetuou algumas tradições da cidade, como as festas de Nossa Senhora de Achiropita e de San Gennaro.

Foram os imigrantes italianos que construíram essas duas igrejas na capital. A devoção à Nossa Senhora de Achiropita foi trazida pelos imigrantes calabreses logo no início do Século XX, juntamente com uma imagem de Nossa Senhora. Inicialmente, os devotos se reuniam na casa do italiano José Falcone para rezar novenas em honra da santa. Anos mais tarde, “os calabreses haviam decidido comprar um terreno para construir uma capela para Nossa Senhora e precisavam angariar

os recursos necessários. Deu-se início às quermesses de rua e à procissão de Nossa Senhora Achiropita. A imagem da santa percorria as ruas com fitas nas mãos e os fiéis colocavam sua contribuição, pregando cédulas de dinheiro com alfinetes”<sup>16</sup>.

Essa devoção católica dos italianos também se fazia muito presente no cotidiano da Família Ciasulli/Gesulli, que muito provavelmente participava das atividades comunitárias das paróquias dessas regiões. Em um retrato antigo vemos Felicheta – Felícia – a filha mais nova de Rocco e Consiglia, com um terço nas mãos, aos pés do ícone de um santo que, pelas vestimentas, aparenta ser da Ordem dos Franciscanos – até mesmo o próprio São Francisco de Assis. Já sobre o irmão de Felicheta, Antonio, relatos que foram transmitidos de geração para geração levavam a crer que ele teria se casado na Igreja de Nossa Senhora de Achiropita, porém, pesquisando mais profundamente descobrimos que seu casamento ocorreu em outra paróquia da região. Na época, a igreja de Achiropita sequer tinha sido construída.

### Felicheta Ciasulli.

15. Prefeitura de São Paulo. *Revista SP*. Secretaria de Comunicação, 2008.

16. In: <<http://www.achiroppita.org.br/a-paroquia/historia-da-paroquia/da-capelinha-a-igreja>>. Acesso em 12/04/2017.







Capa do Jornal L'Asino, 1901.

Essas festas religiosas realizadas pelos italianos eram muito populares e reuniam milhares de pessoas. Mesmo porque, a quantidade de italianos em São Paulo era tamanha no início do Século XX que, segundo diversos pesquisadores, ouvia-se falar mais italiano do que português nas ruas da cidade (ou melhor, ouvia-se falar

muito mais dialetos italianos do que o próprio português). Angelo Trento afirma em seu livro que: “Certo dia, o próprio governador do Estado confessou que, se no telhado de cada casa fosse desfraldada a bandeira do país de origem de seu proprietário, São Paulo, vista do alto, pareceria uma cidade italiana”<sup>17</sup>.

Na capital, a mão de obra italiana dissipou-se entre várias atividades – do comércio aos serviços públicos. Os que conseguiram se organizar mais rapidamente, se estabeleceram no comércio varejista. Em pouco mais de 10 anos, os italianos dominaram o setor na capital: em 1882, eram proprietários de 166 estabelecimentos; em 1894, 8.700 lojas foram abertas por italianos, chegando a um total de 14.000 estabelecimentos comerciais na cidade<sup>18</sup>.

No setor de serviços, os italianos também se destacaram, atuando como barbeiros, sapateiros, alfaiates, cocheiros, carregadores, pedreiros, marmoristas, marceneiros, entre outros. Em 1894, os 400 lixeiros de São Paulo eram quase todos italianos, assim como os membros do corpo de bombeiros. Por fim, Angelo Trento afirma que a “profissão italiana por excelência era a de vendedor de jornais, exercida principalmente por meninos”<sup>19</sup>.

Esse apreço italiano pela imprensa – seja na produção ou na distribuição – não se

17. Trento, 1989.  
18. Trento, 1989, p. 130.  
19. Trento, 1989, p. 131.

furtará a história dos Ciasulli/Gessulli no Brasil. Nos capítulos seguintes, veremos como esse ramo de atividade adentrou de forma definitiva na vida de alguns descendentes de Rocco Ciasulli, a partir das gerações nascidas aqui, seus netos e bisnetos. A família transformará toda uma vocação empreendedora para criar novos paradigmas na comunicação do agronegócio brasileiro.

Mas, voltando ao início do Século XX, encontramos toda uma rede de informação entre a comunidade italiana na cidade de



Página de esportes do Jornal Il Corriere, 1931.



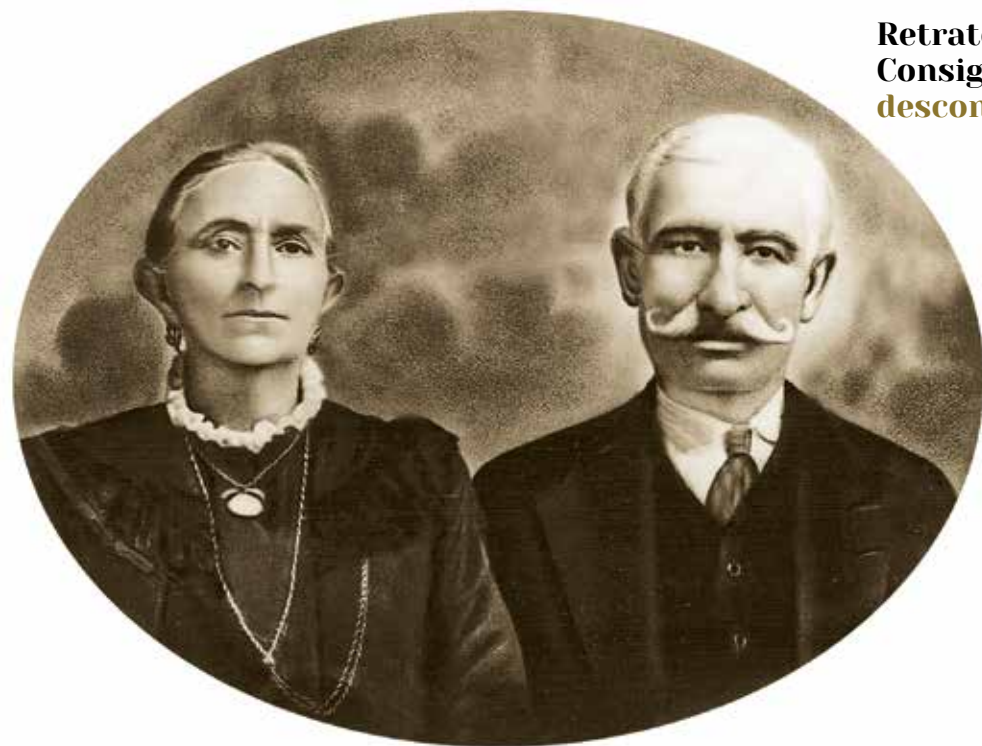
São Paulo. Escritos no idioma materno, muitos periódicos circulavam na cidade, entre o eles o jornal Fanfulla, que é publicado desde 1893. Esse foi o jornal mais lido pela família Ciasulli ao longo das gerações. Os netos de Antonio Ciasulli ainda se lembram do avô comentando suas notícias. Até 1965, esse jornal tinha edições diárias; depois tornou-se semanal.

Os jornais italianos traziam tanto as notícias da terra natal e do dia a dia político da Europa, como falavam sobre o cotidiano da vida dos imigrantes na cidade, exaltan-



Jornal L'Itália, 1896. Página de anúncios de italianos em S. Paulo.





**Retratos de Rocco Ciasulli e Consiglia Rubino. Data e local desconhecidos.**

do seus times de futebol e o progresso dos membros mais bem-sucedidos da comunidade que, cada vez mais, ganhavam prestígio na indústria e no comércio.

A maior parte das fortunas italianas feitas no Brasil ocorreu justamente nos primeiros anos da grande imigração, entre o final do Século XIX e início do Século XX. Nesse período, ganharam destaque figuras como Francesco Matarazzo, Egídio Pinotti Gamba, os irmãos Puglisi Carbone, Nico-

la Scarpa, Alessandro Siciliano e Rodolfo Crespi. Tamanha era a prosperidade desses italianos que, em 1900, foi criado o Banco Comercial Italiano, com 116 acionistas. Nos anos seguintes, outras instituições financeiras lideradas e/ou voltadas aos negócios italianos surgem em São Paulo, como o Banco Italiano do Brasil, Banco Francês e Italiano para a América do Sul – com doze agências no Brasil, duas na Argentina, duas no Chile e uma na Colômbia – e Banco Ítalo-Belga.

Diante de tantos compatriotas que haviam alcançado o ápice no mundo industrial, e, em menor medida, comercial e financeiro, a coletividade italiana no Brasil e os observadores vindos da península eram levados a corroborar a imagem estereotipada do pobre emigrante, que, tendo chegado com sua tralha nas costas, à força de sacrifícios, vontade, dedicação ao trabalho e ponderação, tornava-se milionário (TRENTO, 1989, p. 149).



**Rocco Ciasulli e família.**





**Felicheta Ciasulli (à esquerda) e com a família (à direita), data e local desconhecidos.**

Obviamente nem todos os italianos tiveram um destino milionário no Brasil. Mas, de fato, como era muito difícil ascender socialmente trabalhando como operário, muitos se arriscaram na vida empreendedora. No caso de Rocco Ciasulli, não se sabe ao certo qual foi seu destino profissional ao deixar a Hospedaria dos Imigrantes, contudo, a memória transmitida pelas gerações leva a crer que, em São Paulo, ele seguiu o mesmo ofício que já praticara na Itália: o de sapateiro. Os italianos eram muito habilidosos no trabalho com o couro, assim como expressavam um talento ímpar no *design* das peças – sempre elegantes e sofisticadas. Por isso, sobressaíram-se no ramo com muita facilidade.

Trabalhando com sapatos, Rocco teria vivido por mais de 20 anos em São Paulo, transmitindo técnica para pelo menos um de seus filhos, Antonio. Por meio das informações obtidas no registro de casamento de Antonio, acredita-se que toda a família tenha se estabelecido na região do Brás. Os retratos preservados ao longo do tempo levam a crer que eles mantinham uma vida confortável na cidade, pois aparecem sempre com vestimentas alinhadas e



bem-cuidadas. Há certa serenidade na feição e no olhar do Patriarca, que quase contrasta com seu bigode imponente e cheio de personalidade.

Sabe-se que Rocco e Consiglia permaneceram na cidade de São Paulo até o fim de suas vidas. Ambos faleceram na capital, por volta dos 65 anos de idade, e estão enterrados no Cemitério do Araçá. Seus quatro filhos também viveram na cidade até a morte, porém, parte dos descendentes de Maria, Felicheta e Generoso, em algum momento da primeira metade do Século XX, decidiram arriscar uma nova oportunidade de vida nos Estados Unidos. Somente os filhos de Antonio permaneceram no Brasil e deram continuidade ao legado da família no país. Por algum tempo, mantiveram-se os laços e algum contato entre os primos residentes no Brasil e nos Estados Unidos. Mas, com o passar dos anos e com a mudança de gerações, esse vínculo foi perdido.







**Antonio Ciasulli e Maria Sorrentino  
durante a juventude.**

## O Casamento de Antonio Gessulli e Maria Sorrentino



**Antonio Ciasulli  
durante a juventude.**

Antonio Ciasulli/Gessulli chegou ao Brasil adolescente, com apenas 13 anos de idade, juntamente com seus pais e irmãos. Estabelecido na região do Brás, ele viveu com sua família até casar-se com Maria Sorrentino, em 1905. Nesse período, os casamentos em São Paulo eram realizados, sobretudo, entre estrangeiros. De acordo com o jornalista Paulo Moreira Leite,

Em duas décadas do século XIX, a cidade de São Paulo dobrou de tamanho. Entre 1890 e 1940, cresceu mais ainda: passou de 64.000 pessoas para 1,3 milhão. Em 1904, em 70% dos casamentos registrados em São Paulo pelo menos um dos cônjuges era estrangeiro. Em 65%, os dois eram estrangeiros (LEITE, 2008)<sup>20</sup>.

20. Leite, P. M. *Os paulistanos*. In: Revista SP, 2008 (Prefeitura de São Paulo/Secretaria Executiva de Comunicação).







**Henrique Gessullo e Odimar Gessulli, à direita, netos de Antonio Ciasulli e Maria Sorrentino. Visita ao Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de São Paulo.**

Era exatamente na faixa dos 65% da estatística que estavam Antonio e Maria. Ambos nasceram na Itália e, filhos de italianos, eram imigrantes recém-chegados ao Brasil. Como vimos, os italianos mantinham uma comunicação intensa, com diversos jornais que circulavam na cidade e que traziam notícias diversas sobre o cotidiano da comunidade e sobre as condições de vida dos italianos que estavam estabelecidos no interior do Estado. A comunidade italiana era bastante organizada e conseguia manter parcerias, empregos e clientela, ajudando-se mutuamente – comerciantes, operários, prestadores de serviços. Era comum que empresas de proprietários italianos contratassem apenas italianos para trabalhar, ampliando a rede de contato.

Foi provavelmente assim que Antonio Ciasulli e Maria Sorrentino se conheceram, fazendo parte de uma mesma rede de amizade entre italianos. Ele era operário; ela, provavelmente apenas ajudava a família nos afazeres domésticos. Onde Antonio trabalhava antes de se casar, não é sabido por sua família, mas é bastante provável que ele exercesse alguma atividade no ramo dos sapatos juntamente com seu pai, ou, numa hipótese fora do ambiente familiar, que trabalhasse em alguma indústria ou companhia italiana.

Para os netos, Antonio era um homem gentilíssimo, sempre sorridente, simpático, amoroso. Apaixonou-se perdidamente por Maria Sorrentino e dedicou sua vida a ela e aos filhos. “Ele fazia tudo por ela, tudo o

que ela queria. Passava no açougue, comprava a carne, pesava e depois pedia para o balconista tirar todas as gordurinhas para levar para ela. Se a carne não estivesse do jeito que ela queria, ela fazia um escândalo. Ela era uma mulher baixinha e muito brava. Ele sempre fez tudo o que ela quis, sempre tratou minha avó com muita delicadeza, muito amor, muita dedicação<sup>21</sup>” – relata Osvaldo Penha Ciasulli, um de seus netos.

Os humores do casal são descritos sempre do mesmo modo por outros netos: Antonio sempre muito bondoso, amoroso, simpático; Maria, meio ranzinza, enérgica e uma cozinheira de mão cheia. Mesmo com essas diferenças de temperamento, todos descendentes são unânimes em relatar: “eles viviam bem, nunca os vimos brigar, cuidavam um do outro” – diz o neto Odimar Gessulli.

Antonio Ciasulli e Maria Sorrentino se casaram no civil em 30 de setembro de 1905, no Cartório de Registro Civil do 7º Distrito da Consolação, meses antes de realizarem o casamento religioso na Matriz do Brás, hoje chamada oficialmente de Matriz Paroquial do Bom Jesus, localizada na Av. Rangel Pestana. A cerimônia religiosa foi celebrada pelo Cônego Hygino de Campos, em 10 de fevereiro de 1906.

O relato completo do matrimônio está descrito no livro de registro da paróquia, arquivado no Acervo Histórico da Cúria Metropolitana. O texto manuscrito pelo próprio celebrante diz:

21. Entrevista com Osvaldo Penha Ciasulli, em 10 de março de 2017.





Bel. Aldegar Fiori  
ESCRIVÃO

Rua Maceió N.º 77 - Telefone: (011) 256-5506  
CONSOLAÇÃO - SP

CERTIDÃO DE CASAMENTO

Livro B 8 Folhas 126 Termo 186

CERTIFICO que, no dia trinta de setembro de mil novecentos e cinco, (30/09/1905), às 14 horas e 00 minutos, neste Subdistrito, Consolação, perante o MM. Juiz de Casamentos Tenente Coronel Quirino Avelino Pinto de Andrade, depois de habilitados legalmente, receberam-se em matrimônio, na forma da Lei;

ANTONIO CIAZULLI, de nacionalidade italiano, solteiro, operário, nascido em Itália, com 22 anos de idade, filho de Rocco Ciazulli e de Conziglia Rubino.  
MARIA SORRENTINO, de nacionalidade italiana, solteira, nascida em Itália, com 20 anos de idade, filha de Antonio Sorrentino e de Anna Fico.  
Casamento feito no regime de nada declararam quanto ao regime de bens.

A contraente passou a assinar: .

São Paulo - Consolação, 03 de janeiro de 1996.

FLORINDA PROCOPIO  
escrevente designada

Certidão R\$ 8.65  
P. Dados R\$ 0.00  
R. Firma R\$ 0.75  
Total R\$ 9.40  
guia nº 002/96  
Digitado por: Florinda

Reconheço a firma supra de  
FLORINDA PROCOPIO e dou fé.  
São Paulo, 03 de janeiro de 1996.

Em testemunho, *Aheilar* da verdade.

MERCILIA DE FREITAS FELIPE  
Oficial Substituta

Aos dez de fevereiro de mil novecentos e seis na Matriz do Braz, em minha presença e das testemunhas Antonio Ledgero da Silva Castro e Assunta Sorrentino se receberam em matrimônio Antonio Gessuli e Maria Sorrentino; elle, com vinte e dois anos de idade, filho de Roque Gesulli e Consilia Rubino; ella, com vinte anos de idade, filha de Francisco Antonio Sorrentino, falecido, e Anna Fico. Ambos italianos e moradores, elle nesta Parochia e ella na Parochia da Consolação. Pelo vigário, Cônego Hygino de Campos, por comissão.

Aqui temos uma afirmação sobre onde residiam as famílias. Os Ciasulli/Gessulli moravam no Brás, enquanto os Sorrentino, na Consolação. As testemunhas do casamento não são pessoas que mantiveram laços com as gerações futuras da família, mas acredita-se que sejam amigos ou até mesmo parentes do casal, especialmente no caso de Assunta Sorrentino.

Tanto Antonio quanto Maria casaram-se muito jovens, no início dos 20 anos. Uma idade comum para a época e até mesmo tarde diante de grande parte dos enlaces que ocorriam no período. No texto, vê-se que a grafia do nome de Rocco Ciasulli, além da alteração já ocorrida no sobrenome, ganha aqui uma forma ainda mais "aportuguesada": Roque Gesulli. O nome de Consiglia também aparece escrito de forma simplificada, apenas "Consilia". Pela descrição do texto, sabemos que o pai de Maria Sorrentino já era falecido, o que nos leva a crer que ela vivia apenas com a mãe e os irmãos.

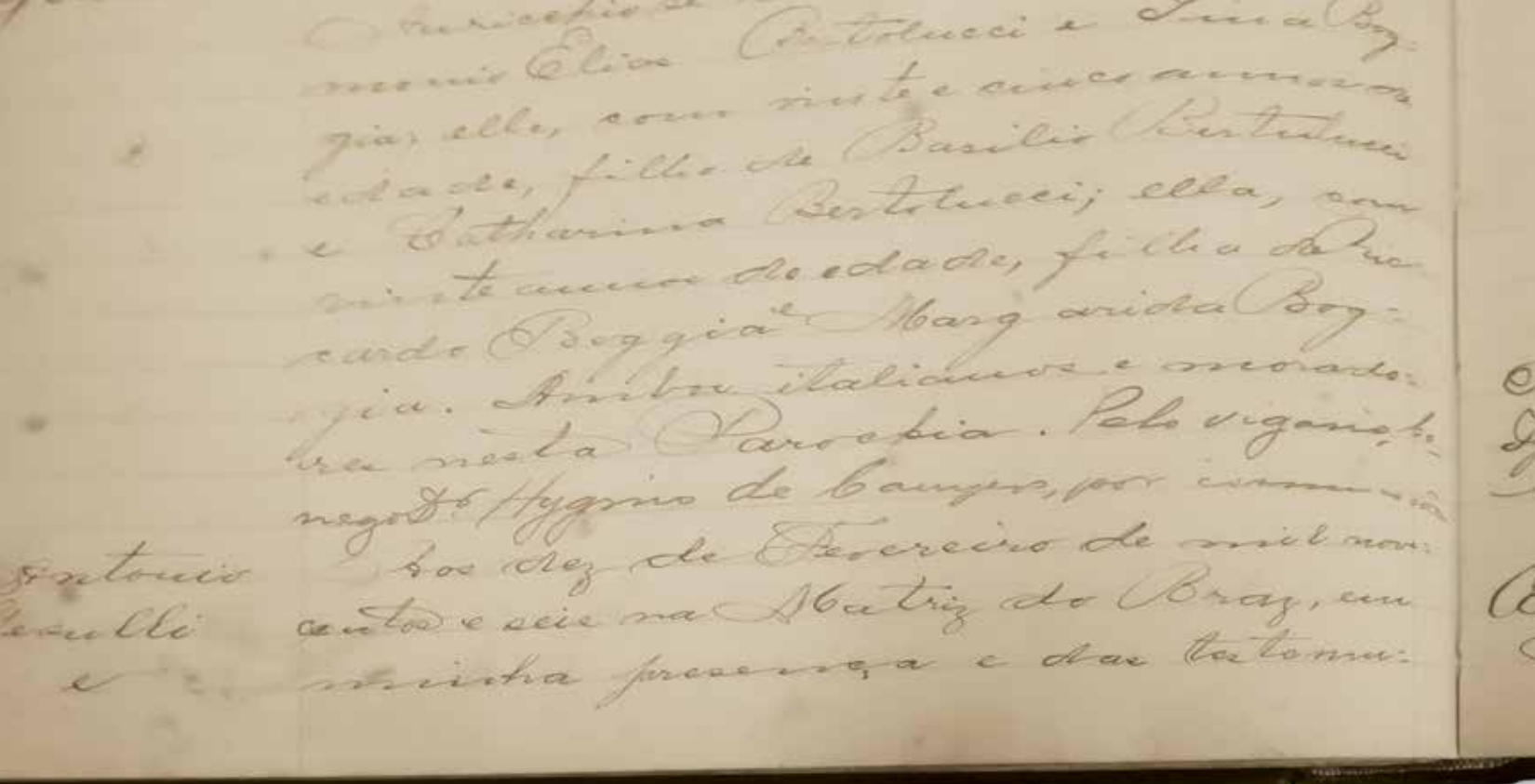
**Certidão de Casamento de Antonio Ciasulli, setembro de 1905.**

A descoberta do registro no Acervo da Cúria Metropolitana de São Paulo foi feita em uma visita conjunta da autora deste livro e de dois netos de Antonio e Maria, Odimar e Henrique. Os três iniciaram a pesquisa partindo do ano do casamento civil, 1905, verificando os livros de registros disponíveis em toda a Região Episcopal da Sé, que abrangia todo o centro de São Paulo na época. Folheando as páginas, Henrique encontrou os nomes dos avós no livro da região do Brás. Consultando os registros, soubemos que apenas esta inscrição fora guardada. O processo de casamento, que geralmente também fica arquivado pela igreja, foi perdido ao longo dos anos.

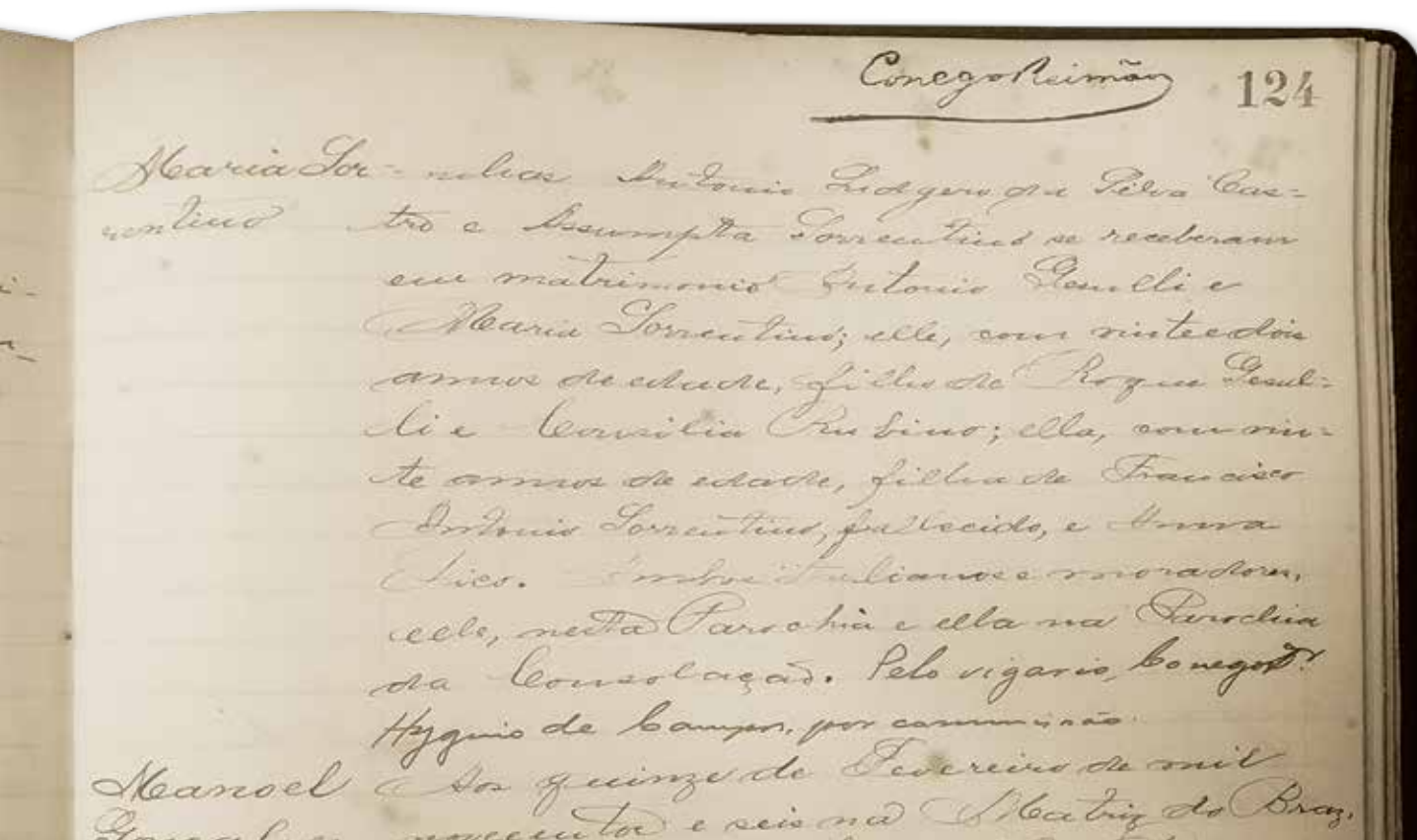
Depois de casados, Antonio e Maria permaneceram pouco mais de 7 anos na capital, onde nasceu apenas o primeiro filho do casal, Rocco Gessulli, em 1912, no distrito da Liberdade. Por uma homenagem, o bebê recebeu o nome do avô paterno. Após o nascimento de Rocco, Antonio decide se mudar para o município de Ribeirão Preto, no interior do Estado de São Paulo. Junto com sua família, ele leva também alguns cunhados, irmãos de Maria Sorrentino, que, nesse período, começam a trabalhar junto com Antonio na confecção de sapatos.







Texto em detalhe. Livro de registro de casamentos. Paróquia do Senhor Bom Jesus, Brás, Casamento de Antonio Gesulli e Maria Sorrentino, 10/02/1906.



## Aventura em Ribeirão Preto e a Crise de 1929

**G**Em Ribeirão Preto, Antonio Ciasulli/Gessulli inaugurou uma loja de calçados femininos sob encomenda, onde eram desenhados e confeccionados sapatos, botas e sandálias altamente sofisticados para as senhoras da cidade. No período em que viveram em Ribeirão Preto, Antonio e Maria conceberam mais quatro filhos: Dante Gessulli, Romeu Gessulli, Mário Gessullo e Oswaldo Gessulli.

Como vimos, os erros de grafia ocorridos no cartório alterou o sobrenome de um dos filhos do casal. Mário foi registrado como Gessullo e passou a vida toda assinando seu sobrenome desse modo. Mais tarde, seus filhos também receberam o sobrenome Gessullo, acarretando em mais uma variação no sobrenome dos descendentes da família.

No início do Século XX, Ribeirão Preto se desenvolvia com grande progresso e riqueza. A cidade foi uma das primeiras a extinguir a escravidão no país, antes mesmo da assinatura de Lei Áurea<sup>22</sup> e, em razão disso, recebeu uma quantidade significativa de estrangeiros, que acabaram por substituir a mão de obra escrava na cidade e no campo. A população quintuplicou em menos de duas décadas, saindo de 10.420 habitantes em 1874 para 59.195, em 1900. Desse total, estima-se que, em 1902, 62% da população era de origem estrangeira, sendo 83,7% de italianos, 7,9% de portugueses, 5,1% de espanhóis e 1,7% de austríacos<sup>23</sup>.

Estudiosos acreditam que essa quantidade de imigrantes contribuiu decisivamente para o desenvolvimento de Ribeirão.

22. Em 03 de agosto 1887, os vereadores da Câmara Municipal de Ribeirão Preto aprovaram, de forma unânime, o fim do regime escravocrata na cidade, libertando todos os escravos.

23. Santos, J. R. *Imigração e Ascensão Social em Ribeirão Preto entre o final do século XIX e meados do XX*. Unesp, Franca, 2006.







**Antonio Gesulli, Maria Sorrentino e seus quatro primeiros filhos: Rocco, Dante, Romeu e Mário (o bebê ao lado da mãe). Nessa época, a família tinha uma boa vida financeira que foi completamente impactada pela crise de 1929.**

Como vinham de centros urbanos na Europa, esses estrangeiros tinham uma mentalidade empreendedora e criaram uma série de indústrias e estabelecimentos comerciais no município, alterando significativamente a vida na cidade, que antes movimentava-se apenas em torno das atividades agrícolas.

No ano de 1908, os japoneses também se estabeleceram em Ribeirão Preto. A cidade foi a primeira a receber famílias dessa nacionalidade e, por isso, é considerada o “berço da imigração japonesa” no Brasil. Nas décadas seguintes, imigrantes árabes, sírios e libaneses também chegaram ao município.

Quando a família de Antonio Gessulli se estabeleceu na cidade, Ribeirão já contava com uma série de indústrias, dentre elas a Companhia Cervejaria Paulista, que abrigou a sede da Companhia Antártica Paulista. A cidade passou a ser conhecida como a “Capital do Chope” e uma de suas principais choperias, a Choperia Pinguim, tornou-se nacionalmente conhecida.





Com a economia aquecida pelo auge do café e início da industrialização, Antonio Gessulli teve grande êxito em sua aposta de deixar a capital do Estado para se aventurar no interior. A cidade tinha um forte mercado consumidor, com recursos que vinham tanto das safras de grãos produzidos – especialmente do café – quanto das indústrias recém-instaladas. A família prosperou muitíssimo. Antonio importou carros – modelos italianos da marca FIAT – e viveu de forma bastante confortável com sua esposa e filhos por alguns anos.

Segundo seu neto Osvaldo Penha Ciasulli, esse foi um período de grande abundância da família. Ele se lembra de ouvir seu pai contar que o avô vivia de forma tão abastada que ostentava riqueza usando relógios de prata, ternos caros e, sobretudo, desfilando em seus carros importados. Uma sobrinha de Antonio, por parte da família de Maria Sorrentino, Geni – hoje com 92 anos – relata que nos carnavais a família desfilava nos carros conversíveis pelas ruas da cidade.

A paixão pelo automóvel era algo latente para Antonio. Seus netos se lembram de ver uma fotografia na casa do avô em que ele e os filhos aparecem sobre os carros, com espingardas e animais abatidos em caças. Todos exaltando as conquistas nesse novo país que os acolhera.

No final dos anos 1920, porém, uma crise econômica mundial, iniciada com

o fim da Primeira Guerra Mundial, atinge drasticamente muitos países. Com altas taxas de desemprego, retração da indústria e grande queda no comércio de produtos, as ações das bolsas de valores entraram em colapso. Nos Estados Unidos, a chamada Grande Depressão teve seu principal marco em 24 de outubro de 1929, quando as ações da bolsa de valores de Nova York despencaram, fazendo com que milhares de acionistas perdessem milhões de dólares do dia pra noite.

Essa crise atingiu fortemente o Brasil. Os Estados Unidos eram o maior comprador do nosso café que, na época, era o principal produto de exportação da balança comercial brasileira. Em 1929, o Brasil exportou US\$ 445 milhões de dólares em café. No ano seguinte, o volume caiu para US\$ 180 milhões. A saca do café que estava cotada em 200 mil réis, caiu para 21 mil réis. E esses números evidenciam bem o quão drástica foi a crise para o país.

Além dos Estados Unidos, o Brasil possuía outros parceiros comerciais, sendo o principal fornecedor de café para 60% do mercado internacional. Com a queda do valor comercial, o café não podia ser mais exportado. A solução encontrada pelo governo foi comprar e acumular um grande estoque nos armazéns de Santos. Pouco tempo depois, para elevar os preços, o Governo do então presidente Getúlio Vargas determinou a queima de todas as sacas de café armazenadas.



**Antonio Ciasulli/Gessulli.**





Em junho de 1931, uma nuvem de fumaça gigantesca, que vinha de uma enorme fogueira, pairava sobre cidade de Santos, no Litoral de São Paulo, por onde escoava boa parte das exportações do café brasileiro. Acesa durante as festas juninas, a fogueira duraria até o fim do ano. (...) Enquanto o fogo durou, consumiu milhões de sacas. O aroma do café torrado era tão forte que ultrapassava as fronteiras municipais. Era contido apenas pelas encostas da Serra do Mar, que se estende pela costa paulista (FUCS, 2009)<sup>24</sup>.

Essa sequência de acontecimentos foi responsável por uma quebra da cafeicultura em todo o país, incluindo Ribeirão Preto. Isso fez com que muitos latifundiários perdessem suas fortunas – em partes ou no todo. A cidade demorou muitos anos para se recuperar dessa crise, que também atingiu Antonio Gessulli de forma irreversível. Ele, que era um empreendedor, decidiu ir à Ribeirão e viu, por alguns anos, o sucesso de sua decisão num momento de boas oportunidades. O negócio com os calçados femininos atingiu seu ápice e a família vivia com extrema fartura.

Com a crise de 1929, ele literalmente perdeu tudo. Com o café queimado por decisão do governo brasileiro, a alta sociedade ribeirã-pretense viu seu poder aquisitivo simplesmente minguar. A cidade inteira praticamente faliu. Sem dinheiro, as famílias pararam de consumir bens não duráveis e o setor comercial da cidade entrou

em profundo declínio, incluindo a loja de calçados de Antonio Gessulli, que viu seu faturamento despencar.

Sem alternativa para recompor a renda, a família retorna a São Paulo. Tanto o casal como os filhos foram extremamente afetados por esse episódio. Em virtude dessa oscilação econômica, apenas o filho mais velho de Antonio, Rocco, conseguiu estudar, formando-se contador. Ele viveu o auge da vida econômica do pai, enquanto os filhos mais novos sofreram com a falência e a falta de oportunidade de oportunidade para estudar. Todo esse período da queda econômica jamais sairia da mente de Antonio. Ainda na velhice ele contava aos netos sobre a crise e sobre a grande fogueira da queima do café. Antonio jamais se recuperou financeiramente. Os anos na capital foram marcados por vida modesta, mas rodeada pelos filhos e netos.

24. FUCS, José. *A crise de 1929 e o Brasil*. In: Revista Época, janeiro de 2009.

## Retorno à Capital



Antonio Gessulli volta com sua família para São Paulo sem grandes recursos no início dos anos 1930. O fato de falir financeiramente fez com que ele perdesse todo o estímulo pessoal, matando em si o espírito empreendedor que o fez prosperar em Ribeirão Preto. Mesmo mantendo as ferramentas em sua casa, ele abandonou o ofício de artesão de sapatos para trabalhar como empregado. Na capital, ele, assim como outros italianos, resolveu procurar uma empresa italiana para trabalhar e encontrou uma vaga de vendedor na empresa de bebidas Martini do Brasil – atualmente Bacardi Martini do Brasil.

Além de Antonio, todos os filhos tiveram que trabalhar para sustentar a casa e para se sustentar. Rocco, o filho mais velho, tendo formação, foi o que mais rapidamente conseguiu se estabelecer trabalhando em um banco. Os demais tornaram-se barbeiro, mecanógrafo, comerciário e o mais novo, Oswaldo Gessulli, começou a vida profissional vendendo jornais a pé pelas ruas do centro da cidade.

Mesmo sem dinheiro, Antonio não abandonou o estilo. Saía todos os dias para traba-

lhar pela Martini vestido de terno e gravata, portando uma mala de couro nas mãos. Para vender toda a linha de bebidas da empresa, Antonio visitava bares, restaurantes e padarias oferecendo os produtos. Sua praça de vendas era a região do Cambuci, Bixiga e Aclimação. Seu neto Osvaldo relata: “ele pegava o ônibus elétrico ou bonde lá no Cambuci. Se dirigia à Martini e levava o pedido um vez por semana. E com esse empreguinho, porque com certeza ele não ganhava muito, ele viveu até morrer”.

O irmão de Osvaldo, Odimar Gessulli, ressalta ainda: “meu avô era um cara fantástico, sempre de terno e gravata, sempre bem-arrumado, alto e muito amável com todos os netos”. Odimar e seu primo Henrique Gessullo lembram-se que mesmo nos tempos mais difíceis da vida, para agradar os netos, Antonio sempre trazia e dava alguns presentinhos: anéis e bijuterias para as meninas; algumas notas de dinheiro para os meninos. Embora fosse pouco, a criança ficava eufórica: “ele sempre dava um dinheirinho pra gente, pra comprar bala. Eu lembro das mesadinhas que ele dava”, recorda Henrique ainda alegre com o presente que ganhava.





## Bilhete de Antonio Gessulli para neta Sandra:

**“Lembrança da minha querida netinha Sandra.  
Do seu querido vovô – Antonio Gessulli.  
São Paulo, 10 de maio de 1953”.**

88

Sandra, uma de suas netas, filha de Rocco Gessulli, mantém guardado com grande carinho um bilhete de felicitações que o avô lhe dera. Esse jeito amoroso que ele tinha com as netas também é lembrado por Rosana Gessulli, filha de Romeu: “lembro do meu avô na varanda. Ele vivia me dando chocolate. Quando chegava a páscoa, ele dava um ovo bem grande. Acho que por isso sou chocólatra até hoje”, ri da recordação.

Certa vez, Antonio presenteou Sandra com uma caneta tinteiro: “naquela época era um belo presente, poucas pessoas tinham. Ele fez a seguinte recomendação: feche bem, pois se cair a pena quebrará. Obedeci, porém como tinha fechado com muita força, quando abri a pena se partiu e ficou em forma de V, chorei muito e nunca contei para ele” – relembra Sandra.

Entre memórias boas e difíceis, todos se recordam dos hábitos e tradições que os avós mantinham em São Paulo. Aos domingos a

família se reunia na casa alugada em que Antonio e Maria viviam na Rua Muniz de Souza, no bairro da Aclimação. Nessa época, com os filhos já casados, era comum que o casal recebesse a família para o tradicional almoço de domingo.

Todos os netos têm na memória desses almoços um dos momentos mais significantes da vida familiar, que, de certo modo, os vinculam de forma definitiva à ascendência italiana, resgatando suas tradições e lembranças afetivas. Aos domingos, a avó Maria preparava sua grande especialidade, o famoso Richitelli – um tipo de massa típica do sul da Itália, da região da Puglia, de onde vieram os Ciasulli (em outras regiões da Itália esse mesmo macarrão pode ser chamado de Orecchiette).

Ela preparava a massa fresca e moldava o macarrão com a ponta dos dedos, um a um. Era um trabalho artesanal tão delicado que impressionava os pequeninos netos, tanto pela forma arredondada que Maria

dava à massa quanto pela agilidade com que ela executava os movimentos, transformando uma simples mistura de farinha e ovos, no grande almoço que toda a família teria: “eu me lembro muito dela e hoje conto para os meus filhos. A gente lembra, eu, o Odimar, o Osvaldinho: o almoço do Richitelle. Minha vó fazia esse macarrão e toda nossa infância, nossa juventude, foi comendo o Richitelle de domingo dela”, relembra Henrique Gessullo.

Por ter esse preparo manual, é bastante raro se encontrar o Richitelle fresco para comer em São Paulo, seja nos empórios ou nos restaurantes. O Richitelle é realmente um macarrão das “mamas” e das “nonas” e, com o passar do tempo, as novas gerações, interessadas em práticas de preparo mais rápido, têm deixado de lado esse aprendizado e o Richitelle tem morrido entre as famílias. Nem todos os Ciasulli/Gessulli sabem preparar essa massa da “nona”. Paulo Gessullo, filho de Mário Gessullo, é um dos que relata cozinhar esse macarrão; já seu

primo Odimar diz: “já tentei fazer e não consigo. Eu e a Elaine já tentamos, lemos a respeito de como a massa tem que ser feita, mas não chegamos ao Richitelle”.

Essa saudade do Richitelle marca talvez o modo mais particular que a avó tinha de demonstrar carinho pela família. Maria era brava, ranzinza, mas tinha esse grande prazer de servir seu macarrão a todos. Por isso, seus netos são categóricos em afirmar que não adianta comprar a massa pronta. O Richitelle industrializado perde totalmente a textura e o paladar fica diferente.

Nos almoços, com o macarrão sendo moldado pela avó – que fazia questão de prepará-lo, assim como o molho – as noras ficavam responsáveis pelas carnes. Tudo era feito em um fogão de lenha, às vezes num pequeno fogão de carvão. Não havia gás, nem querosene, conforme relata Osvaldo Penha Ciasulli. Todos se sentavam à mesa num típico hábito italiano, em que o avô comandava a refeição.

89







**Da esquerda para a direita:  
Oswaldo, Ana Maria, Odimar,  
Mario Emanuel.**



**Maria Sorrentino e o neto  
Henrique Gessullo.**



**Maria Sorrentino  
e os netos.**

Após o almoço, as crianças continuavam a brincar, as mulheres se revezavam nas tarefas de organização da cozinha e os homens se reuniam na sala para jogar baralho, discutir o campeonato de futebol e fumar: “eu gostava do almoço, mas depois do almoço eu não gostava porque eles ligavam o rádio no futebol, ficavam discutindo, fumando e jogando baralho. Eu achava isso horrível porque eu nem conseguia entrar na sala de tanta fumaça. Todos eles dando risada, discutindo o jogo do Palmeiras, se ganhou do Corinthians, se não ganhou”, relembra o neto Oswaldo.

Nos tempos de maior dificuldade financeira, Antonio e Maria sequer tinham condições para realizar o almoço de domingo adequadamente. Oswaldo ainda se recorda que “faltava carne, porque um bom macarrão tinha que ter carne e minha avó vivia numa economia brutal, lá no fogãozinho de lenha. Ela pegava uma ratoeira, colocava um pedacinho de pão para pegar pardal, para deparar e pôr no macarrão, que era a única carne que ela tinha. Isso foi marcante na minha vida”. E Oswaldo complementa: “eles viveram até os seus últimos dias numa miséria, porque era realmente uma miséria”.

Outros netos de Antonio e Maria também se lembram das privações que os avós passavam, sem ter casa própria, sempre morando de aluguel ou dependendo financeiramente da ajuda dos filhos. Segundo Odimar, quando os filhos passaram a ter uma vida econômica mais estável, a ajuda ao casal era constante. Ele se lembra de seu pai Oswaldo e de seu

tio Mário Gessullo organizando viagens de férias para os avós. Eles compravam as passagens, reservavam os hotéis e os dois viajavam sozinhos, geralmente pelo Circuito das Águas de São Paulo, em cidades como Serra Negra, Águas de Lindóia, Amparo, que na época atraíam inúmeros turistas por conta de suas fontes de águas termais.

Quando ficaram mais idosos, Antonio e Maria passaram a morar com os filhos. Nos últimos anos de vida, viviam na casa de Mário e sua esposa Genir Beck – uma descendente de alemães, que era presbiteriana. Esse conflito de religião, embora dividisse o rito dominical da família, nunca afetou o relacionamento da Genir com a sogra Maria Sorrentino, que era uma católica praticante. Elas conviviam bem, viajavam juntas para a praia com os maridos e as crianças, e passavam temporadas na Colônia de Férias do Sindicato dos Comerciantes, do qual Mário fora diretor e presidente.

A devoção de Maria Sorrentino era muito forte e conhecida por todos na família. Por alguns anos, seu filho Oswaldo morou em Santos com a família – a esposa e os filhos Oswaldo, Odimar, Osmeire e Sueli. No litoral, Odimar estudava numa escola que já preparava as crianças para o sacramento da Eucaristia. Então, ainda em Santos, ele fez sua Primeira Comunhão. Quando Oswaldo voltou para São Paulo com a família, Maria perguntou sobre a Primeira Comunhão de Odimar, ficou brava com o filho Oswaldo dizendo que o menino deveria ir à igreja, à catequese e, claro, fazer a Primeira Comunhão e que ela deveria participar desse momento da vida do neto.







**Genir Beck e Maria Sorrentino.**

Oswaldo, para não contrariar a mãe, levou Odimar para fazer a Primeira Comunhão novamente: “eu sei que eu vim fazer primeira comunhão aqui em São Paulo porque a minha avó insistiu que eu fizesse. Mas eu já tinha feito a primeira comunhão em Santos pelo colégio da época. Minha vó deu uma bronca no meu pai, aí meu pai mentiu: *não, ele não fez primeira comunhão, é mentira dele, ele não sabe o que ele fez.* Então minha avó disse: *ele vai fazer a primeira comunhão, porque eu já marquei aqui na igreja*”.

É importante lembrar que nessa época era muito comum que as famílias católicas registrarem em fotografias os momentos religiosos, incluindo a primeira comunhão, imprimindo fotos e entregando de presente aos parentes mais próximos, como os avós. Também os batizados, casamentos e bodas eram muito tradicionais e simbolizavam momentos importantes das famílias. No caso dos Ciasulli, temos diversos exemplos de fotos de casamento e bodas dos filhos de Antonio Ciasulli/Gessulli e Maria Sorrentino, assim como fotos de batizados e recordações da Primeira Comunhão de Osvaldo Penha Ciasulli, filho de Oswaldo Gessulli, e de Edison Gessulli, filho de Dante Gessulli.

Outro momento curioso de Maria Sorrentino envolve o nascimento de sua neta Rosana, filha de Romeu Gessulli. Como vimos, Maria teve apenas filhos homens e a maior parte de seus netos também era de homens. Seu filho Romeu já tinha três meninos quando a esposa Cordélia engravidou pela quarta vez. Na época, sem exames de ultrassonografia, era preciso esperar até o nascimento para saber se o bebê era menino ou menina.

Maria estava ansiosa, queria uma netinha, por isso ficou entusiasmada quando soube que havia nascido uma menina. Ela dirigiu-se para a casa de Romeu para esperar a chegada da nora e da neta. Quando o bebê finalmente adentrou à casa, Maria Sorrentino o pegou nos braços e, experiente como era, disse: – Mas é um menino! Todos a sua volta ficaram surpresos e retrucaram: – Não, é uma menina! Rapidamente, então, ela despiu a criança e ao ver o bebê nu exclamou ainda mais brava: – Olha aqui! Estou dizendo: é um menino!



**Batizado de Osvaldo Penha Ciasulli, 08/09/1943.**





**Primeira Comunhão de Edison Gessulli e Osvaldo Penha Ciasulli (abaixo).**

Com filhos e netos nascidos no país, a família Ciasulli se enraizou definitivamente no Brasil. E, de certa forma, essas novas gerações, mesmo sabendo de suas origens italianas, acabavam por se identificar apenas como brasileiros. Nesse sentido, é importante lembrar que durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil lutou ao lado dos



Ao ver que de fato o bebê se tratava de um menino os pais ficaram perplexos: a criança havia sido trocada na maternidade! Mais do que depressa, eles pegaram o bebê e voltaram ao hospital. Chegando lá, outra família reclamava que estava com uma menina em vez do menino que havia nascido. As famílias destroçaram as crianças e Romeu voltou para casa com sua filha caçula – a garotinha Gessulli que Maria Sorrentino esperava.

**Rosana Gessulli e seus irmãos, Rubens e Reinaldo.**

Aliados – aliança liderada pela Inglaterra, França e Estados Unidos – contra os países do Eixo – Alemanha, Itália, Hungria, Japão, entre outros. O governo brasileiro adotou medidas extremas com os estrangeiros que viviam no país nesta época. Falar italiano, japonês e alemão foi proibido, por isso todos os que não sabiam falar ou escrever em português, acabaram por silenciar-se.

Em alguns casos, bens foram confiscados, a locomoção dos estrangeiros dentro do país se tornou extremamente restrita – tanto para os italianos, quanto para os alemães e japoneses – e muitas pessoas foram detidas em presídios e colônias penais agrícolas, como destaca Estevão Martins, professor de história da Universidade de Brasília:

O Brasil fez alguns gestos simbólicos que eram típicos do que os americanos também vieram a fazer depois, sobretudo, com as colônias de descendentes de japoneses no Havaí e na costa oeste dos Estados Unidos, que foi confinar os descendentes, ou os imigrantes recentes e seus descendentes como se fossem agentes do inimigo. É uma reação um pouco normal em época de guerra, embora seja bruta, deseducada e grosseira, porque muita gente não tem culpa de nada disso, não estava nem pensando nisso, estava só saindo da miséria seja como italiano, alemão ou japonês. Mas aconteceu<sup>25</sup>.

25. In: Câmara dos Deputados. Segunda Guerra Mundial: as restrições enfrentadas por estrangeiros que viviam no Brasil. Reportagem de Daniele Lessa. 09/11/2011.





Isso explica porque muitos descendentes de italianos, japoneses e alemães que vivem no Brasil pouco sabem sobre a cultura ou o idioma materno. Para proteger as famílias, todos abandonaram suas línguas maternas e incentivavam os filhos a aprender apenas o português e se identificarem apenas como brasileiros. Foi nesse período que o Palestra Itália se tornou Palmeiras. Até mesmo o hino do clube foi alterado retirando qualquer menção ao país europeu.

No caso da Família Ciasulli, esse comportamento também foi construído com as gerações seguintes: “nós não éramos uma família italiana tão tradicionalista. Com o problema da Guerra, Mussolini e tudo mais, as famílias tinham até vergonha de falar que eram imigrantes desse ou daquele país. Não tinha muita paixão pela Itália, nós éramos brasileiros, brasileiros e pronto” – diz Odimar Gessulli.

Maria Sorrentino era a única da família a manter o idioma italiano na conversação diária. Antonio, que trabalhava e tinha uma vida social mais ativa na cidade falava e escrevia bem em português. Nenhum dos descendentes aprendeu o italiano na família e, talvez por isso, o maior vínculo que os netos relatam ter com a tradição italiana seja a comida, as massas, os modos à mesa. Os filhos de Antonio e Maria também mantiveram o hábito de reunir suas famílias para os almoços de domingo, deixando esse legado para as gerações seguintes.

Oswaldo diz se lembrar nitidamente de um outro hábito do avô: o jogo do bicho. Ele jogava diariamente, trocava sugestões

de aposta com o filho Oswaldo e ficou bravo quando Oswaldo, o neto, lhe contou que tinha jogado e ganhado: “eu encontrava meu avô todos os dias e a gente tinha uma amizade imensa, trocávamos ideia e eu fiquei um grande parceiro dele. Ele fazia o joguinho do bicho, que é uma coisa histórica para o italiano, todo dia jogar no bicho na porta do jornaleiro. Uma vez eu ganhei. Joguei o final da minha identidade e deu certo. Ele e meu pai ficaram bravos comigo, não queriam que eu jogasse, nem sabiam que eu jogava. Quando eu ganhei eles ficaram bravos e disseram: *porque não veio discutir seu palpite com a gente!* Tenho lembranças dessas fases de relacionamento com meu avô, fantásticas, até os últimos dias de ele falecer”.

Os últimos anos de vida de Maria Sorrentino e Antonio Gessulli foram marcados exatamente por esse intenso convívio familiar. Eles viviam para estar com os filhos e netos: “minha irmã Ana Maria fazia aniversário em junho, nas festas juninas, então, aproveitava o aniversário dela e a família se reunia, soltava balões, fazia a festa e tudo. O meu avô participava, todos participavam”, recorda Henrique Gessullo.

Maria faleceu primeiro, deixando sozinho o apaixonado Antonio Ciasulli/Gessulli. Mesmo sofrendo por essa grande perda, ele mantinha a serenidade e a simpatia com os netos. Antonio faleceu em 24 de maio de 1960, aos 77 anos, na casa de seu filho Mário Gessullo, com a nora e os netos. Oswaldo se lembra de chegar na casa do tio e ver boa parte dos objetos e fotos do avô separados após sua morte. Muito do material iconográfico que ilustra este livro,

### Antonio Ciasulli e Maria Sorrentino nas Bodas de Ouro



fotos e documentos, pertenciam a Antonio. Tudo o que foi guardado por Oswaldo, mantendo viva, de certo modo, a história dos Ciasulli, agora ganha forma neste livro.

Em 2015, Odimar Gessulli mandou refazer o túmulo da família. Afinal, não

há história que não honre seus antepassados. No caso dos Ciasulli foram tantas idas e vindas, tantas travessias, altos, baixos e mudanças que, justamente por isso, Odimar registrou na lápide as três grafias que compõem o nome da família: Ciasulli, Gessulli e Gessullo.







Gessulli Gessullo Ciasulli Ge  
 sulli Gessullo Ciasulli Gessu  
 Gessullo Ciasulli Gessulli Ge  
 sullo Ciasulli Gessulli Gessu  
 lo Ciasulli Gessulli Gessullo  
 Ciasulli Gessullo Gessullo C  
 sulli Gessulli Gessullo Ciasu  
 li Gessullo Gessullo Ciasu

**Ítalo-Brasileiros:  
 Descendentes Paulistas**



Os filhos de Antonio Ciasulli/Gessulli e Maria Sorrentino são os primeiros membros da família a nascerem no Brasil, mais precisamente no Estado de São Paulo. Esses primeiros ítalo-brasileiros continuaram a história e o legado de seus antepassados de diferentes formas, porém mantendo algumas tradições que revelam ainda hoje o sangue italiano nas veias de seus descendentes.



# CHÁCARAS E QUINTAIS

Diretor-Fundador: Conde Amadeu A. Barbiellini (1910-1955)

Superintendente: Viuva CONDE AMADEU A. BARBIELLINI

Diretôres:

Eng.º Agr.º J. Seabra Inglez de Sousa — Georgina Barbiellini de Siqueira

Enderêço para correspondência: Caixa Postal 8034

Gerência e Livraria Agrícola: Rua Tabatinguera, 122-124 - (Tel. 32-5630)

SÃO PAULO

## SUMÁRIO

São Paulo, 5 de novembro de 1960

Nossa Capa .....	740	Fibra M&A .....	790
A propósito do cinquentenário de Cha- quita — Gentilezas Paraguaias .....	741	Ainda produção de leite em Santa Catarina, Il. pelo Dr. Ivo Maes .....	801
Correspondência, il. ....	742	Novo e melhor sistema de apalpar adubos, il. ....	808
Através da BR-29 segue para Rondônia a Expedição Ford, il. O. Gessulli .....	770	Pró-Heril Verese Florido — Mameia já Rosa — Eng.º J. Seabra Inglez de Sousa — do sarraceno .....	801
Você conhece o Brasil? — O curso médio do Rio Paraguai, pelo Cel. Fragozo .....	777	S. J. Sorrentino — Eng.º J. Seabra Inglez de Sousa — Agr.º Reinaldo Forster .....	801
Eliminação de amoreiras, pelo Eng.º Agr.º Reinaldo Forster .....	774	Novos métodos de irrigação — Condições para ser sempre jovem pelo Sr. Cam- argo .....	808
Conversa de vizinhos, Perigo à vista Terras em Mato Grosso e Goiás, pelo Dr. Joaquim Mourão de S. P. Pinto .....	776	Quanto ao cultivo de cenouras em sua terra, pelo Sr. Luiz Gonzaga de S. Paulo .....	808
O pescado no polígono das Sêcas, pelo Eng.º Agr.º Biologista R. Lopes de Menezes .....	778	Mel — Elementos para a produção das meladas, pelo Eng.º agr.º Roberto Cav- alari .....	812
Cultivo de trigo em Mato Grosso, pelo Dr. Rubens Malta Campos .....	780	Preparo do composto, pelo Prof. Edmar José Kiehl .....	814
A lavoura do trigo em Mato Grosso — Comunicado da Inspeção Regional do Serviço de Expansão do Trigo em Mato Grosso .....	780	Doenças do Tomateiro — Mela — "Damping-Off" — Cancro bacteriano do Tomateiro .....	814
Fabricação de Vinagre, pelo Eng.º Agr.º Amaury H. da Silveira .....	782	Topinambo (Helianthus tuberosus) — Alimentação e saúde — Fala um espe- cialista .....	814
Tribuna dos leitores — Escola Agrícola — Não confundir — A lavoura da pro- dução — Laranja — Abacate — Elu- giando o ALMANAQUE — Bíblia Agri- cola Vitaminada — Sementes Perdidas — Isto é sítio, isto é governo? — Des- te catarinense em foco, il. ....	785	Tabus alimentares — Outras conclusões .....	815
Entre livros e folhetos — Jornalzinho escolar — Exposição Escolar — Canção rítmica — Revista da Campanha Nacional de Educação Rural — Canário e sua criação — Pluviometria no Polígono das Sêcas (Mapas e tabelas) — Agro-Publicação Técnica — ABC do viticultor — Adubação do co- queiro — Sirel Agrícola — Teatrinho de fantoches — Aguardente de cana .....	790	Café sob sombra, pelo Eng.º Agr.º Má- rio Vianna de Moraes .....	820
Mudas de seringueira e de oliveira ....	793	Comentário filatélico, il. ....	821
Realizada importante transação de edi- ção .....	794	Selos — Fonte de conhecimentos pelo Sr. Mário Luis .....	822
		Vamos debater — Energia solar — energia barata para todos .....	828
		Fatores que influenciam a leite na qua- lidade .....	832
		Filtro para queijos, de queijo em pó Crem em vez de manteiga .....	832
		África e sua estocagem de café em su- perprodução .....	832
		Nova penicilina .....	833
		Consumo de leite em algumas cidades parceiras .....	834



A vida de Antonio Ciasulli teve altos e baixos. Ele viveu um momento de grande expansão econômica em alguns anos de sua vida, quando seus filhos ainda eram pequenos na cidade de Ribeirão Preto. Depois, perdeu todos os seus recursos e retornou para São Paulo para viver uma vida muito mais humilde.

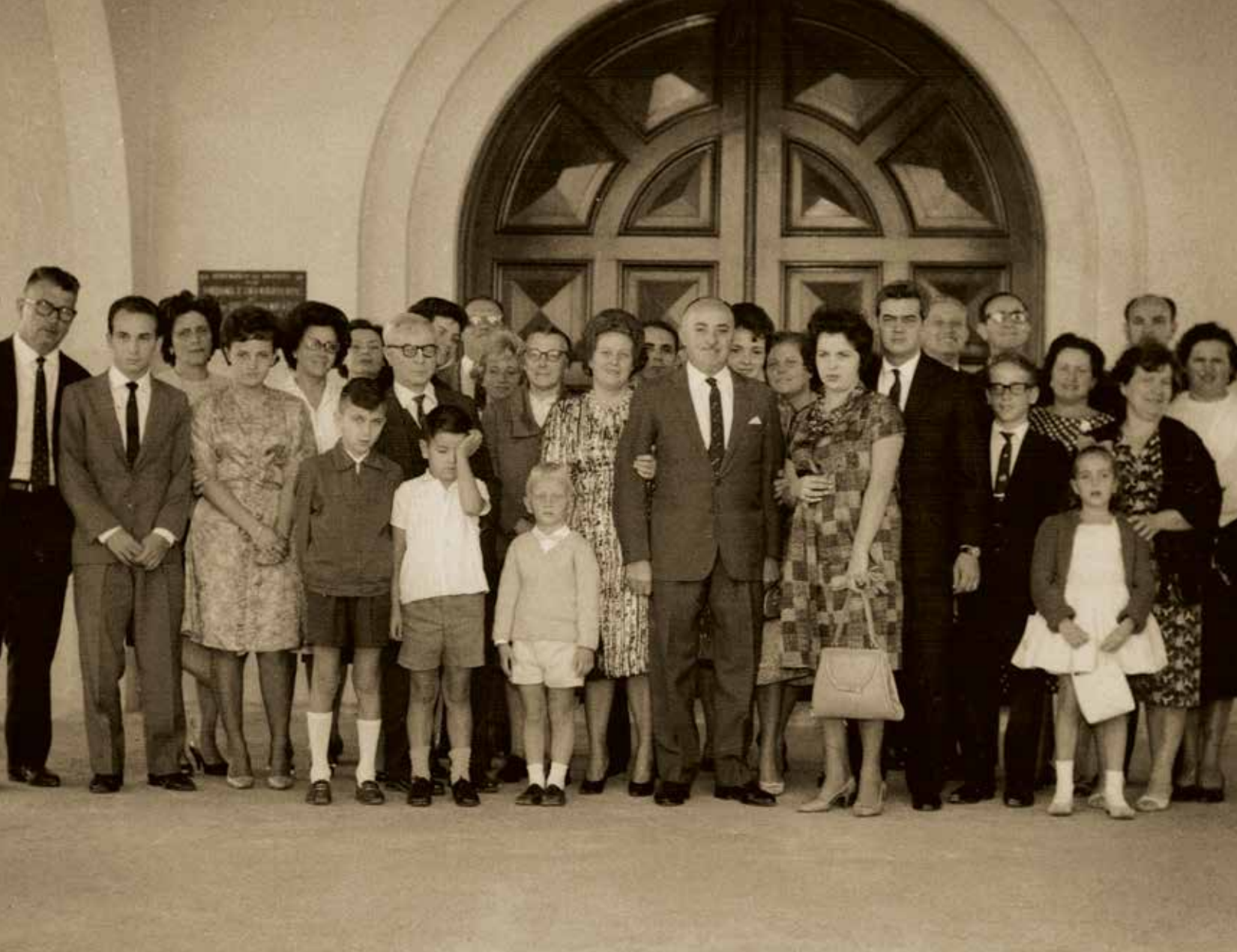
Foi na cidade de São Paulo que os filhos de Antonio e Maria se estabeleceram em suas vidas profissionais, onde se casaram e constituíram suas famílias. Cada um deles seguiu seu caminho, trabalhando em áreas distintas e vivendo experiências completamente diferentes uns dos outros. E mesmo trilhando suas próprias estradas, Rocco, Dante, Romeu, Mário e Oswaldo mantiveram-se unidos pelos laços alinhavados por seus pais.

As histórias desses 5 homens revelam, de certo modo, como as vitórias e tragédias pessoais de alguém podem conduzir todos os que estão a sua volta a rumos completamente distintos por meio de escolhas próprias, oportunidades e associações. E o caminho que cada um decide seguir pode afastá-lo ou aproximá-lo de ser quem realmente é ou deseja ser — independentemente de onde tenha nascido, em que condições e em qual contexto familiar.

Conhecendo um pouco mais sobre a história de cada um dos filhos de Antonio Ciasulli/Gessulli e Maria Sorrentino, é possível encontrar os pontos de intersecção de uma tradição de família que, mesmo que não seja nomeada, resgata os traços deixados pelos ancestrais.







**Bodas de Prata de Rocco e Adelia.**

## Rocco Gessulli

Rocco Gessulli nasceu em São Paulo, em 14 de setembro de 1912. Filho mais velho de Antonio Ciasulli/Gessulli e Maria Sorrentino, ele recebeu o nome do avô, que possivelmente ainda estava vivo e pôde conhecer o neto. Nessa época, a cidade de São Paulo via seu parque industrial ganhar fôlego, especialmente pelo dinheiro que vinha da exportação do café e que permitia que tanto os grandes fazendeiros como o próprio governo comesse a investir na industrialização.

O pequeno Rocco viveu por pouco tempo na capital durante sua infância, pois seu pai decidiu se mudar com a família para o interior em busca de estabelecer um negócio próprio. De fato, essa mudança trouxe benefícios a Rocco. Sendo mais velho, ele foi o que mais pôde se beneficiar do auge financeiro do pai em Ribeirão Preto e, por isso, foi o único filho de Antonio e Maria que conseguiu estudar, formando-se como guarda-livros – nome dado aos contadores naquele período.

Depois da falência do pai, Rocco retornou para São Paulo com toda a família e, assim como seus irmãos, foi à procura de empre-

go. Passou a trabalhar no Banco Comercial do Estado de São Paulo, onde viveu grande parte de sua vida profissional.

Em 1938, aos 25 anos, Rocco casou-se com Adélia Santoro, que tinha apenas 19 anos de idade. Rocco continuou trabalhando, enquanto Adélia, como dona de casa, assumiu os cuidados maternos dos quatro filhos que o casal teve: Teresinha, Sandra, Concilia e Roque.

Rocco herdou de seu pai o apreço e a dedicação pela família. Assim como Antonio fazia tudo por Maria Sorrentino, Rocco devotou sua vida à Adélia. Ela, que também era filha de italianos, dedicava-se aos afazeres domésticos e cozinhava muito bem, como lembra sua filha Sandra: “Era uma divina cozinheira e não tinha máquina de lavar roupa. Eu e Teresinha, quando começamos trabalhar, compramos uma máquina de lavar para ela. A vida era difícil, mas não nos faltava nada. Éramos uma família feliz”.

Enérgico com os filhos, Rocco estava sempre atento. Tinha um zelo especial pelas mulheres – o mesmo que tinha com a





própria Adélia, que era uma bela mulher. “Quando ela ia ao salão, fazer cabelo e as mãos, ele ia ver se já tinha terminado, ficava esperando e voltavam andando a pé juntos. Era pertinho. Ele tinha ciúmes dela. Ela era muito bonita” – diz Sandra.

Quando as filhas chegaram à mocidade, ele manteve a severidade: “Vigiava as filhas sempre. Quando nos levava a um baile de formatura ou outro, a ordem era a seguinte: dançar com quem viesse tirar, sempre que acabava a música voltar para o lado dele. Quem quiser dançar novamente que venha e seja rápido”. E Sandra complementa: “Pensava: acho que não vou casar nunca, pois ele espantava os pretendentes”.

Mas o temor de Sandra não se concretizou. Ao contrário, todos os filhos de Rocco e Adélia se casaram e tiveram filhos e netos que levam a herança do legado e da tradi-

ção da família: “A maior herança foi o respeito, valorizar a família e ser honesta (...) o dinheiro deve ser fruto de trabalho”.

E como Rocco era um árduo trabalhador, sentiu enormemente a aposentadoria. Ficou deslocado e depressivo sem ter de ir diariamente ao escritório. Pouco tempo depois, ele teve um ataque cardíaco e faleceu em 12 de janeiro de 1972, aos 60 anos. Viúva, Adélia viveu por mais 14 anos, falecendo em 1986 em consequência de uma embolia pulmonar: “Ela era muito amiga, podíamos conversar sobre qualquer assunto. Lembro de uma amiga, ia me confidenciar e me aconselhar com ela. Tenho boas lembranças. Até hoje sinto sua falta” – lamenta Sandra.

Sandra guarda entre seus pertences um belo bilhete de seus pais, um exemplar do que Rocco e Adélia desejavam aos filhos.

**“A nossa querida Sandra,**

**Desejamos o que todos os pais podem desejar a seus filhos, dar a vida se preciso, pelo bem e felicidade. Pedimos sempre a Deus em nossas orações, que tudo o que você sonhe seja uma realidade, que continue sempre boazinha, obediente, para todos os que te querem bem e que tenha sempre os seus pais como os melhores amigos e conselheiros. São os nossos votos e maiores desejos dos seus pais,**

**Rocco e Adelia, São Paulo – 10/5/1953”.**



**Rocco, Adélia e os filhos.**





**Dante Gessulli.** Possivelmente a fotografia tenha sido oferecida a Adélia, sua primeira esposa.

## Dante Gessulli

*D*Dante Gessulli foi o segundo filho de Antonio Ciasulli/Gessulli e Maria Sorrentino – o primeiro a nascer na cidade de Ribeirão Preto. Cresceu vendo o pai expandir sua vida econômica e atingir uma boa qualidade de vida fazendo sapatos femininos para as mulheres da alta sociedade ribeirão-pre-tense. Após a derrocada do pai, chega a São Paulo e logo começa a trabalhar.

Tornou-se barbeiro. Possuía uma barbearia no andar térreo do antigo Hotel Presidente no Largo do Arouche, ao lado da loja Leão XIII. Nessa época, o Largo do Arouche era uma das regiões mais sofisticadas do centro da cidade de São Paulo e Dante atendia os senhores que moravam nos arredores, além dos hóspedes e viajantes que se hospedavam por ali.



**Dante Gessulli, a esposa Adélia e seus filhos, Antonio e Edison.**







À esquerda, Mário Gessullo;  
à direita, Dante Gessulli.

Casou-se por duas vezes. A primeira, com Adélia. A segunda, com Hilda. Teve dois filhos com a primeira esposa: Antonio Gessulli e Edison Gessulli. Segundo o que lembram seus sobrinhos, Dante viveu uma temporada de sua vida na Argentina e, por isso, foi o irmão que viveu mais afastado da família Ciasulli/Gessulli como um todo.

Dante Gessulli também foi o filho de Antonio e Maria que morreu mais jovem, aos 36 anos, acometido por um infarto fulminante. Seus filhos também já são falecidos e a família não tem contato com seu único neto, filho de Edison, chamado Dante Gessulli Neto.

**Hilda, a segunda esposa de Dante Gessulli, ao lado de Edison.**



## Romeu Gessulli

O terceiro filho de Antonio Ciasulli/Gessulli e Maria Sorrentino foi Romeu Gessulli. Ele nasceu em Ribeirão Preto, em 1916. Entre todos os irmãos, Romeu foi o que teve a vida mais longa, falecendo poucos meses antes de completar 80 anos, em 1996.

Talvez, o maior traço que Romeu tenha herdado do pai seja a simpatia. Sua filha Rosana se emociona ao lembrar do pai, de como ele era um homem carinhoso, dedicado à família, divertido, versátil. Seus sobrinhos também lembram dele ressaltando essas qualidades: “minha irmã fazia aniversário no dia 25 de junho, então o tio Romeu e o Reinaldo soltavam balão” – diz Henrique. E Odimar complementa: “a gente ficava em cima ou embaixo, olhando. Porque o balão era grande e uns ficavam na parte de cima segurando o bico”.

Romeu se casou por duas vezes. A primeira, com Cordélia da Silva Gessulli, uma prima do lado materno, filha de tia Virgínia, irmã de Maria Sorrentino. Cordélia havia namorado Mário, irmão de Romeu, mas o romance não prosseguiu. Com Romeu a relação se tornou mais séria e eles tiveram de enfrentar a negação dos paren-



**Antônio com seu padrinho Mario Gessullo.**

tes. O casamento gerou uma ruptura entre as famílias, pois os pais, sobretudo Virgínia, eram contra o enlace. Em virtude do que se dizia na época, os pais do casal tinham medo de que, ao casar com parente próximo, os filhos pudessem nascer com algum tipo de síndrome ou doença grave.

O temor dos pais não impediu que eles se casassem. Os dois tiveram quatro filhos: Antônio, Reinaldo, Rubens e Rosana. O filho mais velho de Romeu e Cordélia







**Máquina de escrever Smith Corona.**

faleceu ainda na infância, de um ataque cardíaco. Ele estava escovando os dentes com a avó Virgínia, quando ela o sentiu desfalecer. Antonio era afilhado do irmão de Romeu, Mário Gessullo – que guardava algumas fotos do sobrinho.

A avó Virgínia também faleceu anos depois e sua morte foi um episódio muito marcante para as crianças na época. Ela faleceu em casa e levou alguns dias para que o corpo fosse descoberto. Rosana conta que se lembra de seu tio Oswaldo Gessulli arrombando a porta da casa da avó e a encontrando morta. “Nós ficamos todos lá embaixo esperando. Eles não deixaram as crianças subirem” – lembra Rosana.

Cordélia e Romeu moraram por muitos anos no Jabaquara, enquanto Virgínia morava no Cambuci. O trabalho que ele exercia dava a família uma boa condição de vida. Desde que chegara a São Paulo com os pais, Romeu, assim como os irmãos, começou a trabalhar. Dedicou sua vida ao serviço da mecanografia – que era a indústria de máquinas da escrita mecânica, como máquina de datilografar, de calcular e de taquígrafar.

Nessa época, o mundo ainda não era informatizado, tampouco digital, logo as máquinas de escrever eram o principal instrumento de trabalho das empresas. As pessoas faziam cursos de datilografia e taquígrafia, haviam inclusive concursos públicos nessa época que contratavam pessoas com tais habilidades apenas para exercer esse trabalho em repartições do governo. Quanto mais rápido a pessoa datilografasse, melhor.



**Romeu, Genir Beck, Rosana, Cordélia, Rocco e Cordélia (da direita para a esquerda).**

Romeu trabalhava para uma empresa chamada Smith Corona, atuando como mecanógrafo. Ele fazia todo tipo de manutenção de máquinas de escrever, o que poucos profissionais sabiam na época. Por isso, além do trabalho na própria empresa, Romeu também prestava serviços para escritórios e particulares. Ele tinha uma espécie de oficina na própria casa, onde deixava todas essas máquinas para serem consertadas.

Seu sobrinho Oswaldo Penha Ciasulli, filho de seu irmão Oswaldo Gessulli, ao ver o tio debruçado sobre todas aquelas máquinas, se interessou pelo ofício e pediu para que Romeu o ensinasse: “eu fiquei fascinado por aquilo. Por que? Porque ele dizia assim para o meu pai e para a minha mãe: – *eu trabalho na Smith Corona, mas eu chego nas empresas só tem Hamilton e Olivetti. E máquina é quase tudo igual. Se eu conserto uma, eu conserto outra.* Então, ele



levava aquele monte de serviço pra casa, ele trabalhava sábado e domingo. Aí eu comecei a me interessar e a ajudar ele. Falei: tio, eu quero aprender a fazer isso”.

Nessa época, Osvaldo tinha por volta de 17 anos e Romeu o ensinou a trabalhar. Quando Romeu não podia atender alguma empresa ou serviço particular, ele indicava o sobrinho Osvaldo. Algum tempo depois, Romeu arrumou um emprego para o sobrinho numa oficina de um amigo dele, e Osvaldo aprendeu a montar todas as partes de uma máquina de escrever, depois passou para as máquinas de calcular.

Esse trabalho de Osvaldo, a partir do incentivo e ensinamento do tio, lhe trouxe ótimos rendimentos. Ele passou a ganhar três ou quatro vezes mais que o próprio pai, Osvaldo Gessulli. Numa determinada ocasião, a empresa Sulamérica Seguros, que ficava no centro da cidade de São Paulo, mudou todas as mesas do escritório e precisava fixar as máquinas de escrever. “Era um mundo de máquinas. Eu fiz um gabarito, convidei dois amigos de infância que não estavam fazendo nada, colocávamos os gabaritos e prendíamos debaixo da mesa. Eu fui subindo: primeiro andar, segundo andar, terceiro andar, quarto andar. Isso durou cerca de um mês. Quando o gerente financeiro veio me pagar, ele quis me conhecer: quem é esse garoto, com 17 anos? Como ele pode fazer isso? Aí, ele me fez assinar o recibo. E precisava da assinatura do meu pai porque eu era menor de idade. Ele me deu tudo em dinheiro. Quando eu cheguei em casa, minha mãe estava na cozinha, minhas duas irmãs sentadas à mesa. Eu gritei: mãe, eu tô rico!



**Romeu e Cordélia na praia.**

Eu tô rico! Eu tô rico! Cheguei na cozinha, peguei aquele monte de dinheiro e joguei para o ar” – lembra Osvaldo com alegria. Depois, Osvaldo entrou para o exército e abandonou o ofício.

Por essa habilidade com as máquinas, Romeu era quem tinha sempre a mão uma máquina fotográfica ou câmera de filmagem Super8, que seu irmão Mário emprestava do Sindicato dos Comerciantes. No período de férias, quando a Colônia do Sindicato estava aberta para os associados, Romeu ajudava o irmão, fazendo e

exibindo vídeos. Em um dos anos, quando a família partiu de férias para a Praia Grande, Romeu filmou os momentos de descontração dos Ciasulli/Gessulli. Infelizmente a qualidade do vídeo na época não permitiu que toda a filmagem se preservasse. Rosana, filha de Romeu, tem uma cópia, mas na digitalização do filme, muitas partes foram perdidas.

Outro *hobbie* de Romeu, que ele cultivou por toda a vida, foi o futebol. Ele era um grande apaixonado pelo esporte e foi técnico do time do bairro da Aclimação. Chamado por seu apelido, Barrica, Romeu

comandou o time por vários campeonatos, em viagens e em vitórias. Esse era o único ponto de desentendimento entre ele e sua esposa. Cordélia reclamava dessa paixão, pela qual ele não só investia tempo, mas também o dinheiro que ganhava como mecânico.

Cordélia faleceu antes de Romeu, em decorrência de um aneurisma cerebral. Ela era uma dona de casa dedicada e ótima cozinheira. Deixou seu caderno de receitas como herança para sua filha Rosana, que o guarda ainda até hoje. Depois de viúvo, Romeu se casou pela uma segunda



**Romeu, Cordélia e seus filhos Reinaldo, Rubens e Rosana.**

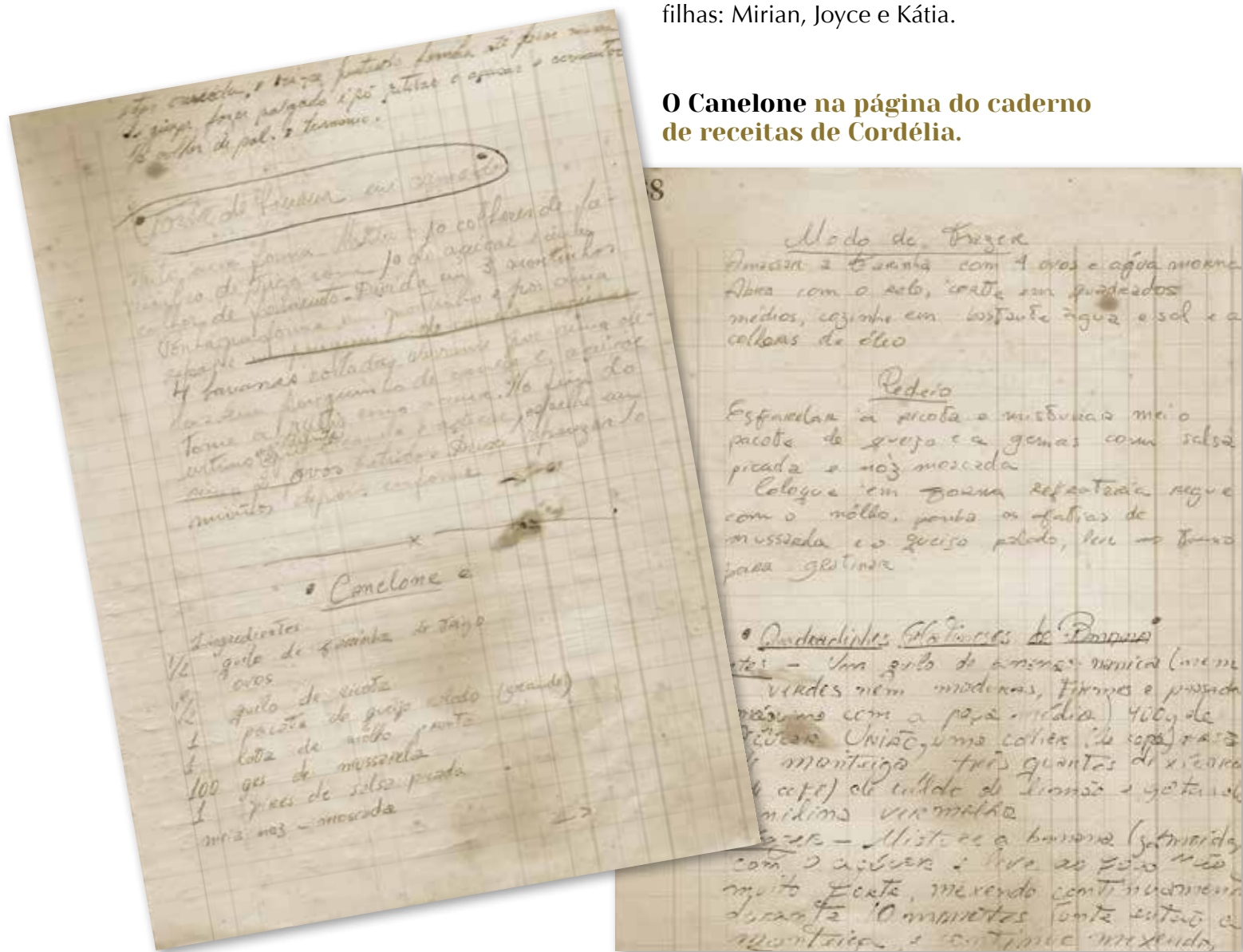




vez com outra prima, Julieta Sorrentino Cardoso Gaspar, com quem viveu até sua morte. Julieta, por ciúmes da antiga relação do marido, desfez-se de todos os troféus, fotos, camisas de times de futebol que Romeu possuía. Por isso, poucas coisas restaram de sua memória.

Sua filha Rosana Gessulli casou-se com Mário Manuel dos Santos Freitas Alves, um português nascido em Coimbra que também fizera a travessia do Atlântico de navio para viver no Brasil. O casal teve dois filhos: Felipe e Fernando. Já Reinaldo casou-se com Eunice Justino e teve três filhas: Mirian, Joyce e Kátia.

### O Canelone na página do caderno de receitas de Cordélia.



## Mário Gessullo

Mário foi o único filho de Antonio Ciasulli/Gessulli e Maria Sorrentino que, por um erro do cartório, teve a grafia do sobrenome alterada, passando a assinar Mário Gessullo. Nascido em 21 de novembro de 1918, também na cidade de Ribeirão Preto, veio para São Paulo com sua família ainda menino e começou a trabalhar bem cedo.

Sem formação, Mário começou a trabalhar no comércio, nas lojas Pernambucanas. Anos mais tarde, foi para a Leon Fabril, uma loja que se localizava na Rua Direita, no centro de São Paulo e que era um grande grupo têxtil, com outras lojas espalhadas pela cidade. “Era uma das melhores lojas da Rua Direita, loja de pessoas nobres, só gente nobre ia lá e isso eu me lembro bastante”, diz seu sobrinho Odimar Gessulli.

Ainda na juventude, Mário conheceu Genir Beck, uma descendente de alemães que vivia na região do Cambuci, com quem se casou aos 21 anos. Genir era alguns meses mais velha que Mário e vinha de uma família presbiteriana da cidade de Pirassununga, mas ela mesma tinha nascido em



**Casamento de Mário Gessullo e Genir Beck.**







**Genir Beck na juventude.**

Santa Cruz das Palmeiras, no interior do Estado de São Paulo. Aos domingos, para a esposa ir à igreja, Mário ficava em casa e preparava o almoço da família. Antes de se casar, Genir era telefonista. Depois do casamento dedicou a vida aos afazeres domésticos e à família. O casal teve quatro filhos: Ana Maria (nascida em 1943 e falecida em 2016); Mario Emanuel (nascido em 1944); Henrique (nascido em 1947) e Paulo (nascido em 1952).

Segundo o filho Henrique, Mário era fumante; fumava uns 13 cigarros por dia. Era também um homem muito enérgico, enquanto Genir era mais tranquila. “Sempre se deram muito bem meu pai e minha mãe, nunca vi uma briguinta deles que eu lembre” – destaca. A família morava na Alameda Torres, numa rua que ainda hoje existe, bem próxima da casa de Rocco Gessulli.

Mário tinha um carisma natural, que facilmente o levava assumir posições de liderança. Muito austero, as pessoas confiavam em seu discernimento e, assim, ele acabou assumindo atividades na vida sindical, mais precisamente no Sindicato dos Comerciantes do Estado de São Paulo, chegando a assumir a presidência da entidade.

“Ele trabalhava na Leon Fabril e à tarde ia para o sindicato. Só quando ele se tornou presidente, ele parou de ir para a empresa e ficou só no sindicato. Todo mundo gostava dele, ele era bem carismático. Era um cara trabalhador, esforçado, pontual com a questão de horário, super disciplinado, super caxias no que fazia” – relembra Henrique.

O sobrinho Odimar se lembra do quão rigoroso era o tio quando o sindicato abria as inscrições para a colônia de férias na Praia Grande: “Não tínhamos privilégio não, tínhamos que madrugar na fila como todos os outros para conseguir a vaga” – ressalta. E Henrique completa: “Eu me lembro bastante dele na colônia de férias, ele era o diretor, então a gente passava as férias, eu, o Odimar e a família dele. As grandes férias nossas eram ali na colônia”.

**Mário Emanuel, Denise e Mário Gessullo.**



**Mário Gessullo com a neta Denise.**







**Bodas de Prata de Mário e Genir.**



**Bodas de Prata de Mário e Genir.**



Os imigrantes italianos tiveram um papel importante na história da industrialização e da luta sindical no Brasil, especialmente em São Paulo. Em 2012, a Força Sindical – uma das principais centrais sindicais do país – juntamente com o Governo do Estado de São Paulo, organizou uma exposição de fotografias que registrava o papel dos imigrantes italianos no movimento operário e sindical no país. De acordo com o

projeto, “a imigração italiana para o Brasil, ocorrida entre 1874 e 1920, teve um papel relevante na formação da então nascente organização social brasileira, em especial no movimento operário e sindical. Os trabalhadores que aqui chegaram traziam a experiência de vivenciar a expansão do capitalismo, enquanto no Brasil ainda prevalecia uma economia agrário-exportadora baseada na mão de obra escrava”<sup>1</sup>.

1. *Papel dos imigrantes italianos no movimento operário e sindical terá exposição de fotos*. In: <[www.fsindical.org.br](http://www.fsindical.org.br)>. Fonte: Assessoria de Imprensa. 19/04/2012.





Mário não se furtou a essa tradição dos imigrantes italianos e envolveu-se tão profundamente com a luta dos trabalhadores que foi perseguido pela ditadura militar. O Brasil vivia um momento bastante tenso. O então governador Paulo Maluf queria que os trabalhadores fizessem hora extra aos finais de semana sem remuneração. Mário não aceitava tais termos e bateu de frente com o regime.

“O trabalhar à noite, na véspera do natal, no natal, no ano novo, como queria o Maluf, com os mesmos salários. E meu tio brigava para que todos recebessem como hora extra, que se pagasse um percentual



sobre aquela hora que se estava trabalhando fora do horário normal”, conta Odimar Henrique, filho de Mário acrescenta: “meu pai foi chamado, eu lembro disso porque já estava na faculdade. Ele chegou à noite do trabalho e disse: *filho, se eu não tivesse vocês, esse pessoal não me calava a boca não*. Investigaram a vida dele inteira, para ver se ele não tinha ligações terroristas, os militares faziam isso na época”.

Além das questões sindicais, Mário tinha um sobrinho do lado da família Beck, que estava foragido por lutar contra a ditadura militar. “O Márcio era militante, inclusive está citado no livro *Brasil nunca mais*, que conta a história dele no Araguaia. Então, meu pai, por conta disso, foi muito investigado. Sindicalista com sobrinho militante... ele foi investigado” – diz Paulo Gessullo, o filho caçula de Mário que ainda se recorda da presença dos militares em sua casa: “Lembro deles na minha casa, para conversar com o meu pai, mas isso, em 1964, quando eu tinha 12 anos de idade. Lembro de um sentimento meio confuso. Com 12 anos você acha que o soldado é o cara do bem, é o cara que está lá para te proteger e, de repente, você começa a tomar consciência do que representava o movimento militar”.

De certo modo, para toda a família, essa tensão causava desconforto. E a dedicação

**Paulo Gessullo na infância.**

**Ana Maria com seu marido e sua filha Denise.**



de Mário foi tamanha que, no auge da luta sindical com o governo por conta das horas extras, ele sofreu um ataque cardíaco e faleceu dentro do próprio Sindicato: “Meu pai não foi preso, mas mandaram ele se calar, senão seria enquadrado na lei de segurança nacional. No domingo ele falou: *olha Henrique, eu aqui deitado e o pessoal trabalhando* [os empregados do comércio]. Quando foi na terça-feira, ele morreu trabalhando” – relembra Henrique. E Paulo complementa: “Ele estava muito triste, estava muito abalado naquele dia. Lembro eu e minha mãe pegando o táxi para ir até

o Sindicato. Chegando lá vimos ele deitado já falecido”.

Após sua morte, Mário recebeu diversas homenagens. Seu nome foi atribuído a uma rua no bairro do Butantã, na cidade de São Paulo, e o jornal do sindicato, Voz Comercial, dedicou uma edição para demonstrar o quanto a liderança de Gessullo fora decisiva num dos momentos mais marcantes da história do Brasil. Todo o texto narrado na primeira página do jornal, que detalha os últimos momentos da vida de Gessullo, é confirmado por seu filho Henrique:





No dia 23 de dezembro, depois de ter cumprido sua obrigação na Justiça do Trabalho, da qual há anos era vogal e para onde fora reconduzido, Mário Gessullo dirigiu-se ao Sindicato, onde entrou alegre e saudando a todos, como era seu costume.

Estava, porém, intranquilo e inseguro, falou a seus companheiros que ia dar uma volta, ia espairecer.

Desceu para a rua e, estranhamente, dirigiu-se ao seu lar, para um contacto com a família, exatamente no meio de sua jornada de trabalho, pois suas tarefas na Justiça do Trabalho, no Sindicato, na Federação e junto aos familiares começavam pela manhã e iam noite a dentro.

No lar, dona Genir, desacostumada da presença do marido àquela hora em casa, gostou muito e lhe preparou o café, que Gessullo saboreou; brincou com a neta e voltou ao Sindicato.

Na sede, seus colegas de Diretoria e os funcionários notaram-lhe a palidez; assistido imediatamente pelos companheiros, foi levado ao salão nobre, para repousar, enquanto médicos eram chamados; os facultativos do Sindicato, o enfermeiro, todos lhe davam assistência; até um pronto socorro cardiológico foi chamado, massagens e medicação de urgência foram-lhe ministradas, mas a hora era chegada e o gigante do trabalho tivera como prêmio o poder de repousar o corpo, no último dia de sua jornada na terra, na própria sede sindical, ladeado de seus companheiros de trabalho, em cujos braços respirou pela última vez.



Jornal Voz Comerciária. Homenagem à Mário Gessullo. Capa e página 3.





Com a morte de Mário, a família perdeu sua importante liderança. Genir passou a receber a pensão de viúva de empregado do comércio e, com esse ordenado, lutou sozinho para criar os filhos. Nessa época, apenas Ana Maria, a filha mais velha do casal, estava casada. Mario Emanuel, Henrique e Paulo ainda eram estudantes e viviam com os pais. “Tinha a aposentadoria e ele tinha feito um seguro de vida. Daí eu lembro que minha mãe pegou esse seguro e até deu pra gente um dinheirinho. Minha mãe segurou as pontas, eu fazia faculdade, meu irmão Paulo fez a faculdade de medicina e ela segurando as pontas, com os livros e tudo mais. O Paulo entrou na Paulista de Medicina, não pagava mensalidade, mas tinham outros custos”, relata Henrique.

Paulo, com certa tristeza pelo pai não ter visto e sequer participado do êxito de sua carreira como médico ortopedista, diz: “Não tive um contato muito maduro com ele, porque quando ele faleceu eu tinha 17 anos. Isso me fez falta. Lembro dele mais da parte de moleque. Tenho uma mágoa porque ele sempre desejou que um dos filhos fizesse medicina, eu entrei na faculdade e ele nem ficou sabendo (...). O ano que ele faleceu, eu tinha tomado pau [no vestibular], ele tinha ficado muito triste, então acho que aquilo me motivou para que eu estudasse um pouco mais. É uma das tristezas é que ele não participou de nada disso”.

Em um almoço com seu primo Oswaldo, Paulo revelou que seu tio Oswaldo Gessulli, após a morte de Mário, o ajudou muito

durante a formação, comprando livros e até mesmo alguns aparelhos que Paulo precisava para os estudos e o exercício da profissão: “Meu tio meio que me adotou. Eu sou muito grato ao tio Oswaldo. Ele foi uma continuação do meu pai, não tanto em termos de convivência, mas aquela pessoa, aquela figura. Ele sempre ia visitar a minha mãe, não passava uma semana, no máximo duas sem ir lá em casa. E sou extremamente grato, entrei numa faculdade pública, mas minha mãe não tinha recursos, era complicado. E os primeiros livros da faculdade, o meu primeiro aparelho estetoscópio, esfigmomanômetro pra tirar a pressão, tudo isso, foi presente do meu tio Oswaldo”.

Antes de se formar, Paulo inclusive chegou a trabalhar com o tio Oswaldo na editora/gráfica que ele tinha, diz Odimar: “nós tínhamos a editora, ficava ali na Rua Sampaio Viana, em uma das casas onde tinha um terraço fechado. O Paulo trabalhava lá e era digitador, ele fazia em laudas, porque a máquina soltava em lauda, para colar depois. Então ele é quem fazia, porque primeiro você escrevia texto corrido e depois você pegava na máquina e fazia ela soltar em tira. Ele mexia com essa máquina lá, não me lembro exatamente por quanto tempo”.

Assim, Paulo formou-se médico. Seus dois irmãos, Mario Emanuel e Henrique, engenheiros. Genir continuou viúva até o final da vida, dedicando-se aos filhos e aos netos que vieram. Ao todo, Mário e Genir tiveram 9 netos, 6 bisnetos com mais uma bisneta a caminho neste ano de 2017.

## Oswaldo Gessulli



*O*

Quinto e último filho de Antonio Ciasulli/Gessulli e Maria Sorrentino foi Oswaldo Gessulli. Nascido em Ribeirão Preto em 1920, ele foi o que viveu o menor tempo na cidade, partindo para a capital ainda menino, logo após seu pai perder todos os recursos financeiros e retornar com a família para a cidade de São Paulo.

As memórias da infância em Ribeirão nunca saíram da cabeça de Oswaldo. Ele sempre narrava à esposa e aos filhos tudo o que se lembrava dos áureos tempos de seu pai como dono de uma loja de calçados femininos. Lembrava-se, sobretudo, da vida abastada que levavam, da ostentação que faziam dos carros que importavam da Itália. Mas suas recordações não eram apenas das coisas boas, ele também nunca se esquecera do período de declínio e da pobreza pelo qual passaram no início do retorno à São Paulo.

**Oswaldo Gessulli com a esposa Odila, e no alto, quando jovem.**







**Oswaldo Gessulli no Serviço Militar.**

Como o filho caçula, Oswaldo foi o que menos usufruiu das boas condições financeiras de seu pai. Ao chegar à capital, ele, ainda menino, começou a trabalhar como vendedor de jornais. Todas as manhãs ele buscava o Estadão e saía pelas ruas do centro da cidade vendendo os exemplares e, com o dinheiro que ganhava, ajudava no sustento da família. Dessa experiência frutificaram importantes características de Oswaldo na vida adulta. A primeira, a habilidade inigualável para vender; a segunda, o apreço e o talento para atuar no mercado editorial.

Oswaldo morou com seus pais, Antonio Gessulli e Maria Sorrentino, até se casar com Odila Poggette. Ele a conheceu no ponto de ônibus da rua onde morava, a Rua Muniz de Souza, no bairro da Aclimação. Ela também vinha de uma família italiana, que chegara ao Brasil destinada ao trabalho rural na região de Campinas, interior de São Paulo. Ambos casaram-se muito jovens. Logo vieram os quatro filhos: Oswaldo Penha Gessulli<sup>2</sup> – assim chamado em homenagem ao pai e à Nossa Senhora da Penha –, Odimar Gessulli, Osmeire Gessulli e Sueli Gessulli.

Quando o filho mais velho de Oswaldo e Odila nasceu, em 1943, o mundo vivia o final da Segunda Guerra Mundial e o Brasil passava por um momento de racionamento e recessão. O mercado de trabalho na capital estava restrito e todos os membros da

Família Ciasulli/Gessulli trabalhavam duro para conseguir se sustentar.

Enquanto os filhos eram pequenos, a família convivia constantemente com os avós e os primos. Todos moravam perto, no bairro da Aclimação e arredores. As lembranças dos almoços de domingo em família remetem aos primeiros anos de convívio com os avós, tios e tias. De acordo com Odimar, seu pai e seu tio Mário Gessullo eram muito próximos e, juntamente com os demais, viajavam para a praia, passavam finais de semana e férias juntos, como pode-se ver na foto tirada no Museu Paulista, mais conhecido como Museu do Ipiranga, onde os filhos mais velhos de Oswaldo e Mário aparecem juntos.



**Da esquerda para a direita: Mario Emanuel, Ana Maria, Oswaldo e Odimar.**

2. Com o processo da cidadania italiana, Oswaldo teve seu sobrenome alterado para o verdadeiro sobrenome da família, passando a se chamar Oswaldo Penha Ciasulli.





**Registro de casamento de Oswaldo Gessulli, fevereiro de 1962.**

Talão N.º .....

**CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL DO 27.º SUBDISTRITO**  
**VILA PRUDENTE**  
MUNICÍPIO E COMARCA DA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

**CERTIDÃO DE CASAMENTO**

**PAULO GONÇALVES DE OLIVEIRA**  
OFICIAL MAIOR  
**LEONARDO BELMIRO**  
Escrivente Habilitado e Autorizado  
**Sebastião Emygdio Monteiro**  
Escrivente Habilitado e Autorizado

Fls. 155vs

N.º 1138

CERTIFICO que, no livro n.º 6 de registros de casamentos, foi lavrado o assento de matrimônio de **OSWALDO GESSULLI**, e **ODILLA POGGETTE**, que passou a chamar-se: **ODILLA GESSULLI**, .....

em exercício, e as testemunhas constantes do termo, depois de habilitadas na forma da lei: **ELE**, nascido em **Ribeirão Preto** - Estado de São Paulo - .....

aos **2** de **fevereiro** de **1921**, residente .....

profissão **comerciário** .....

neste subdistrito

filho de **ANTONIO GESSULLI** .....

e de **MARIA LORENTINA** - Estado de São Paulo - .....

**ELA**, nascida em **Campinas** - Estado de São Paulo - .....

aos **7** de **novembro** de **1920**, residente .....

profissão **prendas domésticas** .....

neste subdistrito

filha de **PEDRO POGGETTE** .....

e de **MARIA POGGETTE** .....

Foram apresentados os documentos a que se refere o art. 180 do código civil n.ºs **1-2-3-e-4-**

Observações: **Casamento realizado em 10 de janeiro de 1942**

Requerido é verdade e dou fé. **14** de **fevereiro** de **1962**

O OFICIAL

Reconhecer a Firma no Tabelaio - Armando Sales  
17.º Tabelaio - ARMANDO SALES  
RUA FELIPE DE OLIVEIRA, 32  
(Próximo ao Palácio da Justiça) - SÃO PAULO  
FONE: 37-1191 (Rede Interna) - SÃO PAULO

Todo esse convívio esmoreceu quando Oswaldo aceitou uma oferta de emprego para ser gerente de vendas da empresa Arno na cidade de Santos, litoral paulista, a cerca de 80 km da capital. Ele mudou-se com toda a família. Para os filhos, pequenos, foi uma festa: morar na praia! “Lembro do meu pai na praia, comprando carro, andando. Ele era um paizão”, diz o filho Oswaldo.

Oswaldo Gessulli – ou Gessulli, como era conhecido – era um apaixonado por carros, talvez pelas memórias que tinha de seu pai em Ribeirão Preto, com diversos automóveis. Antes mesmo de ir para Santos, ele conseguira comprar um carro, um Ford que, apesar de velho, proporcionava a liberdade de ir e vir para qualquer lugar.

Como gerente da Arno, Gessulli vende e dirige a equipe de vendedores da empresa em Santos. Nessa época, não havia lojas de departamentos ou de eletrodomésticos, portanto, era muito comum as empresas contratarem vendedores para demonstrarem os produtos aos clientes em suas próprias casas. Os profissionais levavam os aparelhos consigo e caminhavam de porta em porta apresentando os benefícios que a dona de casa teria ao adquirir o que lhe era oferecido.

“Ele treinava 20, 30 vendedores para a Arno. Ele levava enceradeira, liquidificador nas costas, fazia uma demonstração para a dona da casa e convencia ela a comprar. Ele foi para Santos para lançar a enceradeira de 1 roda só, porque antes a enceradeira tinha 3. Esse modelo tinha um suporte que esquentava e derretia a cera. A cera caía

de gota no chão, aí ele passava a enceradeira e espalhava dizendo assim: *agora a mulher não precisa mais passar escovão e nem se ajoelhar para passar a cera no chão*”, relata Oswaldo, que relembra o pai contar que chegara a vender enceradeiras até para pessoas que não tinham energia elétrica em casa. E completa: “meu pai nunca teve medo do trabalho, era um baita trabalhador”.

Em Santos, a família vivia com conforto, mas de forma comedida, sem extravagâncias. Gessulli sempre fora muito equilibrado com a administração financeira de sua casa, talvez por ter visto o próprio pai ganhar muito dinheiro e perder tudo. Era também um homem bastante orgulhoso e fazia questão de prover toda a família sem a ajuda financeira da esposa ou dos filhos. Odila, atenta às necessidades, burlava a rigidez do marido costurando para fora, incentivando os filhos a fazerem pequenos trabalhos e organizando os afazeres e a economia da casa.

“O perfil do meu pai: lutador, trabalhador, tem que ganhar seu dinheiro, levantar cedo, ir à luta. Minha mãe, acompanhando isso, mas ponderada: *seu pai não gosta, não quer que você trabalhe, mas você vai trabalhar, fica quietinho, não fala pra ele*. E eu fui trabalhar na feira, trabalhar fazendo pipa para vender, tudo escondido dele, porque ele não admitia que um filho tivesse que trabalhar para por dinheiro em casa. O orgulho dele estava acima disso” – relata Oswaldo.

Odila também costurava para fora e ganhava um dinheiro extra sem o marido saber. Ela convidou uma irmã para morar com a família e dizia ao marido: “*ela que está traba-*





*lhando, eu só ajudo quando ela precisa”, conta Osvaldo. E Odimar complementa: “a minha mãe foi uma mulher que sempre trabalhou muito e mesmo depois que viemos de Santos para São Paulo, ela sempre procurou ajudar meu pai. Com uma irmã dela, costurava roupas para um colégio. Na época, a mulher tinha que fazer curso de corte e costura, tinha que saber costurar. E ela era uma boa dona de casa, então fazia roupas e ajudava muito meu pai”.*

Para os filhos, Odila foi sempre uma mulher sensata, carinhosa, batalhadora, religiosa. Na infância Odimar sofria de nefrite – uma doença inflamatória que afeta os tecidos e algumas estruturas renais. Os médicos de Santos, na época, não conseguiam diagnosticar, tampouco encontrar uma solução para o problema que o afetava. Odila, incansável, ia de médico em médico em busca de cura para o filho e, em suas orações, pedia muito a Deus para que ele pudesse recuperar a saúde. “como o meu irmão Odimar era muito doente na infância, ela se apegou a muitas religiões: católica, budista, espírita. Eu sei que ela foi muitas vezes no Centro Espírita” – lembra Osvaldo, irmão mais velho de Odimar.

Já Gessulli, assim como seus irmãos, era um homem rígido com os filhos. Queria que eles estudassem e tivessem boas notas. Não gostava de chegar em casa e vê-los brincando pela rua, indagava sempre pelos afazeres estudantis e pelas notas: “eu me lembro do pai, quando criança, de estar na rua brincando e ele passar por lá, ver a gente e chamar para dentro de casa, porque não tinha que estar na rua, tinha que estar estudando” – conta Odimar.



**Oswaldo Gessulli (à esquerda) e com Odila (acima).**

Quando os filhos eram pequenos, Gessulli trabalhava incessantemente: “meu pai era trabalho, trabalho, trabalho. Futebol, automóvel e trabalho” – recorda Osvaldo. E, com isso, tinha pouco tempo para acompanhar o dia a dia das crianças. Odimar se recorda que seus tios Mário e Romeu tinham momentos mais próximos com os filhos, brincavam, faziam balões, mas Oswaldo Gessulli concentrava-se no trabalho e fazia dele o grande instrumento de







Odila e Oswaldo.



dedicação à sua família. “Ele só parou de trabalhar quando morreu. Ele dizia uma frase histórica: *eu só vou parar de trabalhar quando eu morrer*. Levou isso tão a sério que morreu num sábado, para ser enterado em um domingo e na segunda-feira todo mundo estar trabalhando” – completa Osvaldo sorrindo pela fibra do pai.

Na rotina da casa, porém, o pai nunca abriu mão de suas tradições familiares, certamente herdadas pelos hábitos de Antonio Ciasulli/Gessulli e Maria Sorrentino à mesa. Ele fazia questão de reunir os filhos e, anos mais tarde, já com as noras, genros e netos, não se furtava ao tradicional almoço de domingo: “tínhamos muito respeito por ele, eu e meu irmão, questão de criação. Ele era o último a sentar à mesa, queria ver todo mundo sentado antes. Era a tradição, ele era o pai”, destaca Osvaldo.

Depois de alguns anos trabalhando na Arno, Gessulli é convidado a assumir uma equipe de vendas na Sulamérica Seguros, ainda na cidade de Santos. Tempos depois, ainda no litoral, ele conhece Ataíde de Siqueira, genro do Conde Amadeu Amadei Barbiellini, um italiano que chegou ao Brasil em 1907 e que, em 1909, criou a revista “Chácaras e Quintais” – uma publicação voltada à área rural, com artigos sobre agricultura, pecuária e outros.

Vendo a habilidade de Gessulli para a área comercial Ataíde decide apresentá-lo ao Conde, que lhe faz uma proposta para voltar a São Paulo e trabalhar para a revista. Ele inicia sua atuação vendendo anúncios para a publicação e logo passa a se inteirar sobre a produção. Gessulli transforma

de tal modo o cotidiano da empresa que, alguns anos depois, os herdeiros da família Barbiellini lhe oferecem uma participação societária na Chácaras e Quintais.

A mudança da família para São Paulo acarreta em uma série de transformações, que resultam em um novo período de vida para todos. Primeiramente, voltam a conviver com os demais membros da família, em especial com os avós Antonio e Maria que ainda estavam vivos nessa época. Depois, Odila consegue encontrar um médico que finalmente descobre a causa dos problemas de Odimar, que, submetido a uma cirurgia, passa ter uma vida plenamente saudável.

Além disso, trabalhando na revista, Gessulli inicia uma nova fase na sua vida. Anos depois, ele compra a Chácaras e Quintais dos descendentes do Conde Amadeu Barbiellini, juntamente com Julio Seabra Inglez de Sousa, e passa a conduzir a revista em uma sociedade na qual cada um tinha 50% da empresa.

Julio foi um engenheiro agrônomo que dedicou a vida à agricultura, especialmente ao estudo do cultivo da uva – denominado viticultura. Formado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo, trabalhou por quase 30 anos realizando pesquisas nas áreas de viticultura, citricultura e fruticultura. Ele escreveu diversos livros sobre esses temas, num momento em que o Brasil tinha pouca literatura publicada a respeito. Entre eles estão: *Origens do Vinhedo Paulista* (1956); *Poda das Plantas Frutíferas* (1961); *Cultura de Videira* (1955); *Viticultura Brasileira – Principais Variedades e suas Características* (reeditado em 2002)<sup>3</sup>.



**Revista Chácaras e Quintais. Edições de maio e novembro de 1960. Sueli Gessulli, filha de Osvaldo e Odila (à esquerda); Pedro Poggette, sobrinho de Odila (à direita).**

Na Chácaras e Quintais, Julio atuava como redator técnico, enquanto Osvaldo Gessulli era responsável pelo comercial, pela venda da revista e de seus anúncios. A revista era considerada a publicação mais importante do setor agrícola em língua portuguesa na época. “Essa é a base

de qualquer editora, um técnico para fazer todo o editorial e o comercial que era meu pai [Osvaldo Gessulli]. Ele só sabia vender, ele só fazia o comercial. Depois foi aprendendo produção, gráfica, composição. A revista era impressa em clichê, em linotipo” – destaca Osvaldo.

3. In: A Vindima – O Jornal da Vitivinicultura e da Agricultura Familiar. *Julio Seabra Inglez de Sousa – um especialista na viticultura nacional*. Texto de Danúbia Otobelli, 2013. <<http://www.avindima.com.br?p=659>>. Acesso em 05/07/2017.





# CHÁCARAS E QUINTAIS

Diretor-Fundador: Conde Amadeu A. Barbiellini (1910-1955)

Superintendente: Viuva CONDE AMADEU A. BARBIELLINI

Diretores:

Eng.º Agr.º J. Seabra Inglez de Sousa — Georgina Barbiellini de Siqueira

Enderêço para correspondência: Caixa Postal 8034

Gerência e Livraria Agrícola: Rua Tabatinguera, 122-124 - (Tel. 32-5630)

SÃO PAULO

## SUMÁRIO

São Paulo, 15 de novembro de 1960

Nossa Capa .....	740	Fibra Mohair .....	798
A propósito do cinquentenário de Cha- quita — Gentilezas Paraguias .....	741	Ainda produção de leite em Santa Cata- rina, Il., pelo Dr. Ivo Maes .....	801
Correspondência, Il. ....	744	Novo e sensacional sistema de espalhar adubos, Il., .....	808
Através da BR-29 segue para Rondônia a Expedição Ford, Il. O. Gessulli ....	770	Pró-Brasil Verde e Florido — Maracujá Roxo — Begônia — Abelheira — Tri- go Sarraceno — Zinia — Jaqueira, pelo Sr. Harry Blossfeld, Il. ....	801
Você conhece o Brasil? — O curso médio do Rio Paraguai, pelo Cel. Fragozo, Il. Eliminação de amoreiras, pelo Eng.º Agr.º Reinaldo Forster .....	771 774	Notícias científicas a granel — Conselhos para ser sempre jovem, pelo Pe. Cam- illo Torrend S. J. ....	808
Conversa de vizinhos, Perigo à vista — Terras em Mato Grosso e Goiás, pelo Dr. Joaquim Mourão de Serpa Pinto .....	775	Nematódeos parasitando cenouras em São Paulo, Il., pelo Dr. Luiz Gonzaga E. Lordello e Dr. Adiel P. L. Zamith .....	819
O peixe no polígono das secas, pelo Eng.º Agr.º Biologista Rui Simões de Menezes .....	778	Micro-elementos para enriquecer as hor- talicas, pelo Eng.º Agr.º Antonio Car- los Pimentel Wutke .....	812
Cultivo de trigo em Mato Grosso, pelo Dr. Rubens Malta Campos .....	780	Preparo do composto, pelo Prof. Edmar José Kiehl .....	814
A lavoura do trigo em Mato Grosso — Comunicado da Inspetoria Regional do Serviço de Expansão do Trigo em Mato Grosso .....	780	Doenças do Tomateiro — Mela ou "Damping-Off" — Cancro bacteriano do Tomateiro .....	815 818
Fabricação de Vinagre, pelo Eng.º Agr.º Amaury H. da Silveira, Il. ....	782	Topinambo (Helianthus tuberosus L.) Alimentação e saúde — Fala um especia- lista — Pesquisa junto a famílias — Tabus alimentares — Outras conclu- sões .....	819
Tribuna dos leitores — Escolas Agríco- las — Não confundir — A luta da pro- dução — Laranja — Abacate — Eto- gliando o ALMANAQUE — Bíblia Agrí- cola Vitaminada — Sementes Perdidas — Isto é sítio, isto é governo? — Oes- ta catarinense em foco, Il. ....	785	Café sob sombra, pelo Eng.º Agr.º Má- rio Vieira de Moraes .....	828
Entre livros e folhetos — Jornalzinho escolar — Exposição Escolar — Ban- dinha rítmica — Revista da Campa- nha Nacional de Educação Rural — O Canário e sua criação — Pluviometria no Polígono das Secas (Mapas e tabe- las) — Agro-Publicação Técnica — ABC do viticultor — Adubação do co- queiro — Sirel Agrícola — Teatrinho de fantoches — Aguardente de cana Madras de seringueira e de oliveira ....	790 793	Comentário filatélico, Il. ....	823
Realizada importante transação de edi- ções agrícolas, Il. ....	794	Selos — fonte de conhecimentos pelo Sr. Mário Luís .....	826
Esculpto na eletrificação do Brasil, pelo Dr. Bandeira Vaughan .....	795	Vamos debater — Energia solar será energia barata para todos .....	828
Fermentação e enfiamento do fumo de galpão, Il., pelo Dr. Darcy de Al- meida Furtado .....	796	Fatores que influenciam o leite na qual- idade .....	829
		Filtro para cigarros, de queijo em pó Creme em vez de manteiga .....	832 839
		África com estoagem de café em su- perprodução .....	838
		Nova penicilina .....	841
		Consumo de leite em algumas cidades gauchas .....	838
		Ministério da Agricultura — Acôrdo flo- restal da União com o Estado de S. Paulo — Campanha de Educação flo- restal — Campanha permanente de	

Transcrição do bilhoete de  
Oswaldo Gessulli para a  
sobrinha Sandra:

**"Sandra, tu que hoje es  
pequenina é junto do carinho  
de seus para cresceres, veras  
então um dia que recordações  
do passado e dos dias felizes  
da infância está também a  
recordação de quem muito  
lhe queria.**

**Seu tio, Oswaldo Gessulli,  
16/7/1950".**



**Oswaldo, Odimar, Osmeire e  
Sueli (da esquerda para direita).  
Rua Apotribu, em frente a casa  
de Romeu Gessulli.**

Gessulli não teve oportunidade de estudar durante a infância, por isso, apenas com 16, 17 anos é que ele aprende a ler e a escrever, frequentando cursos supletivos de instrução. Seu filho Oswaldo se entusiasma ao lembrar: "Quando ele conheceu minha mãe, ela o apertou e ele se tornou um cara muito culto. Tinha uma letra invejável, escrevia muito bem. Meu pai era um talentoso. Em tudo o que fazia ele se dava muito bem".

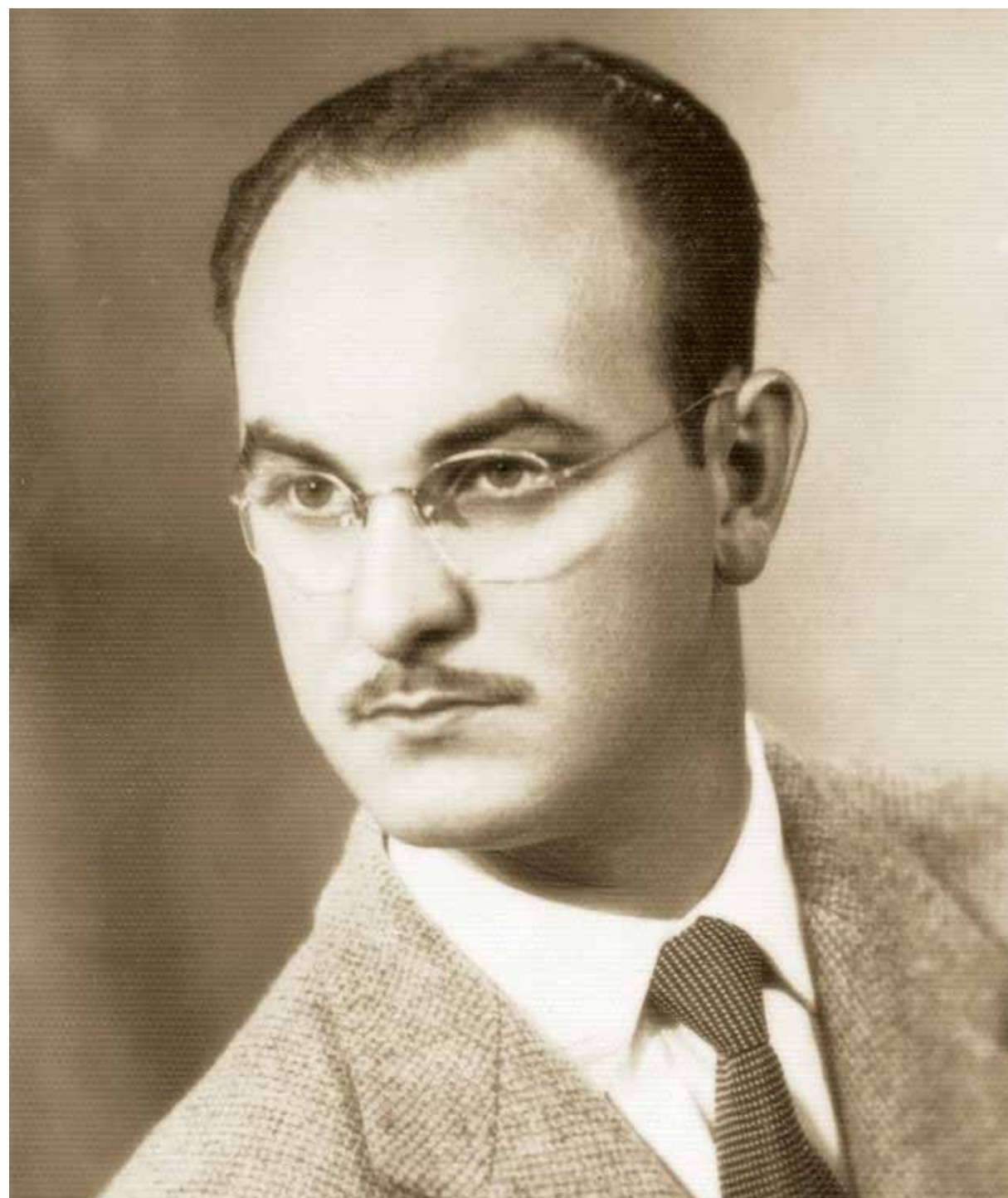
Com o trabalho na revista, a vida econômica da família de Gessulli melhora e, com os filhos crescendo e começando a trabalhar, a rotina da casa fica mais confortável: "a nossa vida financeira melhorou em São Paulo, todo mundo trabalhando. As únicas que não trabalhavam eram as minhas irmãs, Osmeire e Sueli. Mas eu, minha mãe, meu irmão Odimar e o meu pai sempre

colocamos dinheiro em casa. Nessa época meu pai comprou novamente um carro pra ele, um Austin, um carro inglês. Nesse tempo, eu era ainda menor de idade" — descreve Oswaldo.

Odimar se lembra que, por volta dos 16 anos, ele e sua mãe começaram a criar codornas logo que Oscar Moleta trouxe as aves para o Brasil. A família morava na Rua Muniz de Souza, onde havia um grande quintal, então Odimar e a mãe vendiam os ovos para angariar dinheiro. Odimar levava as aves para fazer o acasalamento do macho com a fêmea e depois para chocar os ovos.







**Oswaldo Gessulli gostava da vida no campo.**



Mesmo com uma vida mais próspera, Oswaldo Gessulli continuou a morar de aluguel. Ele só decide comprar um imóvel próprio depois de todos os filhos se casarem. Sua paixão era realmente o automóvel e, pra ele, a localização era a maior vantagem numa moradia. Não se importava em pagar aluguel desde que pudesse morar em regiões centrais da cidade, com boas redes de serviço e fácil deslocamento. Odimar conta: “me lembro que a gente tinha uma boa vida em casa. Mas, não tínhamos casa própria e meu pai nunca foi atrás de comprar uma, sempre viveu pagando aluguel. Ele só foi comprar imóvel depois que todos os filhos se casaram. A vida inteira ele morou onde quis. *Vou morar nesse bairro, vou morar onde eu quero*” – ele falava assim.





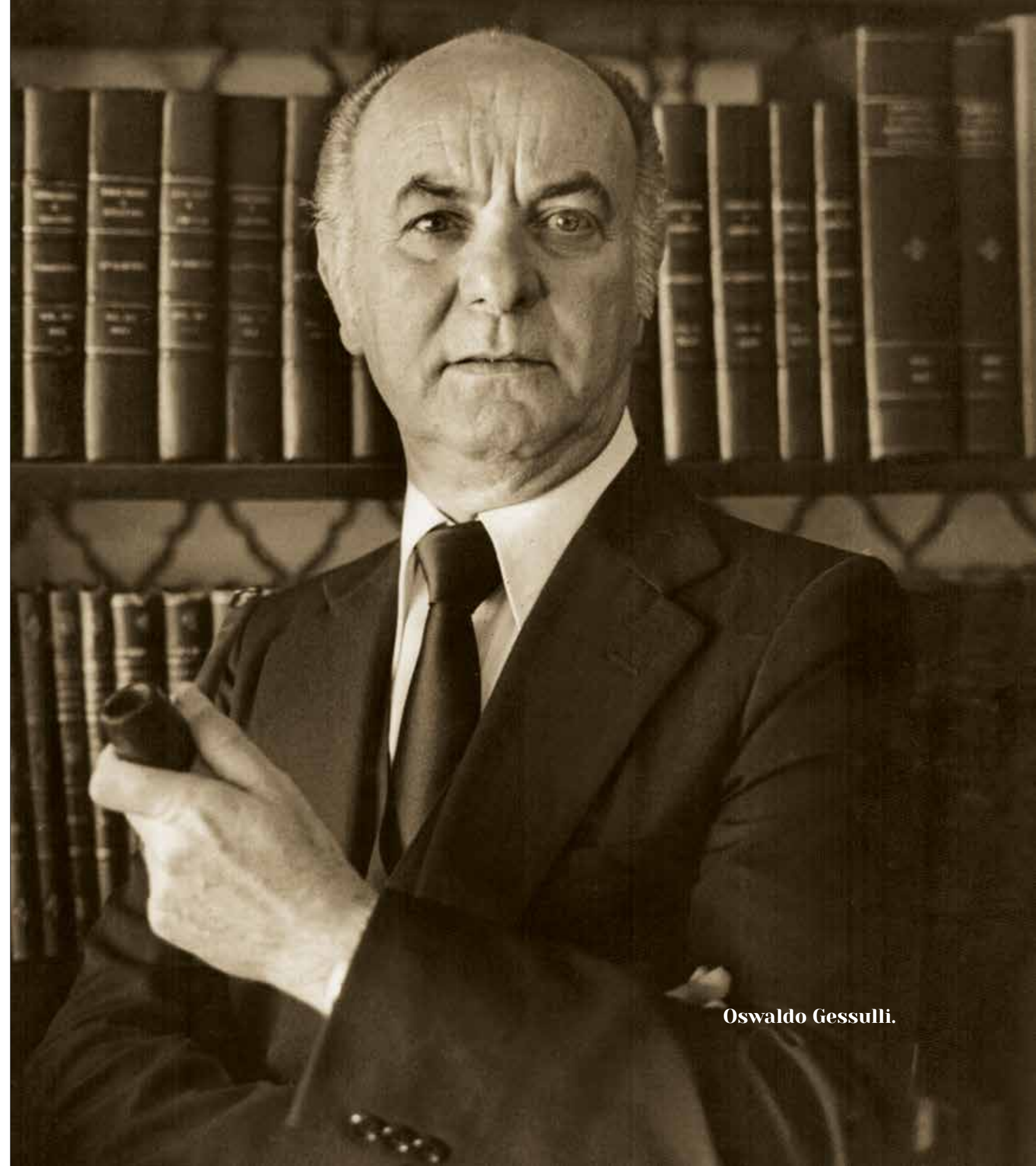
Oswaldo Gessulli sempre gostou muito da vida no campo. Mesmo vivendo na capital, visitava Ribeirão Preto sempre que podia, circulava pela cidade onde morou, contando aos filhos como era a cidade na época de sua infância. Ele também gostava de andar a cavalo, pescar. Sua postura nesses momentos revela a personalidade forte de um homem que constantemente buscava o que queria, trabalhava duro por isso e, assim, conquistava vitórias.

A seriedade com a qual Gessulli se dedicava ao trabalho marcou muito seus filhos, especialmente pelo *status* que conseguiu atingir no mercado editorial, atuando na revista Chácaras e Quintais: “ele foi um homem que procurou evoluir. Tanto que se tornou jornalista, não por cadeira, mas por serviços. Antigamente isso não era preciso, não precisava ser acadêmico. Então, ele se tornou um jornalista mundialmente reconhecido por seu trabalho na avicultura”, comenta Odimar.

Alguns anos depois, com os filhos já adultos, Oswaldo vê Julio Seabra manifestar o desejo de se desligar da sociedade. O engenheiro agrônomo já estava aposentado e queria se afastar da revista Chácaras e Quintais. Ele e Oswaldo chegaram a um acordo de compra e venda da metade que cabia a Julio para que a revista passasse a ser 100% de Gessulli.

Para efetivar essa transação comercial Oswaldo decidiu envolver os filhos Oswaldo e Odimar, propondo que ambos ficassem com a parte que era de Julio Seabra na sociedade. “Ele comprou a parte do sócio dele e essa parte do sócio, ele, entre aspas, transferiu para nós. Nós compramos, não ganhamos. Ele estabeleceu uma forma bem suave para pagarmos, pagando com o nosso salário de empregado a parte do que era do antigo sócio. Pagamos mês a mês, por 48 meses se não me engano. Estava no contrato social e ficamos pagando. Acho que do salário dava 80% pra pagar a sociedade e o resto ficava para a gente” – conta Odimar.

A partir desse momento, Oswaldo Gessulli dá um importante e decisivo passo na sua vida e, de certo modo, impulsiona a caminhada dos filhos. O resultado dessa ação se manifestou em um crescimento extraordinário para a empresa, para a revista Chácaras e Quintais e, sobretudo, para a comunicação do agronegócio brasileiro. Essa caminhada, ainda hoje trilhada por seu filho Oswaldo Penha Ciasulli, possui elementos que envolvem um legado de família e uma visão bastante apurada das diversas oportunidades que a vida apresenta para cada um. E, justamente por isso, esse tema nos abre novos capítulos da história da Família Ciasulli, voltados ao êxito no trabalho editorial, como será visto a seguir.



Oswaldo Gessulli.





Gessulli Gessullo Ciasulli Ge  
sulli Gessullo Ciasulli Gessu  
Gessullo Ciasulli Gessulli Ge  
sullo Ciasulli Gessulli Gessu  
lo Ciasulli Gessulli Gessullo



**Família Ciasulli e  
a Comunicação do  
Agronegócio Brasileiro –  
Pioneirismo e Tradição**

143



**Q**uando Oswaldo Gessulli decidiu comprar a parte de Julio Seabra Inglez de Sousa na Chácaras e Quintais, em 1968, tornando-se assim o único dono da revista, ele sabia que precisaria de alguém que continuasse o trabalho da área editorial da empresa, já que era responsável, sobretudo, pela área comercial.





Nessa época, seu filho mais velho, Osvaldo Penha Ciasulli, tinha acabado de voltar de lua de mel. Desde criança, Osvaldo demonstrava um grande espírito empreendedor, incentivado especialmente por sua mãe, que o orientava a fazer pipas para vender, a trabalhar como engraxate e a fazer carreto nas feiras: “quando eu tinha mais ou menos 13 anos de idade, precisei ajudar em casa. Então, minha mãe disse assim: *pega esses caixotes velhos, faz um carrinho e vai fazer carreto na feira*. Aí eu peguei martelo, prego, fiz o carrinho, arrumei umas rodinhas, coloquei e fui fazer carreto na feira. *Faz uma caixinha de engraxate, você é tímido, o seu irmão não, você fica engraxando e o seu irmão traz os clientes. Você faz pipa, faz pipa para vender na feira*. E eu comecei desde pequeno a fazer meu negócio. Comecei com carreto na feira, depois com engraxate, depois eu vendia pipa”, relata Osvaldo.

Já na adolescência, como visto no capítulo anterior, Osvaldo aprendeu a consertar máquinas de escrever e de calcular com seu tio Romeu Gessulli. A função lhe rendeu muito dinheiro. Ele chegava a ganhar por mês três vezes mais que seu próprio pai, mas, ao entrar para o Exército, acabou abandonando a profissão.

Por volta dos 20 anos, Osvaldo saiu do Exército e, desempregado, começou a buscar novas alternativas de trabalho. Nessa ocasião, um representante da revista Chácaras e Quintais disse para o pai de Osvaldo que iria fechar seu escritório de publicidade, chamado Divulgadora Imprensa Rádio. Este homem já tinha uma idade avançada, estava doente, com diabetes, e não queria mais se desgastar vendendo anúncios para mídias em geral.





**Osvaldo Penha Ciasulli no período que esteve no Serviço Militar.**

Gessulli, então, sai para almoçar com esse amigo e leva Osvaldo consigo. Durante o almoço, o amigo se impressionou com as atitudes do filho de Gessulli, que, com bastante entusiasmo, se oferece para trabalhar na Divulgadora Imprensa Rádio: “Eu falei assim: deixa eu tocar o seu escritório, eu tenho uma ideia de mídia, já tive alguns contatos com a revista do meu pai”. Na época, o escritório tinha um custo fixo de CR\$ 800,00 (oitocentos cruzeiros) e Osvaldo surpreendeu o amigo de seu pai

dizendo: “Você me dá 90 dias? Se eu não botar, se eu não colocar os 800 cruzeiros, você fecha o escritório e tudo bem”.

O pai de Osvaldo, vendo o entusiasmo do filho, incentivou o amigo a aceitar sua proposta, afinal ele era jovem, tinha garra e estava motivado para fazer o negócio crescer. E assim foi: no segundo mês, Osvaldo cobriu o valor necessário para manutenção da Divulgadora Imprensa Rádio e ali ficou trabalhando.

A sede da Divulgadora Imprensa Rádio estava situada na Rua Sete de Abril, próximo à Praça da República e à Galeria Metrôpole. Nesse período, grandes veículos de imprensa e da mídia estavam localizados na região, como os Diários Associados, uma agência de publicidade chamada CIN, o Grupo Matsuda, entre outros. O Grupo Matsuda editava uma revista chamada Visão – similar à Veja – além da Dirigente Rural, Dirigente Industrial, Dirigente Químico. Era uma série de revistas segmentadas e, de certo modo, a Dirigente Rural era uma das principais concorrentes da Chácaras e Quintais juntamente com a revista CooperCotia, uma publicação editada pela Cooperativa Agrícola de Cotia.

Osvaldo teve um grande período de aprendizado trabalhando na Divulgadora Imprensa Rádio, e seu êxito não foi só no campo intelectual, conhecendo uma série de bons profissionais e aprendendo com eles o traquejo do *savoir-faire* editorial; ele também aumentou de modo considerável o faturamento da empresa, chegando a um patamar altamente satisfatório em três anos de trabalho.



**Osvaldo Penha Ciasulli na Divulgadora Imprensa Rádio.**

“Estava rodeado pela Editora Abril, que ficava na Praça das Bandeiras, pela Martins Fontes, pelo Estadão. Então, caí no meio publicitário de uma maneira incrível. E todo publicitário andava de paletó e gravata, completamente bem-vestido e com uma caneta *parker* no bolso. Aí eu embarquei nessa, fui no meu amigo italiano, o Fusaro, na Aclimação, ele fez uns terninhos pra mim. Eu andava todo engratado, me achava o cara mais chique do mundo. Me tornei um publicitário e con-

vivi com todo o meio jornalístico. Aprendi como produzir uma revista, como editar uma revista, por que uma revista tem que qualificar sua capa, porque ela tem que ter uma produção maravilhosa. Comecei a conviver com gente de altíssimo nível intelectual. E como todos eles gostavam de um bar e de uma cachaça, onde era a reunião de toda essa gente? Na Galeria Metrôpole! Então, eu batia cartão ali” – relembra Osvaldo sobre início de sua carreira.





**Osvaldo Penha Ciasulli.**

Foi justamente no auge desse período em que Osvaldo expandia sua carreira na Divulgadora Imprensa Rádio que Julio Seabra decidiu sair da Chácaras e Quintais. Gessulli, então, viu na saída do sócio uma oportunidade para trazer seu filho para trabalhar consigo e fez a proposta. Sem dúvida, era uma oportunidade, mas Osvaldo, acostumado com a vanguarda da Galeria Metrôpole achava a revista de seu pai muito antiquada – o formato era antigo, a diagramação, a forma de impressão. O mercado já trabalhara com modos mais modernos e, então, ele pondera: “meu pai

me convidou para trabalhar com ele. Falei, pai, eu tô muito bem aqui na Divulgadora Imprensa Rádio. Pra eu trabalhar com você eu preciso ser seu sócio. Então, eu comprei a parte do Júlio Seabra e entrei de sócio do meu pai”.

De acordo com o registro do contrato social da época, os 50% que correspondiam à parte de Julio Seabra Inglês de Souza foram comprados por Oswaldo Gessulli e seus dois filhos, Osvaldo e Odimar, na seguinte proporção: 25% para o pai e 12,5% para cada um dos filhos. E assim, pai e filhos começaram a construir uma nova etapa na vida da editora, que já estava no mercado há 60 anos. A partir dessa nova configuração, os clientes, que costumavam chamar Oswaldo de Oswaldo Gessulli – e mais recorrentemente de apenas Gessulli – passaram a chamar seu filho Osvaldo de Osvaldinho. E isso, de certo modo, permanece ainda hoje.

Bem, Osvaldo/Osvaldinho deixou a Divulgadora Imprensa Rádio e começou a trabalhar na Chácaras e Quintais. Até esse momento, o contato mais próximo que ele havia tido com o mercado rural, com o agronegócio, era visitando um sítio do tio de seu amigo Luiz Edgar de Castro e trabalhando com o jornal Rio Avícola – uma publicação que era representada pela Divulgadora Imprensa Rádio. “Num dos produtos da Divulgadora Imprensa Rádio tinha um jornal chamado Rio Avícola, que era do Rio de Janeiro. Um jornal tabloide que falava de avicultura, porque a história da avicultura no Brasil foi forte no Rio de Janeiro, partindo para um processo mais industrial”, destaca Osvaldo.

Na Chácaras e Quintais, enquanto Gessulli continuava à frente do comercial e administrando a empresa, os filhos passaram a executar tarefas distintas: Osvaldinho se dedicava à publicidade e ao editorial e Odimar fazia algumas matérias e cuidava do setor de reembolso da revista. “Eu fui trabalhar com meu pai desde molequinho, com 14, 15, 16 anos. Trabalhava como empregado dele. Tenho registro em carteira como empregado. Só depois virei sócio. Eu e meu irmão. Só que meu irmão nessa época fazia uma coisa e eu fazia outra. Eu trabalhava numa área de reembolso. A empresa era na Rua Tabatinguera e eu ia lá na Praça do Correio, com uma mala enorme buscar dinheiro. E subia de lá até a Rua Tabatinguera e nunca fui assaltado. A gente vendia livros para toda a África Portuguesa, eles compravam publicações nossas. E vinha gente de Portugal, da África Portuguesa – Angola, Moçambique – comprar livros aqui porque tínhamos livros sobre plantação de uva, uma infinidade de coisas, sobre criação de gado para fazer tamborim, livro de galo de briga, tudo o que era ligado à agropecuária, avicultura, suinocultura. Trabalhei muito tempo com isso” – relembra Odimar.

Como narra Odimar, nesse período a editora tinha outras atividades comerciais, como a venda de livros da área de agronegócios, entretanto, o carro-chefe, sem dúvida, era a revista. Mas o mundo estava mudando, as novas tecnologias começavam a ganhar espaço e Osvaldinho, atento a isso e com a *expertise* que havia ganhado na Divulgadora Imprensa Rádio, percebeu a importância de modernizar a revista para ganhar ainda mais credibilidade no mercado.



**Capa do Jornal Rio Avícola.**

“Logo começou o discurso: pai, sua revista é antiquada. Tive uma discussão muito grande com o meu pai, porque ele se firmou em vendas, não adquiriu o *know-how* que eu adquiri como publicitário. Ele ficava no pingue-pongue com o cliente. Ele vendia espaço. Ele só era vendedor de espaço, mas como começou a ter contato com o mercado, ele começou a ter uma visão do agronegócio e assimilou isso, assimilou o marketing, a mídia, os papéis, impressão. Eu tinha aprendido aquilo porque eu queria, eu era fruto do meio ambiente. Não me esforcei para aprender, veio naturalmente. Aí eu assumi de vender a revista com ele” – conta Osvaldo.









Diante desse resultado, Gessulli teve ainda mais certeza da respeitabilidade de sua publicação no meio, e Osvaldo viu uma oportunidade perfeita para convencer seu pai a tornar a Chácaras e Quintais ainda mais preponderante entre os leitores, realizando as mudanças que queria. Osvaldo começou a propor novos anúncios para as empresas, em formatos que fugiam do convencional na época, mostrando a capacidade robusta dos carros e caminhonetes, seduzindo as montadoras a anunciar e os produtores a comprar: “A partir daí as empresas vieram me procurar, eu já conhecia a agência, eu já trabalhava com anúncios. Isso foi uma coisa fantástica na minha vida profissional. Eu convenci a Ford a produzir um anúncio do caminhão F4000 carregado de verdura em frente aos portões da CEAGESP e eles fizeram para a Chácaras e

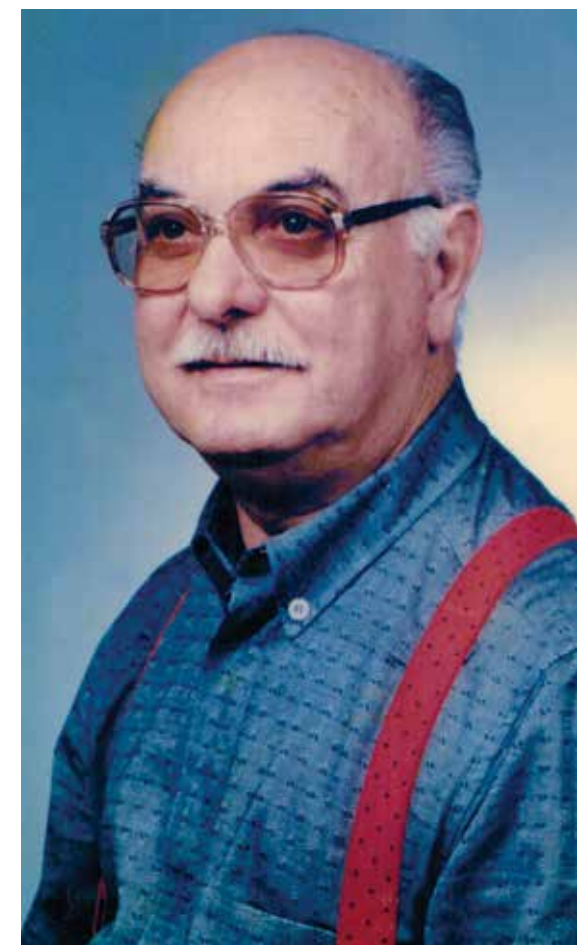
Quintais. Aí teve o anúncio do Jipe e trouxemos para dentro da revista duas grandes empresas. Meu pai começou a falar assim: *esse moleque deve ser talentoso*. E ele passou a me ouvir mais”.

Depois desses episódios, a revista passa a atrair anunciantes de diversos segmentos mais naturalmente e, conseqüentemente, passa a atingir novos patamares no mercado e entre seu público fiel de leitores. A partir de então, foi só uma questão de tempo para que o velho Gessulli aceitasse a realizar algumas mudanças que o filho Osvaldinho propunha. No entanto, mesmo entrando em acordo com a geração mais jovem da família, Gessulli era o pai, era o chefe, era o comandante ou, como diz o próprio Osvaldinho ainda hoje, “ele era o cara!”.

## O pioneirismo e o legado de Osvaldo Gessulli

*Se fosse possível identificar a história de um homem em apenas uma frase, talvez se pudesse dizer: *Osvaldo Gessulli foi um homem que se fez sozinho*. E por que isso seria dito? Possivelmente porque foi um homem que nasceu no interior, numa família que perdeu todos os seus recursos financeiros, que não estudou, que viveu boa parte da vida sem ter uma casa própria e que, mesmo assim, soube construir sua própria vida, percebendo as boas oportunidades que lhe ajudaram trilhar novos caminhos. Com isso, Osvaldo Gessulli foi capaz de se tornar um dos maiores editores de seu tempo e de conduzir uma das mais importantes revistas do agronegócio brasileiro, deixando um legado sem qualquer mácula em sua reputação.*

Ao conversar com os profissionais que conviveram com o velho Gessulli ao longo de sua carreira, muitos predados são narrados sobre sua figura imponente e inconfundível. Dono de um porte físico robusto, com um tom de voz firme e alto, ele se destacava em qualquer reunião. Quando estava com seus clientes em algum restaurante, todos podiam ouvi-lo nos quatro cantos do salão. Era um típico descendente



**O velho Gessulli.**





te de italiano, brincalhão, jocoso com seu modo de vender anúncios, de manter os clientes sempre envolvidos às suas descobertas, atento às vanguardas e às novidades do mercado. Foi alguém que construiu uma carreira sólida utilizando-se de uma principal característica: a habilidade de se relacionar com as pessoas, transmitindo-lhes confiança e, sobretudo, construindo vínculos sólidos. Daí vinha sua persuasão. Oswaldo Gessulli não era um homem dado a instabilidades, tinha palavra e ela valia muito.

Mesmo o relacionamento de trabalho com os filhos, Osvaldinho e Odimar, foi construído sob essas mesmas bases. Ele era um grande amigo dos dois na vida adulta, os tratava com o mesmo respeito que tratava qualquer outro sócio e, de certo modo, usava sua sagacidade para desafiá-los a empreenderem mais que ele mesmo. Depois que comprou a parte de Julio Seabra Inglez de Souza e passou a dirigir a editora e a revista *Chácaras e Quintais* com os filhos, Oswaldo Gessulli liderou os negócios com um estilo bastante particular.

Depois de ver sua revista ganhar um novo fôlego no mercado com os anúncios feitos pelas montadoras automobilísticas, ele começa a prosperar não só financeiramente, mas também como profissional, atingindo uma maturidade ímpar como editor. Nesse período, entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970, ocorrem as primeiras mudanças no formato e no conceito editorial da revista *Chácaras e Quintais*, motivadas especialmente pelas sugestões que Osvaldinho propunha para adequar a publicação aos novos tempos do Século XX.

Do ponto de vista do conteúdo, a revista *Chácaras e Quintais* tinha uma vocação para a avicultura. A maior parte de seus artigos tratava sobre este tema, mesmo porque a Família Barbielline, que fundou e comandou a revista por seis décadas, tinha uma grande granja localizada no extremo leste da cidade de São Paulo, na Vila Ema. Nessa época, a cidade ainda tinha zonas rurais em suas franjas, nos limites com outros municípios, e o Conde Amadeu Barbielline que criava frangos em sua chácara era também conhecido na região como “Conde Galinha”. Logo, era comum que esse segmento fosse o mais explorado em sua publicação. Por muitos anos, a *Chácaras e Quintais* teve uma seção inteira dedicada às aves.

Momentos mais tarde, Osvaldinho convidou um técnico do Parque da Água Branca, seu amigo Luiz Edgard de Castro para escrever essa seção, e o trabalho editorial voltado à avicultura ganhou ainda mais fôlego. Gessulli também se dedicava ao meio, passou a conhecer todos os produtores do país, viajava muito visitando granjas e as empresas que subsidiavam a criação: ração, equipamentos, vacinas.

Nessa época, uma revista americana caiu nas mãos de Osvaldinho. Era uma publicação da cidade de Atlanta intitulada *Indústria Avícola* – que ainda hoje existe no mercado e que completou 100 anos em 2017. Ao observar o modo como essa revista tratava o tema das aves, falando sobre as questões genéticas que as envolvem e sobre a cadeia produtiva, Oswaldo percebeu que era preciso olhar para a avicultura não apenas como uma atividade rural, mas

sim como uma indústria – uma verdadeira indústria que envolvia uma grandiosa cadeia produtiva.

Diante dessa descoberta, Osvaldinho tentou convencer seu pai a mudar o nome da Revista *Chácaras e Quintais* para *Avicultura Industrial*. Mais uma vez Gessulli se negou a ouvir a proposta do filho. Achou que isso era desnecessário, voltou à tecla de que a revista era tradicional, que tinha décadas de mercado e era reconhecida pelo público. Mas o filho insistiu e, depois de muita discussão, chegaram à conclusão de que a revista poderia manter seu nome e acrescentar um subtítulo, e assim foi feito. “Eu disse: avicultura é uma indústria de produção de carne, então, pai, nós temos que transformar nossa revista, nós temos que fazer *Avicultura Industrial*. *Você está louco, a revista tem 60 anos de vida*. Mas as coisas mudaram, pai. Isso é passado. O passado morreu, nós temos que acompanhar. Aí ele se convenceu que tinha que ficar *Chácaras e Quintais – Avicultura Industrial*, com um subtítulo. Já era alguma coisa e também se convenceu que o formato podia ser 21 cm x 28 cm”.

A partir daí, paulatinamente, outras formas de abordar o tema foram introduzidas na redação, do mesmo modo que novos contatos começaram a render bons frutos na área comercial, como laboratórios, grupos de ração e outros, ampliando a perspectiva da revista sobre todas as etapas da cadeia produtiva até chegar ao consumo final. A repercussão dessa nova fase da revista no mercado foi positiva e as transformações de linguagem se tornaram mais palatáveis e naturais para Gessulli, que, em 1971,

concordou que a revista passasse a se chamar apenas *Avicultura Industrial*.

O novo título se tornou uma marca de Oswaldo Gessulli. A revista ainda se dedicava majoritariamente à avicultura, mas também tratava de outros temas do agronegócio. Respeitado pelo meio, o trânsito de Oswaldo não se restringia apenas aos produtores e empresas do setor, ele também mantinha um bom relacionamento com os órgãos de fomento à agricultura e pecuária nos municípios, estados e governo federal.

Uma foto histórica mostra Gessulli em reunião com o ex-secretário de Agricultura do Estado de São Paulo, Antônio José Rodrigues Filho – pai do ex-Ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues. A família Rodrigues tem uma longa história de fomento ao agronegócio brasileiro. Antônio Rodrigues foi um grande incentivador do associativismo e da organização coletiva dos produtores; já seu filho contribuiu para a consolidação do agronegócio brasileiro no mercado internacional.

No Estado de São Paulo, a Secretaria de Agricultura aglutinava toda a administração da produção e oferta de alimentos, incluindo as políticas de fomento à produtividade rural e incremento de renda ao produtor. Também mediava o agronegócio paulista em âmbito nacional e internacional, sendo uma das importantes fontes de conteúdo para a revista. O apoio institucional do Estado para a agricultura e pecuária era primordial para que o negócio se destacasse na balança comercial brasileira e passasse a ocupar uma posição de destaque nas políticas de governo.







**Oswaldo Gessulli com Antônio José Rodrigues Filho, ex-Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo.**



**Oswaldo Gessulli em almoço do Clube do Galo.**

Para que o setor ganhasse ainda mais força e pudesse se destacar no competitivo mercado internacional, Oswaldo Gessulli, juntamente com a União Brasileira de Avicultura, criou o chamado Clube do Galo – um almoço mensal de confraternização entre os avicultores e empresários do setor. A ideia era aproximar os diferentes atores do cenário avícola, colocá-los lado a lado para que, se conhecendo, pudessem trocar experiências e pensar juntos em novas oportunidades para gerar negócios. Algo simples, prático, muito antes do “curtir” e “compartilhar” se tornarem indicativos de vínculo entre as pessoas.

Segundo Nelson Lopes, presidente da Vaccinar – Nutrição e Saúde Animal, na época em que Oswaldo Gessulli começou seu trabalho na revista Chácaras e Quintais o mercado nacional era pequeno e a maior parte dos equipamentos do ramo era produzida fora do país e o que se produzia aqui era praticamente uma cópia do que existia no exterior. Nesse contexto, o trabalho de Gessulli desbravou um caminho importante na comunicação do agronegócio e pavimentou uma estrada sólida agregando o setor. “Antigamente tinha um churrasco todo mês, a gente mensalmente se encontrava com o Oswaldão. Ele era





um fazedor de notícias, ficava o dia inteiro buscando informações e trabalhando para as empresas anunciarem. Sempre me lembro do Oswaldo nas primeiras feiras que houveram para se reunir agricultura. Ele deixou uma história sólida de profissionalismo, com revistas com pontos de vista comerciais bem sérios” – lembra Nelson.

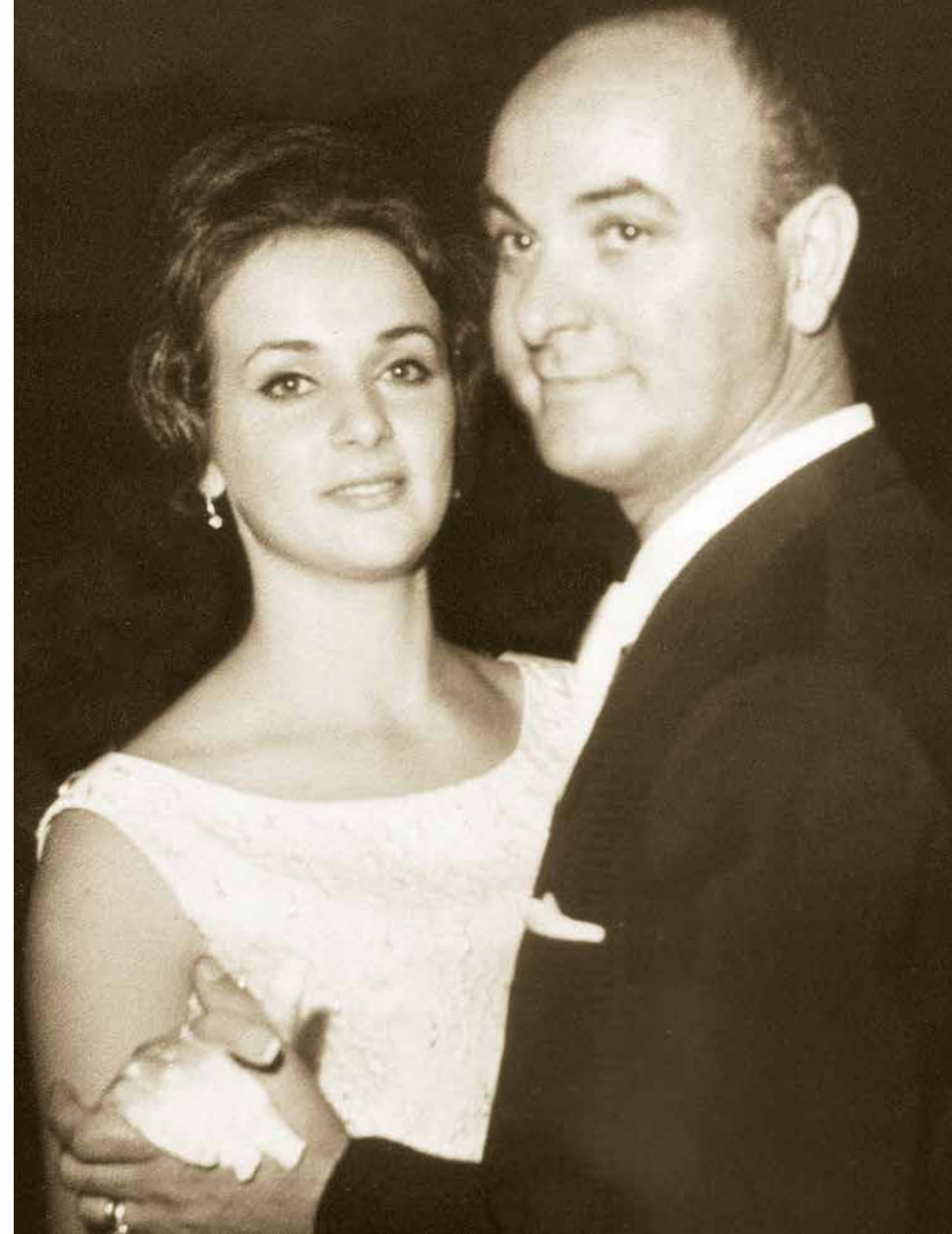
E aqui cabe dizer que nem Oswaldo pai, nem Oswaldo filho frequentaram os bancos das universidades. Aprenderam trabalhando, aprenderam fazendo as coisas acontecerem, acertando, errando e aprendendo com todas as circunstâncias. “Meu pai foi um cara que sempre nos ensinou a trabalhar e a buscar dinheiro. Inovar, ir atrás. O plano era trabalhar, ganhar dinheiro, sempre voltado ao comércio. Sempre foi um empreendedor.” – diz Odimar sobre o pai.

Para Edir Nepomuceno, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Oswaldo Gessulli era “alegre, bem brincalhão, sorridente. Era o típico italiano no vestir, no falar, no comportar. Era antes de tudo um grande amigo de todo mundo, extremamente simpático e humilde”. De certo modo, essa característica Gessulli foi o que lhe garantiu um sucesso para além da formação e, com isso, ele foi capaz de não só atuar com êxito, mas também de deixar um legado entre as empresas e profissionais do agronegócio, como descreve Rodrigo Miguel, vice-presidente da Wisium Business, do Neovia Group: “ele teve, para mim, dois grandes legados. Primeiro, a ousadia que foi uma característica especial. Conheci e conversei bastante com ele sobre a história dessas revistas. Essas publi-

cações não nasceram na família dele, ele enquanto funcionário teve a oportunidade de virar dono, fez com competência e fez as revistas virarem o que viraram. O segundo é que não tendo formação técnica nesse mercado e nessa área, sem dúvida nenhuma, a grande ferramenta que ele usou para fazer isso foi o relacionamento dele, o relacionamento com o mercado”.

A palavra-chave do legado de Oswaldo Gessulli foi relacionamento. Ele construiu uma relação estreita com os produtores, empresários e até mesmo com seus concorrentes – o maior deles, lembrado pelos antigos clientes de Gessulli, foi Lauriston von Schmidt. Entre Oswaldo e Lauriston destacava-se justamente essa diferença de personalidade. Ambos eram muito competentes, inteligentes, tinham paixão pelo o que faziam, mas para personalidades do setor, como Edir Nepomuceno, Gessulli era alguém muito mais próximo e acessível: “Eu sempre lembro dele como aquela figura com a máquina fotográfica na mão, conversando com todo mundo, brincando. O outro jornalista, que tinha um perfil oposto ao dele chamava-se Lauriston Schmidt. Quando os dois estavam presentes em um evento, o Seu Oswaldo era extremamente simples e humilde com todas as pessoas, deixava espaço para o outro falar. E o outro era muito pavão, muito pavão”.

**Oswaldo Gessulli  
com sua filha Osmeire.**







**Oswaldo Gessulli e Odila nas Bodas da Prata.**

Em maio de 1976, com a empresa já estabilizada, Gessulli decide se retirar da sociedade. Mas, isso absolutamente não significa que ele se aposentou. Na verdade, ele deixa a direção da empresa para se tornar colaborador da revista, atuando no editorial e na venda de anúncios, buscando matérias e trazendo novos acordos comerciais, deixando seus filhos Osvaldinho e Odimar no comando.

A transmissão da direção da revista para a nova geração da família marca um momento de desafio entre pai e filhos – se assim pudermos entender. Isso porque o

velho Gessulli não entregou seu patrimônio mais solidamente construído de bandeja. No contrato que assinou com Osvaldo e Odimar ele incluiu uma cláusula que expressamente obrigava os filhos a devolverem a empresa para ele, caso seu pagamento como funcionário atrasasse mesmo que fosse em um único dia: “A passagem da empresa aconteceu naturalmente. Nunca houve pressão, foi até uma oferta dele. Embora ele não fosse mais o dono, sempre teve participação na receita. Ele dava de 10 a 0 em todos os outros vendedores. Então, sempre teve uma boa grana sem ter a preocupação de ser dono. Mas ele fez um documento para mim e para o Odimar, dizendo que se nós atrasássemos 1 dia o pagamento, a empresa voltava para ele no outro dia. Eu e o Odimar pagamos ele sempre em dia, às vezes até uma semana antes. Cumpríamos rigorosamente o acordo. Esse foi um trabalho meu e do Odimar, e depois crescemos e montamos um parque gráfico”.

Com a venda de sua parte da empresa para os dois filhos homens, Osvaldo comprou duas casas para suas filhas mulheres – Osmeire e Sueli. Tradicional como era, ele acreditava que os filhos homens poderiam construir suas próprias vidas, patrimônio, aventurando-se a partir de tudo o que ele ensinara; as mulheres, entretanto, precisavam de algo mais seguro, estruturado e, por isso, ele decidiu dar um imóvel para cada uma.

A verdade é que juntos, Osvaldo e Odimar imprimem uma nova dinâmica no dia a dia da editora, mas sem desconsiderar ou desrespeitar a autoridade do pai.



**Os irmãos Odimar Gessulli e Osvaldo Penha Ciasulli.**

Ainda nos anos 1970, a empresa estava localizada em uma casa no bairro do Paraíso e a impressão em *offset* era feita em uma gráfica na cidade de Guarulhos, Estado de São Paulo. Nessa época, a gráfica que imprimia a revista estava importando maquinário da Itália – um modelo de impressora chamado Aurélia. O financiamento para compra dessas máquinas poderia ser feito diretamente com os bancos e as empresas italianas, sem a necessidade de buscar subsídios no Brasil.

Esse acordo comercial era mediado pelo Grupo Executivo das Indústrias de Papel e Artes Gráficas (Geipag), que injetou cerca de U\$ 61 milhões em maquinários no Brasil para o processamento em *offset*, importando impressoras majoritariamente



**Oswaldo Gessulli com as filhas Sueli e Osmeire; ao fundo, Odila com os filhos Osvaldo e Odimar.**



da Itália e da Alemanha<sup>1</sup>. Diante disso, os irmãos Gessulli viram nessa possibilidade uma oportunidade de coordenar toda a cadeia produtiva da revista, do editorial à impressão. Contudo, ao consultar o pai recebem de volta uma resposta contrariada. O velho Gessulli achava que os filhos estavam enlouquecendo, pois não tinham recursos para montar uma gráfica: “pai, vamos importar essas máquinas? – *Você tá louco, você tá maluco, você sempre com as suas ideias loucas!* Ele sempre foi contra as minhas ideias. Sempre. A empresa já era minha e do meu irmão, mas nunca atropelamos ele. Mesmo não sendo sócio, ele tinha sempre a última palavra, porque o respeito sempre existiu até ele morrer” – conta Osvaldo.

Mas os irmãos não se arrefeceram, foram em frente e negociaram a compra das máquinas diretamente com os revendedores italianos. Depois de convencer o pai de que seria possível importar e pagar esse financiamento aos italianos, as máquinas desembarcaram de um caminhão guincho na sede da editora. Em seguida, eles adquiriram uma guilhotina usada para o corte do papel.

Nessa época, Osvaldinho também já era figura conhecida e reconhecida no meio. De norte a sul do país, produtores e em-

presários destacavam não só os títulos das revistas, mas seus maestros – pai e filho. Para os clientes mais próximos um acabou se tornando a extensão do outro. Osvaldo aprendeu com o pai a arte de se relacionar com o meio, de falar franca e abertamente e de ser transparente nos negócios: “o Osvaldinho é uma pessoa conhecida e respeitada no meio, ele não é de falar bobagem, ele não é de ser inconveniente, ele é uma pessoa bem carismática” – afirma Nelson Lopes, presidente da Vaccinar – Nutrição e Saúde Animal, que viu as revistas sendo comandada pela família nessas longas décadas. Com o tempo, o velho Gessulli passou a observar as mudanças que os filhos empreendiam com olhares mais otimistas.

A transição de pai para filho no mercado ocorreu tão naturalmente que as principais diferenças apontadas entre as personalidades do ramo estão ancoradas nas próprias transformações do tempo, no avanço da tecnologia e na grande preponderância que a internet e as mídias sociais ganharam nos últimos anos. Logo, a carreira de Osvaldinho na comunicação do agronegócio brasileiro começou no lastro de uma grande tradição para, com o tempo, compor seu próprio legado, pautado sempre pela capacidade de aproveitar as oportunidades e inovar.

1. A impressão offset no Brasil, por Margareth Meza, 01/08/2008. In: <[http://revistatecnologiagrafica.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=152:a-impressao-offset-no-brasil&catid=68:materias-especiais&Itemid=188](http://revistatecnologiagrafica.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=152:a-impressao-offset-no-brasil&catid=68:materias-especiais&Itemid=188)>.

## Reminiscência de uma Saudade

**Tempos idos e vividos... se forem bons ou maus deixam sempre recordações, e, nada melhor do que a ciência avícola para nos deixar saudades, principalmente pelas amizades. Revivendo o passado, já nos primórdios da avicultura introduzida como ciência no Brasil vivíamos em um clima de intenso progresso por todo o País, através do conhecimento de novas amizades, muitas duradouras, outras efêmeras, ou seja, viver sem amigos é morrer sem deixar lembranças.**

**Na era “romântica” da avicultura industrial, ocorriam inúmeros encontros técnicos/científicos objetivando a introdução de novos conceitos em termos de produção, manejo e saúde das aves. Atualmente, tal situação é coisa do passado, pois, a avicultura perdeu a sua identidade de representatividade tanto junto dos avicultores, independentes ou não, como junto às autoridades que supostamente dizem protegê-la. Entretanto, vivendo do passado onde novas amizades iam surgindo de acordo com o progresso avícola, tivemos o prazer de conhecer uma pessoa falante, através de sua voz rouca, chamado Osvaldo Gessulli que surgiu em um dos nossos encontros, sempre empunhando a sua máquina fotográfica para a posterior identificação dos fatos. Como um “intruso”, porém extremamente simpático pela ousadia e franqueza, foi conquistando o público avícola, inclusive eu que o admirava bastante por ser um excelente promotor da avicultura brasileira. Desta maneira, surgiu uma amizade entre nós, bastante franca e sincera na qual,**





humildemente, o Gessulli me pedia a colaboração para escrever artigos científicos para o lançamento de sua revista a “Avicultura Industrial”, que seria mais ou menos o segmento da revista “Chácaras e Quintais”, editada pela sua família; mal sabia ele que com tal colaboração, a revista estaria também me promovendo em termos profissionais. Motivado, comecei a trabalhar, principalmente durante a estada por três anos nos Estados Unidos, onde buscávamos o título de PhD. Assim, passávamos para o Gessulli alguns “furos” avícolas, por exemplo: “A descoberta das vacinas contra a doença de Marek”; “O DCR silencioso das aves”; “Os cuidados na aplicação da vacina contra a Doença de Marek”, e muitos outros. Embora sendo um repórter ávido por notícias, durante o VI Congresso Brasileiro de Avicultura (que saudades...) realizado em 1979 em Belo Horizonte, apresentamos uma palestra sobre a “A Incubação Artificial no Futuro”, e, como sempre, o Gessulli me pediu a palestra para a publicação. Ansiosamente, esperei pela publicação na “Avicultura Industrial e nada... Finalmente, reclamei, e a resposta foi simples “Meu véio, me perdoe porque eu perdi o que você escreveu!!!” O pior, eu não tinha a cópia!!!, porém, ambos fomos culpados.

Infelizmente perdemos um grande amigo, sempre presente em todos os momentos de nossas vidas. “A mais bela flor do mundo perde a sua beleza, porém, uma amizade fiel dura a eternidade”.

**Professor Egladison João Campos**  
**Trecho do texto enviado como contribuição para este**  
**livro em 27 de agosto de 2017**

## Osvaldo Penha Ciasulli: da tradição à inovação

Osvaldo Penha Ciasulli.



A trajetória de Osvaldo Penha Ciasulli na comunicação do agronegócio brasileiro é marcada por diversos títulos de revistas, pela organização de importantes eventos para o setor e por uma capacidade de aglutinar diferentes aprendizados e de se reinventar constantemente. Trabalhou anos

com seu pai compartilhando todo cotidiano do negócio, assim como as responsabilidades comerciais e editoriais da Chácaras e Quintais, depois Avicultura Industrial. Sempre colocando em pauta sua visão, suas perspectivas e até mesmo sua intuição sobre como era o processo de comunicação.





Vale dizer intuição porque todo o seu repertório profissional foi formado pelo próprio exercício da profissão, pelo dia a dia, pelo convívio com técnicos, produtores, empresários e acadêmicos da área, por sua curiosidade sobre as coisas, pela ousadia de tentar – e tentando, errar; e errando, aprendendo com os erros; e assim, sem desistir, tentando novamente.

Nesse período, a editora não tinha contato com nenhum bom jornalista que trabalhasse com o tema do agronegócio em revistas. Decidiu, então, procurar profissionais que atuassem nos jornais diários, que escrevessem bem e tivessem bom domínio do português. Publicou um anúncio no jornal O Estado de São Paulo à procura de candidatos e, entre eles, estava Martin Bueno de Mesquita.

Martin era um profissional de alto nível, excelente escritor e, assim como Osvaldo e seu pai, um apaixonado por caça – que no início dos anos 1970 ainda era liberada no Brasil. Logo tornaram-se próximos e Martin apresentou a Osvaldo o exemplar de uma revista americana sobre o tema. Osvaldo se empolgou com título, adorou a ideia de uma publicação dedicar reportagens e artigos sobre os mais diversos tipos de caça animal.

O entusiasmo rapidamente se transformou na ideia de uma nova publicação. Osvaldo e Martin se debruçaram na proposta editorial do que seria a primeira revista brasileira dedicada à caça esportiva e à pesca artesanal, desenharam as seções, colunas, pensaram nos redatores. Osvaldo ainda analisou o mercado, avaliando

quais seriam os possíveis anunciantes do veículo e como a distribuição deveria ser feita. Com tudo na ponta do lápis, faltava apenas definir o nome da revista. Então, depois de muito debater a respeito, Martin sugeriu: Troféu! A ideia de troféu veio do fato de que todo animal abatido representa uma conquista, uma vitória para o caçador, logo, o seu troféu.



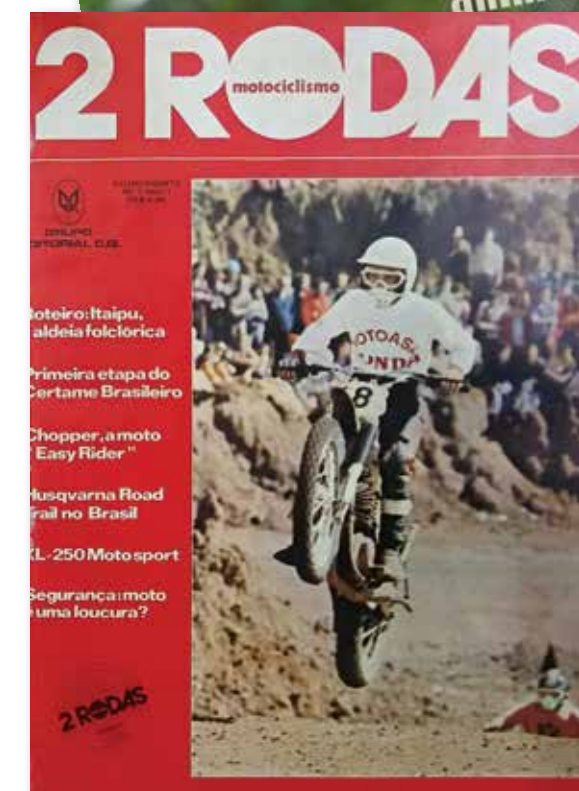
**Osvaldo Penha Ciasulli com troféus de caça.**

O primeiro exemplar da Troféu foi distribuído em 1971 e cresceu abordando temas como campismo e náutica. Uma coisa foi puxando a outra e o público tinha informações completas sobre locais de caça, animais, abate. A publicação ficou ativa por cerca de 3 anos, até os rumores sobre a proibição da caça e o estigma da atividade no Brasil começar a inviabilizar a produção.

Mesmo durando poucos anos, a experiência da revista Troféu foi extremamente positiva para a vida editorial de Osvaldo, pois a partir de uma seção da revista que era dedicada ao motociclismo, surgiu a ideia de criar uma publicação dedicada exclusivamente a esse segmento.

Osvaldo sempre foi um apaixonado por velocidade e via um charme especial nas motos. Convidado para assistir as 500 milhas em Interlagos, ele acaba encontrando jornalistas da área, amigos dos Diários Associados que conhecia, amigos da Rua Sete de Abril e, entre eles, um jornalista chamado Edson Di Fonzo (1948-2015), que corria nas 500 milhas de Interlagos.

Conversando, Osvaldo e Di Fonzo começaram a imaginar uma revista inteira dedicada ao automobilismo. E qual título poderiam dar a esta publicação? Osvaldo não teve dúvida: Duas Rodas! Na época, a Editora Abril já publicava a revista Quatro Rodas e obviamente a ideia de Osvaldo fazia essa intersecção. Di Fonzo achou que o amigo estava louco, mas ele não desistiu. Pesquisou e descobriu que o nome não tinha registro e registrou. Em novembro de 1974, a primeira edição de Duas Rodas foi publicada.



**Revistas Troféu e 2 Rodas.**





Mal entrou em circulação, a revista foi processada por Víctor Civita, presidente da Editora Abril. Ele questionou juridicamente o título, já que detinha os direitos de Quatro Rodas. Na época, a equipe jurídica da Editora Abril, que era uma das mais importantes editoras do país, contava com um corpo de mais de 7 advogados, que conseguiram na justiça uma ordem de busca e apreensão de Duas Rodas na editora da família Gessulli. “Quase matei o Civita de infarto. Ele me processou, fez busca e apreensão dentro da minha empresa. A polícia entrou lá e ficamos em pânico. Aí nós entramos com uma defesa, peguei um amigo meu advogado, ganhamos de letra e continuamos a revista” – lembra Osvaldo.

A revista cresceu, ganhou uma grande e importante fatia do mercado, exigindo recursos que pudessem atender às demandas de sua recepção entre o público. Sem dinheiro suficiente para fazer a publicação crescer, Osvaldo trouxe um sócio para a revista, Miguel Jorge, que era um colaborador da revista e repórter do Jornal da Tarde na época e que, anos depois, se tornaria Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Governo Lula, entre 2007 e 2010.

Miguel conseguiu emprestado o dinheiro para compor a sociedade e ele passou a deter parte do título de Duas Rodas. Seu compadre, João Carlos Di Genio, foi quem concedeu o empréstimo. A partir daí, a revista cresceu ainda mais, tornou-se uma das principais publicações do mercado e a editora passou a ter um ótimo faturamento com ela. “Tínhamos outra equipe traba-

lhando em vendas, íamos na Sousa Cruz, indústria de motocicleta, de roupa, era outro mercado” – conta Osvaldo.

Pode-se dizer que Duas Rodas representou um dos grandes momentos de expressão da capacidade de inovação de Osvaldo. Ligado majoritariamente ao agro, ele sempre demonstrou estar atento às novas tendências. “As revistas nasceram sempre a partir de uma oportunidade. Ninguém tinha mágica. Se eu olhar para a vida do meu pai, para vida da minha mãe costurando, ela me mandando trabalhar na feira, tudo uma oportunidade, por pior que seja. Quando você não tem diploma universitário, você não tem um curso de especialização, você aprende a administrar as oportunidades da vida” – diz.

Em 1977, porém, Miguel Jorge foi convidado a ser editor do Estadão e, para aceitar o cargo, ele não poderia ter nenhum vínculo com qualquer outra editora. Osvaldo não tinha como comprar a parte de Miguel na revista e, para não descontinuá-la, a solução foi vender o título para terceiros: “A revista deixou de ser minha. Foi uma perda grande porque até hoje essa revista existe e é um sucesso”.

Nesse mesmo ano de 1977, Osvaldo e Odimar dividiram a empresa entre os títulos editoriais e o parque gráfico. Osvaldo ficou com a revista Avicultura Industrial e Odimar, com a gráfica. O velho Gessulli seguiu trabalhando com o filho Osvaldinho na revista que, por alguns anos, ainda manteve sua sede na cidade de São Paulo. Mais tarde, estabeleceram-se no interior do Estado.



**Osvaldo Penha Ciasulli**  
no escritório.



Oswaldo já era um profissional calibrado quando se desligou da sociedade com Odimar. Tinha convicção de que sua vocação era o trabalho editorial, por isso continuou a tocar os títulos com o mesmo entusiasmo e com o apoio de seu pai. Mas, veja, apoiar não é liderar; apoiar não é fazer pelo outro. O velho Oswaldo sabia valsar, portanto, do mesmo modo que era hábil em conduzir a dança, também sabia deixar-se conduzir. Ele acompanhou o filho isentando-se da responsabilidade do negócio, dando a ele talvez a coisa mais valiosa que se pode dar a alguém: seu voto de confiança.

É claro que o velho Gessulli não fez isso de modo aleatório. Ele conhecia a sagacidade do filho. Tinha visto Osvaldinho, muito jovem, recuperar a Divulgadora Imprensa Rádio, assim como vira o filho, ainda moleque, menor de idade, ter uma receita três vezes maior que a sua trabalhando como mecanógrafo. Sabia que desde criança Osvaldinho revelava talento para empreender.

Agora o desafio era grandioso. O Brasil vivia os últimos anos da ditadura militar, a luta pelas eleições diretas e uma gran-

de crise econômica. Oswaldo se tornara o principal responsável por uma empresa num cenário completamente adverso, sustentado apenas pela experiência adquirida até então e pela vontade de prosperar: “Eu acreditava naquilo, acreditava no que sabia fazer mais do que em qualquer outra coisa, e eu e meu pai começamos com duas maquininhas de escrever, duas escrivatinhas velhas. Não sei onde arrumava coragem para isso, juro por Deus. Mas nós dois vestimos a camisa e fomos embora, com muito sacrifício, ano a ano”.

Contando apenas com ele mesmo e com o pai, Oswaldo dá continuidade à publicação de revistas. Como o velho Gessulli mantinha todos os seus colaboradores e parceiros numa amizade estreita e muita ativa, não demorou para que conseguisse alavancar a venda de anúncios. Oswaldo, por sua vez, além de percorrer as grandes empresas do setor, entendendo e articulando novas campanhas de mídia, também buscava profissionais que pudessem contribuir com a área editorial, escrevendo matérias, reportagens, sínteses dos artigos científicos que movimentavam as pesquisas da área.

Era preciso seguir em frente!

## Os 50 anos de Oswaldo Penha Ciasulli na comunicação do agronegócio

Logo após deixar a sociedade com Odimar, Oswaldo iniciou uma nova fase da revista Avicultura Industrial. Ele, assim como seu pai, tinha fé nas pessoas e convicção de que são elas que realmente fazem a diferença nos negócios, por isso ambos decidiram que era preciso publicar a revista Avicultura Industrial valorizando não só a cadeia produtiva do setor, mas também as pessoas que faziam com que o agronegócio brasileiro se tornasse cada vez mais competitivo.

Surgiu, assim, uma série de edições que traziam as grandes personalidades do agronegócio nacional estampadas na capa da Avicultura Industrial desenhadas pelo artista plástico José Figuerola. Entre as personalidades estiveram Atílio Fontana, fundador e proprietário da Sadia; Fabiano Fabiani, fundador da Tortuga; Delfim Neto, economista, professor universitário e um importante político brasileiro.



**Delfim Neto pintado por José Figuerola.**





Essas capas se tornaram ícones do setor e até mesmo certo fetiche entre os profissionais do ramo: “ao invés de fazer a fotografia, era uma pintura do Figuerola, um artista famoso de São Paulo, e depois apresentava o cara que tinha sido capa da revista com a pintura dele. Isso marcou uma época, porque acabou naquela história: *ah, eu também quero ser capa!*” – relembra Alfredo Navarro de Andrade, consultor. E Nelson Lopes, da Vaccinar, complementa: “ele criou uma série de capas que eram pinturas [do Figuerola] e eu achava isso fantástico como marketing. Ele foi atrás do Alfredo Julio Rezende, fundador da granja Rezende, pintou um quadro dele e ali ele conseguiu editar a revista. Havia uma tenacidade para poder editar a revista que era fantástica. Eu acho isso um legado muito grande, que o Osvaldinho tem até hoje. Osvaldinho não desiste, é um batalhador”.

Em 1978, o Brasil foi acometido por um surto da peste suína africana, que atingiu os rebanhos de suínos de norte a sul. Pouco se sabia sobre a doença por aqui e tanto produtores como a indústria farmacêutica, passaram a buscar soluções para equacionar a doença. Atento a essa necessidade, Osvaldo e o pai decidiram publicar um novo título editorial, Suinocultura Industrial, reunindo diversos artigos e reportagens sobre esse tema.

Para Osvaldo, essa foi uma oportunidade. Ele, como editor, tinha e ainda tem o papel de passar o dia todo observando quais são as novidades e as necessidades do mercado para suprir tudo isso nas edições de suas revistas. Tudo o que acontece no mundo, no segmento, nas universidades

vira fonte, subsídios e de interesse para o público. Aliás, aí está a chave de toda a vitalidade de Osvaldo ainda hoje: ele sempre tivera um enorme respeito pelo seu público leitor. “o maior valor da minha empresa é o meu leitor. Quem não tem leitor não tem nada. Então quando hoje eu chego num cliente, eu sempre falo: o maior valor do nosso negócio é o número dos nossos leitores” – afirma Osvaldo que hoje tem um público cativo de mais de 80 mil leitores na feed&food, somando as edições impressa e virtual.

Sem dúvida, a criação da Suinocultura Industrial, no meio do surto de uma doença do rebanho, foi uma ousadia que Osvaldo soube conduzir. E isso só fortaleceu sua experiência como editor para os momentos seguintes que enfrentaria, cobrindo importantes discussões ligadas à área, como o bem-estar animal, a questão dos alimentos transgênicos, o melhoramento genético dos suínos, as verdades e mentiras sobre hormônios, entre outras.

Perspicaç, Osvaldo percebeu que era a hora de o mercado ter uma publicação que tratasse o agronegócio como um todo, focado também nas soluções econômicas para o setor, investimentos, parcerias, algo que tinha inspiração na revista Exame, publicada pela Editora Abril, mas voltada exclusivamente ao mercado do agro: “queríamos olhar para o agronegócio num todo, e não por segmento, mostrar o negócio forte no Brasil” – salienta Osvaldo. Assim, surgiu a Revista Raízes.

Mas, de certo modo, o próprio mercado não estava preparado para uma publicação

desse porte. Não se via com a força e potência que tinha, não valorizando, consequentemente, uma comunicação mais coesa. Cada empresário focado em seu próprio ramo não via como poderia ser positivo compartilhar experiências com outros produtores e acabava não investindo em mídia para isso.

Vale ressaltar que, nesse período, a editora não possuía um modelo de trabalho que analisasse o produto antes de ele ser lançado no mercado. Os lançamentos eram criados com base no *feeling* que Osvaldo tinha do meio. Não havia recursos para pesquisas com as empresas, tampouco para com o público leitor e, nesse jogo de tentativas, era comum que algumas coisas dessem certo e outras não.

Hoje Osvaldo analisa isso não como falta de visão do negócio, mas sim falta de planejamento e estrutura: “não rolou por falta de estrutura sólida nossa e por falta de agressividade do comercial. Não estávamos prontos para isso. Literalmente, essa é a grande verdade. O projeto era muito grande para a época errada na hora errada. Eu tinha bons jornalistas, tinha gente boa no meio, mas o produto não estava maduro para o mercado”.

A revista Raízes durou cerca de 5 anos, até que Osvaldo decidiu oferecê-la para a Editora Abril. Num almoço com Victor e Roberto Civita a revista foi vendida. Os editores prometeram tocá-la, mas logo depois encerraram as edições.

Em meados da década de 1980, com o Brasil vivendo os primeiros anos sem o co-

mando dos militares, Nelson Lopes, hoje presidente da Vaccinar, alerta Osvaldo sobre o crescimento do mercado *pet* no Brasil, isto é, dos animais de estimação como cães e gatos. Esse tema estimulou Osvaldo a criar uma revista para o segmento, a qual chamou de Cães&Gatos VET FOOD. O próprio Nelson relembra a passagem: “Osvaldinho passou a criar produtos novos voltados para a indústria *pet*, que o pai, acredito, não teve nada a ver com isso. Então, ele fez uma transição de mudanças para que a revista sobrevivesse”.

### Revista Cães & Gatos VET FOOD.







De fato, com Cães&Gatos, Avicultura Industrial e Suinocultura Industrial, Osvaldo fazia a editora girar com mais versatilidade. E, ao contrário da revista Raízes, no caso de Cães&Gatos, a revista nasceu apoiada pelo setor, que praticamente a demandou: “Essa revista nasceu a pedido da indústria veterinária, que começou a trazer produtos para o Brasil e dizia pra mim: esse mercado está precisando de uma revista. Os profissionais não conhecem esse mercado, precisamos de um veículo de comunicação. Então, 3 ou 4 laboratórios bancaram a produção da revista”.



Cães&Gatos é uma revista que existe até hoje e está sob o comando de Osvaldo há mais de 30 anos. Contudo, mesmo tendo nascida com padrinho, mesmo sendo um produto sólido, ainda tem dificuldades em se manter comercialmente. Osvaldo luta mês a mês para que as contas fechem. E não é uma questão de demanda ou de conteúdo. A revista é muito bem-servida por uma equipe competente de profissionais e também possui leitores assíduos, a questão é que o mercado pet hoje é bastante pulverizado, o que prejudica a força do setor.

Associada a esse mercado, Osvaldo criou uma das mais importantes feiras do setor, a PetFair – hoje Pet South America. A feira foi a primeira do ramo no Brasil e um sucesso estrondoso de público e entre as empresas participantes. Em 3 edições, chegou a reunir mais de 60 mil pessoas.

**Revista Cães & Gatos VET FOOD.**

Mas o sucesso da PetFair não vinha apenas das boas graças do tema entre seus produtores e público. Osvaldo criou essa feira já com uma sólida bagagem de outro grande evento que ele criara com seu pai em 1989, a Feira Latino Americana de Aves e Suínos, mais conhecida como Flaias. Só para se ter uma ideia, na edição de 1994, que ocorreu no Expo Center Norte, na cidade de São Paulo, mais de 100 expositores participaram da Flaias, sendo 22 do exterior. Na época, uma das grandes novidades era a chegada ao Brasil de uma máquina capaz de detectar defeitos, como rachaduras, nas cascas dos ovos, classificando-os por peso. Era um equipamento fabricado nos Estados Unidos que lavava os ovos e também os embalava, processando 36 mil ovos por hora.



ONCOLOGIA MODERNA | CONHEÇA OS TUMORES EMERGENTES E OS CUIDADOS EXIGIDOS NOS TRATAMENTOS QUIMIOTERÁPICOS





Era uma revolução para o mercado nacional e Osvaldo, assim como o velho Gessulli, estava à frente disso, trazendo para o Brasil o que havia de mais moderno, convidando as empresas a compartilharem suas soluções e a realizarem negócios entre si. Na época, o então presidente da Associação Paulista de Avicultura, Hiroshi Katayama, declarou ao jornal Folha de São Paulo que a modernização despertava interesse, mesmo num momento conturbado de nossa economia – que fazia a transição do Cruzeiro para o Real<sup>2</sup>.

No ano seguinte, a Flaias também chamou a atenção da grande mídia nacional ao anunciar uma parceria com o grupo holandês Jaasbeurs, que futuramente acabou comprando as duas feiras criadas por Osvaldo. Por essa parceria, foi possível trazer ainda mais novidades internacionais para o mercado nacional, tanto em relação aos maquinários como na questão de saúde animal. O próprio Osvaldo Gessulli avaliou na época: “O crescimento da feira vem do aumento de mercado. A internacionalização do evento tende a ser maior a cada ano”<sup>3</sup>. E de fato isso ocorreu. O Brasil só aumentou sua produção de frango. Em 1994, o país produzia 3,4 milhões de toneladas por ano; em 2017, a estimativa é que o país produza 14 milhões de toneladas, ultrapassando a China e se consolidando na posição de segundo maior produtor do mundo<sup>4</sup>.

2. Folha de S. Paulo. Máquinas atraem atenção na Flaias. 27/05/1994.

3. Folha de S. Paulo. Acordo traz empresas internacionais à Flaias. 26/05/1995.

4. Fonte: Balanço 2016 e Perspectivas 2017. Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, CNA.



No auge do sucesso dessas duas feiras, Osvaldo decide vendê-las para se aventurar nos Estados Unidos. Ele se desliga de todos os negócios no Brasil e compra uma editora chamada Xclusive, na cidade de Miami, que produzia os Guias de Turismo Xclusive Miami e Xclusive Riviera – voltados majoritariamente aos brasileiros que, com a recém estabilidade da moeda, começavam a viajar em massa para exterior, em especial para os Estados Unidos, que oferecia, além de entretenimento, um extraordinário mercado de compras.

O velho Gessulli decide não acompanhar o filho nessa empreitada e continua no Brasil trabalhando com as revistas na companhia de seus netos, filhos mais velhos de Osvaldo – Andrea, Osvaldo Gessulli Neto e Ricardo –, até sua morte em agosto de 1999.

A morte do pai foi uma grande perda para Osvaldo. O velho Gessulli era sua grande referência, seu grande parceiro, o homem que havia lhe dado mais que a vida. E isso é observado inclusive pelos clientes que conviveram com o velho Gessulli e ainda hoje trabalham com Osvaldo: “ele reverencia e ama demasiadamente o pai dele, tudo o que ele faz, faz pensando no pai. O pai é o grande espelho, o grande homem, a grande figura que projetou o Osvaldinho de hoje” – afirma Edir Nepomuceno, da Unicamp.

Logo depois da morte do pai, Osvaldo leva sua mãe Odila para morar nos Estados Unidos. Dona Odila vive seus últimos anos na companhia dos filhos e dos netos, sempre cuidando de todos.



**Odila e o filho  
Osvaldo Penha Ciasulli.**

A temporada que viveu nos Estados Unidos, apesar de curta, foi extremamente importante para o amadurecimento da carreira de Osvaldo como editor. Lá, ele pôde conviver com uma perspectiva diferente sobre a área editorial, com profissionais qualificados, num meio muito competitivo. Esse foi mais um grande aprendizado de sua carreira, também observado por seus parceiros: “eu acho que o fator fundamental na comunicação do agronegócio hoje em dia é a divulgação da qualidade dos produtos. Com o avicul-



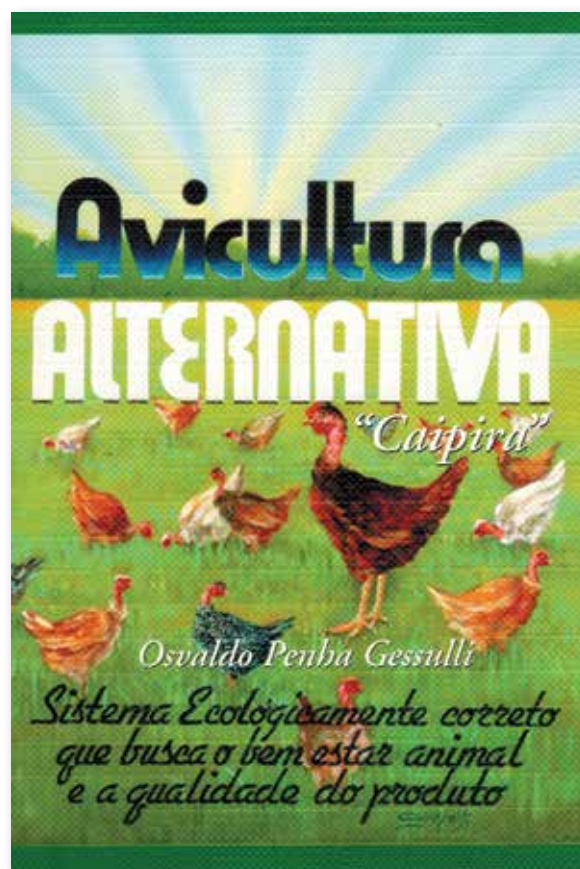


tor, o suinocultor, o pecuarista a conversa é franca, é clara, todo mundo entende (...). O Osvaldo é um cara que tem uma visão um pouco mais ampla porque ele morou fora, morou em Miami. Ele tem noção disso” – diz Alfredo Navarro de Andrade.

De fato, Osvaldo evoluiu muito como editor trabalhando nos Estados Unidos. Na época, o negócio era bastante favorável e lucrativo em função da equidade das moedas brasileira e norte-americana, que valia 1x1. Para o editorial, Osvaldo contratou dois profissionais aposentados que tiveram uma grande passagem pela revista Quatro Rodas e que produziam com tranquilidade os artigos dos guias.

Para as informações de serviços, Osvaldo estabeleceu parcerias com hotéis, restaurantes e com as agências de turismo dos Estados Unidos e do México, que enviavam todas as informações atualizadas, além de fotos dos principais pontos turísticos. A distribuição ficava por conta das Companhias Aéreas, e as publicações continham ainda com patrocínios das empresas Varig e Mastercard.

Mas não era só no turismo que Osvaldo pensava nessa época. Com todo o conhecimento que tinha adquirido no agronegócio, ele usa esse tempo em terras americanas para escrever e publicar um livro voltado ao tema. Intitulado *Avicultura Alternativa – Caipira*, Osvaldo trata sobre a criação do frango caipira, o modo ecologicamente correto de mantê-lo, o bem-estar animal e sua qualidade como produto. O livro foi lançado em 1999 e até hoje é uma publicação importante para o setor.



**Livro Avicultura Alternativa “Caipira” escrito por Osvaldo Penha Gessulli.**

Já em relação aos guias, vale lembrar que no final dos anos 1990 a internet ainda não era a ferramenta de busca de conteúdo e informação que é hoje. Portanto, os guias impressos representavam a melhor fonte de pesquisa dos turistas, fazendo um sucesso enorme entre os brasileiros que viajavam para os Estados Unidos e para a Riviera mexicana. Osvaldo literalmente achava, como se diz por aí, que estava com o burro na sombra. Mas caiu do cavalo, ou melhor, do burro.

Na virada do milênio, a estabilidade do real frente ao dólar vai por água abaixo. Cada dólar passa a custar cerca de R\$ 1,80, com picos de R\$ 2,00. Essa instabilidade cambial faz a editora de Osvaldo naufragar. As empresas perderam o estímulo para o patrocínio quando viram que os brasileiros simplesmente pararam de viajar em virtude da queda da moeda.

Desolado, Osvaldo decide voltar ao Brasil. Mas antes de embarcar de volta, para aproveitar os últimos momentos de sua aventura americana, pega toda sua família e vai para a Disney, visitar os parques e se divertir. Não importava estar sem dinheiro, não importava ter de voltar para o Brasil, o que valia naquele momento era ter vivido essa oportunidade.

De volta, Osvaldo vive alguns anos em grande dificuldade. Já não tinha mais a editora, os anos nos Estados Unidos tinham lhe consumido muita energia e imprimido, de certo modo, uma nova perspectiva para tocar um negócio. Sua visão do agronegócio estava mais apurada do que nunca e ele decide publicar três guias voltados ao tema: Xclusive Ruminantes, Xclusive Aves e Suínos, Xclusive Pets.

O termo Xclusive vinha da editora adquirida em Miami e se tornaria uma marca inconfundível e totalmente adequada ao seu trabalho como editor no Século XXI – mas não nos guias. A vida dos guias simplesmente agonizou quando a internet chegou em larga escala ao mercado corporativo e às residências. Mesmo com conexão disca, já era possível acessar o Google e pesquisar qualquer informação que quisesse.

Fazer uma busca no Google se tornou tão imperativo quanto a consulta ao Oráculo de Delfos na Antiguidade. E assim como os oráculos prenunciavam as grandes tragédias no teatro grego, a chegada do Google simplesmente decretou o fim dos guias impressos criados por Osvaldo.

Com isso, foram duas grandes perdas sucessivas, mas ele não se entregou; ao contrário, manteve-se firme e atento a tudo o que acontecia ao redor. Sabia que precisava de nova motivação, precisava ser reinventar. Começou, então, a trabalhar como assessor de imprensa da empresa Ourofino Saúde Animal e, algum tempo depois, uma nova oportunidade apareceu.

Em 2005, Osvaldo é convidado por Mario Sergio Cutait, executivo do Grupo M. Cassab, a participar da primeira edição do Congresso Global Feed & Food (de 11 a 13 de julho), organizado pelo Sindicato das Organizações das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (ONU/FAO). Osvaldo contribuiu com a organização desse evento, juntamente com o jornalista Zito Sanna, que colaborou com a divulgação. O Congresso ocorreu no auditório do Hospital Sírio Libanês, em São Paulo, e seu foco primordial foi apresentar ao público uma pesquisa que ONU/FAO vinha fazendo desde 1964 e que chegava a conclusão de que o Brasil era o principal país que deveria assumir a produção de alimentos mundial até 2050. Isso significa que, nas próximas décadas, o Brasil será responsável por alimentar 40% da população mundial – que deve atingir o número de 9 bilhões de pessoas no total.





Essa informação caiu nos ouvidos de Osvaldo como uma descoberta absurdamente importante. Imediatamente as ideias começaram a ganhar forma em sua mente. Conversando com Cutait, percebeu a carência que o mercado editorial nacional tinha para difundir essa informação e reunir um canal de comunicação para toda a cadeia produtiva de proteína animal.

Osvaldo saiu do primeiro dia do congresso e foi consultar o escritório de registros e patentes para ver se esse nome já era registrado no país. Sem nenhum registro encontrado ele não teve dúvidas, registrou feed&food já acrescentando sua marca Xclusive. Assim nasceu Xclusive feed&food.

No segundo dia do evento, com o nome já registrado, Osvaldo começa a desenhar o que seria, segundo ele, seu trabalho mais bem estruturado, a revista Xclusive feed&food. Discutindo sua mais nova ideia com Zito Sanna, o jornalista começa a ajudar Osvaldo a estruturar o que seria essa revista, quais seriam suas seções, seus possíveis colaboradores e como ela atingiria o mercado: “Foi um projeto muito bem-lançado, muito bem-argumentado, por isso ele tem vida própria. Teve em cima dele muita experiência e muito profissionalismo. Foi o produto mais bem-criado por mim. Sólido; ele já nasceu sólido. Com um único título eu aproveitava todo o discurso do Global Feed & Food, que era feito por duas entidades incontestáveis, a FAO e a ONU. Junto dessas informações eu coloquei toda a minha experiência do agro num único veículo” – descreve Osvaldo.



Capas da Revista feed&food.





E engana-se quem pensa que Osvaldo saiu do evento e lançou a revista no mês seguinte. Ele levou dois anos para colocá-la em circulação. Nesse meio tempo, entrou em diálogo com o mercado, apresentando a tese da ONU, sua ideia, a necessidade que era ter essa revista no mercado. Para ganhar ainda mais subsídios, Osvaldo foi a sede da FAO em Roma, Itália, conhecer ainda mais o que estava sendo feito em ter-

mos de pesquisa, como estavam previstas as demandas de alimentação e produção e, acima de tudo, como isso poderia envolver o agronegócio brasileiro.

O resultado, dez anos depois, se vê nas edições mensais da revista feed&food e no respeito que a publicação ganhou entre o público, tornando-se a principal porta-voz do agronegócio brasileiro.



**Edições em inglês da Revista feed&food.**



## Revista feed&food: a porta-voz do agronegócio brasileiro

Uma ressalva biográfica deve ser feita neste ponto. No final dos anos 1990, Osvaldo decidiu iniciar o processo de obtenção da cidadania italiana e, ao conseguir, alterou seu sobrenome para o verdadeiro sobrenome italiano da família: Ciasulli. Por isso, a feed&food é a primeira revista criada por ele que leva a assinatura de Osvaldo Penha Ciasulli e não Osvaldo Penha Gessulli, como as anteriores.

De certo modo, a mudança do nome marca uma transformação na própria biografia de Osvaldo. Nada que abrandasse sua paixão pelo trabalho editorial, pelo contrário: Osvaldo é hoje ainda mais apaixonado por sua profissão e pelo trabalho que desenvolve na revista. Mas, de alguma forma sutil, o nome Ciasulli lhe trouxe toda a maturidade da velha Europa na sua nova maneira de ver e de estar no mundo.

Isso, de maneira alguma, significa que ele nega seu antigo sobrenome, ou sua família, ou seus parentes Gessullis. Absolutamente. Seu pai, seu grande mentor, nasceu e morreu Gessulli. Contudo, foi exatamente essa mudança de sobrenome, essa nova personalidade nominal que despertou em Osval-

do o desejo mais verdadeiro de eternizar a história de sua família, como veremos no último capítulo deste livro.

Assim, Osvaldo Penha Ciasulli, editor da revista feed&food, cria sua nova publicação com sede na cidade de Porto Feliz, interior de São Paulo, focada na produção de alimentos. Mais tarde, leva toda estrutura para Sorocaba, pois lá havia uma grande concentração de mão de obra qualificada. O grande diferencial desta publicação foi a união da cadeia de proteína animal: avicultura (corte e postura), suinocultura, bovinocultura (corte e leite) e aquicultura, compreendendo desde o feed (dentro da porteira) até o food (pós-porteira).

O desafio colocado pela FAO/ONU é bem claro: teremos mais de 9 bilhões de pessoas para comer até 2050, e quem vai preparar a comida? E nesse desafio o Brasil tem um papel preponderante, não só para alimentar os brasileiros, mas para alimentar o mundo. Segundo Alan Bojanic, representante da FAO/ONU no Brasil, "Até 2050, o país deve responder por 40% do crescimento na produção mundial. O aumento da produtividade é uma necessidade, assim





como encontrar novas fontes de alimentos, além de evitar o desperdício”.

Essa é sem dúvida a maior fatia de responsabilidade entre todas as nações do mundo. Quantos brasileiros sabem disso? Como o Brasil, enquanto país, está se preparando? Nossos produtores estão fazendo isso de modo produtivo? Estão prontos para atender a demanda? Respondem aos desafios da produção sustentável? Essas e muitas outras perguntas são feitas, formuladas e discutidas diariamente pela revista, que se aprofunda em cada uma delas, que se envolve com o mercado, que discute com produtores e empresários.

184

Tal presença em pouco tempo ganhou respeito e credibilidade no meio. Alguns clientes de Osvaldo, ao analisar a feed&food, destacam: “Houve uma época que era importante aumentar a produção e a produtividade, agora estamos numa época em que o importante é a qualidade do produto final para o consumidor. Então, a revista, para mim, tem um grande papel por fazer entrevistas, trazer a opinião das pessoas, explicar esses dois pontos, aquilo que é do agro e aquilo que é do consumidor” – analisa Edir Nepomuceno, da Unicamp.

Já Rodrigo Miguel, vice Presidente de Negócios da Wisium no Brasil, narra em detalhes todo o percurso que viu e acompanha da revista:

“A feed&food hoje, digo porque essa revista eu vi nascer, está dividida em três grandes etapas: na primeira, ela nasceu com uma proposta inovadora, num mer-



cado onde você tinha veículos técnicos segmentados e Osvaldo veio com a ideia de unir a cadeia da proteína animal. Uma ideia inovadora de unir forças na condição de proteína animal e no ponto de vista de implantação disso. Ela começou pelas vias tradicionais, ou seja, o Osvaldo muito embalado no perfil de relacionamento no mercado, ocupando inclusive um grande espaço da revista com a pauta de mostrar as pessoas. Numa segunda fase, ele reforçou fortemente a



base técnica da revista com profissionais contratados que já tinham conhecimento maior, já eram mais questionadores e começaram a aumentar muito fortemente a qualidade das matérias, a qualidade técnica dos textos. Por fim, em um terceiro momento, a aceitação e, logo em seguida, o mergulho de cabeça no mundo digital, que é o que a gente está vendo hoje. Existe, obviamente, um apego profissional e emocional à revista física, à revista de papel, mas hoje não há dúvidas de que a



feed&food está dando a importância que o mundo digital tem em nosso meio”.

E diante de tudo o que Rodrigo Miguel expõe, é importante mencionar que feed&food não é apenas uma publicação, mas uma plataforma completa de mídia. Hoje o conteúdo elaborado por Osvaldo e sua equipe pode ser lido de maneira tradicional, folheando as páginas do impresso; pode ser acessado via internet, no portal da revista; pode ser lido por uma mensagem

185





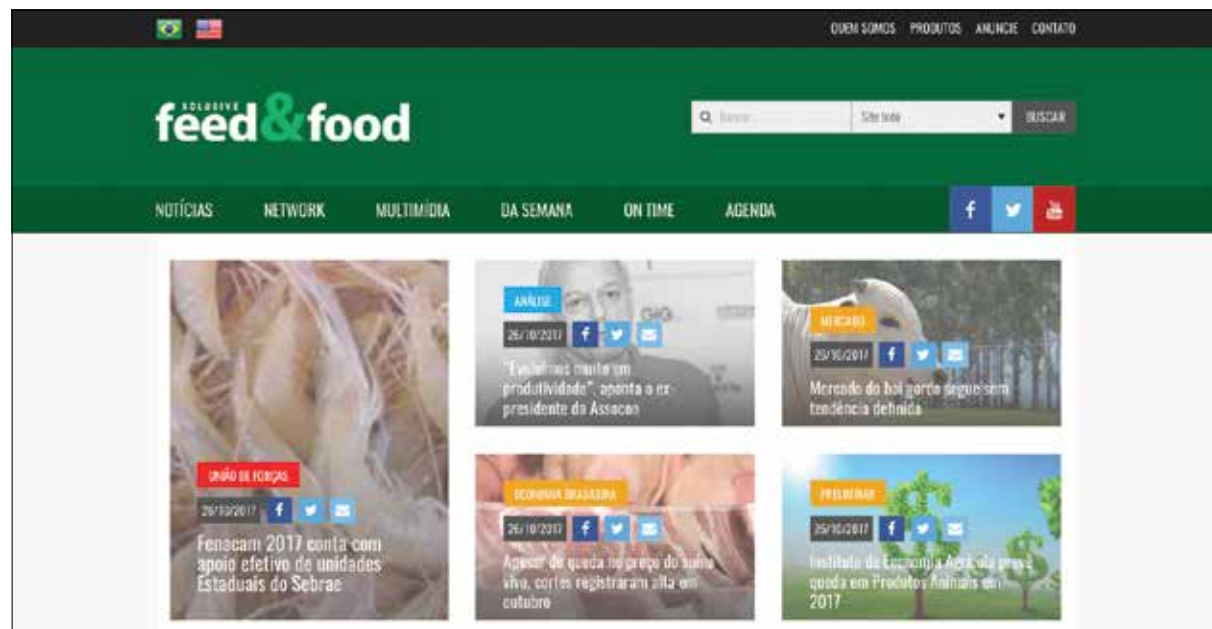
de e-mail, na newsletter diária; pode ser lido no aplicativo que a revista tem e que qualquer pessoa pode baixar em seu *smartphone*; pode, ainda, ser lido nas principais redes sociais, como LinkedIn e Facebook.

Todo esse aparato comunicativo elevou o trabalho editorial para outro patamar e isso também é perceptível para o público. Para Nelson Lopes, da Vaccinar, “a revista tem uma imagem muito forte, talvez ele não imagine isso, mas a revista tem uma imagem muito forte. A revista chega muito antes dele [Osvaldo]”.

Hoje, o Brasil exporta alimentos – entre carnes e grãos – para mais de 152 países, dominando o mercado de carne mundial. A revista feed&food cresceu e ainda cresce com esse mercado e, como a produção de

alimentos só tende a aumentar, é natural que, como consequência, a publicação siga o mesmo caminho.

Diante desse potencial e, ancorado nos princípios da tese apresentada pela Global Feed & Food sobre a produção de alimentos, Osvaldo percebeu a pujança do Brasil frente ao desafio de alimentar mais de 9 bilhões de pessoas, assim como identificou uma timidez do setor em assumir um papel de verdadeiro destaque nesta meta. Decidiu, então, que era a hora de ampliar as atribuições da feed&food e trouxe para si a responsabilidade de criar uma marca nacional de comunicação dessa grande meta que o país tem a atingir até 2050, tornando mais eficiente a divulgação do Brasil na produção de alimentos para a população mundial.



Portal feed&food.



Equipe da Ciasulli Editores.

Nasceu, assim, a marca Brasil Alimentando o Mundo, com o objetivo de ser uma expressão forte, tanto aqui quanto no exterior, das melhores qualidades dos produtos brasileiros. Por meio de comunicação visual própria e de campanha de marketing estruturada, essa marca criada por Osvaldo e por sua equipe na feed&food quer mostrar o que o Brasil já faz na produção de seus alimentos.

Para isso, conta com um selo que representa o cerne dessa divulgação. A arte mostra a força comum que une os elos do setor. Fazendo o uso do selo, indústrias, associações de classes, Governo e demais entidades representativas carregam com sua marca o compromisso em alimentar o mundo com qualidade, favorecendo, dessa forma, a expansão desses produtos



Selo Brasil Alimentando o Mundo, campanha realizada pela feed&food.





para outros territórios, mas, especialmente, transformando a cultura nacional em prol da valorização do agronegócio, quebrando paradigmas da desinformação do consumidor final.

Além da qualidade, a sanidade e sustentabilidade também fazem parte das frentes de comunicação da campanha, inclusive, são temas trabalhados de forma séria e competente dentro da produção animal. Uma verdadeira vitrine mundo afora. Por tudo isso, Osvaldo e sua equipe têm se empenhado em difundir essa marca no setor, estabelecendo parcerias para que o apelo ganhe a relevância coletiva que certamente tem para a identidade do agronegócio nacional.

188

Vemos aqui uma maturidade de proposta que condiz com o perfil e a expressão da feed&food no mercado. Atualmente a revista impressa tem uma tiragem de 15 mil exemplares, distribuídos gratuitamente ao público leitor. Uma tese tão séria e tão importante como essa, tem de chegar ao leitor da forma mais facilitada possível. E isso ocorre justamente porque os anunciantes da revista, que compreendem a importância de uma comunicação sólida para o fortalecimento do agronegócio nacional, enxergam e valorizam a feed&food como plataforma de mídia.

Nas plataformas digitais, todo o conteúdo da feed&food também está disponível gratuitamente. Não há artigos restritos ou pagos. Toda a informação, todo o debate sobre o agro está 100% *online*. E essa não é só uma oportunidade que o leitor tem à disposição, é uma ferramenta que possibi-

lita unir todo o diálogo do setor, de forma simples e objetiva.

Entretanto, o empenho da feed&food no compromisso de unir o mercado do agronegócio nacional não param por aí. Em 2012, Osvaldo decidiu impulsionar o setor oferecendo um prêmio às melhores práticas ligadas à sustentabilidade, reconhecendo, assim, os esforços que os produtores e empresários têm empreendido para produzir alimento dentro do tripé sustentável de preservação ambiental. O prêmio foi chamado de Troféu Curuca de Sustentabilidade e, em 2017, chegou a sua terceira edição.

O troféu em si nasceu inspirado por duas personalidades brasileiras ligadas à natureza: Orlando Villas Boas, sertanista, e Dalgas Frisch, conhecido como o “Senhor dos Pássaros”. Osvaldo, ao conhecer mais a fundo a cultura tupi-guarani, deu vida aos personagens Curupira e Caapora, como símbolo da conscientização sobre a preservação do meio ambiente. O desenho do troféu foi feito por um ex-diretor de arte de Mauricio de Sousa e levou um ano para chegar ao formato atual. Fundido em bronze, com base em granito, o troféu possui 21 x 10 cm e pesa cerca de 1,5 kg.

Considerada o “Oscar da Sustentabilidade”, a premiação é entregue a cada dois anos para as empresas selecionadas. Todo ano, a feed&food dedica a edição de dezembro para tratar de temas ligados à sustentabilidade, além de cases das companhias. No ano seguinte, destaca as principais corporações finalistas ao prêmio.

Com tantas atividades e com o sucesso de sua editora, era de se esperar que Osvaldo, já com mais de 70 anos, estivesse feliz e satisfeito com sua trajetória na comunicação do agronegócio. E não é que ele não esteja. Sim, está. Mas tudo o que viveu em hipótese alguma inibe o que ainda está por vir. Por isso, ele afir-

ma e aconselha a todos que trabalham e desejam prosperar em suas carreiras: “pense longe, você vai ter tempo de fazer muita coisa. E você acha que eu ainda não tenho sonhos? Tenho um monte! Tenho um monte! Sou daqueles que não se entrega, por isso ainda tenho muitos sonhos a realizar!”.

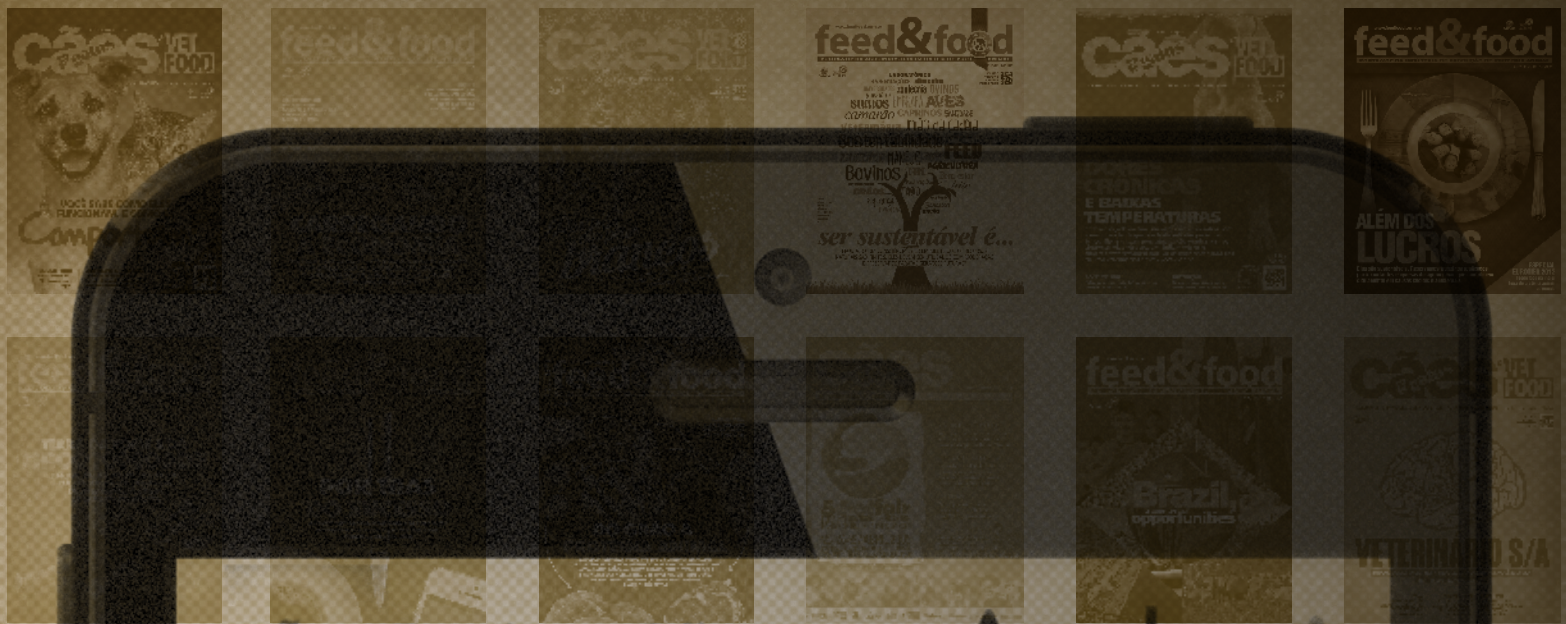
### Imagem do Troféu Curuca.











caes Revista Cães... ★ ↓

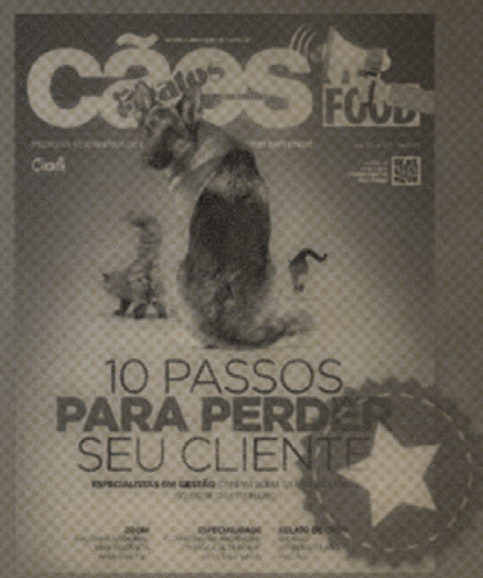
Ed. 218 | 02/10/2017



C&G 218

Mais Detalhes

Ed. 217 | 01/09/2017



C&G 217

Mais Detalhes

Nas últimas décadas, a questão da sucessão permeia todas as discussões importantes sobre o agronegócio brasileiro, e não seria diferente para os veículos que tratam da comunicação desse segmento. O cenário é relativamente simples: historicamente as propriedades e as empresas rurais são, em sua maioria, familiares.

E aqui, vale recordar alguns aspectos históricos desse contexto, assim como mencionar alguns dados que podem contribuir para uma reflexão acerca das soluções que se apresentam diante dos desafios expostos.

Até a década de 1950, a agricultura e a pecuária no Brasil eram desenvolvidas com técnicas bastante rudimentares, salvo um ou outro exemplo em grandes proprieda-

des. O país, que tinha a maior parte de sua população vivendo no campo (64% em áreas rurais; 36% em áreas urbanas. IBGE, 1950), possuía sua base de produção na pequena propriedade familiar. Com o passar das décadas, a agricultura e a pecuária passaram por diversas transformações e reestruturações, que culminaram na robusta indústria do agronegócio que o país tem hoje e que representa uma importante fatia do Produto Interno Bruto nacional (21,5% em 2015; 23% em 2016, segundo dados do Governo Federal).

Nos anos 1990, em especial a partir da implementação do Plano Real, o setor aumentou consideravelmente sua produtividade:





A questão é que, mesmo diante dos avanços em relação à produção, a gestão do agronegócio não se desenvolveu do mesmo modo, devido a uma série de fatores culturais e também tributários que envolvem a atividade no país. Um deles – e talvez o mais significativo – é o fato de as propriedades rurais serem tradicionalmente “pessoas físicas” e não “pessoas jurídicas” formalmente estabelecidas. Isso significa que a propriedade é registrada em nome de uma ou mais pessoas, que respondem legalmente por sua produção e atividade, e a sucessão ocorre como um processo natural de herança após a morte de seu proprietário. Com isso, é muito comum que haja um fatiamento da unidade produtiva entre os herdeiros de um proprietário falecido, o que pode comprometer a longevidade do negócio.

1. Barros Alcântara, Nádia; Pinheiro Machado Filho, Claudio Antonio. *O Processo de Sucessão no Controle de Empresas Rurais Brasileiras: Um Estudo Multicasos*. Organizações Rurais & Agroindustriais, vol. 16, núm. 1, 2014, pp. 139-151. Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, Brasil.

A atividade rural no Brasil passou por um enorme choque de competitividade a partir da estabilização da economia promovida pelo Plano Real em 1994. Devido a esse efeito foram alcançados pela agricultura brasileira ganhos de eficiência, em termos de utilização de tecnologia, economias de escala e modernização geral da atividade no campo<sup>1</sup>.

Outra característica que advém da constituição da propriedade como pessoa física é uma certa informalidade na gestão do negócio. Por falta de conhecimento e de traquejo, muitos proprietários acabam misturando as contas pessoais com as contas da propriedade, seja sítio ou fazenda. A contabilidade é feita de forma muito caseira, sem acompanhamento contábil, jurídico ou fiscal. Isso, muitas vezes, acaba por impedir a profissionalização do negócio, prejudicando sua expansão e, conseqüentemente, sua sucessão.

O objetivo deste livro não é detalhar as formas e possibilidades de sucessão em uma propriedade rural familiar, até por que isso exige um aprofundado conhecimento sobre o tema, sobre teorias econômicas, sociais e culturais que se entrelaçam nes-

se contexto e que certamente podem ser encontradas em outras fontes de pesquisa. Nesta publicação, a questão da sucessão se faz presente ao observarmos como a Família Ciasulli, que há gerações se dedica à comunicação do agronegócio brasileiro, viveu sucessivos processos de sucessão mantendo-se fiel a esse segmento de nossa economia.

Por esse motivo, de maneira bastante sucinta, vamos elencar alguns desafios que são recorrentemente apontados pelos pesquisadores nas análises sobre as sucessões das propriedades rurais familiares.

Em primeiro lugar, por muitas décadas, a propriedade rural foi uma espécie de elo entre as gerações. Era natural que fosse transmitida de pai para filho, sem questionamentos expressivos em relação a alternativas de trabalho. Contudo, o passado agrícola formou um senso comum de que a vida no campo é muito sofrida. Essa ideia se deve especialmente às condições rudimentares da produção no passado, antes mesmo da ampliação da oferta de energia elétrica em todos os recantos do país e de todos os avanços que a tecnologia aplicada ao segmento proporcionou em diversas etapas da cadeia produtiva. E se de um lado o ambiente rural estava associado ao trabalho pesado, de outro o modo de vida urbano apresentava possibilidades diversas de atuação profissional, maior acesso aos bens de consumo e, muitas vezes, o benefício de um salário fixo e definido.

Um estudo desenvolvido por Ricardo Abramovay e Ana Amélia Camarano, em 1999, apontava que apesar da modernização

dos processos produtivos, o meio rural brasileiro estava envelhecendo. A maioria dos agricultores tinha mais de 55 anos de idade, apresentava baixa escolaridade e tinha certa dificuldade de se adaptar as transformações tecnológicas. Muitas vezes, em pequenas propriedades, os filhos desses produtores partem para a cidade para estudar e acabam por se envolver em alguma atividade profissional na área urbana, trilhando um caminho diferente do negócio tocado pela família.

Diante disso, o vínculo afetivo é apontado como um dos mais importantes no processo de sucessão. Muitas vezes, a sucessão de uma propriedade ou de empresa familiar está associada a continuidade do negócio da família. As gerações fundadoras mantêm um vínculo emocional com o negócio, pois creditam a ele a construção de seu próprio legado, a construção de sua própria história de sua vida. Naturalmente, a geração seguinte é criada a partir desse sentimento e a lógica da sucessão se desenvolve como manutenção do trabalho do outro.

No entanto, essa é a parte romântica do processo. Na prática, sem o planejamento necessário, a sucessão pode ser tornar algo repentino e extremamente desafiador. A morte precoce de quem conduz o negócio ou mesmo a não relação dos possíveis sucessores com o dia a dia da atividade, pode, verdadeiramente, colocar tudo a perder.

Para o Banco Santander, que tem publicado uma série de artigos em suas plataformas de comunicação sobre sucessão





na atividade agropecuária, “caso não seja feita da maneira correta, a sucessão, além de frear o crescimento da empresa ou, até, colocar o empreendimento em risco, também pode afetar de maneira negativa a economia da região na qual o negócio está inserido”<sup>2</sup>.

E aqui entra a segunda grande questão indispensável para a sucessão, segundo especialistas: planejamento! Transmitir patrimônio é algo bem-sucedido quando feito com dedicação, responsabilidade e preparação. E, sem dúvida, o primeiro passo deve sempre ser dado pela geração que dirige o negócio.

Para os pesquisadores Nádia Barros Alcântara e Claudio Antonio Pinheiro Machado Filho – ambos da Universidade de São Paulo (USP) –, “uma percepção coletada em todas as empresas é a necessidade do estabelecimento de um processo de sucessão planejado de maneira formal (...). Despertar o interesse dos jovens pela empresa é considerado um dos principais desafios a serem enfrentados na preparação do processo de sucessão na empresa rural familiar”<sup>3</sup>.

Nesse sentido, é preciso que as expectativas das próximas gerações estejam alinhadas

com os objetivos da empresa na hora de se estruturar um processo de sucessão – até porque tal ação tende a durar anos e, para que não haja desmotivação nesse percurso, o sucessor deve ter o perfil adequado para essa nova fase da empresa.

Em uma empresa familiar é natural que um dos herdeiros assuma a liderança desse processo, enquanto outros, mesmo sendo proprietários, não se envolvam diretamente na gestão do negócio.

Quando não se identifica nenhum familiar com perfil ou desejo de assumir o negócio, algumas opções podem e devem ser avaliadas pelos gestores: vender a propriedade ou empresa para quem deseje continuar o legado; contratar um profissional de mercado para gerenciar o trabalho, ou mesmo, encerrar as atividades.

Na história da Família Ciasulli, a sucessão do negócio passou por diferentes situações, que começou com uma outra família italiana, a Família Barbielline. O fio condutor que liga a história dessas duas famílias na comunicação do agronegócio teve a paixão como elo e, de uma família para outra, solidificou o segmento editorial a partir do empreendedorismo de Oswaldo Gessulli e Oswaldo Penha Ciasulli.

2. Santander Negócios e Empresas. *Como lidar com os desafios da sucessão familiar no agronegócio*. 25/08/2017. In: <<https://www.santandernegocioseempresas.com.br/detalhe-noticia/como-lidar-com-os-desafios-da-sucessao-familiar-no-agronegocio.html>>. Acesso em 06/07/2017, às 11h19.

3. Idem 1.

## Família Barbielline: o legado acima da propriedade

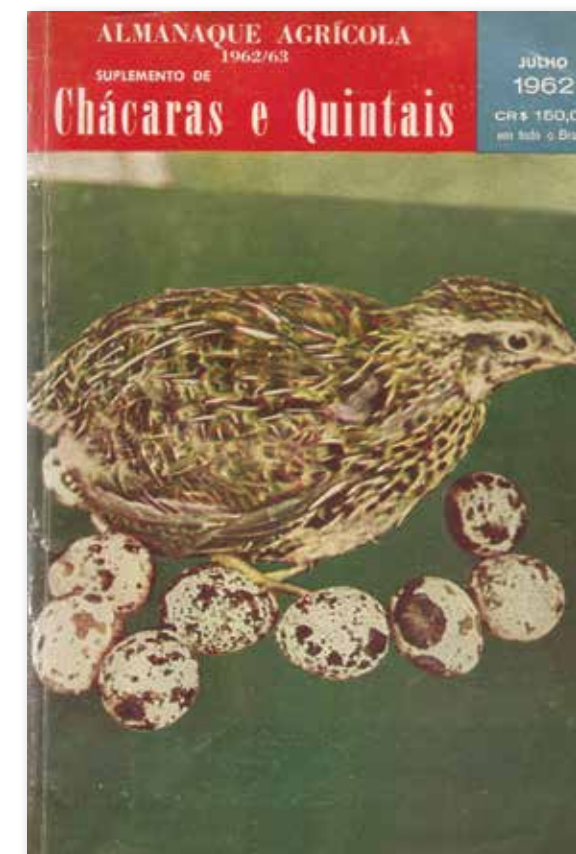
*U*

Em julho de 1962, a revista *Chácaras e Quintais* publicou um suplemento, o *Almanaque Agrícola* do biênio 1962/1963. Nessa edição, que foi dirigida por Júlio Seabra Inglez de Sousa e Georgina Barbielline de Siqueira, há um artigo que descreve a trajetória do fundador da revista – o Conde Amadeu Amadei Barbielline.

Nascido em Ancona, Itália – cidade situada a pouco mais de 300 km de Roma –, Amadeu Amadei Barbielline foi o fundador da revista *Chácaras e Quintais*, a primeira voltada à agricultura e a agropecuária no Brasil. Como visto nos capítulos anteriores, essa revista foi adquirida pela Família Ciasulli, num processo de sucessão que privilegiou o legado acima da propriedade.

Antes de aprofundarmos essa passagem, porém, é importante que se conheça um pouco mais sobre a figura de Barbielline, pois, sem dúvida, o espírito de sua personalidade é o que fez com essa revista se perpetuasse no mercado editorial brasileiro.

Segundo A. Walter Rotta, que assina o artigo *Rondon e Barbielline* no *Almanaque da Chácaras e Quintais*, o apreço pelo jorna-



**Revista *Chácaras e Quintais*.  
Edição de julho de 1962.**





lismo foi despertado em Barbielline ainda na infância. No Brasil, atuou como repórter dos jornais Fanfulla e Tribuna, passou pelo serviço militar e viveu na China por seis anos, atuando junto à Embaixada Brasileira. Foi nessa experiência no oriente que Barbielline passou a se dedicar a entomologia – o estudo dos insetos.

Tornou-se um dos principais colecionadores de insetos do país, estudando as espécies e suas características. Daí para dedicar-se ao trabalho sobre o campo foi um pulo. A entomologia o ajudou a pesquisar sobre pragas e seus combates, sobre o cultivo de grãos e sobre a criação de animais.

198

Por um período curto, Barbielline publicou uma revista intitulada “O Entomologista Brasileiro”, que logo foi descontinuada. Mas, apaixonado pela comunicação, em 1909, ele criou a revista Chácaras e Quintais: “Desde logo, a novel publicação mereceu ampla aceitação e consenso da coletividade e veio a tornar-se a revista agrícola de maior circulação no Brasil e conhecida no mundo inteiro”.<sup>4</sup>

Na revista, Barbielline atuava como editor e repórter. Escreveu artigos diversos sobre agricultura e pecuária e foi um grande fomentador da cultura do milho e de outros cereais no país. E, claro, contribuiu de forma significativa para o combate das pragas rurais. Por fim, ainda faz parte de sua biografia o pioneirismo em favor do

chinesa que chegou a dominar fluentemente.

Estudioso profundo da entomologia, de volta ao Brasil, lançou em 1908, a revista “O Entomologista Brasileiro”, que circulou por alguns anos, fazendo estupenda propaganda de nosso país junto aos círculos especializados, isto é, entre outros continentes.

Colaborou em vários jornais europeus, escrevendo para um sem número de publicações, merecendo a análise e o estudo de cientistas de vulto, que foram concordes em assinalar-lhes a importância e a profundidade.

Lamentavelmente, porém, a revista “O Entomologista Brasileiro” deixou de circular, devido a um imprevisto surgido, alheio à vontade do Conde Barbiellini.

Não obstante isso, e sempre sob o signo do jornalismo e dos estudos agrícolas, o ilustre jornalista lança, em outubro de 1909, o número experimental de uma revista especializada em agricultura: a Chácaras e Quintais.

Desde logo, a novel publicação mereceu a mais ampla aceitação e consenso da coletividade e veio a tornar-se a revista agrícola de maior circulação no Brasil e conhecida no mundo inteiro.

Devemos destacar, entretanto, a atividade intensa desenvolvida pelo Conde e sua equipe de colaboradores, arrojando toda espécie de dificuldades, sem contudo deixar de vir à luz sequer um mês, desde janeiro de 1910, quando começou a Chácaras e Quintais a circular normalmente.

Para uma publicação desta natureza, cinquenta e dois anos de vida ininterrupta representa muito de esforço, trabalho, perseverança, ideal e valor. E isto só pode merecer os mais calorosos aplausos de todos os brasileiros.

Barbiellini manteve correspondência e intercâmbio com os maiores entomologistas do mundo, principalmente com a Itália, onde era sócio honorário da “Sociedade Entomológica da Itália”, bem assim, da “Sociedade Entomológica da França”.

Através das páginas de Chácaras e Quintais, ele escreveu centenas de artigos de grande proveito para os homens do campo. Desenvolveu várias campanhas vitoriosas, entre as quais a de fomento da cultura do milho e de outros cereais, a de extermínio de pragas rurais, a de aumento de número de

granjas e a última em favor do cooperativismo agrícola. Enfim, estimulava os que cultivam o solo e consequentemente alicerçam o bem-estar da Nação.

Em cada fim de semana, retirava-se para o interior ou para o litoral, munido de aparelhamento para caçar insetos destinados à sua coleção. Basta dizer que mais de cem espécies de insetos têm o nome de Barbiellini, em homenagem ao preclaro conde jornalista, sendo que cada inseto tem seu nome traduzido cientificamente para o latim, que é a língua das cotas eternas.

A Escola Nacional de Agronomia recebeu como doação do Conde, quando ainda vivo, a “Coleção Barbiellini” — que renne milhares de insetos brasileiros. Essa coleção constitui um primoroso legado de grandes ensinamentos para os estudiosos das ciências naturais.

O lema de Barbiellini era: “Vamos para o campo!”. Com este sugestivo lema, muito contribuiu para o desenvolvimento daqueles que se dedicam às lides agrícolas, publicando uma série de folhetos que fazem parte da edição da Empresa da veterana revista.

Conde Amadeu A. Barbiellini, pioneiro da divulgação da técnica agrícola no Brasil, espírito liberal, otimista, notável pelo seu idealismo, cultura e bondade.

Agricultura Chácaras e Quintais de Julho de 1962. 2. Pág. 67

4. Almanaque Agrícola Chácaras e Quintais. Julho de 1962, p. 67.

cooperativismo agrícola, ou seja, Barbielline foi um homem à frente de seu tempo, um empreendedor capaz de desenvolver um verdadeiro legado.

As notícias que temos sobre a sucessão da revista para seus herdeiros são de uma continuidade natural. Após sua morte, sua filha Georgina, juntamente com o esposo e outros membros da família, passou a gerir a empresa.

Parece, entretanto, que o Conde não havia preparado seus herdeiros para gerenciar o negócio, tampouco empreender o trabalho editorial com o fôlego que o Brasil necessitava. Quando a revista começou a ter um balanço negativo, Ataíde convidou Oswaldo Gessulli para trabalhar na Chácaras e Quintais. Gessulli havia conhecido Barbielline antes de sua morte, e, como vimos no capítulo anterior, em pouco tempo Gessulli consegue ajustar a área comercial da revista, atuando com tanto entusiasmo que os herdeiros percebem a possibilidade

## Revista Chácaras e Quintais. Edição de julho de 1962.

de manter o legado de Barbielline sem necessariamente continuarem como proprietários do negócio.

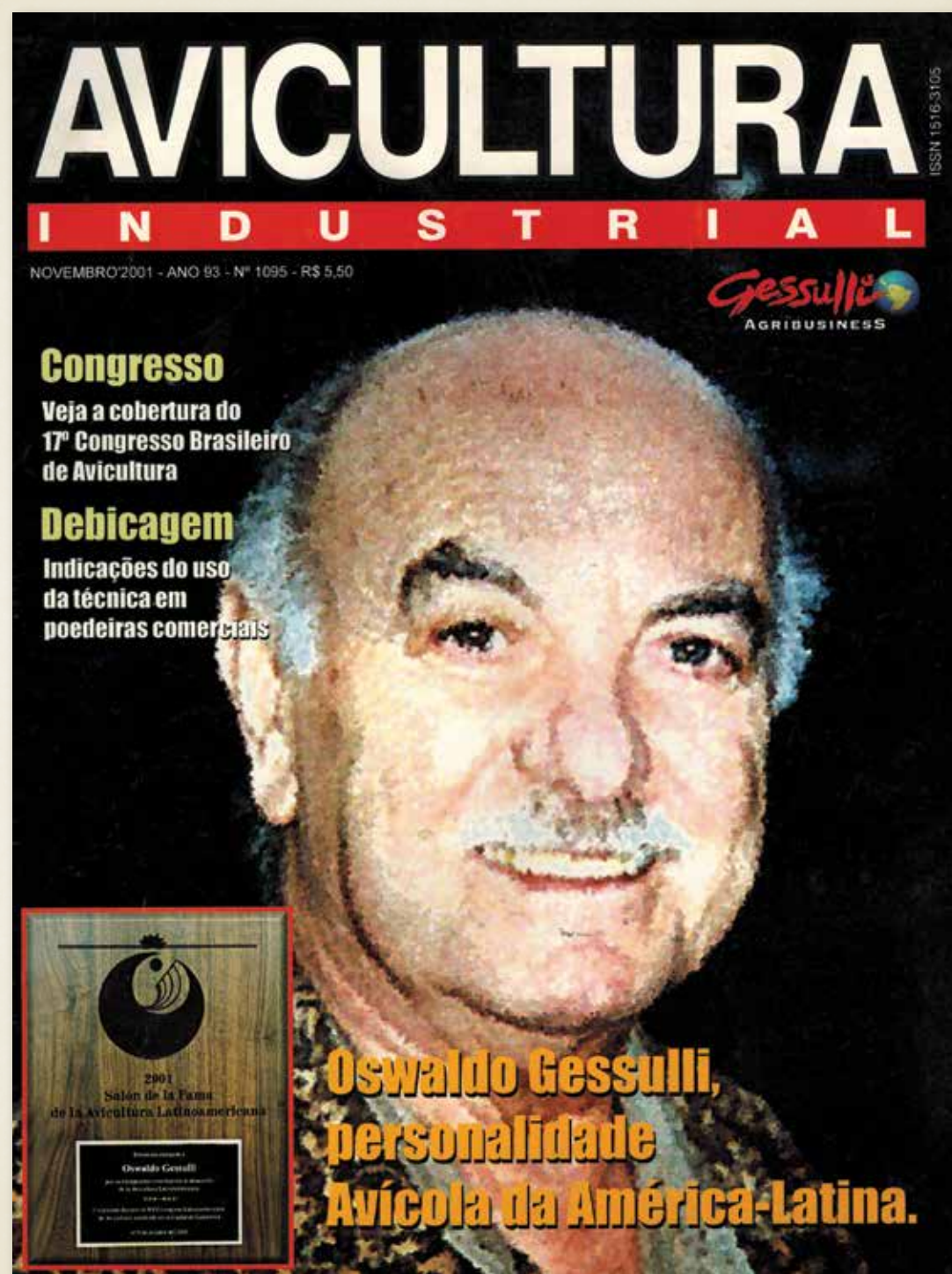
Foi assim que Oswaldo Gessulli e Julio Seabra Inglez de Sousa compraram o título dos herdeiros da Família Barbielline, mantendo o nome e o propósito da publicação.

Vê-se nesse caso que, de certo modo, a preparação para a sucessão ocorreu com um planejamento adotado por Georgina Barbielline e seu marido. O casal, após a morte do patriarca, tocou a revista conforme podia. Associou-se ao engenheiro agrônomo Julio Seabra Inglez de Sousa que, do ponto de vista editorial, era uma verdadeira sumidade no assunto. Mas faltava alguém que tocasse financeiramente a empresa, que a fizesse se pagar a cada edição. Com Oswaldo Gessulli essa função foi preenchida e Gessulli se destacou. Destacou-se tanto que os herdeiros sentiram total confiança em transmitir a Gessulli e a Inglez de Sousa o legado de seu antecessor.

199







## De Oswaldo Gessulli a Osvaldo Penha Ciasulli: a naturalidade da continuidade



Após comprarem a revista da família Barbielline, Oswaldo Gessulli e Julio Seabra Inglez de Sousa passaram a administrá-la sozinhos. Como já pertenciam ao quadro da empresa, não houve dificuldades de tocar o dia a dia de sua produção. Julio continuou gerenciando o editorial e Oswaldo, o comercial. As mudanças, nesse caso, pouco afetou o cotidiano dos departamentos e publicação da revista. O nome, que já era forte no mercado, com mais de 50 anos de existência permaneceu o mesmo – Chácaras e Quintais –, assim como o formato da publicação e tipo de impressão.

Gessulli e Inglez de Sousa seguiram caminhando pela estrada pavimentada por Barbiellini, afinal esse era um percurso seguro e, naquele tempo, a velocidade das mudanças tinha outro ritmo, diferente do que se vê hoje em dia. Logo, a sucessão alterou a propriedade da empresa, mas não o modo de fazer as coisas acontecerem.

No capítulo anterior, vimos que depois de alguns anos Inglez de Sousa decidiu deixar a sociedade com Gessulli, que então convidou seus filhos para trabalhar com ele na produção da revista. Nessa mudança

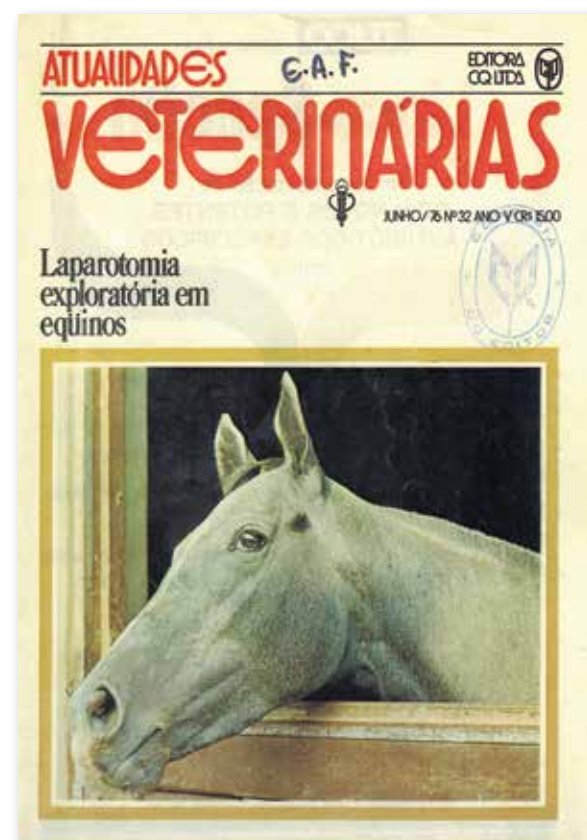


societária também não houve grandes mudanças no negócio. Os filhos de Gessulli, Osvaldo e Odimar, tornaram-se sócios do pai, mas o velho Gessulli continuava a dirigir o negócio, as estratégias e a gestão financeira.

Osvaldo relata que o pai sempre foi um homem bastante seguro e disciplinado. Só deixava a editora depois de conferir o livro-caixa da empresa, o qual ele mesmo gerenciava à mão, com todo apreço e cuidado necessário para que o negócio prosperasse. Os filhos, eram de uma nova geração, tinham ideias para acompanhar as transformações do mercado e, pouco a pouco, iam discutindo com o pai as possibilidades de atualização da revista e ampliação da editora.







Nesse processo, foi muito natural o modo como Gessulli organizou a sucessão do negócio e, se observarmos em detalhe, vemos que mesmo sem formação, o velho pai soube identificar o perfil dos filhos e traçar uma estratégia de transferência da empresa a partir de um planejamento sólido de conhecimento e reconhecimento do trabalho e do mercado.

Em primeiro lugar, dos quatro filhos que tinha, Gessulli decidiu que eram os ho-

mens – Osvaldo e Odimar – que tocariam a empresa após sua aposentadoria. Essa indicação era clara e ele mesmo fez questão de vender sua parte na companhia para os filhos e, com o dinheiro, comprar propriedades para suas duas filhas mulheres – Osmeire e Sueli.

Vale lembrar, como já discurremos, que o velho Gessulli não “deu” a empresa aos filhos. Ao contrário, os fez pagar por cada centavo em um acordo que ele mesmo estabeleceu as condicionantes. Gessulli foi didático, fez os filhos trabalharem na empresa, conhecerem a dinâmica da editora, do mercado, dos concorrentes, dos clientes e acompanhou cada passo de formação de Osvaldo e Odimar nesse processo.

E podemos dizer que ele teve total segurança em se retirar da sociedade, deixando apenas os filhos como proprietários, depois de observar que as mudanças que eles empreendiam geravam resultados realmente satisfatórios, como foi o caso da mudança de nome e de formato da revista. Certamente, como já dito, isso não ocorreu repentinamente. Gessulli, seguro como era, resistia a ideias muito ousadas, mas percebia que as sugestões dos filhos mantinham a revista competitiva no mercado.

A estratégia de Gessulli foi entregar a gestão, mas permanecer na revista. Isso, de certo modo, manteve uma unidade entre 4 gerações da revista, pois ele foi a ponte que conduziu o percurso da herança da família Barbielline até a gestão de seus filhos e netos. Depois que Osvaldo e Odimar dividiram a empresa, o velho Gessulli seguiu trabalhando com Osvaldo na área editorial

e, após Osvaldo deixar a empresa para morar nos Estados Unidos, Gessulli ainda permaneceu na revista, comandada por seus netos, até sua morte.

Avicultura Industrial ainda hoje é publicada pelos netos de Osvaldo Gessulli e é a revista mais antiga do país, com mais 100 anos de edições ininterruptas. O título sucedeu o antigo Chácara e Quintais sem criar ruptura na comunicação do agronegócio.

Osvaldo, mesmo vivendo uma temporada nos Estados Unidos trabalhando com guias de turismo, ao voltar para o Brasil, no início do Século XXI, continua a se dedicar à comunicação do agronegócio brasileiro. Por alguns anos, ele publica os guias *Xclusive: Xclusive Ruminantes, Xclusive Aves e Suínos, Xclusive Pets* e, logo depois, cria a revista *feed&food* – reunindo toda a cadeia de proteína animal.

Nesse percurso, de Osvaldo Gessulli na Chácaras e Quintais até Osvaldo Penha Ciasulli na *feed&food*, percebe-se uma motivação e um elo afetivo no processo de sucessão não só da empresa familiar, mas também da atuação no setor do agronegócio. Quando se entra no escritório da *feed&food* em Sorocaba, vê-se atrás da mesa de Osvaldo uma fotografia de seu pai e outra de sua mãe.

Esse vínculo emocional gera uma sensação de continuidade do negócio da família. E por “negócio” não devemos entender apenas os títulos editoriais, mas, acima de tudo, o relacionamento que a Família Gessulli/Ciasulli criou com o segmento do agronegócio no Brasil e no mundo. Gessulli capacitou seus descendentes desde o berço. Deu a eles o exemplo de uma comunicação franca, gentil e generosa com as pessoas, demonstrando que o trabalho sério e apaixonado é capaz de vencer desafios.

**Oswaldo Gessulli no XII Congresso Latino-Americano de Avicultura. Quito, Equador. 1991.**





Um exemplo disso está no reconhecimento que ele teve e ainda tem do mercado. O velho Gessulli entrou para *Hall da Fama* das personalidades do agronegócio latino-americano, uma distinção e homenagem feita pela revista americana Watt Publishing, destacando sua contribuição na história e no legado da avicultura.

Recentemente, no XXV Congresso Latino Americano de Avicultura (México, 2017), Osvaldo Penha Ciasulli encontrou-se com

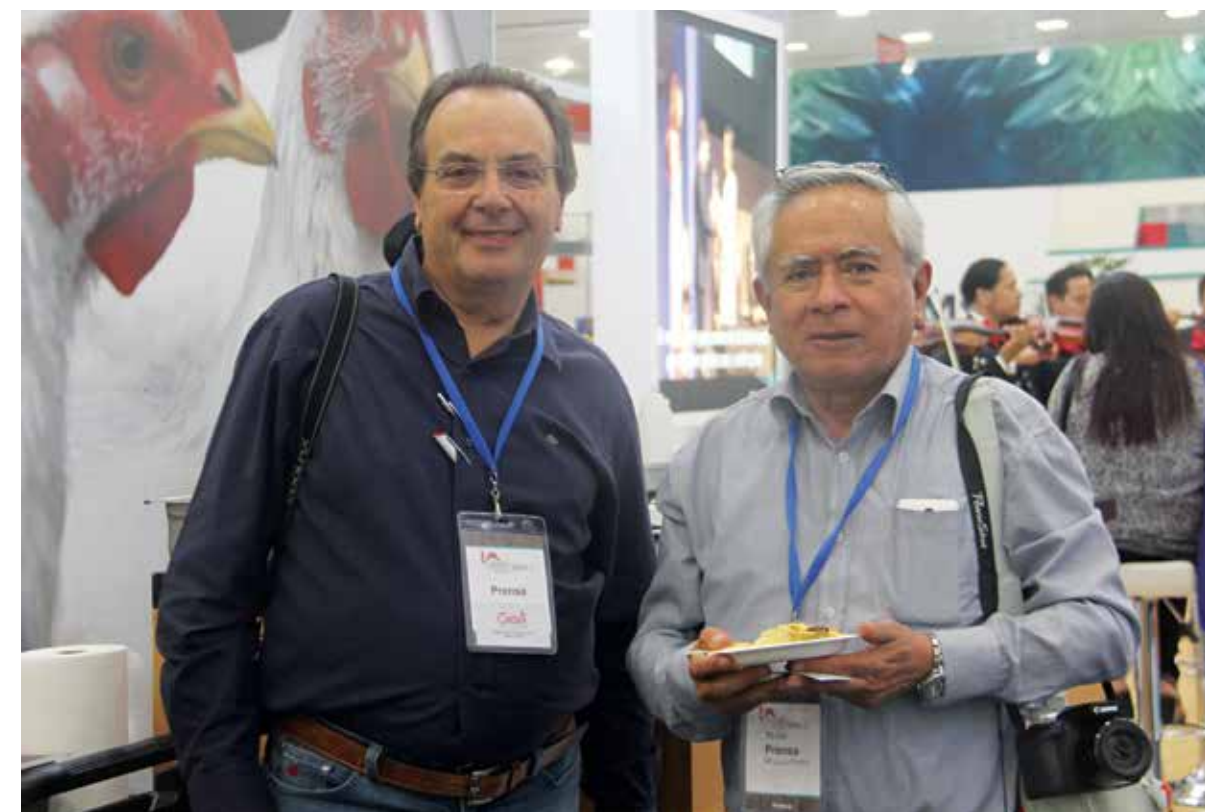
Oswaldo Pai e Osvaldo Filho foram preponderantes no acompanhamento do crescimento da avicultura e da suinocultura brasileira, seja através da busca de conhecimento para compartilhamento e divulgação na atividade, na motivação aos empreendedores e técnicos ou no registro histórico deste excepcional crescimento do agronegócio brasileiro. Sem eles talvez não teríamos a história dessas atividades registradas para as futuras gerações e inclusive para a atual. Os “Oswaldos” sempre se caracterizaram pelo entusiasmo com a atividade, pela ansiedade em fazer mais, divulgar mais. Ou seja, nunca estavam “saciados” e buscavam mais.



**Oswaldo Gessulli e Miguel Viaña Valera, Quito, Equador. 1991.**

Miguel Viaña Valera, diretor da revista peruana *Aves & Cerdos*, que havia participado de um congresso do setor juntamente com seu pai em 1991. A felicidade de Miguel ao encontrar o filho do velho Gessulli demonstrou o quão vivo é o legado da família no setor também em âmbito internacional.

Esse legado ainda nos foi relatado por Franke Hobold, da Plasson do Brasil, da seguinte forma:



**Osvaldo Penha Ciasulli com Miguel Viaña Valera. XXV Congresso Latino-Americano de Avicultura. Guadalajara, México. 2017.**

Atualmente, Osvaldo se vê na posição que seu pai esteve décadas atrás. Chegou sua hora de conduzir a sucessão de sua atual empresa para a nova geração da família. Os desafios agora envolvem não só a criação de vínculo com o trabalho, o conhecimento do mercado e o relacionamento com as pessoas. No Século XXI, gerir uma empresa não é acompanhar um livro-caixa com precisão. Há novas demandas, novas

exigências, novos mecanismos de gestão que exigem um novo posicionamento para a tomada de decisões.

Há mais de dois anos, Osvaldo prepara a sucessão da feed&food e hoje conta com uma consultoria contábil e jurídica para acompanhar o processo. A Família Ciasulli continua seu legado, adaptando-se às exigências das novas tecnologias.





## De Osvaldo Penha Ciasulli a geração do Século XXI: desafios diante de uma nova realidade das dinâmicas de trabalho

**Osvaldo e Diogo Ciasulli.**



*os* Separar questões pessoais de questões profissionais é um dos princípios apontados por pesquisadores e especialistas em sucessão para que empresas familiares tenham sucesso.

É comum que em momentos em que deveriam estar sendo discutidos assuntos profissionais, os membros tentem resolver questões pessoais da família. Esse hábito deve ser excluído da rotina da organização: problemas empresariais e familiares nunca devem estar em uma mesma conversa. Além de atrapalhar o desenvolvimento de uma questão interna, discutir assuntos pessoais no ambiente de trabalho não traz uma boa impressão aos demais funcionários<sup>5</sup>.

---

5. Idem 2.





É claro que essa separação não é simples de ser implantada, afinal as pessoas são as mesmas – tanto em família quanto na empresa. Mas se problemas podem advir dessa imbricação natural, o fato de estarem o tempo todo às voltas com o trabalho, incentiva os herdeiros, desde criança, a se envolverem nas questões da companhia, do mesmo modo que os motiva a pensar e agir como empreendedores.

Com três casamentos e oito filhos, a sucessão de uma empresa familiar de Osvaldo naturalmente exigiria muita maturidade entre todos os envolvidos, especialmente dele mesmo na condução desse processo. Quando decidiu morar nos Estados Unidos, Osvaldo transmitiu a empresa para seus filhos mais velhos e até hoje ela é administrada por Andrea Gessulli e Ricardo Gessulli.

Na volta ao Brasil, ele cria uma nova empresa e hoje administra dois títulos editoriais: feed&food e Cães&Gatos VET FOOD. E é sobre essa nova empresa e sobre este processo sucessório em andamento que vamos discorrer aqui.

Seguindo os preceitos básicos para uma sucessão bem-sucedida, Osvaldo tem definido o nome que o irá suceder a frente da gestão da empresa: Diogo Ciasulli. Diogo é o filho mais velho de seu segundo casamento, mas não foi o filho escolhido por razões hereditárias e de ordem de nascimento. Na verdade, foi o interesse de Diogo pelo tema e pela empresa que fez dele o sucessor natural de seu pai.

Por volta do anos 2001 e 2002, Diogo, assim como seus irmãos – Rafael e



**Diogo Ciasulli.**

Giuliana –, passou a trabalhar com o pai. Foi um momento de transição entre a vida infantil e o início de uma vida profissional. Tanto ele como os irmãos passaram a conhecer a redação, a ter contato com dia a dia da empresa e a observar, ainda que de longe, a gestão do negócio.

Nesse momento, os filhos de Osvaldo ainda atuavam mais como funcionários que como herdeiros, isto é, pouco participavam dos processos de tomada de decisão. Nessa época era Osvaldo que realmente administrava a empresa com o auxílio de sua terceira esposa, Maria Cristina Fernandes Char.

Com o passar do tempo, Rafael e Giuliana naturalmente deixaram a empresa para seguir outros rumos profissionais e Diogo continuou na editora, trabalhando em vários departamentos: “Começamos eu e meus dois irmãos, o Rafael e a Giuliana, lá atrás, em 2001, 2002. Eles acabaram saindo por vontade própria e eu fui ficando.

Então, essa questão de sucessão foi muito mais uma conquista do que um: *você vai ser o meu sucessor*. Fui conquistando isso ao longo do tempo, porque como meu pai teve vários filhos, vários casamentos, as coisas ficam confusas. Quem se envolve mais, acaba, conseqüentemente, tendo essa oportunidade” – comenta Diogo.

Diogo passou mais de 10 anos trabalhando com pai até, de fato, começar a participar da gestão da empresa. E ele relata: “foi a partir de 2013 que comecei a me envolver na liderança, a ter voz ativa, a opinar. Em 2013, eu assumi realmente como presidente e o Diego [Diego Turri], como vice e tesoureiro”.

**Diogo, Rafael, Giuliana e Matheus (a partir da esquerda).**





Essa comunicação clara dos cargos é uma estratégia bastante importante no processo de sucessão de uma empresa, especialmente quando há mais de um herdeiro como é o caso da Família Ciasulli. Embora seus irmãos tenham, como filhos, parte na transmissão de bens do pai, na empresa, a gestão é liderada por Diogo. Isso tende a facilitar a comunicação de Diogo não só

com o pai – que ainda atua ativamente na empresa –, mas também com seus irmãos e com os demais funcionários.

O vice-presidente de Diogo é Diego Turri, um profissional do mercado que entrou na empresa para agregar conhecimento à gestão operacional, isto é, ao administrativo e financeiro da empresa. Para Diogo,

Quando se fala em sucessão, logo se pensa numa gestão vertical, mas a gestão aqui é horizontal. O Osvaldo sempre pregou a gestão horizontal no sentido de não termos uma situação em que as coisas vêm de cima pra baixo. Aqui todo mundo tem sua responsabilidade, todo mundo tem que agir e se comunicar com o mercado dentro da sua área. Por exemplo, o Diogo é a parte comercial e também faz a gestão da empresa, e eu estou com a parte financeira. A sucessão familiar que Osvaldo pratica aqui dentro é assim: o Diogo é o cara da família que vai levar isso. Ele é o filho que, trabalhando, conhece o mercado por inteiro. Hoje é o único (...). O grande diferencial é que o Diogo tem o *know-how* do mercado. O Diogo consegue realizar essa sucessão por que ele conhece as mesmas pessoas que o Osvaldo. Hoje ele é a memória do Osvaldo no *know-how* do mercado e ele está comigo em toda parte de gestão financeira.



**Diogo Ciasulli e Diego Turri em reunião.**



**Equipe da Ciasulli Editores no SIAVS 2017.**

Diante do que Diogo ressalta, é possível perceber uma verdadeira preparação para que Diogo conduza o negócio, uma preparação que ultrapassa os limites do escritório. Ter o *know-how* do mercado significa justamente dar continuidade ao legado que Osvaldo e seu pai construíram no relacionamento com os clientes e parceiros. Esse é o aspecto mais importante desse processo, já que a qualificação da comunicação se dá justamente nessa interação constante.

Nesse sentido, vale destacar que Diogo e toda a equipe da feed&food são vistos

pelo mercado como uma continuidade do trabalho da Família Ciasulli, como ressalta Hugo Scanavini, do Laboratório Biovet: “Acho que mídia/notícias ligadas ao agro-negócio está no DNA da Família. Todos aqueles que participam dos trabalhos da Editora o fazem com muito amor, dedicação, orgulho e entusiasmo, assim como sempre fizeram os fundadores”.

Com isso, pode-se dizer que na tradição da Família Ciasulli o aprendizado do mercado é a grande escola de formação e capacitação de seus profissionais. Assim foi com o avô, com o pai e agora com Diogo.



O nosso mercado é muito relacionamento. Uma editora não tem ativos imobilizados, não tem estoque, o relacionamento com o mercado é o seu maior patrimônio. É isso que venho construindo. Eu passei por todas as etapas da empresa. Comecei como *office-boy*, depois trabalhei no administrativo, na redação, no departamento de tráfego até chegar ao comercial, que é onde a gente tem contato com o cliente. No comercial você tem um conhecimento melhor do mercado, entende o que os seus clientes precisam e consegue adaptar melhor seu produto para o que o mercado necessita.

Nesse processo de aprendizado, assim como já havia ocorrido com seu pai, tornou-se natural que Diogo assimilasse o negócio, o mercado e o legado de todo o percurso trilhado por seus antecessores.

Além do mercado, esse trabalho de mais de uma década que Diogo vem construindo também foi muito importante para sua liderança dentro da própria empresa. Aos poucos, com o passar do tempo, ele foi ganhando a confiança da equipe, demonstrando não só gostar do trabalho, mas capacidade de gerenciamento e inovação – palavras-chave na gestão de negócios do Século XXI.

Para os pesquisadores Nádia Barros Alcântara e Claudio Antonio Pinheiro Machado Filho, “nas empresas familiares, um aspecto que se destaca é em relação à confiança que existe entre os agentes. Essa confiança pode ser usada como mecanismo de governança”<sup>6</sup>. De fato, a confiança que Diogo tem conquistado também tem lhe rendido autoconfiança – um atributo fundamental para tocar qualquer negócio.

6. Idem 1.

Sobre esse relacionamento de confiança Osvaldo diz: “essa sucessão não é forçada, ela vem sendo criada naturalmente e é uma sucessão que não é só do Diogo, é uma sucessão de equipe. O Diogo não está sozinho, existe uma equipe homogênea em que todos se conversam”.

Para Osvaldo, uma mudança significativa no desenvolvimento profissional de Diogo foi seu casamento. Diogo casou-se com Jaqueline Ridolfi Carvalho. Jaqueline sempre trabalhou em grandes empresas multinacionais, o que, para Osvaldo, contribuiu para que o casal se desenvolvesse em suas áreas. Mesmo nunca tendo trabalhado juntos, o incentivo, o compartilhamento de experiências e a vida a dois motivaram Diogo a expandir sua carreira. “Hoje o Diogo se tornou um vendedor talentoso, agradável. As pessoas gostam dele, o mercado gosta dele. Estive no México [para o XXV Congresso Latino-Americano de Avicultura] e várias pessoas me perguntavam sobre o Diogo” – diz Osvaldo.

Apesar dessa sinergia, é natural que em um processo de sucessão familiar haja um choque cultural entre as gerações e isso faz parte de uma construção de identidade saudável. Isso aconteceu entre o velho Gessulli e Osvaldo e agora também acontece com Osvaldo e Diogo. “Quando temos reuniões, ele tem sempre uma posição contrária a minha. Eu aprendi a escutar e escutar é um sinal de amadurecimento. Ele trabalha de uma maneira completa-

mente diferente da minha, é outra geração, sabe lidar com todas essas ferramentas *web* e isso é uma grande mudança na nossa empresa” – relata Osvaldo sobre o filho.

Diogo também destaca alguns choques culturais entre ele e o pai, especialmente em relação à gestão da empresa, sobretudo pelas novas exigências que existem hoje a partir de inúmeras ferramentas de planejamento e gerenciamento:

Meu pai sempre tocou o negócio de maneira bem caseira, um estilo herdado do meu avô, até por que não havia tantas exigências. Agora, com os avanços tecnológicos, com as ferramentas *online*, a interação e as exigências do governo, temos que ter um grande controle de gestão. Antigamente, nas empresas familiares não tinha aquela coisa de separar a pessoa física da pessoa jurídica. Hoje isso é fundamental, não se pode misturar mais. Por isso trabalhamos dentro de uma gestão com auxílio do escritório contábil e assessoria jurídica.



**Osvaldo Penha Ciasulli com Diogo e Jaqueline.**





De certo modo, a assessoria contábil e jurídica nesse processo de gestão trouxe mais credibilidade para as mudanças administrativas que Diogo e Diego queriam implantar. Foi um respaldo técnico para colocar a empresa em um patamar mais próximo do exigido, unindo forças para organizar as finanças e toda a administração do negócio.

“Hoje trabalhamos dentro das normas contábeis. Como tudo é muito digital, toda movimentação financeira tem que ser contabilizada quase no mesmo momento ou, no máximo, cinco dias após o fechamento do mês” – comenta Diego Turri. E complementa: “sem esse tipo de gestão, a sucessão não funciona, porque como o Osvaldo está fora, sempre viajando a trabalho, a tomada de decisão é feita em cima de números exatos. Hoje, inclusive as pautas são analisadas junto com a equipe jurídica, obedecendo todo o rigor da legislação”.

“Nós melhoramos muito nos pequenos detalhes para que o balanço da empresa seja coerente com a atividade. Esse foi o principal passo para chegarmos a uma gestão de qualidade na empresa, valorizando o operacional”, diz Diogo.

Com as novas ferramentas e com a assessoria dos escritórios jurídico e de contabilidade, a empresa estabeleceu diretrizes claras para o trabalho do dia a dia e para o crescimento constante e paulatino do negócio. Hoje todos os funcionários devem seguir as regras financeiras estipuladas, a fim de manter a saúde administrativa da gestão. E, entre os próximos passos, está a antecipação das informações: “na última reunião

que tivemos com o escritório contábil, eles nos alertaram que ainda estamos olhando no retrovisor. Temos números do que aconteceu e devemos trabalhar com números do que ainda vai acontecer. Para melhorar na tomada de decisão, no que a gente pode e deve investir, no que não investir, é necessário antecipar o planejamento do futuro” – relata Diogo.

E Diego complementa: “hoje temos um processo de gestão que se chama BI (Business Intelligence), que é um programa que traz todas as informações em tempo real. Todo tipo de movimentação financeira é alimentada diariamente e, com isso, estamos nos adequando. A empresa deve passar por uma mudança tributária, saindo do Simples Nacional para o Lucro Real. A princípio, pode parecer mais burocrático, mas a longo prazo trará mais benefícios para a companhia”.

Além desse cuidado com a gestão administrativa e financeira da empresa, hoje Diogo lidera uma mudança de marketing estratégico dentro da empresa. Junto com toda equipe, e com a atuação especial de Luma Bonvino, a Ciasulli Editores passa a ter uma gestão mais estratégica de sua própria marca: “a Luma encabeça esse projeto de pensar como a gente vai se comunicar lá fora, com os clientes e com o mercado. Avaliamos como a ação será feita em cada evento, falando tanto da feed&food, como da Cães&Gatos VET FOOD. No caso da feed&food, apesar de termos uma revista que atende toda a cadeia, os eventos são muito segmentados. Por isso, para cada evento discutimos uma estratégia de marketing: se teremos estande, se vai haver

alguma comunicação visual, enfim, o que será feito para aquele público específico” – explica Diogo.

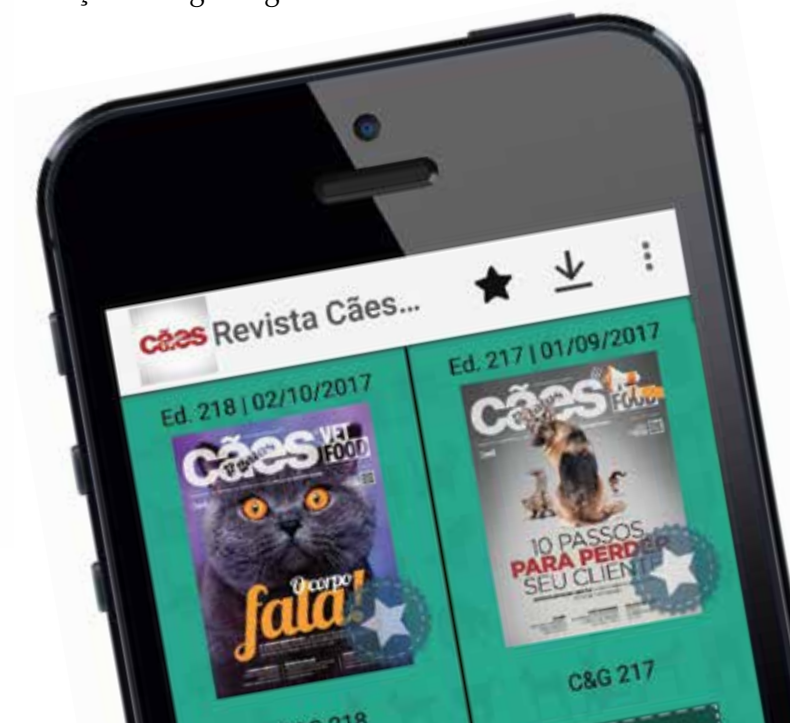
Somado a isso, hoje ambas as revistas – feed&food e Cães&Gatos VET FOOD – têm plataformas de comunicação que fortalecem não só a geração de conteúdo como também a disseminação de informação.

Eu acredito que daqui a 10 anos a revista impressa vai ser mais um objeto de desejo, porque a informação em si vai estar no *smarphone*, no computador, nas redes sociais. Por isso, a agilidade da informação é imprescindível. Hoje a gente tem muitos clientes que deixam de anunciar na revista para anunciar apenas no portal. Dois anos atrás não era assim. Eu não vou dizer pra você que vai caminhar para o contrário, mas acredito que a revista em si a gente vai caminhar para reportagens mais longas, mais complexas, vai ser um produto mais conceitual, enquanto a informação rápida vai estar dentro das plataformas *web*, seja no portal de notícias, nas redes sociais, nos aplicativos. Por isso, investimos nessas plataformas e somos pioneiros nessa inovação tecnológica. Creio que daqui 10 anos, pelo menos 70% do nosso faturamento virá dessas plataformas.

“Hoje todo mundo tem um *smarphone*, com o APP, com a *newsletter* diária e com o portal de notícias, a gente consegue estar na casa do nosso cliente todos os dias, e é isso o que ele deseja. Uma ferramenta alimenta a outra” – Diogo ressalta.

Quando perguntado sobre o futuro, Diogo é otimista e intuitivo:

Aos leitores, resta apenas aguardar para ver como a próxima geração da Família Ciasulli vai continuar a fazer história na comunicação do agronegócio.







Gessulli Gessullo Ciasulli Ge  
sulli Gessullo Ciasulli Gessu  
Gessullo Ciasulli Gessulli Ge  
sullo Ciasulli Gessulli Gessu  
lo Ciasulli Gessulli Gessu

## Das raízes ao futuro



217

Após percorrer as páginas anteriores, o leitor conhece, desde os primórdios, a história de Osvaldo Penha Ciasulli e de sua família. Conheci Osvaldo no final do ano 2012, quando nos reunimos para avaliar a possibilidade de publicar um livro voltado ao agronegócio. Fui apresentada a ele por Marcello de Oliveira, arquiteto e diretor de arte da KPMO Cultura e Arte – meu sócio no trabalho de produções editoriais. Nessa reunião, combinamos de retomar o assunto assim que passassem as festas de natal e *réveillon*, mas, depois das comemorações, soube que Osvaldo havia perdido um filho – Osvaldo Gessulli Neto, mais conhecido como Neno – e o trabalho foi abortado.





Para Maria Cristina F. Char, esposa de Osvaldo, a morte do filho causou uma dor tão grande em Osvaldo que, de certo modo, o motivou a buscar suas raízes. De fato, a morte de um filho é narrada por todos que vivenciaram essa trágica experiência, como algo insuperável. E, nesse caso específico, a dor foi ainda mais acentuada por toda a relação que pai e filho mantinham, assim como a grande admiração que o filho tinha sobre o pai. “O Osvaldo é um paizão, pra minha filha ele é pai, mãe e para os outros também. Apesar de que nem todo mundo enxerga isso, quem enxergava infelizmente morreu. Acho que o Neno era o que mais dava valor para o pai (...). Era o mais parecido. Por isso, falo que era Osvaldo também... Eu sei o que ele foi com esses filhos, ele nunca abandonou

nenhum filho, nem minha sogra. Minha sogra nunca abandonou um neto, sempre foi vó mesmo, de tomar conta. E isso eu tenho que dizer, porque eu vejo há 24 anos como ele foi” – diz Cristina.

Neno foi o primeiro filho homem de Osvaldo e justamente por isso recebeu o nome do pai e do avô. Fruto do primeiro casamento de Osvaldo – que se casou por três vezes, a última com Cristina – ele sempre viveu próximo ao pai. Para Osvaldo, as questões ligadas à família representaram muitos desafios em sua vida, tanto pelos casamentos e divórcios, como na criação dos filhos, já que apenas Giovana, filha dele com Cristina, foi a única criada conjuntamente pelos pais e, talvez por isso, ela tenha tantas recordações bonitas de sua infância.







**Osvaldo Neto e Odila.**

**Osvaldo Penha Ciasulli com a esposa Maria Cristina e a filha Giovana.**

“As memórias que eu tenho mais fortes são de quando morávamos em Porto Feliz, na casa do telhado azul. Naquela casa vivi os melhores momentos da minha infância. Foi a época em que pude ficar mais próxima da minha avó, pois ela morava na casa ao lado, no mesmo terreno. Eu me lembro quando eu e meu pai descíamos até o lago que ficava no condomínio. Ali, além de um passeio, eu tinha aulas, eu aprendia tanto com meu pai (...), entrávamos na floresta que tinha do lado e caminhávamos. Ele ia me perguntando: *você sabe o que é isso?*,

e me explicava tudo como uma aula. Eu nem piscava, pois queria ser inteligente como o meu pai. Ficava admirada me perguntando *como ele consegue saber tudo isso?*. Meu pai sempre foi um amante da natureza e passou esse amor para mim. Me lembro que ele falava: *abraça a árvore e sente como ela te passa uma energia gostosa, escuta o barulho do vento*. Lembro que na primeira vez eu ri e pensei, *meu pai tá louco*. Mas assim que fiz eu o entendi e desde de então sempre fazíamos isso juntos” – relata Giovana.





O amor de Osvaldo pela natureza e pelos esportes ainda hoje se manifesta na prática constante de hidroginástica e nas cavalgadas que ele sempre apreciou. Com 74 anos de idade, Osvaldo tem como companheiro um manga-larga paulista de marcha-picada chamado Latino, que o acompanha no ir e vir pelo interior junto com sua família.

Essa convivência de Osvaldo com os filhos, a partir de um momento já mais maduro, segundo ele, ocorreu na companhia de Maria Cristina: “foi a partir do terceiro casamento que eu comecei a ter uma família. E o que é ter uma família: é a relação entre marido e mulher com bastante harmonia. É claro que harmonia não é 100%, mas sempre se entendendo, mesmo nos desentendimentos. Estou falando de Maria Cristina F. Char. Ela realmente me fez constituir uma família, porque ela cuidou não só da minha pessoa, da nossa casa – que construímos com várias mudanças, vários atropelos – porque eu carregava vários filhos e ela realmente foi minha âncora e até hoje é minha âncora”.

Quando se casou com Maria Cristina, Osvaldo já tinha filhos de dois casamentos anteriores e alguns desses filhos [Rafael e Diogo], por algum tempo, viveram sob os cuidados dos dois. Essa disposição de Cristina faz com que Osvaldo a valorize ainda mais como parceira e esposa: “Maria Cristina é a mulher especial da minha vida, dos meus momentos, das minhas angústias. A cabeça dela, a diretriz que ela dá pra mim, as dicas que ela dá não me deixam errar. Eu parei de errar com Maria Cristina”.

E entre as angústias de Osvaldo, nenhuma foi maior que a morte de Neno. E Cristina esteve ao lado do marido em todo o tempo desta dor. A morte precoce de Neno, de um infarto fulminante, deixou um grande vazio não só em Osvaldo, mas também na família que ele tinha, esposa e dois filhos. Josiane se lembra da relação do marido com o sogro desde os tempos de seu namoro com Neno: “quando o conheci, ele estava na época morando no sítio com o pai. Neste período, Osvaldo tinha uma granja e eu via que ele era muito obediente com o pai. E ele estava sempre trabalhando, fazendo as entregas”.

Outros filhos de Osvaldo se lembram muito do pai também nesse apreço grande pelo trabalho. Giuliana, filha de seu segundo casamento, diz que o pai sempre valorizou muito o trabalho, mesmo estando pronto para ajudar a família. Para ela, Osvaldo é “um homem que já passou por muitas dificuldades e nem por isso se abateu, sempre seguiu em frente”. Rafael também diz sobre o pai: “quando eu tinha uns 14, 15 anos, eu voltei a morar com ele, a conviver mais com ele. Me lembro que nessa fase, durante a adolescência, a gente sempre conversou bastante (...). Morávamos em um sítio, depois fomos morar em um condomínio em Porto Feliz. Durante a semana, ele sempre focava no trabalho, mas aos fins de semana curtíamos bastante, ele me aconselhava bastante. Eram sempre conversas bem instrutivas. Ele falava sobre coisas da vida, como procurar lidar com as situações. Enfim, bem conversa de pai”.

De certo modo, todos os filhos acabaram assimilando o modo italiano de ser, espe-

cialmente nas características que já narramos sobre os almoços, sobre os modos à mesa que acompanham todos desde Antonio Ciasulli e Maria Sorrentino. Diogo, filho de Osvaldo, comenta: “Eu acho um barato. Adoro aquela falação alta, mesa sempre farta, brigar e se amar ao mesmo tempo... Essa espontaneidade é uma maravilha”.

Essa visão de Diogo possivelmente se assemelhava muito a de Neno, até porque Victor, filho de Neno, vê muitas semelhanças entre o pai e o tio. Para Josiane, Neno carregava tanto as raízes de sua família que se tornou um homem muito ligado a ela: “Nós éramos muito família mesmo. Ele trouxe todas as raízes para casa. Então, no domingo, era sempre macarrão, alguma coisa que a avó Odila sempre fazia e ele aprendeu a fazer, sempre era assim, ele gostava muito de cozinha, de comida boa”.

E além das tradições à mesa, Neno também herdara da família o estilo honesto e correto que marcou a vida dos Ciasulli desde o avô. “Na palavra dele você podia confiar, se ele dava a palavra dele, podia confiar. E ele queria isso dos outros também, mas nem sempre ele tinha e ficava muito nervoso. Às vezes, eu brincava com ele, falava assim: *you are not from here, you can't live in this world*; porque ele era muito correto, acabava sofrendo e ficando muito nervoso,

porque nesse mundo as pessoas são assim” – relembra Josiane.

Já o filho Victor, se lembra do pai transmitindo exatamente o que recebera: “meu pai sempre foi muito brincalhão, mas também um cara muito sério. Ele sempre quis ensinar o correto, sempre foi uma pessoa muito justa, nunca conheci ninguém tão justo como meu pai, verdadeiro, honesto, tudo”.

O editorial assinado por Osvaldo na revista *feed&food* (edição nº 70, fevereiro de 2013), logo após a morte do filho, marca a dor de uma perda irreparável, bem como a afinidade e a tradição de família que Neno carregava em si: “Meu primeiro filho homem nasce e meu pai, Osvaldo, pediu para que ele tivesse o mesmo nome, para ser sucessor direto da família. Eu, Osvaldo Penha, meu pai Osvaldo e ele Osvaldo Neto (Neno). Vi seus primeiros passos, primeira palavra, primeiras frases. Curti meu filho por 42 anos. Um filho extremamente próximo do pai em todas as situações”.

Vivendo essa dor intensamente, Osvaldo continuou. Queria ele mesmo ajudar a continuar o legado do filho e, segundo Josiane, se tornou ainda mais próximo dela e dos netos, o que, de certo modo, mostra que o amor não morre jamais, assim como nunca perde seu fio condutor. E, nesse caso, podemos dizer que o fio que conduz os Ciasulli, Gessulli e Gessullo é italianidade que corre no sangue.







DIRETOR EDITOR  
Oswaldo Penha Ciasulli (MTb 32.517)  
osvaldo.ciasulli@curuca.org



EDITOR CHEFE  
Arthur Rodrigo Ribeiro (MTb 50.777/SP)  
arthur.ribeiro@curuca.org

SUB-EDITORA  
Mariana Cavalcanti (MTb 59.265)  
mariana.cavalcanti@curuca.org

REPÓRTERES  
Juliana Antonangelo (MTb. 64.198)  
juliana.antonangelo@curuca.org

Mariana Vilela (MTb. 56.876)  
mariana.vilela@curuca.org  
(sucursal Curitiba/PR)

WEB REPÓRTER  
Luma Bonvino  
luma.bonvino@curuca.org

EDITOR DE ARTE  
Daniel Guedes (MTb 33.657)  
daniel.guedes@curuca.org

DIAGRAMAÇÃO  
Rafael Leite  
rafael.leite@curuca.org

COORDENADORES DE PUBLICIDADE  
Diogo Ciasulli  
diogo.ciasulli@curuca.org

Luiz Carlos de Souza Jr.  
luizcarlos@curuca.org

DEPARTAMENTO JURÍDICO  
Jorge A. Queiroz  
jaqueiroz@curuca.org

ADMINISTRATIVO  
Diego Turri  
diego.turri@curuca.org

TRÁFEGO  
Tatiane Amor  
tatiane.amor@curuca.org

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO  
ABA, ABCS, Andréa de Deus, Alexandre C. da Silva, Ariovaldo Zani, CEPEA, Itamar Rocha, José Luiz Tejon, José Walter da Silva Jr., Marcos Favaneves, Mariana Savedra Pfitzner, Rafael Bordonal Kalaki e Ubabef

ADMINISTRAÇÃO, REDAÇÃO E PUBLICIDADE  
Rua Dr. Arthur Gomes, 799, Centro  
Sorocaba, SP, CEP 18035-490  
Tel / Fax: 55 15 3219.2540  
feedfood@curuca.org - www.feedfood.com.br  
www.revistafeedfood.com.br  
Assinaturas feed&food:  
Anual (11 edições): R\$ 180,00  
Edições anteriores: R\$ 18,00

A revista feed&food é uma publicação brasileira, editada em português, com editorial dirigido à toda cadeia de produção de proteína animal, incluindo associações do segmento, universidades, sindicatos e o MAPA, na defesa da segurança alimentar e sustentabilidade. Editada, produzida e comercializada pela Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) Curuca - Consciência Ecológica com os Personagens Curupira e Caapora. Os artigos assinados e informes publicitários não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total de reportagens e artigos publicados sem a autorização por escrito dos editores.

Registro: ISSN 1809-3027 Periodicidade: Mensal



## A DOR DA PERDA

Tive uma enorme perda no fim do ano passado. Escutamos inúmeras vezes a dor de perder um ente querido, seja de um amigo, de um vizinho, de um colega de trabalho, algum comentário, enfim, a perda de um pai, de um irmão, de um amigo, de um parente próximo. E quem nunca teve uma perda grande não sabe descrever, somente falam da dor. Sempre imaginei que esta dor de perda caminhava pelo lado emocional, mas sou obrigado a descrever que esta dor também é física. Depois de mais de duas semanas do falecimento do meu filho ela começou a aparecer.

Nos primeiros momentos somos capazes de ter uma força e uma energia incalculável para cuidar do funeral, acalmar os parentes mais próximos, da família e de todos os afazeres que o momento determina. Essa foi a força que senti no momento.

Depois vem a reflexão sobre a perda. Olho para uma foto e pairam inúmeras coisas na cabeça... a saudade. Esta saudade é uma coisa indescritível. De repente, começo a sentir uma dor imensa no meio do peito e outra em seguida no centro das costas. Por seis vezes fui fazer eletrocardiograma no pronto-socorro. Achei que fosse enfartar. Fazia todos os exames e não constatava absolutamente nada. Até que conheci um médico que descreveu detalhadamente o que era aquilo que estava sentindo. Ele me disse: "O nome disso é angústia". Dr. Guaraci, nome Tupi-Guarani, tudo a ver com minha história, uma vez que minha mãe era descendente de índios.

Fui até a sala do Dr. Guaraci, sala 13, meu cartão de atendimento número 13, um número que me persegue, um número que me traz sorte. Dr. Guaraci me deu uma luz em relação à perda e me receitou um produto que age diretamente no cérebro, principalmente no período da noite. Parte responsável por comandar todo o nosso corpo. É o cérebro que acaba distorcendo tudo. Enfim, esta dor é uma coisa terrível, a dor da angústia.

Meu primeiro filho homem nasce e meu pai, Oswaldo, pediu para que ele tivesse o mesmo nome, para ser o sucessor direto da família. Eu Oswaldo Penha, meu pai Oswaldo e ele Oswaldo Neto (Neno). Vi seus primeiros passos,

primeira palavra, primeiras frases. Curti meu filho por 42 anos. Um filho extremamente próximo do pai em todas as situações.

Tivemos mais de uma dezena de viagens por este Brasil a fora para as nossas caçadas e pescarias, algumas de nossas paixões. Visitávamos o Centro Oeste, nossas andanças com Jipe, visitas à Amazônia, viagens carregadas de aventura. Poucas eram de lazer, como ir à praia. Sem contar nossas viagens internacionais a trabalho.

Criei uma incrível afinidade com este meu filho, não só como pai, mas como amigo. Olhava sempre para ele como o meu sucessor. Aquele que continua.

Após seu casamento (lembrando que casamos no mesmo dia), nasce o primeiro neto (Victor), logo depois a neta (Julinha), um carinho e uma convivência incomum. Isso é ser pai e viver filho, e vice-versa. Esta é a relação mais forte depois do pai e da mãe, pois estes tem a responsabilidade de criar e educar os filhos. A dor de se perder um filho é a maior de todas.

Perdi duas irmãs e meus pais, mas nenhuma dor é igual a essa. Por isso entendo que esta é uma dor irreparável. Segundo o Dr. Guaraci, ela só vai sumir daqui a alguns anos. Para amenizar isso me passou alguns remédios. Além disso, tenho que me concentrar na vontade de continuar vivendo e olhando para frente sabendo que há uma nora (Josiane) e dois netos maravilhosos que precisarão do meu apoio.

Agradeço as mais de mil mensagens de pesares. Sensibilizações de amigos, clientes e parceiros vindas de diversas partes do País e de fora. Uma comoção que me deu força para enfrentar mais este momento da minha vida pessoal e profissional.

Para quem não o conheceu Oswaldo Neto (Neno) foi um filho coberto de predicados. Generosidade, carisma, humildade e simpatia envolviam este nobre ser humano, um filho e um pai de família ímpar.

Neno (carinhosamente chamado pelos amigos) muito jovem embrenhou no agronegócio tendo como referência seu avô paterno (Oswaldo) e eu. Aos 17 anos realizou um *high school* nos Estados Unidos em uma fazenda de criação de suínos, se formou técnico



Nos últimos tempos raros eram os momentos que Oswaldo Neto expressava esse sorriso espontâneo, sincero e gostoso. Preparando uma paella para toda família. Estas reuniões eram tudo para ele

Foto: arquivo pessoal

agrícola pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa, Concórdia/SC) e teve como padrinho de profissão Elvio Flores (Sadia). Neste mesmo período realizou diversos estágios especialmente na unidade de processamento de ração da Sadia no mesmo município. Também estagiou por seis meses na Chaver (Canadá) e visitou a França pelas mãos de Olivier Behagel (Hubbard), além disso, estagiou em uma empresa de linhagens genética, a T&S Breeders no Estado do Alabama (Estados Unidos), em uma empresa avícola no Estado de Georgia, e ao meu lado e do avô criamos a Granja Label Rouge (Porto Feliz/SP).

Seus passos dentro do setor como empresário do ramo de comunicação do agronegócio foram materializados em publicações, duas revistas especializadas, na avicultura e suinocultura, e no meio virtual, através de sites dedicados a estes segmentos.

Fora do agro, fez também parte do seu legado a criação da primeira empresa de sinal de internet via rádio em Porto Feliz (SP).

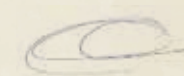
Atualmente era diretor da Cães&Gatos Comércio, Importação e Exportação LTDA., empresa do segmento de insumos pet, sediada em Sorocaba (SP).

**Compunha sua índole o lado social.** Neno carregava em seu caráter a preocupação com os semelhantes. Um dos trabalhos desenvolvido por ele era o de todas as terças-feiras a noite se reunir com amigos de infância para distribuição de sopa para moradores de rua no centro da cidade de São Paulo (SP) e quando terminavam as entregas as sobras eram levadas para serem distribuídas na Cracolândia.

Neno faleceu aos 42 anos no dia 28 de dezembro, às 10h, um infarto agudo do miocárdio. Deixou esposa, Josiane, e um casal de filhos menores, Victor e Julia.

Para o ano iniciado só nos cabe olhar para frente e manter aceso as saudosas recordações sobre este estimado filho.

Filho, esteja em paz, fique com Deus, estamos orando por você!



Oswaldo Penha Ciasulli  
Diretor/Editor







Já em 2016, Osvaldo vivia outra circunstância e, conversando, surgiu a ideia de compor uma pequena publicação com as fotos da família. Ele me enviou um texto de uma página sobre as histórias de seu bisavô e de seu avô e algumas fotos. Dentre as imagens, estava a fotografia da campainha de uma casa na cidade de Bovino, Itália, que ele tinha visitado com o filho Rafael, mostrando o último resquício dos Ciasulli por lá.

Aquela campainha despertou em mim um som diferente. Por que não contar a história da família num livro? Fiz a proposta a ele, argumentando justamente o que descrevi na apresentação desta publicação: “não há nada mais extraordinário que a vida de uma pessoa”. Imagine, então, a vida de várias? O resultado foi este: um mergulho profundo nas raízes de uma família. Nem eu mesma podia imaginar o quão rica seria essa experiência, tampouco poderia acreditar nas informações que descobriria sobre vinda de Rocco Ciasulli ao Brasil.

Foi como se a imagem de uma campainha abrisse as portas para mais de 120 anos de história. E é claro que isso não poderia deixar de ser contado. Conversei com diversos membros da família. Cada um narrando um pedaço da história, narrando lembranças dos avós, dos pais, dos fatos que marcaram a vida deles e de sua descendência italiana.

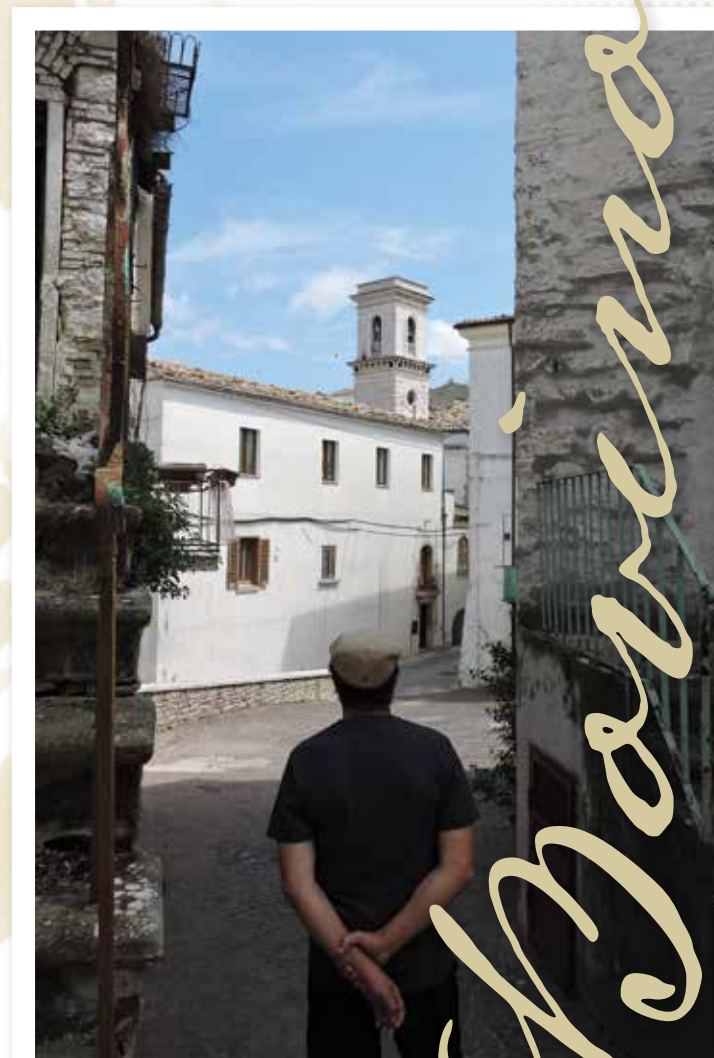
Em quase 1 ano de pesquisa e produção, pude conhecer muitos deles. Sem dúvida, a maior motivação era recompor os caminhos percorridos pelos avós e bisavós da geração de Osvaldo Penha Ciasulli, seu irmão e seus primos. Por isso, narramos essa trajetória desde a saída de Bovino até a vinda dos primeiros descendentes brasileiros: Rocco Gessulli, Dante Gessulli, Romeu Gessulli, Mário Gessullo e Osvaldo Gessulli.

Nenhum dos descendentes vivos desses italianos e ítalo-brasileiros conhecia os detalhes que narramos neste livro. Não tinham ideia de qual navio tinha trazido a família

para o Brasil, que existia um brasão, um histórico de registro, tampouco que os avós tinham se casado na igreja do Senhor Bom Jesus, no Brás. As descobertas feitas deram mais significado a história de cada um.

Osvaldo esteve em Bovino em 2015, com seu filho Rafael Ciasulli. Mal chegaram à cidade e a recepção inicial não foi nada amistosa. Na larga rua que corta Bovino, as pessoas que estavam sentadas de um lado e de outro, olharam para aqueles dois forasteiros desconfiadas do que poderiam querer, quase intimando os dois a darem meia volta e voltar por onde tinham entrado. Sem saber muito bem como se locomover pelas ruas da cidadela medieval,

os forasteiros entraram por uma avenida aparentemente na contramão, o que foi a gota d'água para um velho italiano, cheio de convicção, que não hesitou em xingar a dupla. Osvaldo quis ir embora, entendeu que não eram bem-vindos. Mas Rafael insistiu. Tinham vindo de tão longe, não podiam voltar sem ao menos espiar onde seus ancestrais tinham nascido.







Estacionaram o carro e começaram andar a pé pelas centenárias ruas de pedra. Decidiram entrar em um museu, o Museu Cívico da cidade, em busca de alguma informação que pudesse remeter a história dos Ciasulli. Nada foi encontrado. Passaram horas entre documentos e livros, objetos e relíquias, mas nada se tratava de qualquer Ciasulli que tivesse vivido ali. Na verdade, o Museu tinha um programa muito mais dedicado ao povoamento da Itália, ao Império Romano, algo muito antigo, que não chegava à história mais recente da cidade e da região.



Contudo, antes de saírem do local, dirigiram-se até o balcão da recepção para assinar o livro de visitas. Ao ler o sobrenome Ciasulli, que tanto Osvaldo como Rafael assinaram, o atendente imediatamente perguntou: “Vocês são Ciasulli?”. Depois de responder de forma afirmativa à questão, o modo como Osvaldo e Rafael passaram a ser tratados na cidade mudou completamente.

O homem começou a lhes contar toda a história dos Ciasulli em Bovino, impressionando os dois recém-chegados e, para surpresa de ambos, ainda disse que havia conhecido bem o último Ciasulli (Domenico Ciasulli) que viveu na cidade e tinha falecido 7 meses antes de Osvaldo e Rafael chegarem.

Este último Ciasulli tinha sido casado com uma senhora que tinha filhos de um primeiro casamento. Ele mesmo não teve filhos. Depois de viúva, essa senhora deixou a cidade e foi morar com os parentes em outra região da Itália. Solícito, o atendente do Museu se ofereceu para levá-los até a casa onde esse Ciasulli havia morado por toda a vida. Ao chegar na casa, localizada na lateral da Catedral de Bovino, na via San Marco, nº2, lá estava a campainha. Tocaram insistentemente, mas ninguém saiu.

Realmente a esposa do velho Ciasulli havia se mudado. Para não perder a viagem, o atendente do Museu indicou uma pessoa na cidade que hospedava viajantes, pois o hotel em frente ao Museu Cívico estava cheio.

Osvaldo e Rafael não tinham a intenção de ficar, mas foram tão bem-recebidos que decidiram pernoitar. Além da hospedagem, o atendente do Museu também tinha indicado o restaurante La Cantina, que, aparentemente, era o mais aconchegante da cidade. Lá os novos Ciasulli foram jantar. Desceram um lance de escada e chegaram ao salão, que não tinha mais de 6 ou 7 mesas. Próximo à entrada, havia uma placa de vidro por onde era possível enxergar o andar subterrâneo, onde antigamente ficava a adega de vinhos e linguiças sendo curadas.





Esse restaurante se tornou o principal ponto de parada para Osvaldo e Rafael na cidade. Na terceira vez em que voltaram até lá para comer, o dono sequer cobrou pela refeição. Os dois sentiram-se em casa, literalmente membros da família e da cidade. Afinal, era assim que estavam sendo tratados.

O casal que hospedou Osvaldo e Rafael também se empenhou muito em fazê-los conhecer e reconhecer suas origens ancestrais. Levaram os dois até o alto da cidade, de onde podiam ver toda Bovino. Visitaram o antigo Castelo da região, que funcionava como um forte de proteção na era medieval. Passaram horas nesse lugar, que hoje tem algumas alas reformadas, onde funciona um hotel, e outras muito antigas e sem conservação. Viram-se diante da grandeza de uma história centenária, com construções e ruínas que, de certo, fizeram parte da vida dos antigos Ciasulli.



Por fim, o casal que os hospedou indicou uma casa muito antiga, já completamente em ruínas que supostamente teria pertencido aos antepassados da família. Os Ciasulli viveram por muitos anos em Bovino, movimentando a vida da cidade com suas famílias e com seu trabalho, participando da vida social e deixando essas memórias entre os habitantes.

De certo modo, essas ruínas acalentaram o coração machucado de Osvaldo. Sempre somos devastados pelo tempo – pessoas, espaços, construções. Os acontecimentos que se sucedem no intervalo entre a vida e a morte de cada um, deixam marcas, feridas e desgastes profundos. Rachaduras cujas fendas são tão grandes que deixam passar luz e trevas. Mas, no decorrer dos dias, dos meses, dos anos, dos séculos, as ruínas começam a perder seu caráter de destruição e ganham algo de belo.

Assim também são as mágoas e angústias que atingem o cerne de nossa alma. Com o tempo, elas ganham a beleza sutil da resiliência. E essa talvez tenha sido a grande marca dos Ciasulli, Gessulli e Gessullo nessa trajetória da Itália ao Brasil.





Mario

## Legado de família: por que e para quem contar essa história

Nesse processo de escrita da história da família, vi, entre tantos momentos de memórias divertidas e descobertas surpreendentes, emergirem também as tristezas e mágoas de muitos momentos difíceis. Antonio Ciasulli, que já carregava em si a dor de ter perdido toda sua riqueza em Ribeirão Preto, de tanta saudade após a morte de Maria Sorrentino, morre apenas

1 ano depois dela. Mario Emanuel, neto do casal, se lembra bem: “eles eram muito juntinhos. Na época, nem se falava em depressão, mas ele ficava na padaria à tarde bebendo. E isso mostrava a depressão. Ele sozinho lá. Lembro de minha mãe dizendo: *vai chamar teu vô pra jantar*. E eu ia lá buscar ele. Hoje se fala em depressão. Mas eu senti o vô muito triste”.

233

**Museu da Imigração,  
em São Paulo.**











grande foto de família, no mesmo local onde seus bisavós e avós sonharam construir uma nova vida, num novo país. Além deles, as filhas e netos de Ana Maria, netos e bisnetos de Mário Gessullo, que estavam com os tios e primos reiterando os laços que unem todos.

**Oswaldo Penha Ciasulli e família (à esquerda).**

**Odimar Gessulli e família (abaixo).**

237

E o que dizer dos filhos Mário Gessullo que viram o pai falecer quando ainda eram muito jovens? Rosana, a única filha viva de Romeu, já não tem mais os pais, nem os irmãos. Da família de Dante, não restou ninguém que pudesse nos contar sua história. Sandra, filha de Rocco e Adélia, até hoje sente uma grande saudade dos pais. E Oswaldo e Odimar perderam os pais, duas irmãs e Neno.

Se eu fosse alguém que acreditasse na morte como um fim, certamente teria uma expressão pouco otimista da vida. Mas penso justamente o contrário. A morte é o fator que motiva o ser humano viver melhor o tempo que tem nesta vida, valorizando cada experiência como uma parte de um grande aprendizado.

Ao longo dos meses de trabalho, vi a família se reaproximar para olhar para si. Primos que não se viam há anos se dedicaram juntos a recuperar a memória de seus pais, tios, avós. Esse comprometimento com a memória e o passado de cada um é, com certeza, o fio que irá conduzir a história dos Ciasulli, Gessulli e Gessullo nas próximas gerações.

E como posso afirmar isso? Porque testemunhei a reunião da família num domingo de sol em São Paulo, no Museu da Imigração, alegres por vivenciarem juntos uma parte da história de seus antepassados. Lá, os netos de Antonio Ciasulli e Maria Sorrentino, Roque, Oswaldo, Odimar, Mário Emanuel, Henrique, Paulo e Rosana, reuniram seus filhos e netos para uma







Os descendentes de Rocco Ciasulli no Museu da Imigração, local onde o patriarca chegou a São Paulo há mais de 100 anos.







**Descendentes dos primeiros Ciasulli/Gessulli/Gessullo nascidos no Brasil (acima).**

**Roque Gessulli e família, filho de Rocco e Adélia (à direita superior).**

**A família de Mário Gessullo, filhos, netos e bisnetos (à direita)**





Entre os mais jovens, Victor, filho de Neno e neto de Osvaldo Penha Ciasulli, preza pela tradição de sua família, afirmando: “eu gosto bastante de história, gosto de ter uma tradição, sabe? Isso é muito importante para uma família. Na verdade sempre gostei muito desse negócio de ter uma tradição e sempre tive muita curiosidade de saber como foi o começo da família no Brasil, principalmente sobre o meu bisavô Osvaldo, porque eu conheci ele pouco. Tenho poucas lembranças, acho que eu tinha uns 3 anos quando ele morreu”.

Mas, a curiosidade não era só de Victor. Mesmo os primos mais velhos, como Denise, a filha de Ana Maria – única neta a conhecer o avô Mário Gessullo – também estava curiosa e até mesmo emocionada por encontrar tantos parentes. Sua emoção foi tamanha que ela não conteve as lágrimas – lágrimas que certamente reuniam sentimentos diversos, mas que expressavam uma imensa gratidão. E ela diz: “Fiquei sabendo do livro pelo meu tio Henrique, pois ele me pediu as fotos que estavam em meu poder. Achei incrível, um privilégio ter um livro sobre a minha família, senti muito orgulho. [Estar com a família no Museu] foi uma sensação indescritível, uma sensação de resgate, muito amor, felicidade, saudade”.

Já conversando com Paulo Gessullo, pude notar a satisfação que ele tinha em ver a família reunida. Não só seus irmãos e sobrinhos, mas também os primos. Narrou com alegria uma história que Osvaldo, em tanto meses de trabalho, tinha esquecido de me contar. Quando ainda era estudante de medicina,

em 1980, Paulo salvou a vida Osvaldo (como diz o próprio Osvaldo).

Tudo aconteceu em uma festa de aniversário de Ana Maria – e vale lembrar que desde criança, o aniversário de Ana Maria era um grande evento de reunião da família, quando Romeu Gessulli reunia os sobrinhos para soltar balões – então, assim que Osvaldo chegou, começou a reclamar de uma dor no abdome. Paulo, observando a expressão do primo, percebeu que a dor podia ser a consequência de algo mais grave e pediu para examiná-lo. Constatou o que imaginava: apendicite. Embora a cirurgia de apendicite seja algo relativamente simples, Paulo percebeu que havia alguma complicação no caso do primo. Isso porque, após o diagnóstico concluído, constataram que o apêndice de Osvaldo estava localizado atrás do intestino, em posição retrocecal, e não na frente, como de costume. Então, foi uma cirurgia difícil, mas bem-sucedida graças ao diagnóstico de Paulo. Essa história marcou muito a vida dos primos, assim como outras que se lembram da infância.

Mario Emanuel que surpreendeu sua prima Rosana – que não o via há quase 20 anos – conta sobre os apelidos. Henrique, que todos chamam de Quico, é chamado assim porque ele deu o apelido. Segundo a mãe, Genir, Mario Emanuel não sabia pronunciar o nome do irmão mais novo, Henrique, e de Henrique, virou Quico. Já Henrique salvou Paulo de se chamar Ipojucan. Mário Gessullo queria colocar esse nome no filho caçula, mas Henrique, com apenas 5 anos de idade, sugeriu Paulo. E por sorte, o pai ouviu.



**Rosana, filha de Romeu Gessulli, com seu marido Mário Manuel e seus filhos Felipe e Fernando.**

Rosana e seu marido Mário estavam alegres com os filhos, que nem conheciam todos os primos, mas se dedicavam a esse momento único da família. Assim também estavam os filhos de Henrique Gessullo, curiosos com tantas descobertas sobre seus ancestrais, sobre a pesquisa, sobre o próprio Museu da Imigração.

Depois de várias fotos, a família se reuniu na casa de Odimar para o grande almoço. Odimar e Elaine preparam as massas artesanamente, com o mesmo cuidado que ele via, quando criança, a própria avó, a própria mãe cozinharem. Uma dedicação que reúne, que agrega, que transmite amor.

A iniciativa de Osvaldo em compartilhar essa história, deixa um importante registro para as gerações futuras. Giovana, sua filha, diz: “Para mim ser descendente de italiano é saber que venho de uma família de lutadores, que primeiramente lutaram tendo a coragem de vir buscar por uma vida melhor em um país completamente estranho e novo, sem garantias nenhuma. É olhar para a minha história e saber que eu só estou aqui hoje com o suor e batalha de cada um deles. Pois, são todos guerreiros lutando para uma vida melhor. E possuir toda essa história em um livro é saber que a luta e suor de toda a minha família será concretizada e eternizada. Meus pais,



meus avós, os avós deles são pessoas que nunca deixaram a vida dizer que eles não eram capazes de algo. Eu, mais do que tudo, tenho orgulho. Olho para esse livro não como a história da minha família, mas como a minha história, pois se cada mínimo detalhe mudasse eu não estaria aqui”.

Se tivesse que intuir o legado dessa história da Família Ciasulli, resumiria na expressão de Victor o orgulho que cada filho e neto tem por seus pais, seus avós e bisavós. Victor, que é a 6ª geração desde a chegada de Rocco ao Brasil, diz sobre o avô Osvaldo Penha Ciasulli: “Meu avô Osvaldo é, pra mim, o pai do meu pai e é realmente a única lembrança que eu posso ter dele. Meu vô é muito importante, tudo que é relacionado a ele lembra meu pai, acho que por isso fica um pouco difícil às vezes

falar. Mas meu vô é um herói, ainda mais depois de passar tudo o que passou. Para mim ele é um dos mais fortes, porque, sei lá, ver ele sorrindo é difícil às vezes de entender. Ele não tem muito motivo para estar sorrindo, mas sempre está. Meu avô sempre foi um baita homem de negócios, sempre soube como ganhar dinheiro, sempre soube falar com muita gente, acho que é por isso que ele chegou onde está. Ele já fez bastante coisa errada também, já perdeu muito dinheiro, mas sempre conseguiu lidar com tudo isso, conseguiu trabalhar mais e ele é um exemplo. Tenho que tirar o chapéu pra ele”.

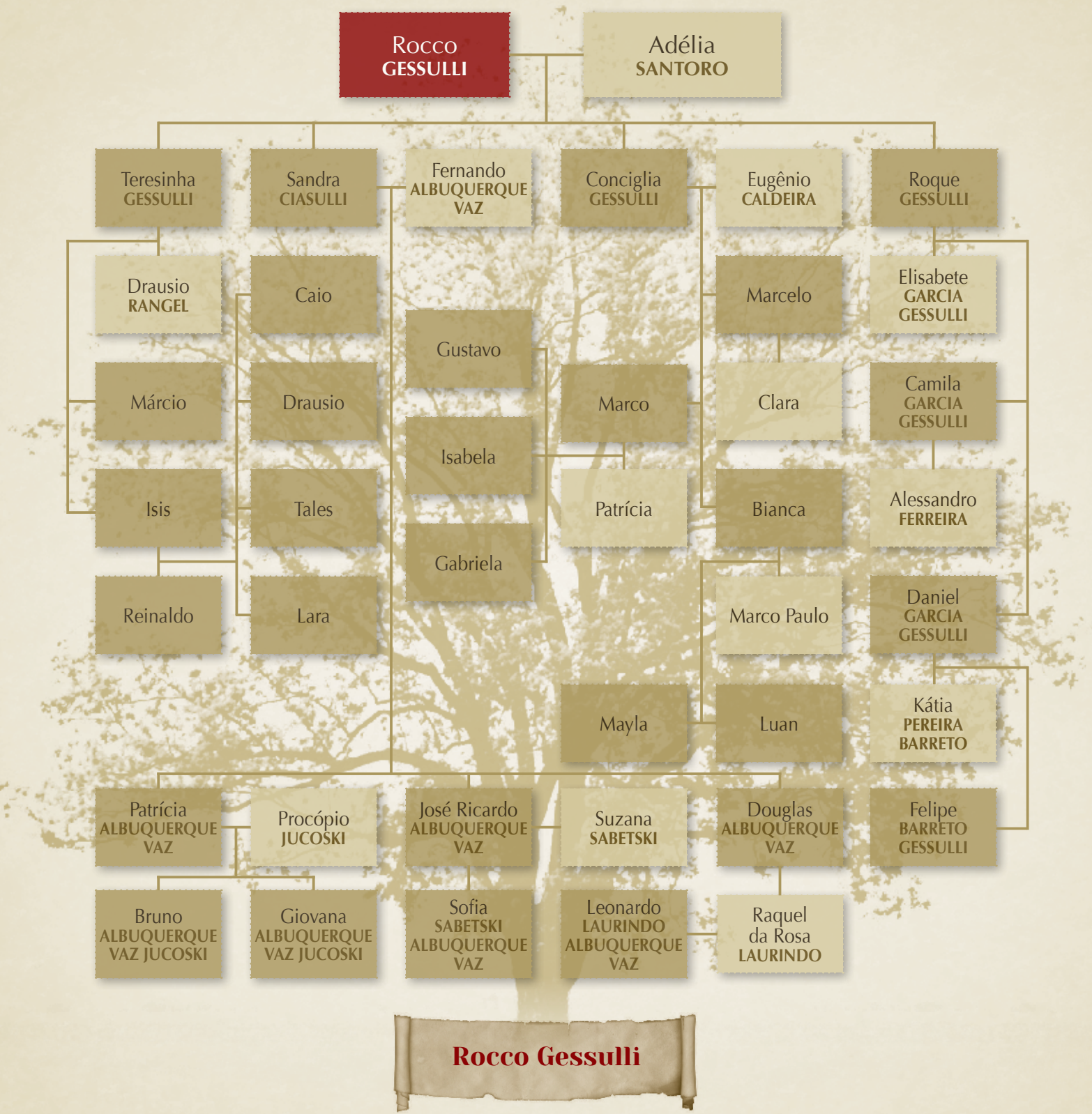
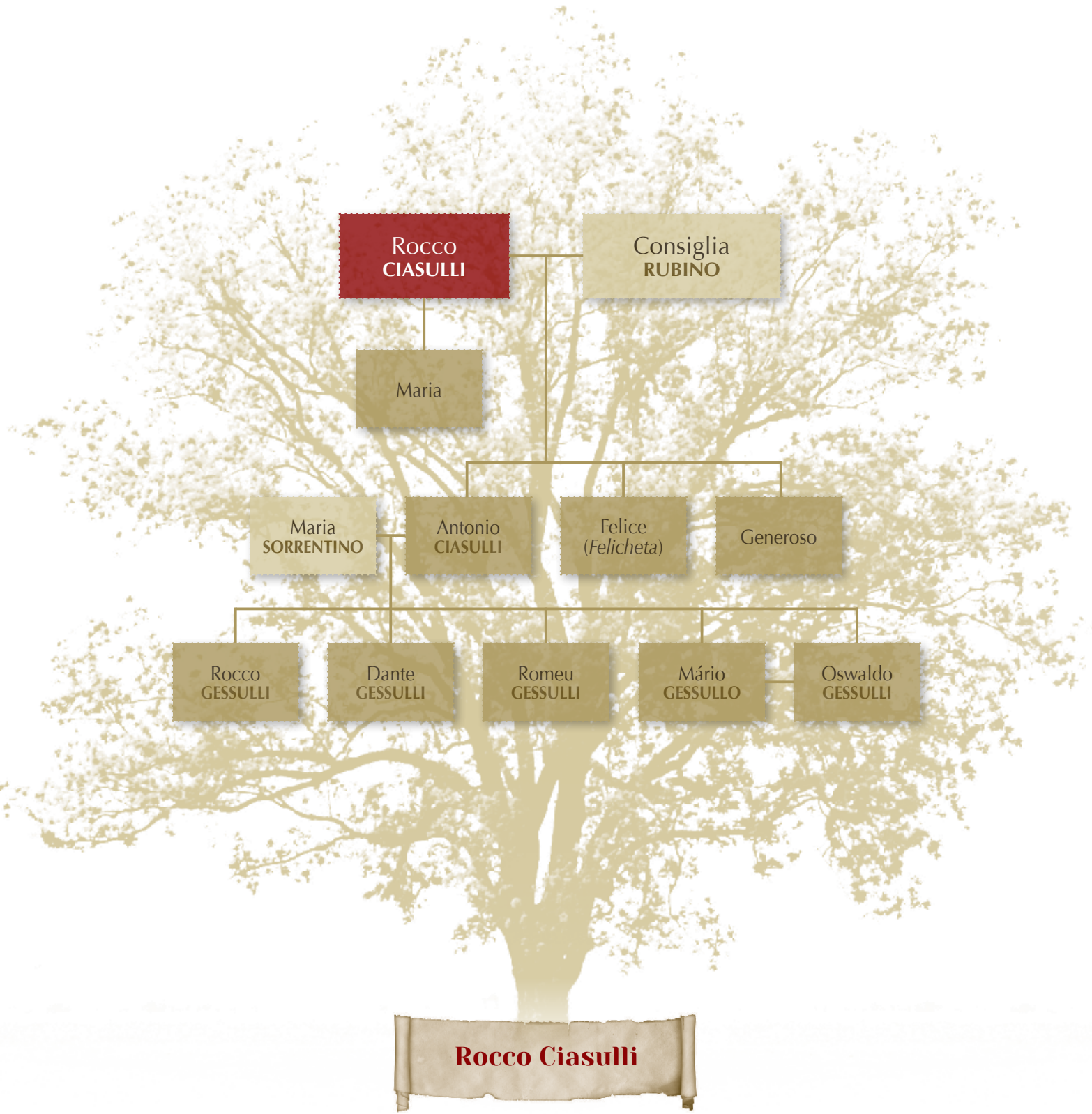
Entre todas as histórias, as contadas e as não contadas neste livro, fica a inspiração para que a nova geração da família conheça, de verdade, sua trajetória. Só quem tem raízes fortes pode crescer no futuro!

**Júlia e Victor,  
filhos de Osvaldo Neto.**



# Arvores Genealógicas

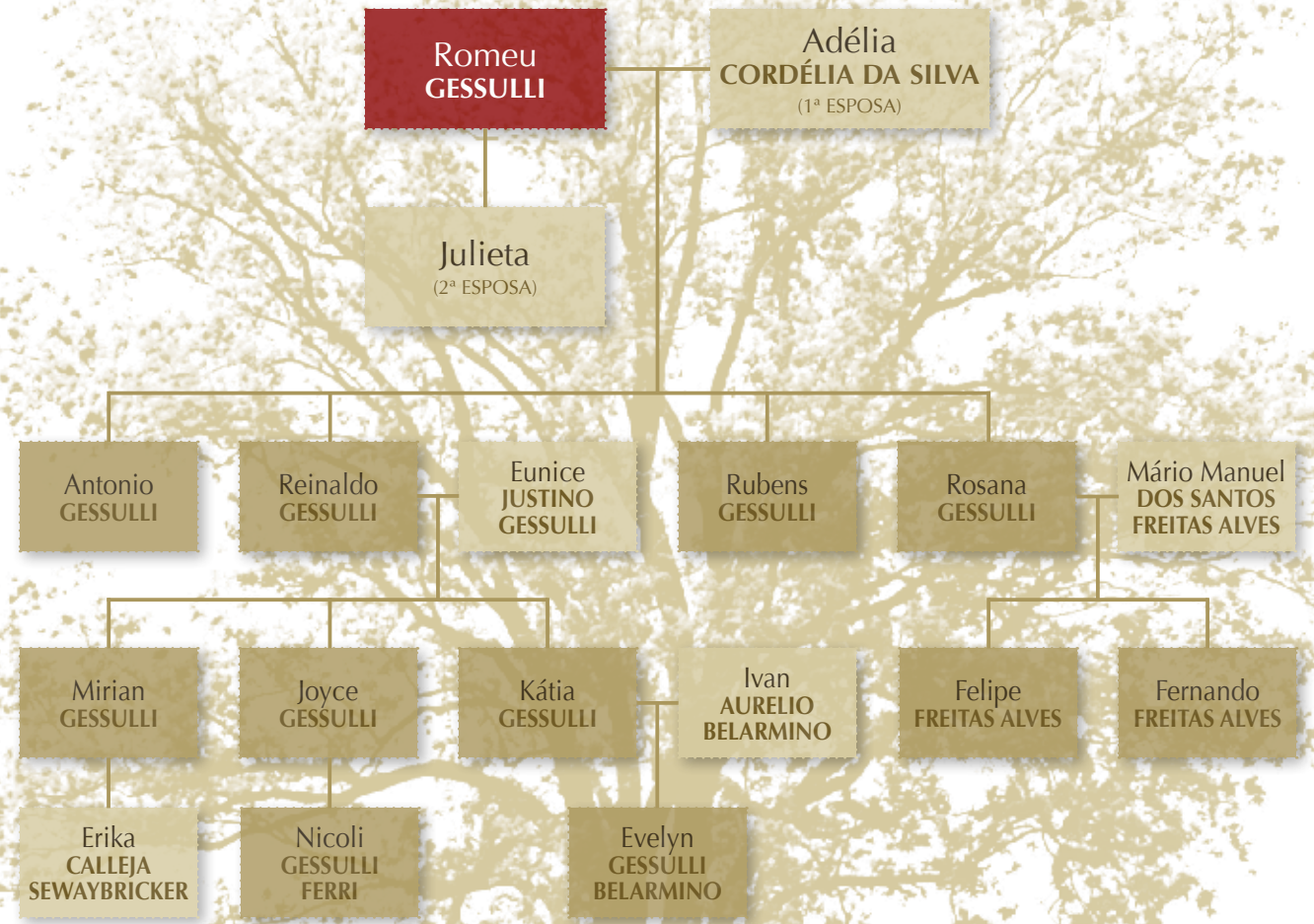






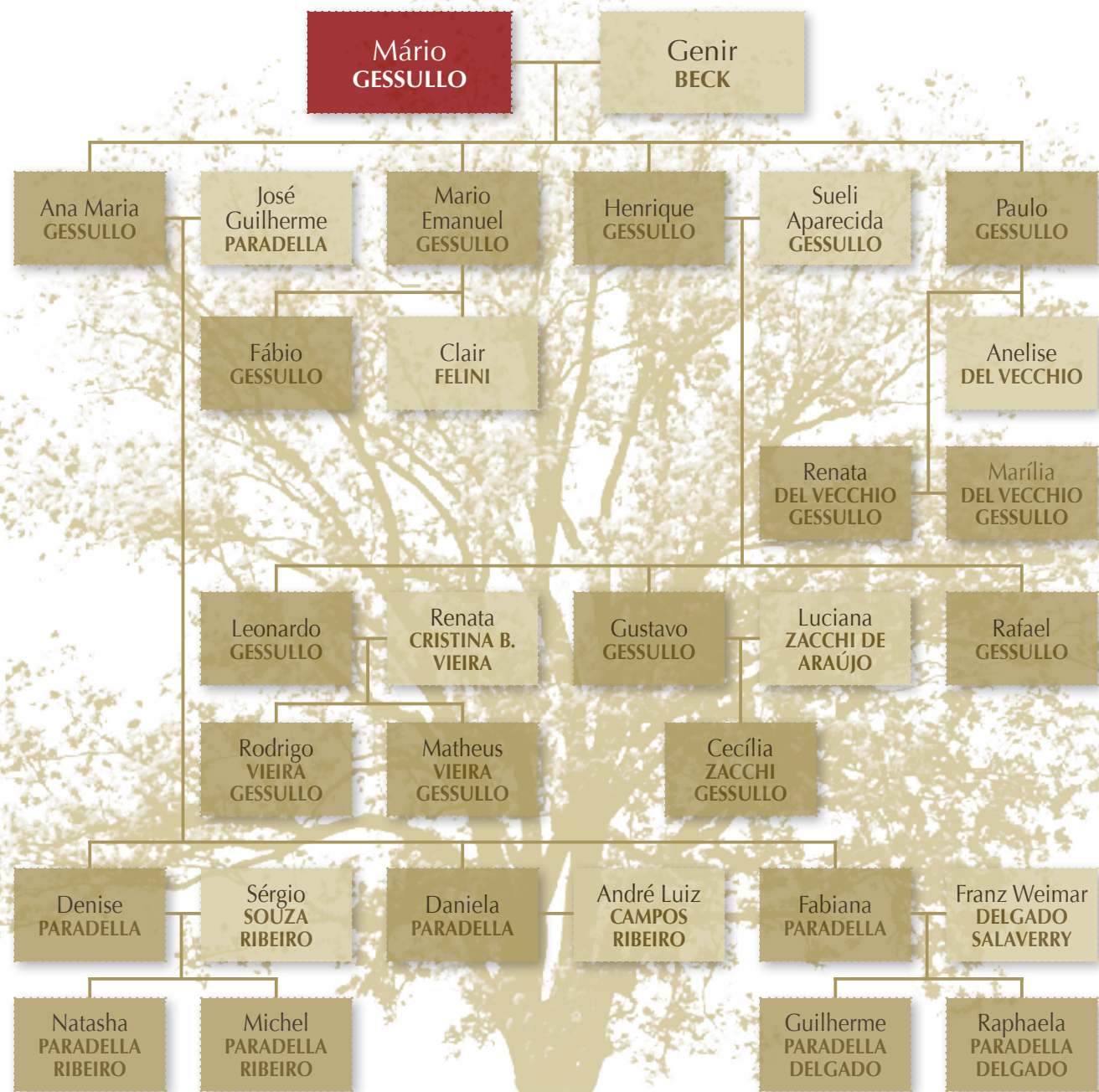


**Dante Gessulli**

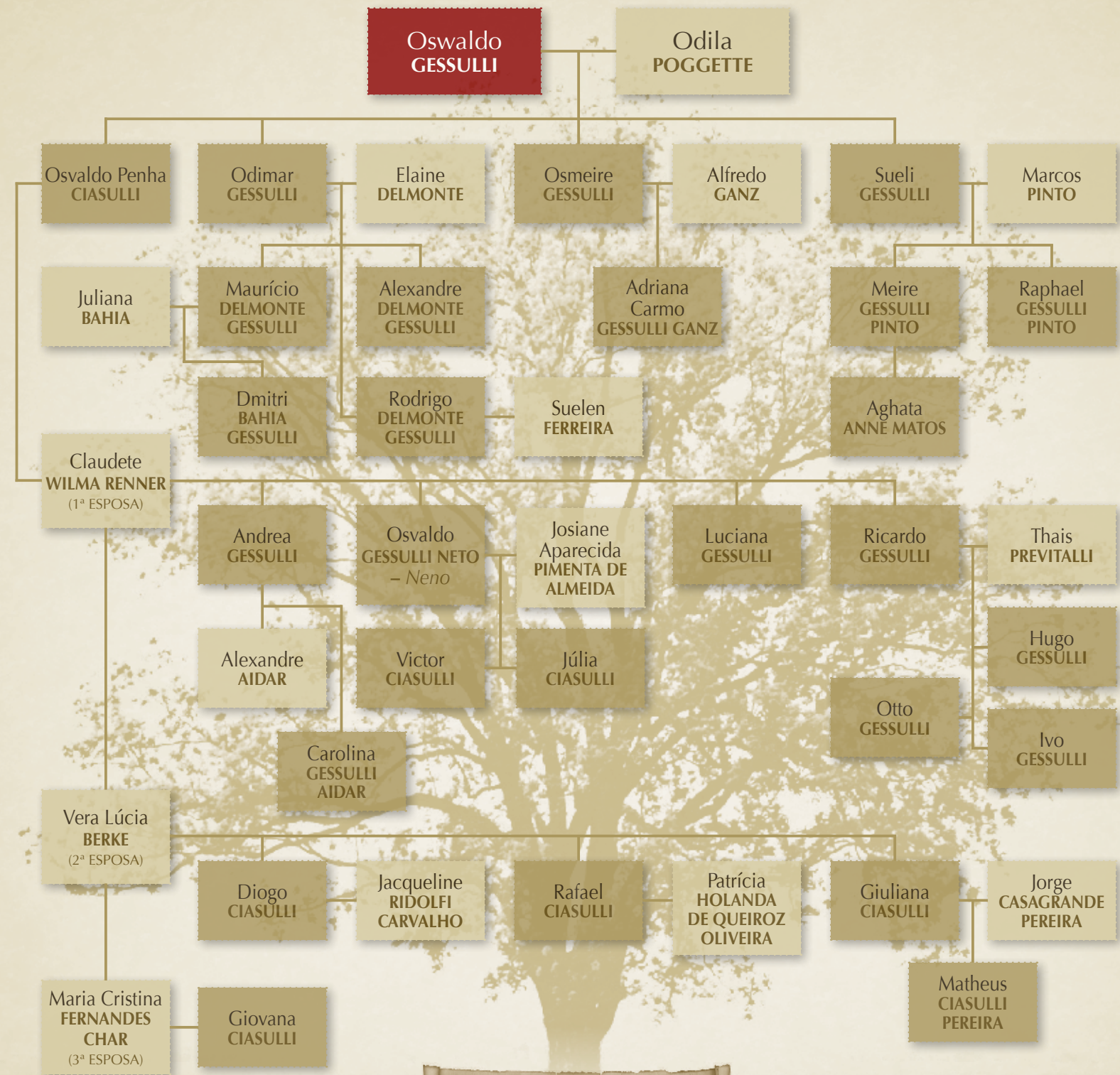


**Romeu Gessulli**





**Mário Gessullo**



**Oswaldo Gessulli**



**Autora**

Keila Prado Costa

**Direção de Arte e Concepção Gráfica**

2017 © Marcello de Oliveira

**Colaboração**

Henrique Gessullo  
Luma Bonvino  
Odimar Gessulli  
Oswaldo Penha Ciasulli  
Rosana Gessulli  
Valéria Campos

**Revisão**

Valéria Campos  
Rafael Ciasulli

**Pessoas entrevistadas**

Alfredo Navarro de Andrade  
Denise Gessullo  
Diogo Ciasulli

Edir Nepomuceno  
Egladison João Campos  
Franke Hobold  
Giovanna Ciasulli  
Giuliana Ciasulli  
Henrique Gessullo  
Hugo Scanavini  
Josiane Aparecida Almeida Biagioni  
Leonardo José Richzenhain  
Maria Cristina F. Char  
Mario Emanuel Gessullo  
Nelson Lopes  
Odimar Gessulli  
Oswaldo Penha Ciasulli  
Paulo Gessullo  
Rafael Ciasulli  
Rodrigo Miguel  
Rosana Gessulli  
Sandra Ciasulli Albuquerque Vaz  
Victor Ciasulli

**Agradecimentos**

Monique Leite  
Museu da Imigração de São Paulo  
Museu do Porto de Santos  
Ruth Sprung Tarasantchi



Proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio, sem autorização escrita.

All right reserved:  
KPMO Cultura e Arte  
Copyright © KPMO Cultura e Arte  
Publicado no Brasil em 2017  
Primeira edição

Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

COSTA, Keila Prado  
Família Ciasulli: da Itália ao Brasil / Keila Prado Costa. São Paulo: KPMO Cultura e Arte, 2017. 256 páginas.

ISBN 978-85-66844-11-5

1. Agronegócios 2. Família Ciasulli 3. Família 4. Histórias de vida  
5. Imigrantes – Brasil – História 6. Imigrantes italianos 7. Imigrantes italia-  
nos – Biografia I. Título.

17-07358

CDD-929.2

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Imigrantes italianos: Família: Histórias

929.2

Este livro foi impresso na primavera de 2017, no formato fechado de 22,0 x 25,0 cm. No miolo foi utilizado papel couché 120 gramas e acabamento em capa brochura. A arte foi desenhada com as tipologias Yeseva, Optima e Lamar Pen, em mancha de 16,0 x 19,0 cm.









ISBN-13: 978-85-66844-11-5



9 788566 844115